

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ASPECTOS DA FONOLOGIA DA LÍNGUA KAIŃGÁNG - DIALETO CENTRAL

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LETRAS/LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
COMO REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
LINGÜÍSTICA.

CRISTINA HEROLD

Florianópolis

1996

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ASPECTOS DA FONOLOGIA DA LÍNGUA KAINGÁNG - DIALETO CENTRAL

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Paulino Vandresen

CRISTINA HEROLD

Florianópolis

1996

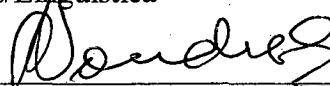
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de

MESTRE EM LETRAS

na área de Lingüística e aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em Letras-Lingüística.

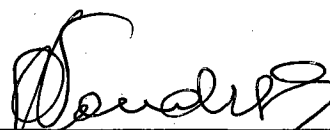


Coordenador do Curso de Pós-Graduação em
Letras/Lingüística



Prof. Dr. Paulino Vandresen
Orientador

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Paulino Vandresen



Prof. Dr. Ronaldo Lima

Prof. Dr. Gilles Istre

Prof. Dra. Cláudia Borges de Fáveri

Dedico este trabalho àqueles que mesmo à
distância estão próximos ...e mesmo na
ausência têm estado presentes.

À minha mãe Nair, ao meu pai Cristian
Aos meus irmãos Christiane e Christian.

“Ainda que eu fale a
língua dos homens e dos anjos se eu não tiver *amor* nada serei...”

I Co 13

AGRADECIMENTOS:

A DEUS

Conhecedor de todos os mistérios e de toda a ciência...

Soberano e onipotente

Pai e amigo...

Onipresente e sempre fiel !

AO ORIENTADOR

Prof. Dr. Paulino Vandresen

Pelos esclarecimentos em orientação e pela tolerância face as dificuldades.

AO PROFESSOR

Gilles Istre

Pelas noções de acústica e pelo estímulo.

AOS PROFESSORES

Alexandra Y. Aikhenvald e

Jean Pierre Angenot

Pelos conhecimentos de língua indígena compartilhados.

AO PROFESSOR

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Pelo apoio ao projeto de pesquisa em línguas indígenas no sul do país.

AOS FAMILIARES

Pais: Nair e Cristian

Irmãos: Christiane e Eduardo; Christian e Kelly

Pelo amor, carinho, auxílios e intercessões sempre presentes!

AO ADEMIR

Pelo carinho, apoio e assistência computacional incansáveis!

AOS AMIGOS

Denise e Haiko

Por oportunizarem a minha estada aqui.

João e Suzane

Cláudia e Júlio

Christine e Mathias

Luciana e Rainer

Renato e Valmi

Pelas horas de conversa, pelo estímulo e amizade.

AOS DEMAIS AMIGOS

Porque compreenderam, apoiaram e apesar de
tudo....permaneceram amigos!

À SUZANA

Por toda paciência, dedicação e amizade.

AOS COLEGAS INDIGENISTAS

Pelas dificuldades enfrentadas...

porque acreditam no trabalho...

valorizam a história... aqueles que fazem a história...

...a Língua de toda a história, a história de toda a Língua!

AO CNPQ

Pelo investimento à pesquisa em línguas indígenas e pelo custeio em dois anos e meio de bolsa de estudo.

AOS COADJUVANTES NA PESQUISA DE CAMPO:

À FUNAI

Pela licença a campo.

AOS INFORMANTES :

Alcides Murenh Jacinto

Cesarina Gate Cândido

Maria Virgínia Nikàj Mendes

Por compartilharem comigo o seu conhecimento da língua Kaingáng sem o qual este trabalho não seria possível.

À senhora Divaldina Luis Krugte

Pelas conversas e histórias contadas em Kaingáng.

À “Preta” e a seu esposo

Por me receberem em sua casa em Pinhalzinho.

Ao Pastor Dilson e família

À Rose e família

Pela acolhida em Chapecó.

À sra. Maria da Luz e família pela confiança e acolhida em Xanxerê.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO.....	xi
ABSTRACT.....	xii
CAPÍTULO I.....	1
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Apresentação do problema e justificativa.....	1
1.2 Objetivos.....	2
1.2.1 Objetivos Gerais.....	2
1.2.2 Objetivos Específicos.....	2
1.3 Coleta de dados.....	3
1.4 Metodologia.....	4
1.5 Estrutura do Trabalho.....	5
CAPÍTULO II.....	6
2 OS ÍNDIOS KAINGÁNG E SEUS DIALETOS.....	6
2.1 Histórico.....	7
2.2 Principais Trabalhos Descritivos sobre a Língua Kaingáng.....	9
2.2.1 Dialeto do Paraná.....	9
2.2.2 Dialeto de São Paulo comparado ao dialeto do Paraná:.....	14
2.2.3 Dialeto do Sudoeste (Nonoai).....	30
2.2.4 Dialeto do Chimbangué.....	41
2.3 Situação Linguística Atual.....	50
CAPÍTULO III.....	52
3 ANÁLISE DOS SEGMENTOS.....	52
3.1 Segmentos consonantais.....	53
3.1.1 Oclusivas Bilabiais.....	53
3.1.2 Oclusivas Alveolares.....	53
3.1.3 Oclusivas Velares.....	53
3.1.4 Nasais.....	54
3.1.5 Fricativas.....	55
3.2 Segmentos vocálicos orais.....	57
3.3 Segmentos vocálicos nasais.....	59
CAPÍTULO IV.....	63
4 ANÁLISE ACÚSTICA.....	63
4.1 Considerações:.....	64

4.2	Sobre os sons orais:	65
4.3	Sobre os sons nasais:	66
4.4	Sobre as oclusivas orais sonoras:	66
4.5	Sobre as nasais sonoras:	67
4.6	Oclusivo bilabial sonoro pré-nasalizado [mb]:	69
4.7	Oclusivo Alveolar sonoro pré-nasalizado [nd]:	78
4.8	Oclusiva velar pré-nasalizada [ŋg]:	90
4.9	Oclusiva alveolar pós-nasalizada [dn]:	102
4.10	Oclusiva velar pós-nasalizada [gŋ]:	113
CAPÍTULO V		122
5 ANÁLISE FONÊMICA		122
5.1	Fonemas Consonantais:	122
5.1.1	Oclusivos e nasais:	122
5.1.2	Fricativas:	129
5.1.3	Tap alveolar e aproximante retroflexo:	131
5.1.4	Oclusivo Glotal	132
5.2	Fonemas vocálicos:	133
CAPÍTULO VI		144
6 CONCLUSÃO		144
BIBLIOGRAFIA		152
ANEXO I		155
ANEXO II		172
ANEXO III		173

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever o dialeto Central da língua Kaingáng. Segundo RODRIGUES, 1986 – Línguas Brasileiras, existem cinco dialetos Kaingáng, sendo um nominalizado como Central e falado na região de SC. Segundo estudos atuais existem poucos trabalhos científicos sobre este dialeto, da mesma forma que pudemos observar poucos estudos sobre a fonologia do dialeto Central e nenhuma análise mais sistematizada da língua Kaingáng falada na reserva indígena de Pinhalzinho, município de Bom Jesus. Acredita-se, portanto, que esta proposta pode dar uma contribuição para o conhecimento linguístico do estado de Santa Catarina.

A fim de cumprirmos com o nosso objetivo, ao longo da elaboração deste trabalho propomos algumas definições em torno de regras fonológicas correspondentes ao Kaingáng-Central.

Para tanto a análise fonológica que segue, primeiramente, pretende traçar um paralelo entre os demais dialetos da língua Kaingáng, propondo um comentário minucioso a respeito dos respectivos dialetos.

Um dos aspectos tratados são as divergências de ordem formal entre o dialeto Central e os demais, além de uma divergência de interpretação das oclusivas pré- e pós-nasalizadas, questões estas que serão tratadas no capítulo 3. No capítulo 4, com a finalidade de esclarecer os casos de pré e pós-nasalização foi feita uma análise acústica a partir de recursos computacionais por meio dos quais pode-se esclarecer a presença de segmentos anteriormente duvidosos. Neste capítulo, também, levantamos resultados numéricos diferentes para cada um dos casos específicos de pré e pós-nasalização a partir da análise formântica, e por conseguinte, obtivemos valores formânticos diferenciados para cada caso. Estes valores alcançados, portanto, podem servir de parâmetro para as análises dos segmentos oclusivos pré e pós-nasalizados que venham a ser realizadas posteriormente.

As análises, portanto, indicam poucas diferenças de caráter fonológico existente entre os dialetos, atestando inclusive a proximidade entre eles e comprovando as influências entre os respectivos dialetos.

ABSTRACT

The object of this work is to describe the central dialect of the Kaingáng language. According to Rodrigues, 1986 – Brazilian Languages, there are five Kaingáng dialects, one of them has been named as the central one and has been spoken in the Santa Catarina area. According to actual study there are few scientific works about this dialect, as far as we could noticed there are also little phonetic research about this dialect and no systematic classification of the spoken Kaingáng language in the Pinhalzinho's indigene's reserve, in the Bom Jesus area. This work contributes towards the knowledge about linguistics in the state of Santa Catarina.

To reach our goals we define some phonological rules of the central Kaingáng dialect throughout this work.

The reader will find a phonological analysis which at first place seek for a parallel among the dialects of the Kaingáng language, including accurate comments about each dialect.

Further, we discuss about the differences of the formal order between the central dialect and the others including the particular difference of the interpretation between the occlusives pre-nasalization post-nasalization (chapter 3).

To understand the differences between pre-nasalization and post-nasalization in chapter 4 we report the acoustical analysis investigated using computational resources which made clear that some differences were not noticed in the previous segments. In the remainder of the chapter we report numerical results about each specific case (pre-nasalization or post-nasalization) under phomantic analysis. In other words, we present different phomantic values for each case. These values are particularly important as they may be used as parameters for further analysis to distinguish between the occlusives pre-nasalization and post-nasalization.

Our analysis indicates the proximity of the differences of the phonological character and shows the existence of influences among the dialects.

CAPÍTULO I

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do problema e justificativa

Parece que a manutenção da língua como patrimônio de grupos minoritários, historicamente, caminha para um processo de aniquilamento, e juntamente com ele, sua cultura e demais riquezas.

Segundo Vandresen (1993), o *status* das línguas indígenas do Brasil tem sido comprometido nas últimas décadas, uma vez que está longe de ser adequadamente descrito. A dificuldade, segundo ele, em se descrever línguas indígenas no Brasil decorre de várias questões como: a) um número bastante grande de línguas e uma confusão em torno das designações de tribos e das próprias línguas; b) necessidade de uma descrição básica que poderia permitir uma afiliação genética adequada, pois somente 10% das línguas têm uma descrição fonológica, morfológica, sintática e lexical razoáveis e 50% têm somente uma descrição fonológica segmental e listas de palavras; c) necessidade de uma definição aceitável entre língua e dialeto; d) necessidade de se estabelecer causas da mudança cultural em termos de prática de língua, migração e extinção.

Segundo um estudo feito pelo professor Aryon A. Rodrigues "...Nesses 500 anos de confronto cultural entre os povos indígenas brasileiros e europeus... cerca de mil línguas desapareceram", o que é uma perda lastimável como afirma o autor. A cada língua indígena desaparecida corresponde todo um complexo cognoscitivo rico em especificidades que se perde para o povo afetado e para todo o gênero humano"(Rodrigues A. A 1992). Obviamente, quando falamos na importância do conhecimento linguístico para a humanidade, consideramos, principalmente a preservação da língua para o povo que dela se utiliza e dela necessita como veículo de comunicação diário e transmissão do conhecimento necessário à sua realidade habitual. Questionamos, também, o valor da língua como meio fundamental na relação entre as pessoas, uma vez que a cada grupo, em cada sociedade diferentemente organizada lhe é dado

um valor diferenciado. Todavia, para nós no presente trabalho, consideramos a língua Kaingáng, bem como o seu estudo o principal meio, através do qual se poderá conhecer um pouco mais sobre a cultura do povo Kaingáng e sobre a sociedade que se utiliza desta língua.

Portanto, a importância da continuidade nos estudos de línguas indígenas também no sul do país, se deve ao fato de pretendermos que este trabalho de descrição do dialeto Central da língua Kaingáng seja mais uma contribuição para a ampliação e promoção do conhecimento das línguas indígenas no país, além de representar um canal para futuras pesquisas sobre a língua e sobre o povo Kaingáng.

Acreditamos, desta forma, que o trabalho de descrição lingüística do dialeto Central da língua Kaingáng seja fundamental na medida em que ele se propõe a ser um resgate à mais de uma pequena parcela da nossa história.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivos Gerais

Este trabalho intenta dar continuidade ao estudo sobre o grupo lingüístico Kaingáng, considerado o maior grupo indígena do sul do país, através de uma análise de aspectos da fonologia do dialeto Central, falado nas proximidades do município de Xanxerê.

Neste trabalho propomo-nos iniciar uma pesquisa de análise linguística, que se dará a partir de uma abordagem dos níveis fonético e fonológico do dialeto central, à qual deter-nos-emos de maneira exaustiva. Teceremos, paralelamente, uma análise dos demais dialetos a saber dialeto de São Paulo, dialeto de Nonoai (falado no Rio Grande do Sul) e dialeto do Paraná, a partir de trabalhos já propostos por outros autores.

1.2.2 Objetivos Específicos

Este estudo tem como objetivo fazer um levantamento do quadro fonético e fonológico da língua Kaingáng-dialeto Central, assim como aspectos prosódicos como a nasalização, traçando, paralelamente, comparações entre o dialeto de Santa Catarina e os demais dialetos, acima citados.

1.3 Coleta de dados

Embora tenha havido duas idas à campo, a primeira no mês de fevereiro de 1993 e a segunda em agosto de 1994, o contato com os falantes foi restrito à coleta de dados com as informantes, não sendo possível o resgate de histórias e/ou contos que retratassem mais fidedignamente a cultura dos falantes daquele dialeto da língua Kaingáng. A grande dificuldade na coleta de histórias e demais textos deveu-se ao número limitado de pessoas na faixa dos 35 a 60 anos que utilizavam a língua como veículo de comunicação. Verificamos, principalmente, nos falantes de meia idade, na faixa dos 35 a 40 anos um interesse em falar “na língua Kaingáng e sobre ela”.

A coleta de dados efetuou-se, basicamente, em dois momentos nos quais mantivemos contato com falantes de diferentes faixas-etárias, e dentre eles, três dos quais professores do idioma na reserva, são eles: Maria Virgínia Nikàj Mendes e Cesarina Gaté Cândido, ambas de 41 anos, nascidas em Tenente Portela RG e moradoras a quinze (15) anos na reserva, Alcides Murenh Jacinto de 27 anos, e com a senhora Divaldina Luis Krugte de aproximadamente 52 anos. Esta é, também, responsável pelo tratamento de doenças por meio de ervas medicinais na reserva, sendo os dois últimos nascidos e moradores em Pinhalzinho/SC. Além destes falantes bilingües, houve demais falantes da língua que participaram ativamente da coleta de dados, contudo, a maior parte deles limitava-se apenas à pronúncia de palavras isoladas, encontrando dificuldades na pronúncia e na construção de enunciados.

Segundo informações das próprias índias com as quais trabalhamos, os jovens, na sua grande maioria, compreendem a língua, mas não a falam, além de muitos nem a compreenderem, o que também ocorre com as crianças. Algumas pessoas da região, no entanto, têm se empenhado no ensino da língua Kaingáng a partir da primeira série nas escolas das reservas indígenas e, já se nota um maior interesse por parte dos "pequenos" em aprender a "língua dos índios".

Reunimos, desta forma, aproximadamente duas mil frases e, este material coletado, constitui a base para o presente trabalho.

1.4 Metodologia

O trabalho contou com um material coletado em duas visitas a campo, na reserva indígena de Pinhalzinho, então localizada próxima ao município de Bom Jesus/SC. O “corpus” utilizado neste trabalho foi coletado pela pesquisadora através dos seguintes procedimentos:

- a) visita a campo no mês de fevereiro do ano de 1993, efetuando a coleta dos dados e o registro destes a partir de entrevista direta com as informantes (Maria Virgínia Nikaj Mendes e Cesarina Gaté Cândido), falantes nativas da língua, tendo como base o questionário do museu Nacional;
- b) os dados foram gravados em dez fitas cassetes, sendo cinco delas de 60 minutos e cinco de 45 minutos e, transcritos foneticamente em campo, obedecendo o quadro da Associação Fonética Internacional. A transcrição fonética apresentada é resultado, portanto, do que fora ouvido no campo além de constantes recorrências às gravações, levando em conta a boa qualidade da gravação como critério para a seleção dos dados.
- c) retorno à universidade (UFSC) a fim de selecionar os dados e digitalizá-los, para posterior análise acústica;
- d) análise dos dados com base na fundamentação teórica dos mesmos, ou seja, baseado no modelo estruturalista;
- e) segunda visita a campo em julho de 94;
- f) levantamento de dados mais específicos para analisar os problemas de nasalização encontrados no dialeto central.

Para efetuarmos a análise dos dados utilizaremos a metodologia da análise fonológica estruturalista com base em PIKE, K.L. (1947) e KINDELL, G.E. (1977).

Utilizaremos, também, a fonologia gerativa para descrevermos os aspectos fonológicos a partir de SCHANE, S. A. (1975). Para uma análise perceptual e acústica a que nos propomos, introduziremos o software “Kay Elemetrics”, cuja funcionalidade será melhor detalhada no quarto capítulo.

1.5 Estrutura do Trabalho

A dissertação está organizada em 6 capítulos, sendo que em quatro deles encontramos a análise propriamente dita. Na introdução (cap.I), fizemos em linhas gerais a apresentação do problema e justificativas que levaram a escolha do tema para este trabalho, seguidos dos objetivos gerais e específicos que nortearam a elaboração do mesmo, além de um comentário sobre a coleta de dados, e posteriormente, sobre a metodologia a fim de melhor elucidar acerca do processo de descrição deste caso em particular.

No segundo capítulo, traçaremos um panorama geral dos grupos indígenas no Brasil e no estado de Santa Catarina, referindo-nos ainda, à situação lingüística atual do povo Kaingáng. Neste mesmo capítulo, trataremos dos vários dialetos da língua Kaingáng (dialeto do Paraná, dialeto de São Paulo, dialeto do Sudoeste (Nonoai), dialeto do Chimbangue) através de um comentário minucioso sobre os principais trabalhos descritivos desenvolvidos por outros pesquisadores, fazendo considerações ao dialeto Central, sempre que for pertinente.

No capítulo três, demonstraremos a ocorrência de cada segmento encontrado no dialeto Central fazendo a descrição desses segmentos. Abordaremos, primeiramente, os segmentos consonantais, e posteriormente, os segmentos vocálicos orais seguidos dos segmentos vocálicos nasais.

No capítulo quatro, faremos a análise acústica dos casos problemáticos de pré e pós-nasalização, utilizando como material de apoio o software “Kay Elemetrics”, através do qual procuraremos obter resultados numéricos que nos comprovem a realização dos casos de pré e pós nasalização no dialeto Central.

No quinto capítulo, deter-nos-emos à fonêmica do dialeto Central, abordando, primeiramente, os fonemas consonantais, e posteriormente, os fonemas vocálicos.

Finalmente, no capítulo seis, faremos os comentários conclusivos acerca de toda a análise. Por último, arrolamos a bibliografia pesquisada, seguida de dados e mapas em anexos.

CAPÍTULO II

2 OS ÍNDIOS KAINGÁNG E SEUS DIALETOS

Neste capítulo temos por objetivo fazer um apanhado histórico geral referente aos índios no Brasil e em Santa Catarina, a fim de que o leitor possa contextualizar-se para o posterior trabalho de descrição linguística do Kaingáng dialeto Central.

2.1 Histórico

Partindo do princípio de que os primeiros grupos asiáticos a pisar na América eram grupos nômades e, devido a fatores como a própria sucessão de migrantes e a uma estrutura social simples, a tendência dos índios foi sempre a de avançar em direção a novos campos de caça, de coleta, de pesca. Sabe-se que a entrada dessas populações no Brasil meridional se deu através do Rio Paraná e seus afluentes. É provável que no território de Santa Catarina esses primeiros povoadores entraram pelo Rio Uruguai, afluente do Paraná.

Os Tupi-Guarani ou Carijós ocupavam o litoral de Santa Catarina e eram caracterizados também como sedentários, tendo a pesca e outras atividades básicas para a subsistência. Já no interior, outras tribos como Xokleng e Kaingáng ocupavam as florestas e a área dos campos. Os Kaingáng viviam no planalto, habituados à economia do pinhão e a uma agricultura muito rudimentar, complementada pela caça, sendo considerados seminômades, conforme Coelho (1995): “Eram seminômades, ou seja, faziam um acampamento e nele viviam uma parte do ano; na outra parte viviam como nômades, caçando e coletando frutos, raízes e mel.” Os Xokleng, por sua vez eram nômades e o seu local de ocupação eram as florestas que ficavam entre o litoral e o planalto. A economia deste, baseava-se na caça e na coleta.

Diante deste quadro podemos discorrer sobre o perfil do índio brasileiro fazendo uso das palavras de Coelho, 1995: “Pouco se enfatiza que os índios no Brasil domesticaram e utilizaram várias espécies vegetais, como o milho, a mandioca, o fumo, a erva-mate, que logo foram absorvidas pelos europeus. Tinham conhecimento da fauna e flora, acidentes geográficos

como rios, ilhas, campos, etc. Conhecimento este, oferecido aos europeus e logo utilizado para garantir a exploração da terra e o alcance das riquezas.” Assim, desde há muito tempo temos nos valido direta ou indiretamente do conhecimento dos povos indígenas, que embora tomado e até aperfeiçoado pelos europeus, foram gradativamente perdendo o seu direito às novas explorações e conseqüentemente perdendo o direito às terras, ao cultivo, à sobrevivência.

Ao que tudo indica, nos primeiros anos de colonização, os atritos entre índios e brancos tiveram como razão o medo e o desconhecimento que uma população tinha da outra. Se de um lado havia curiosidade por parte dos índios em conhecer o branco, para os imigrantes os índios representavam perigo e insegurança. Tão logo houve a colonização em Santa Catarina iniciou-se, também, um processo de disputa pela terra, que levou o índio a uma posição desfavorável em relação aos europeus, desencadeando, assim, uma vida miserável.

Na luta pela sobrevivência, iniciam-se os conflitos entre índios e brancos. A despeito das várias versões sobre como se dava a luta pela posse de terras, acreditamos que o índio era movido não só pela necessidade de sobrevivência como pela consciência do direito que antes possuía.

Segundo Coelho (1975), o território tradicional dos Kaingáng era toda a área entre os rios Uruguai e Iguaçu que foi se expandindo para o norte e sul destes rios na medida em que houve o extermínio das populações Guarani aldeadas pelos jesuítas espanhóis no século XVII. Dessa maneira, os Kaingáng obtiveram, pelo menos temporariamente, o domínio dos campos do planalto em toda a região sul.

Em 1728, a abertura do caminho ligando o morro dos Conventos no sul de Santa Catarina com os campos de Lajes e Curitiba permitiu a passagem do gado vindo do Rio Grande do Sul às feiras de São Paulo. Em função disto e da exploração das minas, os índios foram cada vez mais em busca de novas pastagens e, conseqüentemente, conquistas de novas terras - em 1838 os campos de Guarapuava e em 1848 os campos de Palmas. Contudo, na medida em que havia conquistas de novas terras, acontecia, também, um processo de desintegração social, cultural e biológica do povo Kaingáng que os levaria mais tarde ao que passou a chamar de “submissão total”, perdendo cada vez mais o domínio das terras que necessitavam para sua subsistência.

Entretanto, por força até do momento de expansão pelo qual a sociedade brasileira vinha sofrendo, é bem possível que os Kaingáng tenham se instalado em São Paulo na primeira década deste século. Em 1910, foi criado o Serviço de Proteção ao Índio que, segundo relatos

parece que de certa forma, colaborou para que o povo indígena não fosse completamente exterminado.

Continuava, entretanto, a falta de assistência aos grupos indígenas. Muitos índios viviam destribalizados, diante da problemática da posse de terras que dificultava a sobrevivência do povo indígena levando-os à condições de vida precárias e o convívio desajustado com o branco na sociedade que lhes deu uma conotação marginal. Entre Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná existiam muitas famílias Kaingáng localizadas fora dos postos indígenas, sem assistência ou qualquer amparo governamental. Suas condições de vida, também, eram precárias, fabricando e comercializando, normalmente, algum artesanato; cultivando uma pequena roça de subsistência, além de venderem sua força de trabalho a proprietários brancos. Há, porém, uma forte característica que tem mantido ainda hoje o grupo indígena Kaingáng que é o seu alto grau de identidade étnica que os diferencia no contexto da população regional.

Há, contudo, que se falar da língua Kaingáng em seus diferentes dialetos. A língua Kaingáng, segundo os estudos já feitos até o momento possui cinco dialetos, sendo eles discriminados, segundo Wiesemann, 1972 como: a) dialeto de São Paulo, falado ao norte do rio Paranapanema, no estado de São Paulo; b) dialeto do Paraná, falado na área compreendida entre os rios Paranapanema e Iguaçu; c) dialeto Central, falado na área compreendida entre os rios Iguaçu e Uruguai (vide mapa em anexo); d) dialeto Sudoeste, falado ao sul do rio Uruguai e oeste do rio Passo Fundo; e) dialeto Sudoeste falado ao sul do rio Uruguai e a leste do rio Passo Fundo (Wiesemann 1972:1). O chamado dialeto Central é, portanto, objeto do nosso estudo.

O material utilizado para o estudo fonológico do dialeto Central fora coletado nas proximidades do município de Xanxerê, Imarema e Ipoaçu - SC, na Área Indígena de Pinhalzinho.

Há uma estimativa quanto ao número de indígenas na região, segundo registro da Administração Regional de Chapecó (1991), que daria um total de 5.250 pessoas. Deste total, haveria aproximadamente 3.673 Kaingáng. A população indígena Kaingáng está em contato permanente com a língua portuguesa e com a cultura do branco, conforme observado pela pesquisadora em pesquisa a campo, o que pode explicar, em parte o problema de competência lingüística com o qual nos deparamos. Sobre a questão da competência lingüística sabe-se que está relacionada ao contato permanente da população indígena com a língua portuguesa e com a cultura do branco, conforme Ribeiro in *Language Situation in Brazil*.

Boa parte das escolas isoladas existentes nas reservas indígenas no estado de Santa Catarina tem contado com a presença de professores bilíngues os quais têm se empenhado na alfabetização de crianças na língua portuguesa e na língua Kaingáng. Pudemos constatar este fato quando da pesquisa de campo realizada em fevereiro de 1993. Há, todavia, que se reiterar a importância do estudo das línguas indígenas em Santa Catarina e no Brasil, de modo a formar grupos de pesquisadores e professores devidamente treinados para atender as necessidades dos grupos indígenas no que se refere à educação, sejam nas escolas indígenas ou em grupos aleatórios, auxiliando no aprendizado e na veiculação da língua indígena ainda nos dias de hoje.

2.2 Principais Trabalhos Descritivos sobre a Língua Kaingáng

Não poderíamos falar na língua Kaingáng sem antes mencionarmos alguns dos principais trabalhos sobre a mesma realizados até o momento.

Alguns dos primeiros trabalhos sobre a língua Kaingáng, foram realizados pela missionária Ursula Wiesemann (1972) que elaborou uma gramática sobre a língua Kaingáng; Glória Kindell (1961), sendo, também, uma das pioneiras nos estudos sobre o Kaingáng, elaborou um artigo sobre a fonêmica do Kaingáng; Marita Porto Cavalcante (1987) como tese de doutorado abordou a fonologia e morfologia dos dialetos de São Paulo e Paraná, numa análise comparativa; José Baltazar Teixeira (1988) como tema em sua dissertação de mestrado tratou da fonologia do dialeto Kaingáng falado em Nonoai, além de um trabalho sobre a fonologia do Kaingáng falado na reserva indígena do Chimbangue, localizado a oeste do estado de Santa Catarina.

Paralelamente aos comentários sobre cada um dos trabalhos, faremos alusão ao dialeto Central, referindo-nos às possíveis convergências e divergências encontradas entre eles.

2.2.1 Dialeto do Paraná

Em Kindell (1961) o corpus utilizado constituiu-se de dados colhido no Posto Indígena Interventor Manuel Ribas, do S.P.I., no estado do Paraná, tendo como principais informantes, alguns falantes da língua de 45 a 60 anos de idade.

Faremos, portanto, na seqüência, os comentários pertinentes sobre a estrutura da língua Kaingáng dialeto do Paraná.

2.2.1.1 Sílabas

Encontrou-se quatro padrões silábicos em Kaingáng:

CV /ka/ [ka] `árvore`	CVC /kamke/ [kapke] `quebrar`
CCV /pra/ [pra] `morder`	CCVC /kriŋ/ [kriŋ] `estrela`

Dentre esses, nos padrões silábicos CV e CVC podem ocorrer quaisquer consoantes (/p/, /t/, /k/, /ʔ/, /m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/) no início de sílaba. Nos padrões CCV e CCVC só podem ocorrer os grupos consonantais /mr/, /pr/, /ŋr/ e /kr/ em início de sílaba, enquanto que, nos padrões CVC e CCVC, somente as consoantes nasais /m/, /n/, /ɲ/ e /ŋ/ podem ocorrer em fim de sílaba. Será permitido a qualquer padrão silábico preceder ou seguir qualquer outro, compondo palavras de uma, duas ou três sílabas. Em contraposição, Cavalcante (1987) registrou para o dialeto de São Paulo, além dos quatro apresentados acima, o padrão V, propondo ainda uma análise silábica a nível fonológico e chegando, por conseguinte, a um padrão do tipo CCVCC, além dos quatro anteriormente citados. Esta análise opõe-se em alguns aspectos, também, a análise silábica de Wiesemann (1959).

2.2.1.2 Fonemas

Há um total de quatorze (14) fonemas consonantais em Kaingáng, sendo nove fonemas que compõem duas séries de oclusivas: as surdas /p/, /t/, /k/ e /ʔ/ que ocorrem somente em início de sílaba e as oclusivas sonoras /m/, /n/, /ɲ/ e /ŋ/ que ocorrem em início e fim de sílaba. Entretanto Kindell (1961), registra, algumas ocorrências dos fonema /ʔ/ e /h/ em final de sílaba em frases exclamativas:

Exemplos com fonemas consonantais:

/pɔ/ [pɔ] `pedra`	/ta/ [ta] `chuva`
/ki/ [ki] `em`	/ʔe/ [ʔe] `muito`
/ŋam/ [ŋam] `quebrar`	/ɲəɲ/ [ɲə ɲ] `espremer`
/man/ [man] `de novo`	/noŋ/ [noŋ] `tirar`

Exemplos de fonemas consonantais em frases exclamativas:

/haʔ/ `eu não sei!` /ʔoh/ `coitado !`

As oclusivas sonoras têm uma série de alofones:

- a) uma nasal sonora que ocorre em início de sílaba seguida de um fone nasalizado e não precedida por vogal oral e em final de sílaba precedida por fone nasalizado.

/ŋam/ [ŋam] `quebrar` /noŋ/ [noŋ] `tirar`

- b) uma oclusiva pós-nasalizada sonora que ocorre em início de sílaba seguida de fone nasalizado e em final de sílaba precedida de fone oral.

/hamæ/ [hadmæ] `escute` /ʔon/ [ʔodn] `mentir`

/tɔŋ/ [tɔ dŋ] `rachar`

- c) uma oclusiva pré-nasalizada sonora que ocorre em início de sílaba seguida por fone oral e não precedida por vogal oral.

/ma/ [mba] `carregando` /na/ [nda] `flecha`

- d) uma nasal sonora precedida e seguida de oclusiva homorgânica sonora, que ocorre precedida e seguida de fone oral.

/kema/ [kebmba] `experimentar` /kaŋa/ [kaŋa] `dor`

- e) uma oclusiva surda sem desocclusão que ocorre apenas em fim de sílaba precedida por vogal oral e seguida por consoante surda.

/kamke/ [kapke] `quebrar` /kəŋpo/ [kəkpo] `vespa`

O fonema /ɲ/ tem dois alofones a mais que os outros da série: uma nasal alveopalatal sonora seguida de uma fricativa alveopalatal anterior surda, produzida com a língua em canal [ɲs] que ocorre somente em final de sílaba precedida de uma vogal nasal e seguida por /p/; e uma africada alveopalatal surda, produzida com a língua em canal [ts] que ocorre somente em final de sílaba precedida de uma vogal oral e seguida de /p/.

/ʔiŋpa/ [ʔi t p^wa] `minha perna`

Considera-se ainda que, o [y] inicial nas seqüências [ydŋ], [yŋ], [yɲd], [yɲd], [yT], [ytʃ] e [yɲʃ] é uma transição da vogal para os segmentos alveopalatais.

O fonema /ŋ/ também tem um alofone, diferente dos demais: [ŋ] que ocorre precedendo vogais nasalizadas anteriores.

/ŋiri/ [ŋiri] `criança` /ŋæŋæ/ [ŋæŋæ] `marimbondo`

Há, também, duas séries de contínuas: tanto as surdas /p/, /s/ e /h/ como as sonoras /w/, /r/ e /y/ ocorrem em início de sílaba.

/pe/ [pe] `estômago` /wɔ/ [wɔ] `não`

/si/ [si] `velho` /re/ [re] `capim`

/hi/ [hi] `ela` /ye/ [ye] `abelha`

Os fonemas, contínuo /s/, fricativo alveopalatal anterior surdo, produzido com a língua em canal e /h/, um fricativo glotal surdo, não possuem variantes distintas.

O fonema contínuo /p/ tem dois alofones: [p] que ocorre precedendo vogais anteriores, vogais altas e posteriores médias e uma fricativa bilabial arredondada [p^w] que ocorre precedendo vogais centrais e vogais posteriores baixas.

/pe/ [pe] `estômago` /pa/ [p^wa] `perna`

Os fonemas contínuos sonoros têm todos um alofone oral e um nasalizado; os orais precedem vogais orais e os alofones nasalizados ocorrem precedendo vogais nasalizadas. O fonema /y/ é precedido por [n] quando ocorrido em início de enunciado antes de uma vogal nasalizada.

/wa/ [wa] `carregando` /wan/ [wan] `taquara`

/ya/ [ya] `já` /-ya/ [-ya] `dente`

/yõ pã ti nĩ/ [nyõ mpã ti dñĩ] `ele está muito zangado`

Já o fonema /r/ ocorre em início de sílaba seguindo /n/ ou /j/ ou em início de palavra, neste caso é precedido por um vocóide, chamado pela autora de vocóide de transição, central, como podemos ver em: /rɔ/ [ɔrɔ] `cerca` e /ʔin ra/ [ʔin ɔra] `para casa`

Observa-se, ainda, com relação às oclusivas dois casos:

- quando uma oclusiva é precedida por vogal nasalizada, ocorrerá uma contínua nasal de transição homorgânica precedendo esta oclusiva:

Exs: /tãtã/ [tãntã] `af` /kõkõm/ [kõŋkõm] `cavar`

- quando uma oclusiva é seguida por outra oclusiva heterorgânica, ocorrerá uma oclusiva surda de transição homorgânica com uma contínua nasal precedendo-a:

Exs: /-yãnki/ [-yãnTki] `boca` /hõmti/ [hõmPti] `a abelha`

1.2.1.3 Vogais

Postula-se a ocorrência de nove vogais orais em Kaingáng: /i/, /ĩ/, /u/, /e/, /ə/, /o/;

/ɛ/, /a/, /ɔ/:

- os fonemas vocálicos /i/, /ɔ/, /u/ e /a/ ocorrem sem variantes distintas:

/ti/ [ti] `ele` /tɔ/ [tɔ] `dizer`

/tu/ [tu] `carregar` /ta/ [ta] `chuva`

- o fonema vocálico /ĩ/ tem três alofones: um vocóide não-arredondado, anterior, central, fechado, alto, sonoro [ĩ], que ocorre junto a /y/; um vocóide [ị̃] que ocorre junto a [w] e um vocóide [ĩ] que ocorre em outros ambientes.

/yi/ [y ĩ] `no lado de` /ŋi/ [ŋĩ] `muito`

- o fonema vocálico /e/ tem dois alofones: um vocóide não-arredondado anterior aberto, alto, sonoro [ɛ] que ocorre somente em final de palavra seguindo /r/ em sílaba reduplicada; e um vocóide não-arredondado, anterior, fechado, médio, sonoro [e] que ocorre em outros ambientes.

/tere/ [ter] `morrer` /keye/ [keye] `cama`

A sílaba reduplicada em Kaingáng consiste de vogal não-acentuada seguindo /r/, /y/ ou /w/. Sobre sílaba reduplicada, Cavalcante (1987) também menciona em sua tese quando fala em cópia de vogal.

- os fonemas vocálicos /ɛ/, /ə/ e /o/ ocorrem com alofones em flutuação livre: /ɛ/ varia de [ɛ] vocóide não-arredondado, anterior, aberto, médio, sonoro a [æ] vocóide não-arredondado, anterior, fechado, baixo, sonoro; /ə/ varia de [ə] vocóide não-arredondado, central, fechado médio, sonoro a [ʌ] vocóide não-arredondado, central, aberto, médio, sonoro; /o/ varia de [u] vocóide arredondado, posterior, aberto, alto, sonoro seguido de /y/, /r/ e /w/ numa sílaba reduplicada, e em outros ambientes é um vocóide arredondado, posterior, fechado, médio, sonoro [o].

Ex:

/mɛ/ [mbe] ou [mbæ] `carneiro`

/tə/ [tə] ou [tʌ] `de`

/ŋoyo/ [ŋoyo] ou [ŋoyu] `água`

Vogais Nasais

Kindell (1961) postula cinco vogais nasalizadas em Kaingáng: /ĩ̃/, /ẽ̃/, /õ̃/, /æ̃/, /ã̃/. Dentre essas, os fonemas vocálicos /ĩ̃/ e /æ̃/ não possuem variantes distintas.

/tĩ̃/ [tĩ̃] `ir` /tæ̃/ [tæ̃] `voar`

De acordo com a mesma autora, os fonemas /ẽ̃/, /ã̃/ e /õ̃/ têm alofones em flutuação livre: /ə̃/ varia de [ə̃] a [ɛ̃]; /ã̃/ varia de [ã̃] a [ɔ̃]; /õ̃/ varia de [õ̃] a [ũ].

Exs:

/pẽ̃/ [pẽ̃] ou [pɛ̃n] `cobra`

/prã̃/ [prã̃] ou [prɔ̃] `morder`

/nõn/ [nõn] ou [nũn] `adormecer`

Para Kindell (1961), o acento é considerado predizível gramaticalmente, ou seja, ocorre na última das raízes simples e na penúltima das raízes reduplicadas. Em contraposição, Cavalcante (1987) divide as palavras do Kaingáng em dois grupos, sendo o primeiro grupo formado por palavras principais e o segundo grupo formado por partículas e pronomes. No grupo das palavras principais o acento recairá sempre sobre a última sílaba, enquanto que com o segundo grupo não ocorrerá acento de intensidade. Neste caso, o acento de intensidade é também considerado predizível, sem contudo, obedecer aos mesmos critérios da análise de Kindell (1961).

2.2.2 Dialeto de São Paulo comparado ao dialeto do Paraná:

Cavalcante (1987), faz uma descrição fonológica, primeiramente do Kaingáng de São Paulo, e posteriormente, do Kaingáng do Paraná. Convém salientar, também, que a descrição fonológica do dialeto do Paraná baseia-se nos dados publicados por Wiesemann (1972). Faremos, portanto, comentários acerca do aspecto fonológico de ambos os dialetos, mencionando as semelhanças e possíveis diferenças com o dialeto em questão -dialeto Central. Embora com ressalvas quanto a adequação ao Kaingáng, Cavalcante segue a teoria fonológica de Chomsky e Halle (1968), utilizando os traços [silábico] e [consonantal] propostos para tal análise. Considera-se que em Kaingáng /r/, /y/ e /w/ formam uma classe natural e que se submetem às mesmas regras fonológicas, tais como a nasalização de r, y e w e cópia de vogal.

A propriedade [consonantal] utilizada por Chomsky e Halle (1968), distingue as líquidas dos glides e das vogais, desta forma /r/ incluído entre as líquidas, seria caracterizado como [+cns], enquanto que /y/ e/w/, seriam caracterizados como [-cns]. Com esta classificação não poderíamos considerar estes membros como uma classe natural.

Considera-se um argumento, porém, de natureza fonética, que é o [r] do Kaingáng como aproximante Ladefoged (1971). Afirma-se que, durante a produção de um [r] no Kaingáng falado em São Paulo, não se percebe contato entre os articuladores, estando, desta forma, mais próximo de uma vogal do que de uma consoante. Interpretação esta, reforçada pelo fato de ter sido registrado no Kaingáng do Rio Grande do Sul (dialeto de Nonoai) variação livre entre [r̥] e [ə̃] como em [r̥ ĩ r̥] e [r̥ ĩ ə̃] 'viver', podendo ser caracterizado então como [-consonantal]. Em contrapartida, no Kaingáng dialeto Central, não encontramos casos em que ambos os segmentos variassem livremente, no entanto, encontramos variação livre entre [r] e a aproximante [ɹ]. Assim, consideramos a realização de [r] como tap alveolar, admitindo-o como fonema consonantal.

Emprega-se, também, a propriedade [silábico] com a finalidade de separar sons que podem constituir núcleo silábico dos que nunca o fazem. Constatou-se que no Kaingáng somente as vogais podem constituir núcleo de sílaba, sendo portanto, [+sil] e que os fonemas da língua, que formam a classe de fonemas iniciais: /p t c k ɸ m n ɲ ŋ h r y w /, têm [-sil] como propriedade comum.

São expostas duas razões pelas quais se evita empregar na análise a propriedade sonorante: a) Chomsky e Halle (1968) aplicam essa propriedade, de modo discutível, a diversas categorias de sons, como a oclusiva e a fricativa glotais e as vogais surdas (presumivelmente também as líquidas surdas, as nasais surdas e as aproximantes surdas); b) além das propriedades [consonantal] e [silábico], é a propriedade [nasal] que propicia uma divisão mais fundamental dos fonemas do Kaingáng de São Paulo, no sentido de permitir identificar classes maiores fonologicamente relevantes.

Para dar conta dos modos de articulação dos fonemas do Kaingáng de São Paulo, são usadas duas propriedades: [vozeado] e [contínuo], adotando as respectivas definições propostas por Chomsky e Halle (1968). A propriedade [vozeado], justifica-se na medida em que ela é o elemento apropriado para a divisão da classe das aproximantes em dois subgrupos, um constituído apenas pela não vozeada (/h/) e o outro constituído pelas vozeadas (/r, y e w /). Considerando ainda que, [+vozeado] é a propriedade comum aos fonemas que na

representação básica ocorrem em final de sílaba: /m n ɲ ŋ r y w V/. E, finalmente, a propriedade [contínuo] que separa /ϕ/ das demais consoantes orais.

Considera-se, por conseguinte, a propriedade [nasal] como a única comum aos segmentos consonantais e aos não consonantais, sendo que as propriedades [contínuo], [anterior] e [coronal] aplicam-se exclusivamente a segmentos consonantais, sendo considerados irrelevantes para a especificação dos segmentos não consonantais. Além disso, considera-se inteiramente redundantes no Kaingáng, as propriedades como [alto], [baixo], [posterior] e [arredondado], aplicáveis tanto a segmentos consonantais como a segmentos não consonantais.

Com relação aos segmentos consonantais, no dialeto do Paraná há a ocorrência de /ʃ/ em vez do /ç/ do dialeto paulista. Não obstante essa diferença, as consoantes do primeiro dialeto se submetem à mesma ordem de aplicação das propriedades usadas nos segmentos consonantais do Kaingáng de São Paulo.

Constata-se, por outro lado, que o inventário dos segmentos não consonantais nasais difere nos dois dialetos (o dialeto de São Paulo e o dialeto do Paraná), devido à neutralização de propriedades diferentes. Paralelamente às ocorrências de ambos, temos o inventário dos mesmos segmentos no dialeto Central, conforme o quadro abaixo:

Kaingáng de São Paulo	Kaingáng do Paraná	Kaingáng Central
/ĩ ã	/ĩ u	/ĩ ã
ẽ õ	ẽ õ	ẽ õ
ẽ ã õ/	ẽ ã õ/	ẽ ã õ/

Quadro 1 – Inventário dos segmentos vocálicos dos dialetos de São Paulo, Paraná e Central

Os elementos contidos num mesmo conjunto são alofones de um mesmo fonema. Considera-se, portanto no dialeto de São Paulo quatro vogais nasais representadas por /ĩ ẽ ã õ/. Caracteriza-se /õ/ como [arredondado], separando-o das demais vogais nasais; não se aplica a essa vogal a propriedade [alto] uma vez que ela possui alofones que variam de [ũ] a [õ]; não aplica-se a propriedade [posterior] para caracterizar as vogais nasais, pois essa

propriedade não é distintiva para elas, considerando por um lado que o fonema / $\tilde{\epsilon}$ / possui os alofones [$\tilde{\epsilon}$] e [\tilde{a}] em flutuação e, por outro lado que o fonema / \tilde{o} /, já caracterizado como [+arredondado], a propriedade [+posterior] seria redundante. No dialeto do Paraná, por exemplo, a flutuação entre os alofones do fonema / \tilde{o} / não abrange a realização [$\tilde{õ}$], sendo este alofone do fonema / $\tilde{ã}$ /.

Chegou-se, portanto, a uma matriz fonológica para o Kaingáng de São Paulo com nove (9) fonemas consonantais e dezessete (17) fonemas não consonantais. Por fonemas consonantais entende-se: p t c k ϕ m n η , analisados a partir dos traços relacionados: consonantal; nasal; contínuo; anterior; coronal.

+cns /p t c k o m n η /

+nasal /m n η /

+cnt / ϕ /

+ant /p t m n /

+cor /t \check{c} η /

Na matriz fonológica dos segmentos consonantais do dialeto do Paraná, incluiu-se, por exemplo, a propriedade redundante [-cor] para caracterizar k e η , uma vez que seria necessário uma propriedade que separasse as labiais m e p e as velares η e k das dentais n e t e das palatais η e \check{s} , e ainda [+cor] para caracterizar o segmento / \check{s} /, considerando as propriedades de Chomsky e Halle (1968) que classifica labiais e velares [-cor] e dentais e palatais [+cor].

São fonemas não consonantais: /h r y w i i u e ə o ε a ɔ \check{i} $\check{õ}$ $\check{ẽ}$ /, analisados a partir dos traços relacionados: consonantal, silábico, nasal, vozeado, arredondado, alto, baixo, posterior.

+sil /i i u e ə o ε a ɔ \check{i} $\check{õ}$ $\check{ẽ}$ /

+nas / \check{i} $\check{õ}$ $\check{ẽ}$ /

+voz /r y w/

+arr /w u o ɔ \tilde{o} /

+alt /y i i u \check{i} /

+bai /ε a ɔ $\check{ẽ}$ /

+pos /i ə a/

Nota-se ainda, neste dialeto, que há propriedades de pausas relevantes para a representação fonológica do Kaingáng, que segundo a autora seriam a silabicidade, a voz e a nasalidade. As pausas seriam caracterizadas como: [-sil], [-voz] e [+nas], conforme Rodrigues (1983), admitindo que a nasalização em início ou fim de palavras ou enunciados deve ser reconhecida como característica fonética de alguns tipos de fronteiras ou junturas. Os tipos de fronteiras encontrados em Kaingáng foram: fronteiras de enunciado representada por # # (pausa obrigatória), fronteira de palavra representada por # (pausa potencial) e fronteira morfêmica representada por + (ausência de pausa).

2.2.2.1 Sílabas:

A fim de dar conta da divisão silábica no nível fonológico, formulou-se a seguinte regra: inserção de fronteira silábica:

- a fronteira silábica se acha (a) entre uma vogal seguida opcionalmente de consoante nasal e outra vogal precedida opcionalmente de consoante ou de consoante e mais aproximante r, ou (b) contígua a pausa. Estabelecendo, assim, os padrões silábicos C = [-sil], V = [+sil]

Exemplos:

V	CVC
/e/ /\$ e \$/ `muitos`	/ `kim/ /\$kim\$/ `cortar`
/õ/ /\$ õ \$/ `quem`	/pen `kar/ /\$pen\$kar\$/ `contar`
CV	CCV
/ti/ /\$ti\$/ `ele`	/`pra/ /\$pra\$/ `morder`
/wẽ/ /\$wẽ\$/ `marcador de sujeito`	/ku `pri/ /\$ku\$pri\$/ `branco`
	/`mre/ /\$mre\$/ `com`
CCVC	
/`kriŋ/ /\$kriŋ\$/ `estrela`	

Há, contudo, alguns exemplos de ambigüidade na separação silábica quer por meio de critério fonético, quer por meio de critério fonológico. Sugere-se, então, duas alternativas, do ponto de vista fonológico:

- considerar [ŋr] e [mr] em início de sílaba e
- b) considerar palavras que comecem por [r-] e palavras que terminam por [-ŋ].

Por outro lado, no dialeto do Paraná, Wiesemann (1972) encontram-se os seguintes exemplos de sílabas:

a) sílaba aberta

kutay `muito escuro` kutay? `muito escuro`

b) sílaba semifechada

màg `grande` màg? `grande`

c) sílaba fechada

fyr `cantos` fyr? `cantos`

Segundo Wiesemann (1972), as fronteiras silábicas nem sempre são claramente separáveis, sendo impossível, muitas vezes, determinar o ponto de limite exato entre as sílabas. Contudo, ela apresenta sete casos em que se pode determinar com precisão a fronteira silábica (1972), e ainda, três casos nos quais não se pode determinar a fronteira silábica com precisão, a saber:

/kremàg/ `cesto grande`

/togãghe/ `ele boceja`

/kũmũ/ `cavando`

Todavia, Cavalcante (1987) sugere uma divisão silábica a nível fonológico que seria efetuada entre os fonemas e não entre os segmentos fonéticos destes.

Assim: /\$ kre\$màg \$/

/ \$ tò\$njãñ\$he \$/

/ \$ kũm\$mũ \$/

Desta forma, a regra de inserção de fronteira silábica formada para o Kaingáng de São Paulo dará conta da divisão silábica no Kaingáng do Paraná, estabelecendo praticamente os mesmos padrões silábicos para este dialeto.

CV - /ka/ `mosquito`

CVC - /màg/ `grande`

CCV - /kre/ `cesto`

CCVC - /prur/ `limpo`

CCVCC - /prurn/ `limpos-eles`

No dialeto do Paraná não se verifica o mesmo tipo de divisão silábica encontrada no dialeto de São Paulo, em palavras como /r[̃]ɛŋ 'rɔ/. No dialeto do Paraná, ocorrem duas situações contrastivas, encontradas em:

- | | |
|----------------------------|--|
| 1) VN . rV [rɛŋ.ɾe] `dois` | 2) V. NrV [ŋgri.ŋgre] `dançar`
ou como VN.NrV |
| 3) vN.rV [rãŋrɔ] `feijão` | 4) v.NrV [ʔã.mbrɛ] `contigo` |

Diz-se, então, acerca dos chamados segmentos pós-desnasalizados [ŋg] ~[ŋgŋ], que só ocorrem precedendo imediatamente V ou rV, considerando que eles iniciam as sílabas em que se acham as vogais orais, enquanto que, os chamados alofones não pós-desnasalizados [ŋ]~[gŋ] já que não podem iniciar sílabas com V, mas somente com [̃]v, quando estiver diante de rV, pertenceriam à sílaba precedente. Este contraste, contudo, não ocorre no dialeto de São Paulo, uma vez que os não pós-desnasalizados podem ocorrer em quaisquer ambientes.

Outra ocorrência relativa à sílaba observada no Kaingáng, foi a não coincidência entre o número de sílabas em nível fonológico e em nível fonético. Isso quer dizer que em nível fonético as palavras apresentaram sempre uma sílaba a mais do que no nível fonológico. Daí a necessidade de distinguir-se uma sílaba fonética de uma sílaba fonológica, como podemos ver abaixo:

a) Em casos de “cópia de vogal”

/ko 'yor/ ko 'yoro `anta`

/tõŋ'tõw/ tõŋ'tõwõ `vomitar`

ou

/\$ ko\$yor\$ /= [ko.yo.ro] `anta`

/\$ tõŋ\$'tõw\$/= [tõg.tõ.wõ] `vomitar`

b) Em palavras iniciadas por r-, casos em que se dá silabificação desse r-, como nos exemplos:

/r[̃]ɛ/ ə'f[̃]ɛ `sol`

/ror/ aror `redondo`

ou

/\$ r[̃]ɛ\$ = [ʔə.f[̃]ɛ] `sol`

/\$ ror\$ = [ʔə.'ro.ro] `redondo`

A partir das considerações sobre os tipos de sílabas que podem ocorrer no meio e no final da palavra em Kaingáng, restringi-se o uso de sílabas CVC (ou CCVC), quando a última consoante for r, y ou w em final de palavra, ou seja, antes da pausa. Quando, porém, tratar-se de consoantes como m, n, ɲ ou ŋ, propõe-se que a sílaba CVC poderá ocorrer no meio da palavra.

Quanto à distribuição dos padrões silábicos Kindell (1961), propõe que os padrões CV e CVC ocorrem com todas as consoantes e em início de sílaba; que os padrões CCV e CCVC ocorrem somente com grupos consonantais e que os padrões CVC e CCVC quando a última for uma nasal ocorrem em fim de sílaba. Notamos, então, que ambas as autoras parecem divergir na análise do padrão silábico da língua Kaingáng do dialeto de São Paulo e do dialeto do Paraná respectivamente.

Quanto à distribuição dos fonemas consonantais na sílaba, nota-se que os segmentos nasais, quando precedem, no fim de uma sílaba, um segmento obstruinte que inicie a sílaba seguinte, são substituídos por realizações fonética sonorantes, pois perdem a nasalidade e a voz, mas mantêm sua propriedade [-tenso], continuando a distinguir-se dos segmentos obstruintes como nos exemplos abaixo:

/tẽŋ'tõ/ = [tẽg'tõ] `três`

/penkar/ = [pɛd 'kara] `contar`

Ocorre no Kaingáng de São Paulo uma simplificação opcional de seqüências de segmentos assilábicos homorgânicos, que pode ser visualizada na seguinte regra:

- queda de segmento assilábico antes de fronteira de palavra seguido por consoante homorgânica, ou seja, um segmento assilábico cai opcionalmente em final de palavra quando seguido por segmento assilábico homorgânico:

[-sil (ɸ)/ _____ # -sil

α ponto α ponto

Exs:

/kran'kran#ni/ kran'kranĩ `está doente`

Este tipo de ocorrência também se percebe no dialeto central quando observamos exemplos do tipo:

/ti wõ niŋrẽn nɔn/ [ti wõ niŋrẽɲ ndɔd] `ele furou a orelha`

/ka wõ ehed ni/ [ka wõ ehɛ ni] `o pau é grosso`

/kukrir re/ [kukri re] `neve`

/nõn ti/ [nõ ti] `o mato`

2.2.2.2 Acento:

Verificou-se no acento de intensidade em Kaingáng, uma correlação entre o acento e as classes de palavras. A primeira classe foi classificada por **palavras principais**, no qual estariam incluídos nomes, descritivos e verbos. Nesta classe de palavras, o acento de intensidade recai sobre a última sílaba fonológica, sendo predizível.

Já, num outro conjunto de palavras que agrega **partículas e pronomes**, nota-se que são elementos átonos, não ocorrendo, portanto, acento de intensidade, conforme os exemplos abaixo:

ni'ŋe `mão` (nome) iŋ `eu` (pron) : iŋ 'pẽn `meu pé`

ku'pri `branco` (descritivo) aŋ `eles` (pron): ter aŋ `morreram eles`

'ter `morrer` (verbo)

A solução proposta pela autora para a colocação do acento em Kaingáng foi a seguinte:

V [+ace]/ \$ _____#[palavra principal]

Isto é: uma vogal torna-se tônica quando ocorrer na última sílaba de uma **palavra principal**.

Pode-se aplicar a regra de colocação de acento de intensidade, sem alterações, ao Kaingáng do Paraná.

Exs:

?o'yor [?o'yoro] `anta` (nome)

ku'pri [ku'pri] `branco` (descritivo)

yi `kren [yi'krɛdn] `pensar` (verbo)

O dialeto Central parece compartilhar da mesma regra acentual do dialeto de São Paulo ao depararmos com ocorrências como:

ŋõ'ra `saliva` (nome) õ `tu` (você) (pron): õ nĩ'yẽ `seu nariz`

ɛ'he `grosso` (descritivo) aŋ `eles` (pron): aŋ krẽkufar `peixe deles`

'riy `fina` (descritivo)

nĩ'kɾɛn 'enumerar'(verbo)

2.2.2.3 Regras fonológicas

São regras de definição que caracterizam o segmento da língua e que ainda podem ser subdivididas em dois subgrupos: as implicativas, que estipulam as restrições sistemáticas na constituição dos segmentos e as de flutuação que definem realizações alternativas de um mesmo segmento. Cada um desses subgrupos, por sua vez, pode ser de dois tipos: independentes do contexto e dependentes do contexto. Ocorrem ainda, as chamadas regras táticas.

Além das regras de constituição silábica e da regra de acento, os dialetos de São Paulo e do Paraná possuem mais oito regras em comum, que são: todas as regras de definição independentes do contexto; três regras de definição dependentes do contexto e três regras táticas. Mencionaremos as ocorrências das respectivas regras no dialeto do Paraná e Central paralelamente sempre que se fizer necessário.

Regras de definição:

Regras de Definição Implicativas Independentes do Contexto:

a)[+cns]

+nas

⇓

[+voz]

(os fonemas consonantais nasais são também vozeados).

b)[+cns]

-cnt

-nas

⇓

[-voz]

(os fonemas consonantais não contínuos orais são também surdos, excluindo o segmento contínuo Φ , que pode ser vozeado).

c)[+cns]

+ant

-cor

↓

[+lab]

(os fonemas consonantais anteriores não coronais são também labiais.)

Conforme afirmamos anteriormente (cf. p.22) cada uma das regras acima aplica-se ao dialeto do Paraná, sendo que somente a regra que se refere aos fonemas consonantais nasais vozeados aplica-se ao dialeto Central.

Regras de Definição Implicativas Dependentes do Contexto

- alteração de altura vocálica:

as vogais anteriores e posteriores altas descem um grau e as anteriores e posteriores médias e baixas sobem um grau, enquanto que as vogais centrais altas e médias descem um grau e as centrais baixas sobem um grau.

Exs:

/ki'rõ/ ⇒ ki'rõ ~ kl'rõ `moço`

/ku'ka/ ⇒ [ku'ka] ~ [kU'ka] `osso`

- prolongamento surdo de vogal final:

inserção de uma outra vogal com as mesmas propriedades porém desvozeada, após uma vogal tônica final:

Exs:

/nõ'nẽ/ ⇒ [nõ'nẽẽ] `língua`

/ko'φa] ⇒ [ko'φaa] `velho`

- pré e pós-desnasalização de consoante:

inserção opcional de uma consoante não nasal homorgânica vozeada entre uma vogal oral e uma consoante nasal e/ou inserção de uma consoante nasal homorgânica vozeada entre uma consoante nasal e uma vogal oral.

Exs:

/ka'ŋa/ ⇒ [ka'gŋa] ~ [ka'gŋga] ~ [kaŋŋa] ~ [ka'ŋa]

/ya'mi/ ⇒ [ya'bmi] ~ [yamĩ] `caminho`

- desvozeamento de consoante:

uma consoante torna-se obrigatoriamente desvozeada diante de uma consoante não nasal e opcionalmente desvozeada diante de aproximante ou de pausa.

Exs:

/kaj̃'kɛ̃/ ⇒ [kaj̃'kɛ̃] `céu`

/pɛn 'kar/ ⇒ [pɛn'kar] `contar`

Esta regra é percebida, também, no dialeto central em vocábulos semelhantes aos citados anteriormente:

Exs:

/kaj̃'kõ̃/ ⇒ [kaj̃ɲ 'kõ̃] `céu`

/pɛn kar/ ⇒ [pɛn 'kar] `cinco`

- desnasalização de consoante nasal diante de segmento assilábico ou pausa:

uma consoante nasal perde sua nasalidade diante de segmento assilábico ou de pausa.

/pɛn'kar/ ⇒ [pɛd'kar] `contar`

Aplica-se também ao dialeto central.

/pɛn 'kar/ ⇒ [pɛt 'kar] `cinco`

- desnasalização de consoante nasal depois de r:

uma consoante nasal perde sua nasalidade quando precedida de r.

Ex:

/ko'ɸar'məŋ/ ⇒ [ko'ɸar bəŋ] `peixe grande`

Regra esta aplicável também ao dialeto central.

/ẽmĩ wã tõpɛr məŋ/ ⇒ [ẽmĩ wã tõpɛr bəŋ] `o caminho é amplo`

- nasalização de r y e w:

as aproximantes vozeadas tornam-se nasais em contigüidade com segmentos nasais, conforme visto nos dialetos de São Paulo, Paraná e Central.

São Paulo Paraná Central

Ex: /rɛ̃/ ⇒ [r̃ɛ̃] `sol` Ex: /rã/ ⇒ [rã] `sol` Ex: /rõ̃/ ⇒ [rõ̃] `sol`

- arredondamento de ϕ :

a consoante contínua torna-se arredondada diante de vogal posterior. Aplica-se, também a ambos dialetos.

São Paulo

Paraná

Ex: /'fwi/ \Rightarrow ['fwi] `semente`

Ex: /'f/ \Rightarrow ['p^wa] `perna`

Regras de definição de flutuação independentes do contexto

- os segmentos ϕ e β estão em flutuação:

Ex: /ka'fey/ \Rightarrow [ka'fey] ~ [ka'βey] `folha`

- os segmentos r e l estão em flutuação:

Ex: /'ror/ \Rightarrow ['ror] ~ [lor] `redondo`

- os segmentos ϵ e \ae estão em flutuação:

São Paulo

Paraná

Ex: /nĩ'ηε/ \Rightarrow [nĩ'ηε] ~ [nĩ'ηæ] `mão` /'tey/ \Rightarrow 'tey ~ tæy `comprido`

Aplicam-se, portanto, a ambos dialetos.

- os segmentos $\tilde{\epsilon}$, $\tilde{\ae}$ e $\tilde{\a}$ estão em flutuação:

Ex: /'ηε̃/ \Rightarrow 'ηε̃ ~ ηæ̃ ~ ηã̃ `cabelo`

- os segmentos \tilde{u} , $\tilde{õ}$ e \tilde{o} estão em flutuação:

Ex: /tẽ̃g'tõ/ \Rightarrow [tẽ̃g'tõ] ~ [tẽ̃g'tũ] ~ [tẽ̃g'tú] `três`

Regras de Definição de Flutuação Dependentes do Contexto

- ensurdecimento de vogal final:

vogal átona final torna-se opcionalmente desvozeada.

Ex: /ĩn'kẽki/ \Rightarrow [ĩn'kẽki] ~ [ĩn'kẽki] `dentro de casa`

- ensurdecimento de aproximante antes de vogal surda:

uma aproximante não arredondada torna-se opcionalmente desvozeada antes de vogal desvozeada.

Ex: /ka'feyε/ \Rightarrow [ka'feyε] ~ [ka'feyε] `flor`

Regras táticas:

As três primeiras regras são aplicáveis aos dialetos de São Paulo e Paraná, sendo a primeira aplicável, também, ao dialeto Central:

- inserção de oclusiva glotal:

insere-se uma oclusiva glotal entre fronteira silábica e vogal.

São Paulo

Paraná

Central

Ex: /\$ êŋ \$/ ⇒ [ʔêŋ] `nós`

aŋ ⇒ [ʔaŋ] `eles`

/ɔ pẽ/ ⇒ [#ʔɔ pẽ] `gafanhoto`

/yafe/ ⇒ [yaʔ# fe] `ninho`

- inserção de ə antes de r inicial: insere-se ə entre pausa e r .

São Paulo

Paraná

Ex: /'rẽ/ ⇒ [ə'rẽ] `sol`

'riri ⇒ [ə'riri] `viver`

É possível que essa ocorrência se deva à correlação articulatória natural existente entre r e a vogal ə - ambos encontram-se numa posição central, em relação aos pares y__i e w__u.

- cópia de vogal:

depois de aproximante final, insere-se uma vogal com as mesmas propriedades da vogal que precede essa aproximante.

São Paulo

Paraná

Ex: /ko'yor/ ⇒ [ko'yoro] `anta`

/'tey/ ⇒ ['teyɛ] `comprido`

- assimilação de m⇒w e de ɲ⇒y

uma consoante nasal labial se transforma em w e uma consoante nasal palatal se transforma em y antes de w e y, respectivamente.

Ex: /iɲ # 'yõ/ ⇒ [iy 'y õ] `minha mãe`

Esta regra parece aplicar-se, também, ao dialeto central uma vez que encontramos casos como:

/vẽɲ# 'yu ya fõ/ ⇒ [mẽɲ 'yu ya fõ] `fumo (tabaco)`

- fusão de ɲ e t:

a consoante nasal palatal seguida de consoante dental não nasal funde-se com esta em posição átona, resultando na consoante palatal não nasal c.

Ex: [ʔiyntōwɛ] ⇒ [ʔiy cōwɛ] `é meu`.

- inserção de y:

insere-se uma aproximante vozeada não arredondada alta antes de consoante palatal.

Ex: /ku'çõ/ ⇒ [kuy'çõ] `vermelho`

- inserção de consoante nasal homorgânica:

insere-se opcionalmente uma consoante nasal homorgânica entre uma vogal e uma consoante não nasal.

Ex: /ẽ # 'hẽ # tɔ # nĩ/ ⇒ [ẽ'hẽntãní] ~ [ẽ'hẽtãní] `onde você mora?`

Há, contudo, para o dialeto do Paraná uma reformulação da regra de consoante nasal do dialeto de São Paulo, ficando da seguinte forma:

- inserção de consoante nasal homorgânica:

insere-se, obrigatoriamente, uma consoante nasal homorgânica entre uma vogal nasal e uma consoante não nasal.

Ex: tãtɔ ⇒ [tãntɔ] `lá`

Pode, também, ser aplicada ao dialeto Central, considerando as seguintes ocorrências:

Ex: /kõka/ ⇒ [kõŋka] `vento`

/nõti/ ⇒ [nõn ti] `o mato`

Há, também, outras sete regras do dialeto de São Paulo que foram reformuladas para o dialeto do Paraná:

- alteração de altura vocálica:

as vogais médias orais sobem um grau quando se encontram em posição átona final.

Ex: /ku'yere/ ⇒ [ku'yer] `estendido`

- pré e pós-desnasalização de consoante:

insere-se, obrigatoriamente, uma consoante não nasal homorgânica entre uma vogal e uma consoante nasal;

insere-se uma consoante nasal homorgânica entre uma consoante nasal e uma vogal oral.

Ex: /ka'ŋa/ ⇒ [ka'gŋga] `doente`

/ya'min/ ⇒ [ya'bmin] `caminho`

/'ma/ ⇒ [mba] `molhado`

- desvozeamento de consoante:

uma consoante nasal torna-se desvozeada quando ocorre diante de uma consoante oral.

Ex: /tãŋg'tõ/ ⇒ [tãŋg'tõ] `três`

- desnasalização de consoante nasal diante de segmentos assilábicos:

uma consoante nasal desnasaliza-se quando seguida de segmento assilábico.

Ex: /kamke/ ⇒ [kabke] `quebrar`

- flutuação entre [õ], [ũ̃] e [ũ̂]:

Ex: /tãŋ 'tõ/ ⇒ tãŋ'tõ ~ tãŋtũ̃ ~ tãŋ'tũ̂ `três`

Ou ainda, conforme observado no dialeto Central, flutuação entre [ã], [õ̃], [ẽ̃] e [õ̂] e [ũ̂]:

Ex: /tãŋ'tõ/ ⇒ [tãŋ'tũ̂] ~ [tõŋ'tũ̂] ~ [teŋ'tũ̂]

[tãŋ'tõ̃] ~ [tãŋ'tũ̂]

- inserção de y :

insere-se uma aproximante vozeada não arredondada alta entre vogal e consoante nasal palatal.

Ex: /təŋŋ/ ⇒ ['təyŋŋ] `verde`

Aplica-se, também ao central:

Ex: /paŋ/ ⇒ ['payŋ] `pai`

/ɛŋ ki huhu keŋ/ ⇒ [ɛyŋ ki huhu keyŋ] `nós sopramos`

- fusão de ŋ e t (ou n):

a consoante nasal palatal seguida de consoante dental funde-se com esta em posição átona, resultando numa consoante palatal.

Ex: /iŋtə/ ⇒ [ʔiʃə] `por mim`

Na seqüência, serão mencionadas oito regras exclusivas do dialeto do Paraná, segundo a análise dos dados de Wiesemann (1972) e Kindell (1961):

a) as consoantes não anteriores coronais são também altas;

b) anteriorização de i: uma vogal alta não arredondada posterior anterioriza-se quando precedida de aproximante vozeada anterior alta;

Ex: /wi yi/ ⇒ [wiyi] `arco`

c) posteriorização de i: uma vogal oral não arredondada alta posterior, quando precedida de aproximante vozeada não anterior, posterioriza-se ainda mais.

Ex: /'widn/ ⇒ ['wi dn]

d) flutuação entre ə e ʌ, ã e ʌ̃: os segmentos [ə] e [ʌ] estão em flutuação, assim como [ẽ] e [ʌ̃].

Ex: / tə/ ⇒ [tə] ~ [tʌ] `de`

e) flutuação de ã e õ: os segmentos [ã] e [õ] estão em flutuação.

Ex: /'prã/ ⇒ [prã] ~ [prõ] `morder`

f) supressão de # i__: uma vogal alta não posterior não arredondada cai opcionalmente quando precedida de pausa e seguida de consoante contínua palatal.

Ex: /isõ/ ⇒ [sõ] `por mim`

g) inserção de ʃ: insere-se obrigatoriamente uma consoante contínua palatal entre consoante palatal e consoante contínua bilabial.

Ex: /tãɲɪ'feyɛ/ ⇒ [tãɲʃ'feyɛ] `folha de palmeira`

h) inserção de consoante nasal: insere-se uma consoante nasal dental entre pausa e a aproximante vozeada não posterior alta /y/.

Ex: 'yõ ⇒ ['nyõ] `bravo`.

Parece-nos que, dentre essas regras, somente aquelas relativas a anteriorização de vogal alta não arredondada [i] (b e c) são aplicáveis ao dialeto Central.

2.2.3 Dialeto do Sudoeste (Nonoai)

Teixeira (1988) deteve-se no estudo fonológico do dialeto do Kaingáng falado no Posto Indígena de Nonoai no estado do Rio Grande do Sul. A metodologia empregada nesta análise foi baseada no modelo proposto por Pike (1947).

Primeiramente, são demonstrados segmentos fonéticos que pertencem a um mesmo fonema por encontrarem-se em distribuição complementar:

- Consoante fricativa bilabial sonora [β], aproximante bilabial oral [w] e a aproximante bilabial nasal [w̃]: a primeira, [β] é realizada diante de vogal oral alta: ['βidn] `colocar`; a aproximante oral [w] é realizada diante de vogal oral não-alta: [we] `ver`; e a aproximante nasal [w̃] realizada diante de qualquer vogal nasal, não-alta ou alta: [ʃin'w̃i] `bonito`

Logo, conclui-se estarem os três segmentos em distribuição complementar, sendo portanto, alofones de um mesmo fonema.

Entre os aproximantes palatal oral [y] e palatal nasal [ỹ] e entre os alveolares oral [r] e nasal [r̃]: os membros orais de cada par ocorrem junto a vogais orais e os membros nasais junto a vogais nasais, sendo este segmento determinante para a variante nasalizada, conforme demonstrados abaixo:

[y]	[ỹ]
['yɔgŋ] `pai`	[ỹæ̃n] `alimentar`
[r]	[r̃]
['were] `cara`	['ŋirĩ] `crianças`

Conclui-se , portanto, serem [y] e [ỹ] alofones de um mesmo fonema e [r] e [r̃] variantes de um outro fonema.

- Segmentos nasais simples [m], [n], [ɲ] e [ŋ], segmentos nasais complexos homorgânicos e segmentos oclusivos orais lénis surdos.

A fim de melhor esclarecer a relação de complementariedade entre os segmentos [m],[n], [ɲ] e [ŋ], o autor apresenta algumas formulações sobre as quais passaremos a comentar na seqüência.

Os segmentos nasais simples ocorrem precedidos por pausa ou vogal nasal e seguidos de vogal nasal ou pausa, podendo ter o segmento [r̃] intercalado antes da vogal nasal seguinte, conforme:

_____ (r) v
[m̃] `encontro`
['ŋirĩ] `meninos`
[ñm] `dar`

\tilde{V} _____ \tilde{r} \tilde{V}

[ʔ[̃]ẽmĩ] `pão`

[rĩj̃ [̃]riỹ] `areia`

\tilde{V} _____ #

[n[̃]ẽn] `mato`

[ʔ[̃]æŋ] `nós`

Já os segmentos pós-nasalizados foram encontrados nos seguintes contextos: entre vogal oral e vogal nasal ou pausa, podendo ter um segmento aproximante interposto diante da vogal nasal, isto é,

\tilde{V} _____ (\tilde{r}) \tilde{V}

[kebmũ^y] `diz`

[ʔagŋ^y [̃]wə[̃]] `eles - indicador de sujeito`

\tilde{V} _____ #

[[̃]hadn] `fazer`

[[̃]yɔŋŋ] `pai`

Os segmentos oclusivos pré-nasalizados [mb], [nd], [ɲ] e [ŋg] podem ocorrer entre pausa e vogal oral ou entre vogal nasal e vogal oral, podendo ter um segmento aproximante intercalado antes da vogal oral:

_____ (r) \tilde{V}

[mbru] `migalha`

[ŋgɛ] `também`

\tilde{V} _____ (r) \tilde{V}

[kɔy^ymbar [̃]nũ[̃]ũ] `dormir cedo`

[n[̃]ẽ[̃]m[̃]ẽmba] `trazer para o nenê`

Verifica-se, também, a ocorrência de segmentos oclusivos medialmente nasalizados [bmb], [dnd], [ɲɲ] e [ŋŋ], nos seguintes contextos: entre duas vogais orais, podendo ter um segmento aproximante intercalado antes da segunda vogal.

Exs:

[hadndya] `tinha feito`

[ɸ'bmbɾɛ] `junto com ela`

Menciona-se, ainda, a existência de segmentos oclusivos pré-nasalizados lênis surdos [mb̥], [nd̥], [ɲ̥] e [ŋ̥] e oclusivos lênis surdos [b̥], [d̥], [j̥] e [g̥], ocorridos nos seguintes contextos:

- o grupo dos pré-nasalizados estão sempre após vogal nasal:

[nĩmb̥ 'kẽmũ] `vai dar`

[ʔ'ind̥kõ 'ki] `dentro de casa`

- enquanto que os oclusivos lênis surdos ocorrem sempre diante de vogal oral:

[ʔijhə] `meu amigo`

[ɸagpi] `elas -negação`

Desta forma, conclui-se que cada conjunto de realizações integra um só fonema. Atribui-se a esse fonema a propriedade básica nasal, podendo observar uma desnasalização parcial dos segmentos quando contíguos a segmento não-nasal, e ainda, quando seguido por segmento não-nasal surdo tenso. A fase final desnasalizada fica também surda, quando precedida por vogal nasal, enquanto o segmento todo fica surdo e desnasalizado quando entre vogal oral e segmento não nasal surdo tenso.

Resumindo o quadro de fonemas consonantais do dialeto de Nonoai com suas respectivas variações, temos:

/p/ [p]

/m/ [m]

/t/ [t]

[mb]

/k/ [k]

[bm]

[bmb]

[mb̥]

[b̥]

/n/ [n]	/ɲ/ [ɲ]
[nd]	[ɲɲ]
[dn]	[ɲn]
[dnd]	[ɲɲɲ]
[nd̥]	[ɲ̥ɲ]
[d̥]	[ɲ̥]
/ŋ/ [ŋ]	/ϕ/ [ϕ]
[ŋg]	/ʃ/ [ʃ]
[gŋ]	/h/ [h]
[gŋg]	/w/ [w]
[ŋ̥g]	[w̃]
[g̥]	[β]
/y/ [y]	/r/ [r]
[ỹ]	[r̃]

Semelhante ao dialeto do Sudoeste - Nonoai, o dialeto Central da língua Kaingáng falado na região de Xanxerê, apresenta casos de pré-nasalização bastante produtivos com os segmentos oclusivos e respectivas nasais homorgânicas [mb], [nd] e [ŋg], sendo o segmento palatal [dʒ] considerado variação de [nd], variação esta, melhor explicada no capítulo de análise fonêmica. Entretanto, os casos de pós-nasalização com os segmentos [dn] e [gŋ] apresentam problemas de caráter fonético, além de não termos encontrado em nossos dados qualquer realização de pós-nasalização com [bm]. E ainda, contrariamente ao dialeto de Nonoai o dialeto Central não apresenta médio-nasalização, haja visto não verificarmos a ocorrência de segmentos do tipo [bmb], [dnd] e [gŋg] em quaisquer ambientes.

São apresentadas, também, oposições de segmentos oclusivos a segmentos nasais:

/p/ e /m/

/pa/ sair

/ma/ `carregando coisa curta

/pɔ/ pedra /mɔ/ vagem

/t/ e /n/

/ten/ matar /nen/ coisa

/t̃i/ andar /ñi/ carne

/k/ e /ŋ/

/ka/ árvore /ŋa/ terra

/kre/ balaio /ŋre/ peneira

- segmentos oclusivos em oposição a segmentos fricativos:

/p/ e /f/

/pa/ sair /fa/ perna

/p̃a/ roçar /f̃a/ chorar

/t/ e /ʃ/

/kur/ roupa /ʃur/ esquentar

/k/ e /h/

/kə/ então, daí /hə/ sim, verdade

- segmentos aproximantes em oposição a segmentos oclusivos:

/w/ e /p/

/w̃m/ jogar fora /p̃m/ tirar alimento da panela

/r/ e /t/

/ra/ queixo /ta/ chuva

- segmentos aproximantes em oposição a segmentos fricativos:

/w/ e /f/

/w̃n/ taquara /f̃n/ encher

/y/ e /ʃ/

/yi/ atrás /ʃi/ chocalho

- segmentos aproximantes:

/w/ e /r/

/wir/ dado /rir/ acordado, vivo

/y/ e /r/

/ỹ/ dente

/r̃/ sol

/w/ e /y/

/wə/ homem (vocativo)

/yə/ mulher (vocativo)

• segmentos nasais:

/m/ e /n/

/mĩ/ encontro

/nĩ/ estar sentado

/m/ e /ŋ/

/ma/ carregar

/ŋa/ terra

/n/ e /ŋ/

/no/ flecha

/ŋoy/ água

/n/ e /ɲ/

/nɛn/ cair

/nɛɲ/ cozinhar

/ɲ/ e /ŋ/

/wãɲ/ mato (substantivo)

/mɛɲ/ cachorro

2.2.3.1 Segmentos vocálicos

Teixeira (1988) apresenta alguns segmentos vocálicos que pertencem a um mesmo fonema por ocorrerem em flutuação:

[ĩ] vogal anterior alta fechada não-arredondada nasal e [ɪ] vogal anterior alta aberta não-arredondada nasal em sílabas átonas finais:

[mĩ'titĩ] ~ [mi'tiɪ] anda no mato

[ũ] vogal posterior alta fechada arredondada nasal e [õ] vogal posterior alta aberta arredondada nasal em sílabas átonas finais:

[kẽmũ] ~ ['kẽmõ] cortar +aspecto

[ɛ̃] vogal média não arredondada nasal e [ɛ̃̃] nasal anterior média aberta não-arredondada nasal em qualquer ambiente:

[nẽ'nẽ̃] ~ [nẽ̃'nẽ̃] nenê

[ɔ] vogal anterior alta aberta arredondada oral e [o] vogal posterior média fechada arredondada oral, em qualquer ambiente:

[ya'β] ~ [ya'βo] enquanto

[õ] vogal posterior média fechada arredondada nasal, [õ̃] vogal posterior média aberta arredondada nasal e [ã̃] vogal central média aberta não-arredondada nasal, em qualquer ambiente:

[hõ̃] ~ [hã̃] perto

Há, também, segmentos fonéticos vocálicos que pertencem a um mesmo fonema por estarem em distribuição complementar:

[a] e [æ], esta, ocorrendo em contigüidade com [y]:

[wæykipɛgmũ] vai tomar banho no rio

[ŋga] terra

Considera-se, por conseguinte, a alofonia evidenciada pela flutuação e complementariedade, as oposições fonológicas entre os membros de classe de posição (anterior, central e posterior), de altura (altas, médias e baixas) e de ressonância (oral e nasal), elementos capazes de classificar os fonemas e possíveis realizações alofônicas:

/i/ [i]	/e/ [e]
	[ɪ]
/ɛ/ [ɛ]	/i/ [i]
/ə/ [ə]	/a/ [a]
	[æ]
/u/ [u]	/o/ [o]
/ɔ/ [ɔ]	/ĩ/ [ĩ]
	[ɪ]
/ẽ/ [ẽ]	/õ̃/ [õ̃]
/ũ/ [ũ]	/ȭ/ [ȭ]
	[õ̃]
	[ã̃]

São apresentados, na seqüência, os segmentos vocálicos constitutivos de fonemas distintos por estarem em oposição fonológica.

1) /i/ e /e/

/ʃi/ velho

/ʃe/ quati

2) /e/ e /ɛ/	
/re/ grama	/rɛ/ deixar atrás
3) /i/ e /ə/	
/yi/ atrás	/yə/ mulheres, moças (vocativo)
4) /ə/ e /a/	
/ʃə/ preto	/ʃa/ sal
5) /u/ e /o/	
/mru/ migalha	/mro/ tomar banho
6) /o/ e /ɔ/	
/ron/ cansar	/rɔn/ fazer cerca
7) /i/ e /i/	
/ki/ dentro	/ki/ rebentar
8) /i/ e /u/	
/ku'ti/ noite	/kutu/ surdo
9) /e/ e /ə/	
/me/ líquido	/mə/ sogra
10) /ə/ e /o/	
/mɔŋ/ maior	/moŋ/ crescer
11) /ɛ/ e /a/	
/yer/ estourado	/yar/ rasgado
12) /a/ e /ɔ/	
/ʃaŋ/ adulto	/ʃɔŋ/ espinho
13) /ĩ/ e /ẽ/	
/rĩr/ acordado	/rẽr/ ponta
14) /ũ/ e /õ/	
/mũ/ ir	/mõ/ jaboticaba
15) /ẽ/ e /õ/	
/pẽn/ pé	/põn/ cobra
16) /ã/ e /õ/	

/mã/ para	/mã/ jaboticaba
17) /i/ e /ĩ/	
/fi/ velho	/fi/ pequeno
18) /e/ e /ẽ/	
/me/ líquido	/mẽ/ sentir, tocar
19) /ɛ/ e /ɛ̃/	
/rɛn/ deixar para trás	/rɛ̃n/ surrar
20) /u/ e /ũ/	
/nuj/ pescoço	/nũj/ tirar
21) /o/ /õ/	
/ko/ comer	/kõ/ dentro de
22) /ɔ/ e /õ/	
/pɔ/ pedra	/põ/ embrulhado
23) /i/ e /ĩ/	
/ni/ rir	/nĩ/ mãe
24) /ə/ e /ə̃/	
/rə/ sinal	/rə̃/ quente
25) /a/ e /ã/	
/maj/ grande	/mãj/ mel
26) /a/ e /ã/	
/ka/ árvore	/kã/ dentro de

Incluimos, ainda, casos especiais sobre os quais faremos breve comentário:

Consoantes longas: encontrou-se três segmentos que em nível fonético, apresentam uma articulação longa: [p:], [t:] e [k:]. Foram observadas duas ocorrências: a) que os segmentos longos sempre ocorrem onde se encontram dois morfemas, o segundo iniciado por uma oclusiva e o primeiro terminado por uma nasal homorgânica da oclusiva; b) quando uma nasal no fim de um morfema se encontra com uma oclusiva heterorgânica no início do morfema seguinte ela é substituída por uma oclusiva surda lênis. Logo, seria o resultado do encontro, a

nível fonético, dos segmentos /m/, /n/ e /ŋ/ com os segmentos /p/, /t/ e /k/ respectivamente, sendo esta homorganicidade existente, responsável pela fusão e pelo alongamento.

Exs: /rɔm pi/ ⇒ [rɔ'p: i] não se abre

/pay aŋ ki/ ⇒ [payʔak: i] ela conhece os meus pais

Vogais eco: há casos neste dialeto de sílabas átonas em final de palavra serem constituída por uma aproximante e uma vogal, sendo que esta vogal será sempre igual à vogal acentuada da sílaba precedente. Logo, tanto a presença da vogal átona quanto a sua qualidade serão predizíveis.

Exs: /ŋoy/ ⇒ [ŋ'goyo] água

/ŋĩr/ ⇒ [ŋĩrĩ'] criança

Demonstrando assim, com relação à constituição silábica, que o número de sílabas da representação fonológica é menor do que o número de sílabas da representação fonética. Cabe mencionarmos aqui a análise silábica feita por duas autoras anteriormente mencionadas, Cavalcante e Kindell. Cavalcante explica esta ocorrência no dialeto de São Paulo por meio da regra de cópia de vogal; Kindell também menciona uma reduplicação ocorrida em alguns casos no dialeto falado no Paraná. Consideramos, portanto, que os três dialetos apresentam diferenciação silábica em ambos os níveis: fonético e fonológico.

Oclusiva glotal: há um argumento sobre este segmento a respeito da inexistência de vogais em início de palavra no Kaingáng, acarretando um encontro de duas consoantes. Estes segmentos seriam redundantes do ponto de vista fonológico, uma vez que quaisquer delas poderia ser suprimida sem comprometer a distinção das palavras. A questão levantada, contudo, é saber qual dos segmentos seria fonologicamente dispensado.

Uma consideração que desfavoreceria a oclusão glotal seria a de que todos os segmentos que ocorrem exclusivamente em início de sílaba, possuem propriedades [+consonantal] e [-vozeado], sendo que a oclusiva glotal além de ocorrer no início, ocorre também no final de sílaba, tendo assim um comportamento diferenciado dos segmentos consonantais não-vozeados. Argumenta-se ainda que a oclusiva glotal em fim de sílaba, coincide sempre com o final de enunciados interrogativos e exclamativos. Observou-se uma distinção entre esses enunciados e os assertivos, pela ausência da oclusão neste último, sendo, então, interpretada como marca intonacional. Estaria livre, portanto, de ser um segmento no início de palavra, antes porém, uma característica de fronteira inicial de palavra começada por vogal, sem valor segmental. Outro argumento seria, também, obedecer o critério da simetria,

ou seja, numa classificação dos fonemas consonantais não nasais em duas ordens principais: anteriores e posteriores e em duas séries - não contínuos e contínuos haveria uma lacuna na posição de contínuo posterior, ou se acrescentássemos a oclusiva glotal o desequilíbrio ficaria ainda maior:

	anteriores	posteriores
não contínuos	p t	k (?)
contínuos	ϕ ʃ	(h)

Ao contrário, se a fricativa glotal fosse incluída ao inventário teríamos um sistema mais simétrico. Assim, os argumentos acima procuram evidenciar a exclusão do segmento glotal oclusivo do inventário de segmentos fonológicos consonantais orais.

2.2.4 Dialeto do Chimbangue

Neste trabalho D'Angelis (1990) adota o modelo estruturalista de Pike (1947) a fim de explicar a fonologia da língua Kaingáng falada na região de Chapecó, oeste de Santa Catarina. Parte do corpus utilizado pelo autor para este trabalho fora colhido no tempo de convívio com os Kaingáng da região entre 1977 a 1987. Prosseguiremos, então, os comentários sobre esta análise, obedecendo a seqüência.

2.2.4.1 Sobre os vocóides

a) vocóides altos: [i], [ĩ], [ɨ], [u], [ũ]

- segmentos [i] e [ĩ]: entre eles há um par mínimo que evidencia a distinção de ambos:

[ɨ] velho e [ĩ] novo

[ti] possessivo de 3 pessoa do singular e marcador de 3 pessoa do singular masculino e

[tĩ] = [tin]=andar, ir. Entretanto, muitos outros exemplos mostram o verbo 'andar' ora registrado como [tĩ] ora como [tĩ̃] e ainda como [tin], fato este que parece demonstrar também a oposição entre [i] e [ĩ], de onde conclui-se serem ambos fonemas distintos.

- segmentos [ɨ] e [i]: não ocorrem em ambientes distintos e podem ser encontrados em variação livre, conforme visto em um exemplo:

[jɔ 'kɨj] [jɔ 'kɨ̃j]

Entretanto, há exemplos de pares mínimos entre [i], [ĩ] e [î]:

[ti] “dele”, prefixo possessivo de 3 pessoa

[tĩ] “andar”, “ir”, que pode variar com [tɪ̃n]

[ti] sufixo marcador de 3 pessoa, masculino

[tî] ~[tu]”no”, sufixo indicando lugar

A existência de pares não permite considerar o vocóide anterior [i] e o central [î] como alofones em variação livre, já que [ti] contrasta com [tĩ]. Supõe-se, então, que ambos os segmentos não estejam em variação em final de sílaba, conforme afirmou-se anteriormente, mas que [i] varia com [î] quando passa à sílaba tônica e, variação de [î] para [i] de sílaba tônica a pré-tônica. Logo, postula-se a existência de um fonema /i/ em Kaingáng; em sílaba tônica o fonema /i/ poderia realizar-se como [î];- existe um fonema /ĩ/ em Kaingáng; em sílaba pré-tônica o fonema /ĩ/ pode realizar-se como [i] ou como [u]; entre os segmentos [u] e [ũ̃]: verifica-se que [u] ocorre muitas vezes após [k], [h] e [ŋg] e que [ũ̃] pode ocorrer após [pr], [kr], [w] e [ŋgr], enquanto que, ambos os segmentos podem ocorrer após [m], [t] e [j]. Embora com ressalvas acerca das regras propostas, considera-se válido o contraste entre [tu] (sufixo marcador de lugar) e [tũ̃] (sufixo de negação) e, considerando que sua posição no enunciado é a mesma, pode-se distinguí-los: [nɔnʔˈtũ̃:n.] ‘sem mato’ [nɔnʔtu] ‘no mato’
Pode-se concluir, então, que /u/ e /ũ̃/ são fonemas distintos.

b) Vocóides médios [e], [ɛ], [ẽ], [o], [ɔ], [õ].

- segmentos [e], [ɛ], [ẽ]: contrastam entre si por meio de pares mínimos.

Exs: [fej] ‘flor’

[kre] ‘balaio’

[fɛj] ‘folha’

[krɛ] ‘toca’

[krẽ] ‘família, filhote, filho’

Considera-se, portanto, /e/, /ɛ/ e /ẽ/ fonema distintos.

- entre [o], [ɔ] e [õ] : encontrou-se um caso apenas de variação entre [o] e [ɔ], sendo que, também, parece não haver elementos suficientes para considerá-los fonemas distintos. O mesmo ocorre com [ɔ] e [õ] e entre [o] e [õ]. Preferiu-se, por conseguinte, relacionar esses

segmentos com o segmento [ã] pela sua proximidade. Assim, por meio dos exemplos abaixo poder-se-ia considerar [ã] e [ᶑ̃] como variantes:

[n'hõra tin?na]` de onde você veio`

[ã'hetaKen'tin?nɛ]` de onde você está vindo`

[õ?`inti] `tua casa`

Conclui-se que o termo utilizado para “você” (pronome pessoal de segunda pessoa do singular) e para “teu/tua”(pronome possessivo da segunda pessoa do singular) é o mesmo, ocorrendo com as variações [n] = [ã] = [ᶑ̃]

Atribui-se ao segmento [ã] a qualidade de alofone de [ᶑ̃].

Considerando, ainda, as relações de [ɛ], [ɔ] e [ᶑ̃]: encontra-se alguns casos nos quais [ɛ] varia para [ᶑ̃], por outro lado suspeita-se do caráter oral de [ɛ] em alguns casos que apresentam vizinhança nasal. Entretanto, há um exemplo que poderia sugerir um par mínimo, preferindo-se desta forma, considerar /ɛ/ e /ᶑ̃/ como fonemas distintos:

[ˈtɔjn] = palmeira

[ˈtejn] = butiá

[tejnˈror] = butiá

c) Vocóides Centrais

- segmentos [a] e [ã]: a recorrência da oral [a] é indiscutível em Kaingáng, ao contrário da nasal [ã], cuja ocorrência é bastante limitada. Vê-se em alguns exemplos que [a] e [ã] fazem alternância, embora em situações bastante duvidosas. Conclui-se, portanto que o segmento [ã] neste dialeto é um alofone de /a/, considerando sua ocorrência rara e limitada, e ainda, levando em conta a ausência de qualquer par mínimo entre ele e outro segmento.

- segmentos [ə], [ᶑ̃] e [ʌ]: percebe-se uma variação de [a] com [ᶑ̃] e de [ə] com [a]:

[..ta'mpɔ] [pɔtᶑ̃n..]

[...ta'mpɔ] [pɔtᶑ̃n..]

[ˈhətawī..] [..hatawī..]

Poderíamos esperar uma ocorrência de [tã] nos dois primeiros exemplos, isto é, [tã] ~ [tᶑ̃], de forma que, se [ã] ocorre neste caso é uma variação de [a] tal qual [ᶑ̃].

Foram, ainda, identificados nos dados outras correlações como:

- alternância de [Λ] com [Λ̃]

- alternância de [Λ] e [Λ̃] com [a]

Ex: [ta] , [tΛ] e [tΛ̃] (termo que indica estado ou modo)

- alternância de [ə] com [Λ]

Ex:[təj] e [tΛj] verde

-alternância de [ə] com [a]

Ex:[hə] e [ha] bom, bonito

- oposição de [Λ̃] com [a]

Ex: [rΛ̃] quente [ra] para

Considera-se todas as possíveis distribuições entre os segmentos e seus respectivos contextos, propondo finalmente serem /a/ e /Λ̃/ fonemas distintos. Tem-se, portanto, como fonemas vocálicos doze vogais, sendo sete orais e cinco nasais.

2.2.4.2 Sobre os contóides

Contóides oclusivos surdos: o segmento [p] parece ocorrer em contextos variados, oferecendo dificuldade no estabelecimento de uma regra; [t] pode ocorrer com vogais orais e nasais, com vogais anteriores, centrais e posteriores, aparecendo sempre no início de sílaba, a não ser em três exemplos:

[nɔnʔtu'tɪfi] `ele anda lá no mato`

[ũn'tʃifi] `menina`

[tipɛnt'fej] `os dedos dos pés`

Como se sabe [fi] trata-se de sufixo marcador de feminino, [ʃi] sufixo diminutivo e [fej] significa `folha`, assim pode-se considerar que o [t] antes dos segmentos não marca início de sílaba, senão que está no final da sílaba anterior. Entretanto, vê-se que esta é a posição típica de [t]. Este segmento, por sua vez ocorre sempre em posição final e antes de contóide surdo. Parece que a língua não permite a ocorrência de continuantes sonoras como [n], [j] ou [g]

seguidas imediatamente de segmentos surdos, de modo a introduzir um ensurdecimento da continuante pela presença de [t]. Este segmento, contudo, ocorre diversas vezes na língua, como em: [i:t] meu, minha; [kɔʃit] filho etc. Pensa-se, contudo que em todos os casos haveria uma nasal (identificando [d] com [n]), sendo tal nasal ensurdecida e realizada como dental surda, de onde se propõe ser [n] um alofone surdo da nasal. Considera-se, então, /t/ como fonema em Kaingáng, uma vez que não há restrições para sua ocorrência além de não podermos atribuir um papel de complementariedade com [d] e [t] como variação da nasal /n/.

- o segmento [k] pode ocorrer apenas em início de sílaba e com vogais orais e nasais; anteriores, centrais e posteriores, sejam elas fechadas, médias ou abertas, ou ainda formando encontro consonantal como [kr] igualmente seguido de qualquer vogal. Encontra-se, também, formando par com [ŋg]: [ŋga] terra [ka] porrete, de onde conclui-se ser /k/ fonema neste dialeto do Kaingáng.

- o segmento oclusivo glotal [ʔ]: observa-se a ocorrência deste segmento no final de palavra ou interpondo-se entre duas palavras. Pode-se exemplificar [ʔ] agrupando-o em várias ocorrências, contudo, somente por meio de duas dessas ocorrências pode-se estabelecer uma regra, a saber: ocorre oclusiva glotal surda inserida entre vogais sempre que um encontro de dois termos leve a um encontro inter-vocálico, sendo coerente com a análise silábica, uma vez que o Kaingáng não admite encontro de vogais no interior da palavra. Considera-se, por conseguinte a oclusão glotal provavelmente como elemento enfático do enunciado e/ou em fala compassada.

Contóides oclusivos sonoros e as nasais:

- segmentos [mb], [b] e [m]: o segmento [b] parece estar em posição final de sílaba e [mb] por sua vez ocorre sempre em início de sílaba, de onde se pode pensar em ambos como alofones em distribuição complementar. Comparando, entretanto, [mb] com [m] percebe-se que [mb] não ocorre com vogal nasal pondo em dúvida, inclusive o caráter oral das vogais que acompanham o segmento [m]. Porém, o que seria fundamental para estabelecer as relações de ambos seria a sua ocorrência em mesmo ambiente. Constatou-se, então, que as ocorrências de [mb] são apenas diante de vogais orais; as de [m] diante de vogais nasais ou orais quando não ocupe posição inicial de enunciado enquanto o segmento [b] apenas em final de sílaba, concluindo serem os três segmentos fonéticos alofones de um só fonema.

- segmentos [nd], [d], [dʔ] e [dn]: [nd] ~ [nd] ocorre apenas em início de sílaba e nunca antes de vogal nasal; [dn] ~ [dn] ocorre apenas em final de sílaba e nunca depois de vogal nasal; [d]~[d]~[dʔ] ocorre apenas em final de sílaba e nunca depois de vogal nasal, salvo algumas exceções; o segmento [n] ocorre em início de sílaba com as vogais orais [i], [ɛ] e [a] e com as nasais [i] e [ĩ] ou nasalizadas porque seguidas de [n] em posição final de sílaba. Semelhantemente ao que ocorre com [m] esse contóide nasal seguido de vogal oral não ocorre em início de enunciado, mas apenas em meio ou final de palavra ou em sufixos como [ne] e [na]; [n]~[nʔ] ocorre em final de sílaba e os dados não apresentam ocorrências depois de vogais centrais e ainda seguido de oclusiva glotal, que seria um indício para a existência desse contóide nasal em alguns registros. A palavra ‘mato’, por exemplo, [nɔ nʔ] ~ [nʔnʔ], a ocorrência de [n] inicial está indicando que a vogal é nasal, caso contrário teríamos [nd]. Assim, quando ocorrer uma nasal final como [n] ou [d] esta realiza-se como [t] quando ocorrer antes de consoante surda, incluindo este segmento, portanto, entre os alofones da nasal dental. Logo, existe um fonema consonantal nasal dental em Kaingáng que se realiza:

[nd], [nd], [n] no início de sílaba;

[dn], [dn], [nʔ], [t] no final de sílaba;

- os segmentos 1. [ng], [ŋ]; 2. [ɲ] só ocorrem em início de sílaba: a nasal [ŋ] poderá ocorrer em início de sílaba, formando encontro consonantal com [r] seguida de vogal nasal, enquanto que [ng] também formando encontro consonantal com [r] será seguido de vogal oral; a nasal [ɲ], entretanto, em início de sílaba ocorre apenas em sílaba terminada por [r].

- os segmentos 1. [ng], [ng], [ng], [ŋ]; 2. [g], [gʔ], [g], [gʔ], [g], [g], [gʔ] só ocorrem em final de sílaba: parece que [ng] em final de sílaba ocorre por falha na transcrição; o [ŋ] seria a realização da consoante nasal dental como velar em final de sílaba quando ocorre antes de [r]; o [g] seria falha de indicação do contóide não explodido; [gʔ] e [gʔ] seriam ocorrências em enunciados mais enfáticos que evidenciariam melhor a ocorrência de oclusiva final; [g], [gʔ] e [g] seriam ocorrências de [g] na proximidade de segmento palatal (sobretudo vocóides fechados [i], [ĩ] e o semivocóide palatal [j]); o mesmo vale para [ng] como variação de [ng].

Logo, este dialeto possui um fonema consonantal nasal velar com alofones em distribuição complementar.

Contóides fricativos

- os segmentos [f] e [s̺] são considerados fonemas distintos no dialeto do Chimbanguê, enquanto que os fricativos glotais surdo e sonoro [h̺] e [h], parecem estar em distribuição complementar, embora sua ocorrência seja bastante restrita. Assim, considera-se que /h/ possua alofones surdo e sonoro.

Contóide vibrante simples

- o segmento [r] pode ocorrer em início de sílaba acompanhado de todas as vogais identificadas (cf. p.p 43, 44), quando, porém, temos o [r] em posição final de sílaba ele ocorre depois de vogais orais. Não há qualquer relação entre [r] e [h], sendo que ambos ocorrem em ambientes semelhantes. Assim, conclui-se serem ambos /r/ e /h/ fonemas distintos.

Semivocóides

- os segmentos [w] e [u]: o [u] pode ocorrer juntamente com as vogais [e] e [ɛ] enquanto que o [w] encontra-se muitas vezes em início de sílaba e seguido por vogais altas e por vogais meio-abertas, além de ocorrer com um alofone de /a/, todavia, as vogais que ocorrem com um segmento também ocorrem como outro, sendo portanto, [w] e [u] variantes de um mesmo fonema. Não se admite o segmento [w] como alofone de uma vogal fechada ([u] ou [u̺]) uma vez que, a estrutura silábica da língua não permite o encontro entre duas vogais, considerando, ainda, a posição silábica de [w] que é típica de consoante nas sílabas CV desse dialeto.

- o segmento [j] não acompanha vogais anteriores altas (ou fechadas) e não forma encontros com contóides dentro da sílaba a não ser em final de sílaba com a nasal [n] e com [t] (como alofone de /n/). Há, portanto, nos dados encontro dos *semivocóides* e não encontro com vocóides. Desta forma, tem-se [j] por fonema consonantal em Kaingáng.

2.2.4.3 Análise da estrutura silábica

Foram encontrados os seguintes padrões silábicos no dialeto do Chimbanguê:

Sílaba V

Exs: [ɛ 'minʔ]

[ɔ 'rɛ]

Sílaba VC

Temos num primeiro caso a ocorrência de oclusiva glotal surda entre vogais que estabelece o padrão silábico VC, conforme:

Ex: [ɔʔ 'inti]

Por outro lado, poder-se-ia pensar em encontro consonantal intersilábico de tipo [ks], embora seja um caso único:

Ex: [ɔ 'ksɔ] (também)

Sílaba CV

Parece ser uma das formas preferidas da língua Kaingáng, pois são muitos os exemplos deste tipo de sílaba, sendo que a única ausência registrada é a do segmento [ʔ].

Sílaba VCC

Para se considerar esse tipo de construção silábica considera-se a oclusiva glotal surda [ʔ] após [n] e após [g] como fonema distinto. Assim, temos exemplos do tipo VCC como ocorrências a mais de VC:

Exs: [ɨ'mʔ]

[...əgʔ]

Sílaba CCV

Parece bastante freqüente, porém limitada, este tipo de sílaba, isto é, há apenas uma ocorrência de [f], de [w] e de [ɔ] em sílaba do tipo CCV, na posição indicada, sendo que para todos os outros exemplos desse tipo de sílaba ocorre [r] como consoante medial

Sílaba CVC

Este padrão silábico é também bastante encontrado, uma vez que considera-se os segmentos [w] e [j] como consoantes e não como vogais, caso contrário haveria padrões do tipo VVC ou CVV, contudo mantém-se o valor anterior dado aos segmentos.

Sílaba CCVC

Este tipo de sílaba pode ser encontrada em alguns exemplos embora sejam considerados muito restritos:

Exs: [krin]

[ngɾɛdn]

ou ainda como,

[ndʒor]

embora, nesta análise considera-se a africada palatal pré-nasalizada [ndʒ] como variante de [nd], tomando a sílaba como CVC.

Sílaba CVCC

Como não se considera a oclusiva glotal como fonema neste dialeto, não se toma como exemplos para este padrão silábico ocorrências de [ʔ] seguida de [n] ou [g], antes os encara como CVC.

A ocorrência de CVCC depende do comparecimento de [j + n] ou [j + t] no final de sílaba; de [p], [t], [k] e [w] ou [gw] em início de sílaba e dos vocóides [i], [ụ], [ɔ], [ɛ] e [a].

Sílaba CCVCC

Para considerar este padrão silábico, parte-se, novamente, da oclusiva glotal [ʔ] como alofone de [g] e [n], descartando, por exemplo, a possibilidade dela ocorrer em [krɔ̣nt]. Neste caso, há a possibilidade de uma falha na transcrição, sendo o segmento [n + t] nada mais que a realização de [t], considerado alofone de [n], resultando também num padrão do tipo CCVC.

Desta forma, considerou-se nesta análise um total de sete (7) padrões silábicos para o dialeto do Chimbanguê, a saber:

V = apenas em início de palavra*

VC = apenas no início de palavra

CV = em qualquer posição na palavra*

CVC = em qualquer posição na palavra*

CCV = em qualquer posição na palavra*

CCVC = em qualquer posição na palavra*

CVCC = em qualquer posição na palavra

Os padrões acima assinalados são aqueles que coincidem com outras análises anteriormente demonstradas.

Finalmente, poderíamos dizer com relação às diferentes abordagens trazidas neste capítulo sobre os diferentes dialetos da língua Kaingáng que cada qual parece apresentar características fonéticas bastante próprias. Estas semelhanças fonéticas são constatadas a partir da ocorrência variada de segmentos consonantais como os oclusivos pré e pós nasalizados, que embora sendo freqüentes em quase todos os dialetos, apresentam nuances na sua produção; a ocorrência de nasal lábio-dental no dialeto falado em Pinhalzinho e a ausência desta no dialeto do Chimbanguê; a ocorrência de fricativa lábio-dental sonora no dialeto central e ausência desta em outros; a presença e valor dados às vogais longas cujo dialeto falado em Pinhalzinho não apresentou tal característica no inventário fonológico das vogais; assim como, o critério para o *status fonêmico* dado a determinados segmentos [w] e [v] por exemplo no dialeto Central, diferente dos demais, além de outras discutidas oportunamente. Há, também, várias semelhanças entre os dialetos, demonstradas na análise como: a função e valor suprasegmental dados ao segmento oclusivo glotal, que parece ser de consenso, assim como a questão do acento em Kaingáng, que é considerado predizível (cf. p.22) ; além da análise silábica que, embora demonstre algumas divergências nos resultados, procura dar conta de todas as possibilidades a partir da análise fonética e fonológica dos padrões, chegando a padrões uniformes (cf. p. 21).

2.3 Situação Linguística Atual

Quando falamos do grupo indígena Kaingáng estamos falando do maior grupo de línguas indígenas do sul do país, pertencente à família linguística Je, maior família que constitui o Tronco Macro-Je (Rodrigues, 1986). A família Macro-Je é composta de 37 línguas que possuem um total de 36,332 falantes distribuídos nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, sendo as línguas Kaingáng e Xokleng restritas ao estado de Santa Catarina (Vandresen, 1993).

Sabe-se que o número total de falantes do Kaingáng soma aproximadamente 10.426 (Rodrigues, 1986; Grimes, 1988) em todo território nacional, muito embora encontremos também o número de 16.000 (Teixeira, 1988).

Há, contudo, que se falar da língua Kaingáng em seus diferentes dialetos. A língua Kaingáng, segundo os estudos já feitos até o momento possui cinco dialetos, sendo eles

discriminados, segundo Ursula Wieseemann, 1972 como: a) dialeto de São Paulo, falado ao norte do rio Paranapanema, no estado de São Paulo; b) dialeto do Paraná, falado na área compreendida entre os rios Paranapanema e Iguaçú; c) dialeto central, falado na área compreendida entre os rios Iguacu e Uruguai (vide mapa em anexo); d) dialeto Sudoeste, falado ao sul do rio Uruguai e oeste do rio Passo Fundo; e) dialeto Sudoeste falado ao sul do rio Uruguai e a leste do rio Passo Fundo. (Wieseemann 1972:1). O chamado dialeto Central é, portanto, objeto do nosso estudo. O material utilizado para o estudo fonológico deste dialeto fora coletado nas proximidades do município de Xanxerê, Imarema e Ipoaçu - SC, na Área Indígena de Pinhalzinho.

Há uma estimativa quanto ao número de indígenas na região, segundo registro da Administração Regional de Chapecó (1991), que daria um total de 5.250 pessoas. Deste total, haveriam aproximadamente 3.673 Kaingáng, dos quais nada se pode afirmar acerca da competência lingüística dos falantes seja em nível de Santa Catarina, seja de reserva indígena. Poderíamos até mesmo dizer que a população indígena Kaingáng está em contato permanente com a língua portuguesa e com a cultura do branco, conforme VANDRESEN aborda in *Brazil: Language Situation* com relação às classificações dos povos indígenas, o que explica em parte o problema da competência lingüística com a qual nos deparamos e da qual trataremos na sequência. O problema da competência lingüística só vem confirmar a importância do estudo de línguas indígenas no Brasil e em Santa Catarina, de modo a formar grupos de pesquisadores e professores devidamente treinados para atenderem as necessidades do povo índio em se tratando de educação, seja nas escolas indígenas ou em grupos aleatórios, auxiliando no aprendizado e na veiculação da língua indígena ainda nos dias de hoje.

CAPÍTULO III

3 ANÁLISE DOS SEGMENTOS

Pretendemos, primeiramente, neste capítulo fazer um levantamento fonético do corpus coletado, a partir da exposição dos quadros dos segmentos consonantais e vocálicos seguidos de comentários pertinentes a cada um dos segmentos. Na seqüência analisaremos os casos específicos de pré e pós-nasalização levantando os questionamentos que nos encaminharam à análise acústica, esta por sua vez será feita no capítulo seguinte. Para a transcrição fonética dos dados utilizamos o alfabeto da Associação Fonética Internacional.

QUADRO DOS SEGMENTOS CONSONANTAIS

	Bilabial	Lábio-Dental	Alveolar	Pós-Alveolar	Retroflé xo	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p b		t d				k g	ʔ
Pré-nasalizadas	mb		nd				ŋg	
Pós-nasalizadas			dn				gŋ	
Nasais	m	ɱ	n			ɲ	ŋ	
Fricativas		f v	*s			ʃ *ʒ	x	h
Africadas						*tʃ dʒ		
Tap			r					
Aproximantes	w				ɹ	y		

(os segmentos acompanhados da legenda * são considerados empréstimos)

3.1 Segmentos consonantais

3.1.1 Oclusivas Bilabiais

As oclusivas bilabiais [p] e [b] podem ocorrer em todos os ambientes, exceto a sonora que não ocorre em final de palavra, a saber:

1.[pu]	`desaparecido`	5.[mbəd]	`marido`
2.[épra]	`chão`	6.[bigbig]	`relâmpago`
3.[kɔpkɔp]	`relâmpago`	7.[mǽbæg]	`abelha`
4.[mbu]	`broto`	8.[tɛɾɐp]	`abaixar varal`

3.1.2 Oclusivas Alveolares

No caso das alveolares [t] e [d], somente a surda não ocorre em final de palavra, sendo os demais ambientes comuns a ambas:

9.[ta]	`chuva`	13.[ndugŋ]	`barriga`
10.[kitud]	`berne`	14.[ndʒid]	`costas`
11.[tətə]	`mulher`	15.[dɛyd]	`cozinhar`
12.[ndotɛy]	`espingarda` (arma longa)		

3.1.3 Oclusivas Velares

As alveolares surda [k] e [g] sonora podem ocorrer em final de palavra, conforme:

16.[kōka]	`vento`	20.[retik tɛy]	`caminho alto/longo`
17.[kri]	`cabeça`	21.[niŋɛ]	`mão`
18.[ya kri]	`joelho`	22.[ŋga]	`piolho`
19.[kutik]	`noite`	23.[mbæg]	`grande`

A oclusiva glotal [ʔ] ocorre precedida de vogais em quaisquer ambientes, exceto em início de sílaba e/ ou em encontros consonantais, conforme:

[yaʔ fɛ]	`ninho`	[tǽʔ]	`parar`
[eʔ]	`bastante`	[toʔ ɛ]	`provocar`

3.1.4 Nasais

A nasal bilabial [m] e a nasal alveolar [n] podem ocorrer em início, meio e final de palavra, como nos exemplos:

24.[mæg]	`mel`	28.[ẽmin]	`caminho`
25.[mĩfi]	`gato`	29.[ni]	`carne`
26.[yamẽ]	`figado`	30.[kakanẽ]	`fruta`
27.[nũm]	`dobrar`	31.[mõniõka]	`mandioca`

Quanto às nasais palatal [ɲ] e a velar [ŋ], também podem ocorrer em início, meio e fim de palavra:

32.[ɲemuɲe fe]	`o coração do macaco`	36.[ŋga]	`terra`
33.[kaɲer]	`macaco`	37.[ŋgɔor]	`barro`
34.[kivẽɲ]	`sangue`	38.[aŋ]	`eles`
35.[ɲorad]	`baba`	39.[prõŋ]	`ano`

Há ainda que mencionar o caso especial de pré e pós-nasalização que ocorre com as nasais bilabial, alveolar e velar seguidas das suas respectivas oclusivas, caso este a ser tratado no capítulo quatro.

Além das referidas nasais há o segmento nasal lábio-dental [ɱ] que pode ocorrer em início e meio de palavra e/ou entre vogais nasalizadas altas e médias baixas:

40.[m̃i]	`falar`	42.[m̃j̃eɪ]	`defunto`
41.[gɔdm̃ẽ]	`sabiá`	43.[goy m̃ũ]	`redemoinho de rio`

3.1.4.1 Vibrante e Aproximante

A vibrante retroflexa [ɻ] e a aproximante alveolar [r] encontram-se em variação livre, podendo ocorrer em início, meio e final de palavra:

44.[ɻõ]	[rõ]	`sol`
45.[ɲoɻe]	[ɲore]	`três`
46.[nũɻ]	[nũr]	`dormir`

47.[ndoɹ] [ndor] `buraco`

48.[gɔoɹ] [gɔor] `lama`

Ambos os segmentos formam, ainda, encontros consonantais com os segmentos oclusivos bilabiais surdo e sonoro e oclusivos velares surdo e sonoro e com as nasais bilabial e velar, conforme os exemplos abaixo relacionados:

49.[prãŋ] `ano` 50.[yapri] `caminho`

51.[mbrɛ] `com` 52.[mbro] `nadar`

53.[mbɥɛ] `molhado` 54.[krɛŋkufɔr] `peixe`

55.[yakri] `joelho` 56.[tame kupri] `pulmão`

57.[niŋru] `garra, unha` 58.[ŋɛŋkɔŋgra] `quatro`

59.[mrɛŋ] `cinza` 60.[mɥu] `cipó`

61.[mrɔn mrɔn] `surrar` 62.[niŋrɛg] `orelha`

63.[ɥɛŋɥɛ] `dois` 64.[ŋrɔ] `lado`

3.1.5 Fricativas

A fricativa lábio dental surda [f] ocorre em posição inicial e medial de palavra:

65.[fɛ] `coração` 66.[ka fey] `flor`

Já o segmento fricativo lábio- dental sonoro [v] realiza-se também como glide lábio-velar [w] e como nasal lábio-dental [ŋ]:

67.[kivɛŋ] [kiŋɛŋ] `sangue`

68.[vi] [ŋi] `falar`

69.[goy kuʃa tamji] `a água está gelada` [ŋga futfuɥ e? tɔwi] `tem muita poeira`

70.[wɔ ke ti ti] [ŋɔke ti ti] `ele diz: “não”`

As fricativas alveolar surda [s] e palatal sonora [ʒ] ocorrem somente em casos de empréstimos, a saber:

71.[gaʃa] `garsa` 72.[ʒɛnte] `gente`

A fricativa pós-alveolar surda [ʃ], entretanto, pode ocorrer em posição inicial e medial de palavra:

73.[ʃe] `preso` 74.[kiʃɔ̃] `lua`

As fricativas glotal [h] e a velar surda [x] ocorrem em variação livre, conforme os exemplos abaixo:

75.[həhow] [xəxow] `pluma`

76.[həke] [xəke] `sarar`

77.[had had] [xad xad] `fácil`

1.7. Africada

A africada palatal surda [tʃ] ocorre somente nos casos de empréstimos, conforme visto no vocábulo abaixo:

[aritʃikũ] `urucum`

A africada palatal sonora [dʒ] pode ser encontrada em início e meio de palavra, diante da vogal oral [i], conforme:

*[dʒəkəkɾe] `raposa` [ndʒid] `costas`

[ʃidʒiwd] `beijar`

1.8. Glides

Os segmentos bilabial sonoro [w] e o palatal [y] podem ocorrer em início, meio e final de palavra, a saber:

78.[wõɫ fi] `guarda pra semente` 79.[wenbed] `conversar`

80.[tútəwĩ] `nenhum` 81.[ow] `ovo`

82.[yɔ̃fitɛy] `flauta` 83.[yɔ̃ kiyd] `minhoca`

84.[ɔyɔɾ] `anta` 85.[kafey] `flor`

QUADRO DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS

			Anterior	Central	Posterior
			não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred
ORAL	ALTO	Fechado	i	ɨ	u
		Aberto			
	MÉDIO	Fechado	e	ə	o
		Aberto	ɛ		ɔ
	BAIXO	Fechado			
		Aberto		a	
NASAL	ALTO	Fechado	ĩ		ũ
		Aberto			
	MÉDIO	Fechado	ẽ		õ
		Aberto	ɛ̃		ɔ̃
	BAIXO	Fechado			
		Aberto		ã	

3.2 Segmentos vocálicos orais

Vogais Altas

Vogal anterior alta, fechada [i]:

Não há restrições em relação às consoantes, isto é, podem ocorrer diante de quaisquer uma delas, em meio ou final de palavra, sendo que, em posição inicial é realizada também como glide palatal, conforme os exemplos abaixo:

- 86.[pi] `incapaz` 87.[jihə] `adulto`
 88.[kri] `cima` 89.[ni] `criança`
 90.[iakri̯] [yakri̯] `joelho` 91.[iapri] [yapri] `caminho`

Vogal central alta, fechada [ɨ]:

Pode realizar-se diante de quaisquer segmentos consonantais, em meio e final de palavra, conforme os vocábulos abaixo:

- 92.[j^hẽnkĩ] `boca` 93.[kiki] `pena,pluma`
94.[yə kiyd] `minhoca` 95.[kuti] `noite`

Vogal posterior alta, fechada [u]:

Também não há restrições à sua ocorrência diante de segmentos consonantais, ocorrendo em meio e final de palavra:

- 96.[mbu] `broto` 97.[kitud] `berne`
98.[bafu] `pinta` 99.[huke] `tragar`

Vogal anterior, média, meio-fechada [e]:

Pode ocorrer diante de quaisquer segmentos consonantais, em início, meio e final de palavra, a saber:

- 100.[eʔ] `bastante` 101.[nde] `o quê`
102.[kuyey] `artéria` 103.[ʃe] `quati`

Vogal posterior média, meio-fechada [o]:

Pode também ocorrer diante de quaisquer segmentos consonantais, podendo inclusive, preceder o glide bilabial em início de palavra. Encontra-se, portanto, em início, meio e final de palavra, conforme abaixo, respectivamente:

- 104.[oŋ] `tomar` 105.[ow] `ovo`
106.[ndo] `flecha` 107.[ɔyɔr] `anta`

Vogal central meio-fechada [ə]:

Não há restrições para a sua ocorrência diante de segmentos consonantais, podendo encontrar-se em meio e final de palavra, a saber:

- 108.[təy] `azul` 109.[mbə] `rabo`
110.[ʃə] `preto` 111.[fər] `pele`

Vogal anterior meio-aberta [ɛ]:

Pode ocorrer em posição inicial, medial e final, bem como diante de quaisquer segmentos consonantais, como:

112.[exe]	`grande`	113.[fɛɪ]	`alegre`
114.[nĩgɛ]	`mão`	115.[kafɛy]	`folha`
116.[ted]	`matar`	117.[tame]	`figado`

Vogal posterior meio-aberta [ɔ]:

Pode ocorrer em início, meio e final de palavra, sem restrições aos segmentos consonantais que seguem conforme exemplos abaixo:

118.[ɔyɔr]	`anta`	119.[tɔdn]	`aquecer`
120.[kɔkĩɲ]	`fome`	121.[wɔɲ]	`mexer`
122.[hɔhɔw]	`pluma`	123.[nĩdɔ]	`braço`

Vogal baixa, anteriorizada [a]:

Não há restrições quanto aos segmentos consonantais que seguem, podendo ocorrer em início, meio e final de palavra:

124.[aɲ]	`eles`	125.[pafa]	`mamar`
126.[kera]	`diga!`	127.[ta]	`chuva`
128.[pra]	`morder`	129.[nũda]	`pilar`

3.3 Segmentos vocálicos nasais

Vogal anterior alta, fechada, nasalizada [ĩ]:

Pode ocorrer diante de quaisquer segmentos consonantais, em meio e final de palavra, bem como posposta ao grupo consonantal [kr], conforme:

130.[pĩ]	`fogo`	131.[fĩ]	`pequeno`
132.[mĩfĩ]	`gato`	133.[Kriɲĩ]	`cabeça`

Vogal posterior alta, fechada, nasalizada [ũ]:

Pode ocorrer diante de quaisquer segmentos consonantais; em início, meio e final de palavra, bem como posposta ao grupo consonantal [kr] e/ou [mr]:

- | | |
|------------------------|---------------------|
| 134. [ũ] `quem` | 135. [nũ] `bravo` |
| 136. [kuʃũ] `vermelho` | 137. [tũ] `possuir` |
| 138. [kukrũ] `panela` | 139. [mrũr] `cipó` |

Vogal anterior, meio-fechada, nasalizada [ẽ]:

Da mesma forma, pode ocorrer diante de quaisquer segmentos consonantais; em início, meio e final de palavra, e ainda posposta ao grupo consonantal [kr]:

- | | |
|-----------------------|------------------------------|
| 140. [ẽprə] `caminho` | 141. [pẽn kra] `pulmão dele` |
| 142. [jẽn] `boca` | 143. [krẽkufər] `peixe` |

Notamos que a vogal nasalizada [ẽ] pode também realizar-se como [ẽ̃], principalmente em ambientes seguidos ou precedidos por nasal. Assim, poderíamos ter ambas as realizações:

- | | |
|-----------------------------|--|
| 144. [jẽn] ou [jẽ̃n] `boca` | 145. [pẽn kra] ou [pẽ̃n kra] `pulmão dele` |
|-----------------------------|--|

e ainda,

- | | |
|-----------------------------------|----------------------------------|
| 146. [iẽmi] ou [iẽ̃mi] `espremer` | 147. [mbẽg] ou [mbẽ̃g] `machado` |
|-----------------------------------|----------------------------------|

Vogal posterior meio-fechada, nasalizada [õ]:

Neste caso também não há restrições à sua realização com segmentos consonantais, ocorrendo em posições inicial, medial e final de palavra, conforme os exemplos que seguem:

- | | |
|--------------------------|------------------------------|
| 148. [õmẽ] `é você` | 149. [õŋ] `bocejar` |
| 150. [põpõke] `derreter` | 151. [kõn dõ] `buraco fundo` |
| 152. [kakõ] `cara` | 153. [kiõ] `lua` |
| 154. [õ] `sol` | 155. [fõn] `encher` |

Igualmente ao que ocorre com a vogal anterior meio-fechada [ẽ], a vogal [õ] também realiza-se como vogal posterior meio-aberta [õ̃] em vários casos, sobretudo em vizinhança nasal. Há que se tratar aqui da confusa realização dos segmentos [õ] e [õ̃] em Kaingáng que parecem ocorrer em variação livre em alguns casos, dificultando inclusive, a decisão quanto ao seu

status fonêmico sobre o qual trataremos quando da abordagem fonológica. Podemos demonstrar com os seguintes exemplos:

156. [õ m̃ɛ] ou [õ̃ m̃ɛ] `é você`

157. [õŋ] ou [õ̃ŋ] `bocejar`

158. [kõn dõ] ou [kõ̃n dõ] `buraco fundo`

159. [ŋrõŋ] ou [ŋrõ̃ŋ] `assar`

Vogal anterior, meio-aberta, nasalizada [ẽ̃]:

Ocorre em posição inicial, medial e final de palavras, diante de quaisquer segmentos consonantais e posposta ao grupo consonantal [kr], conforme demonstrado abaixo:

160. [ẽkrɛy] `caçar`

161. [ẽŋ] `nós`

162. [kõŋẽ] `permenecer`

163. [jẽ̃fi] `ave`

164. [mẽ̃] `ouvir`

165. [krẽ̃] `filhote`

Como já citamos anteriormente, as vogais anteriores, meio-fechada e meio-aberta [ẽ] e [ẽ̃] parecem se apresentar como alofones de um só segmento. Sobre o status fonêmico, no entanto, trataremos no capítulo cinco.

Vogal posterior, meio-aberta, nasalizada [õ̃]:

Pode ocorrer em início, meio e final de palavra, diante de quaisquer segmentos consonantais, como por exemplo:

166. [õ̃] `você`

166. [ŋõ̃] `dente`

167. [kõ̃ɫ] `hematoma`

168. [tõ̃g] `manteiga`

169. [fõ̃] `colher`

170. [fõ̃n] `encher`

Como no caso das anteriores, as vogais posteriores nasalizadas meio-fechada e meio-aberta [õ] e [õ̃] parecem ser realizações diferentes de um mesmo segmento, questão esta a ser tratada mais detalhadamente no capítulo quatro.

Finalizamos a análise dos segmentos com a vogal baixa, central, nasalizada [ã̃]:

Esta, por sua vez, pode ocorrer diante de todos os segmentos consonantais e em meio e final de palavra, conforme:

171.[fã]`cume`

172.[fã]`febre`

173.[pãdoy]`cume`

174.[kãnga]`doença`

CAPÍTULO IV

4 ANÁLISE ACÚSTICA

Neste capítulo temos por objetivo analisar alguns problemas de caráter acústico/perceptual relativos à pré e pós-nasalização encontradas no dialeto Central da língua kaingáng. Após tentativas com outros programas computacionais, acreditamos que o “Kay Elemetrics” é o software mais indicado, neste momento, para uma análise acústica que, embora não pretenda ser exaustiva, intenciona elucidar melhor a análise fonológica, fazendo-o por meio de exibições gráficas e numéricas, demonstrando resultados precisos. Os resultados estatísticos, no entanto, foram obtidos por meio de um software elaborado especificamente para este objetivo.

A análise acústica é o resultado de cinco meses de análise utilizando como instrumento o programa computacional “Kay Elemetrics”. Entretanto, sofremos perdas de dados e problemas de ordem técnica que não possibilitaram o armazenamento de um maior número de dados, impedindo, conseqüentemente que outras variáveis pudessem ser levadas em conta. Assim, acreditamos ser esta análise acústica parcial, com um resultado também parcial.

Os dados analisados com este software foram selecionados do total de dados por nós obtidos em duas pesquisas de campo.

O processo obedecido no critério de seleção dos dados para esta análise foi o seguinte:

- 1) entrada de dados - palavras e enunciados - em arquivos, com filtragem ;
- 2) gravação de cada arquivo em disquete;
- 3) manuseio dos arquivos para as devidas segmentações nas palavras e/ou enunciados;
- 4) transcrição fonética de cada arquivo selecionado;
- 5) análise do espectrograma de cada arquivo selecionado;
- 6) gravação do espectrograma em arquivos para impressão das figuras;
- 7) demarcações de tempo inicial, intermediário e final das respectivas nasais em seus diferentes contextos;
- 8) cálculo da duração aproximada de cada nasal;
- 9) visualização do espectro de FFT e de LPC;
- 10) obtenção de resultados numéricos relativos à FFT (frequência em Hertz (Hz)) e à LPC com informação formântica;
- 11) cálculo de cada formante relativo a cada uma das nasais;
- 12) análise estatística incluindo média aritmética e cálculo do desvio padrão de cada formante.

Como critério de análise, também, delimitamos o número de dados a serem considerados para cada caso de pré e/ou pós-nasalização, e conseqüentemente, o número de nasais a serem analisadas. Assim, para cada caso de pré-nasalização - a saber [mb] [nd] e [ŋg] e para os casos de pós-nasalização [dn] e [gŋ] foram selecionados cinco (5) dados, formados de palavras isoladas e frases. Para a apresentação e análise acústica dos dados faremos a exposição das figuras relativas a cada aspecto acústico por nós abordado.

4.1 Considerações:

Conforme visto no capítulo 2, os diferentes autores têm concordado em algumas considerações sobre a pré e pós-nasalização e divergido em outras, por isso pensamos ser esta análise acústica mais uma contribuição para a língua Kaingáng, uma vez que não há nenhum trabalho com esta abordagem sobre este dialeto.

Analisando os dados coletados na reserva indígena de Pinhalzinho, do ponto de vista perceptual, constatamos a realização dos segmentos oclusivos sonoros [b], [d] e [g] precedidos por nasais homorgânicas e alguns casos de segmentos oclusivos sonoros [d] e [g] seguidos por nasais homorgânicas em final de sílaba. No transcorrer do trabalho questionamos acerca de alguns problemas que procuraremos resolver a partir da análise acústica proposta. São eles: a) o caso da pré-nasalização em Kaingáng pode ser devidamente respaldado do ponto de vista fonético ou se trata de uma questão estritamente fonológica?; b) há, de fato, ocorrências pós-nasalizadas ou seriam casos de uma oclusão, em final de sílaba; e, c) há como provar a presença das nasais nestes ambientes por meio de representações espectrográficas, mesmo considerando a semelhança de ambos os segmentos (oclusiva sonora e nasal) do ponto de vista fonético/perceptual?

Sobre a questão específica de pré e pós-nasalização no Kaingáng Central, queremos brevemente mencionar a ocorrência desses segmentos, para melhor elucidação.

- [mb] ocorre sempre diante de vogais orais, em início ou meio de enunciado, enquanto [m] ocorre antes de vogais nasais em início de enunciado, ou diante de vogais orais ou nasais em meio de enunciado.

- [n] ocorre em início de sílaba com as vogais orais [ɛ] e [i] e com as nasais [ĩ] e [ũ]; em final

de sílaba com [ĩ] e [ũ], com [ẽ], com [õ] e [ɛ̃] e ainda com [ã]; enquanto que o segmento pré-nasalizado [nd] ocorrerá sempre em início e meio de sílaba ou início e meio de enunciado, seguido de vogal oral além de palatalizar-se quando seguido da vogal oral alta [i] e/ou da vogal média [ɔ]; e um segmento pós-nasalizado [dn] em finais de sílabas seguidos das vogais orais [i], [ĩ], [e], [ɛ], [a].

- [g] e [gŋ] podem ocorrer em final de sílaba precedido por vogais orais idênticas, enquanto [ŋ] e [ŋg] podem ocorrer em início de sílaba, [ŋ] é seguido de vogal nasal e/ou formando grupo consonantal com [r], enquanto [ŋg] é seguido de vogal oral e/ou também formando grupo consonantal com [r].

Acreditamos, assim, que este capítulo poderá nos ajudar a responder estas questões e, aliado a isso, estabelecer formalizações mais precisas acerca dos segmentos pré e pós-nasalizados do dialeto central da língua Kaingáng. Consideramos importante, então, fazê-lo por meio da análise acústica dos segmentos nasais. Para tanto, adotamos o seguinte procedimento: a) calcular a duração de cada um dos segmentos nasais a partir da diferença estabelecida entre o tempo inicial e o tempo final; b) analisar a frequência de cada um deles através do cálculo dos formantes; e c) demonstrar a sua amplitude. Antes, porém, de darmos início à demonstração dos dados convém tecermos algumas considerações teórico/acústicas, necessárias ao prosseguimento da análise.

4.2 Sobre os sons orais:

Para a produção dos sons orais da voz, o processo articulatório ocorrido é o levantamento do véu-palatino, e por conseguinte, o fechamento completo da entrada das cavidades nasais, de forma que o fluxo laringal passe unicamente através da cavidade faringo-bucal. Seria o caso de todas as vogais orais. A cavidade faringo-bucal age como um conjunto de ressonadores¹ mais ou menos amortecidos, que modifica a amplitude relativa dos componentes espectrais do fluxo laríngeo, reforçando os harmônicos vizinhos das frequências de ressonância. Essas zonas frequenciais favorecidas pelo sistema ressonante caracterizam o

¹ Ressonadores porque ampliam certos feixes de frequência que são determinados por sua forma e por seu volume.

timbre do som: são os formantes. As cordas vocais servem para modular a corrente de ar que sai dos pulmões, chamada por Fletcher, 1953 de corrente direta, sobreposta a ela uma corrente vibrante ou flutuante, designada como corrente alternada. Essa corrente alternada tem frequências que vão de 8 Hz até 8.000 Hz ou mais. “É a capacidade das cavidades de reforçar seletivamente grupos de harmônicos (formantes) que permite a produção de vários sons da fala.”(Fletcher 1953:10).

4.3 Sobre os sons nasais:

Do ponto de vista acústico, as cavidades nasais se colocam em paralelo ou sobre a cavidade bucal; a acoplagem entre as duas é regulada pela posição do véu palatino, sendo a função de transferência de um tal sistema extremamente difícil de determinar. Por exemplo, no caso das vogais, constata-se que a nasalização introduz, no espectro da vogal oral correspondente, perturbações que se manifestam pela aparição de ressonâncias (extra-formantes)² e também de anti-ressonâncias (anti-formantes)³ suplementares, assim como pelo enfraquecimento da intensidade dos formantes próprios à vogal.

4.4 Sobre as oclusivas orais sonoras:

Fluxo laríngeo entra na cavidade faringo-bucal, que apresenta uma oclusão tal que a sobrepressão acima da glote se abrande (e acabará por parar) as vibrações das cordas vocais. O relaxamento da pressão de ar produz um ruído impulsionado, que se combina com o som periódico⁴ da cordas vocais. Esta classe de sons é composta pelas oclusivas sonoras [b], [d] e [g]. Para /b/ a constrição é feita nos lábios; para /d/, a constrição é atrás dos dentes; e para /g/, é perto do véu palatino. Visto que os sons oclusivos são dinâmicos por natureza, suas propriedades são altamente influenciadas pela vogal que segue a consoante oclusiva.

² Extra-formantes porque não dependem dos ressonadores faringo-bucais.

³ Anti-formante: faixa estreita de frequências atenuadas ou eliminadas.

4.5 Sobre as nasais sonoras:

Já mencionamos, anteriormente, o papel determinante do véu-palatino na produção das vogais nasais, de forma que esteja abaixado e permita que o fluxo laríngeo entre, ao mesmo tempo, nos ressonadores faringo-bucal e nasais, acusticamente acoplados. Desta forma, o trato oral serve como cavidade de ressonância que capta energia acústica a certas frequências naturais. Há excitação glotal. Uma vez bloqueado no trato oral pela oclusão, o ar pode escapar pelas narinas. A duração não é mais limitada no tempo. O relaxamento da oclusão produz um ruído impulsionado, que se sobrepõe ao fluxo laríngeo que atravessa o trato nasal. Esta classe de sons é composta pelas consoantes nasais [m], [n], [ɲ].

Conforme a posição da oclusão no trato oral, as cavidades ressonânticas das consoantes oclusivas nasais são diferentes das consoantes oclusivas orais pela passagem do fluxo laríngeo pelas narinas. As consoantes nasais são caracterizadas por ressonâncias que são espectralmente mais largas ou mais amortecidas (diminuição de amplitude). Entretanto, globalmente, o espectro dessas consoantes é muito semelhante àqueles das oclusivas sonoras do mesmo ponto de articulação. Alguns estudos já foram realizados sobre as semelhanças entre as nasais [m, n, ɲ] e as oclusivas [b, d, g]. Segundo, Baken, R.J. e Daniloff, R G. (1991), as consoantes nasais [m, n, ɲ] são articuladas por uma combinação de dois movimentos: 1) movimento de língua ou lábio até o fechamento completo do trato oral; 2) abaixamento do véu. O abaixamento do véu, por sua vez, introduz uma abertura para a faringe dentro da passagem nasal - a chamada abertura velofaríngeo. Acusticamente observando, os movimentos de oclusão oral das nasais são semelhantes aos movimentos dos oclusivos sonoros [b, d, g] em que o movimento constritivo da língua ou lábio é rápido, formando uma oclusão total, ocasionando dificuldades em sua distinção à nível perceptual.

Se, por um lado, as oclusivas e nasais apresentam similaridades entre si, possuem também diferenças relevantes, segundo os autores:

- 1) as oclusivas apresentam soltura/relaxamento, enquanto as nasais não;

⁴ Um corpo apresenta vibração periódica quando, a intervalos de tempo iguais chamados de período, ele retorna à mesma posição nas mesmas condições.

2) as nasais têm intensa constrição-murmúrio;

3) (caso mais específico de algumas línguas como o inglês) trata das vogais adjacentes que são nasalizadas quando em ambiente nasal, o que não ocorre quando em vizinhança com as oclusivas.

Sabemos que a língua Kaingáng não se identifica com o terceiro aspecto relacionado acima, uma vez que possui fonemas vocálicos orais e nasais seguidos de consoante nasal.

Sobre o murmúrio nasal, convém salientar que o mesmo manifesta-se no espectrograma mais ou menos em 300 Hz e é a principal pista visual da oclusiva nasal.

Analisando, o padrão silábico no dialeto Central observamos que, foneticamente, as sílabas podem ser do tipo C(C)V(C)C quando estas consoantes entre parênteses forem oclusivas sonoras e formarem pré e pós-nasalização, respectivamente, ou então, podemos encontrar um padrão silábico do tipo CC(C)V quando a consoante entre parênteses for uma aproximante. Notamos que, no primeiro caso, isto é, no padrão C(C)V(C)C a vizinhança entre os segmentos consonantais - nasal + oclusiva - é admissível considerando o intenso grau de constrição e, por conseguinte, valor [+sonoro] atribuído á nasal (segundo matriz fonética de Cavalcante, 1987. Da mesma forma, no segundo caso do tipo CC(C)V, em se tratando da aproximante alveolar, a possibilidade de encontrarmos pré-nasalização seguida de aproximante, existe devido ao caráter constritivo e valores [+sonoro] e [+voc] do segmento aproximante.

Como mencionamos, anteriormente, o segmento oclusivo bilabial pré-nasalizado, no dialeto central, ocorre em início de sílaba seguido de vogal oral. Seleccionamos, então, algumas figuras que exemplificarão as ocorrências das oclusivas bilabiais pré-nasalizadas. Optamos por nominalizar cada ocorrência com o nome do respectivo arquivo em cujo dado fora gravado.

Na seqüência, apresentaremos vários quadros que exemplificam os dados selecionados, e que são justificáveis considerando os seguintes aspectos : quadro em forma de onda e espectros para melhor visualização e diferenciação de mesma nasal nos diferentes contextos, bem como para diferenciar uma nasal de outra; quadro de transcrição fonética justaposto à forma de onda, também, para uma melhor nitidez do campo de atuação do segmento nasal, pré-nasal e pós-nasal, e ainda, o quadro referente a LPC , demonstrando a filtragem e de FFT a fim de visualizar a sua ocorrência.

Cabe esclarecer, ainda que, para cada figura apresentada na seqüência optamos por chamá-la de *arquivo mais o nome do vocábulo em questão*.

4.6 Oclusivo bilabial sonoro pré-nasalizado [mb̥]:

Na demonstração das figuras faremos os comentários pertinentes:

- A) No arquivo intitulado “rabo1” temos a palavra [mb̥i] ‘rabo’, isto é, a realização da pré-nasal bilabial no seguinte contexto: em início de sílaba e seguida da vogal alta central fechada e oral [i], conforme visto em transcrição fonética na Figura 1.

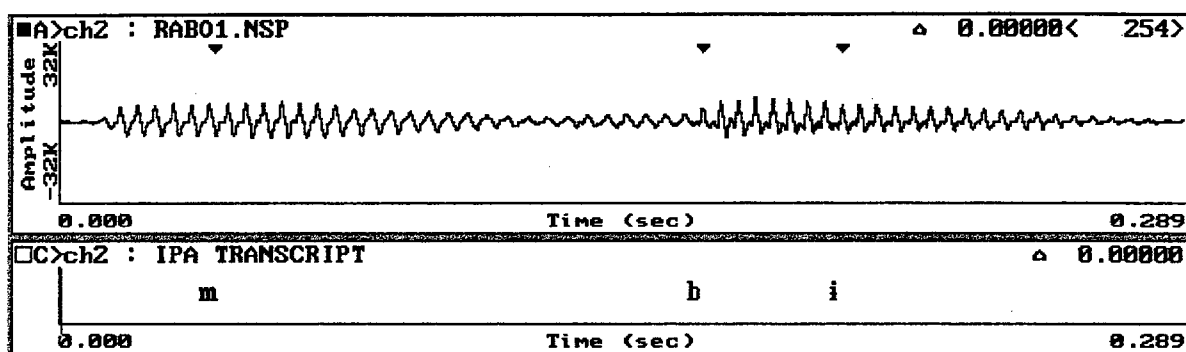


Figura 1

Visualizamos acima, no primeiro quadro (A), a demonstração do vocábulo em forma de onda, e imediatamente abaixo, no quadro C, a transcrição fonética do mesmo.

Segmentando o vocábulo, podemos visualizar no espectro a ocorrência do segmento nasal com seus períodos de transição na Figura 2.

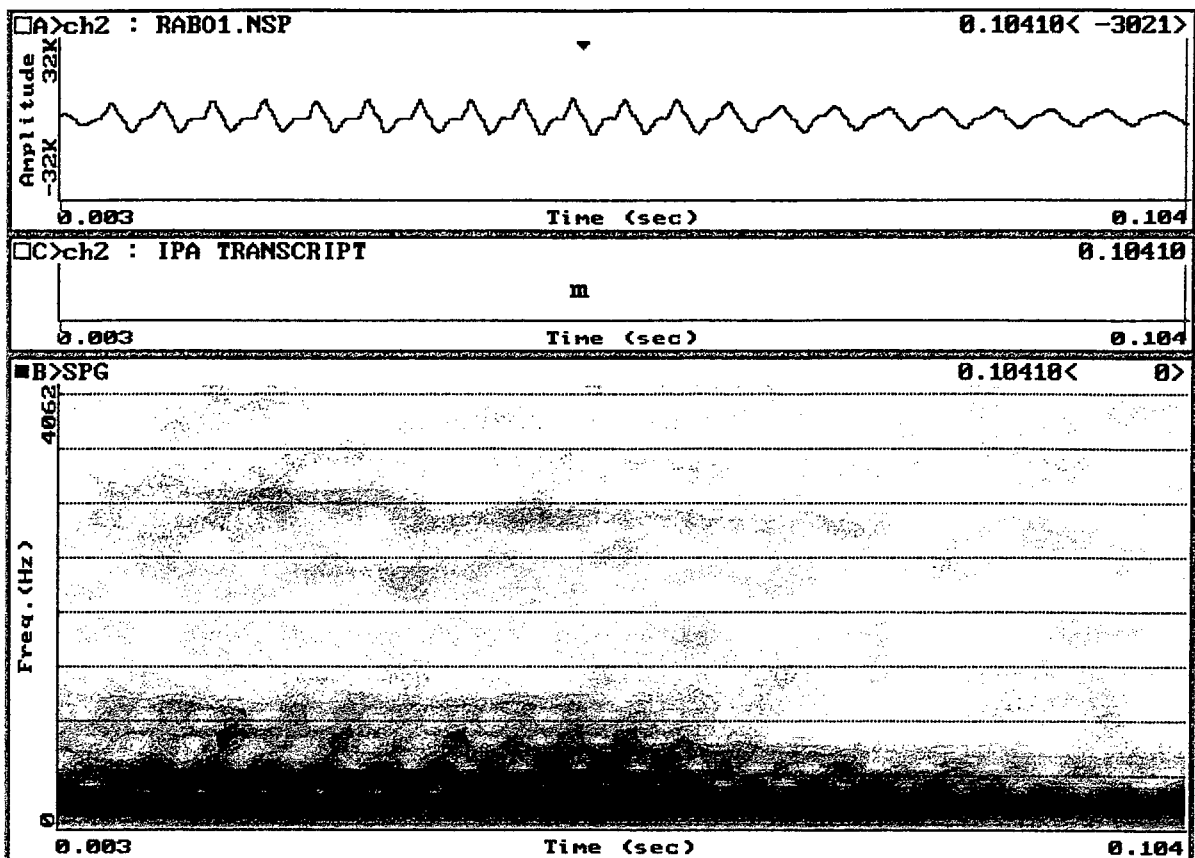


Figura 2

O dois primeiros quadros (A e C), demonstram, respectivamente, a nasal em forma de onda e transcrita foneticamente, sendo o terceiro quadro (B) uma demonstração espectral da mesma.

Para a obtenção da Figura 3, delimitamos o tempo de realização da nasal bilabial [m] considerando um intervalo de [0.0032, 0.1041] com duração de 0.100 seg.

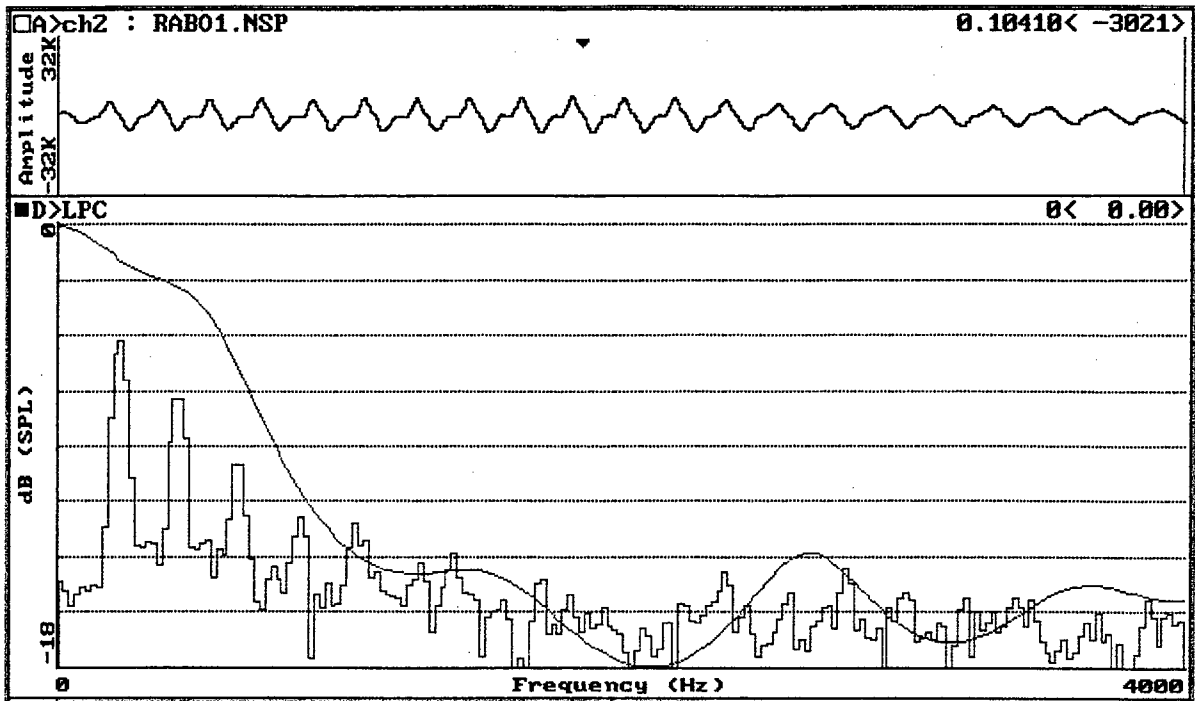


Figura 3

Os resultados numéricos, abaixo relacionados, foram obtidos a partir da representação gráfica de LPC e FFT, que nos traz o período de duração de cada formante em segundos. Para a análise formântica, foram considerados quatro formantes por termos encontrado este número de formante em cada segmento analisado.

Primeiro formante: 457.42 seg

Segundo formante: 1538.66 seg

Terceiro formante: 2665.54 seg

Quarto formante: 3666.66 seg

B) No arquivo “rabo 3” temos o segmento pré-nasal novamente em início de sílaba, entretanto em contexto diferente do anterior, a saber, em meio de enunciado (Figura 4):

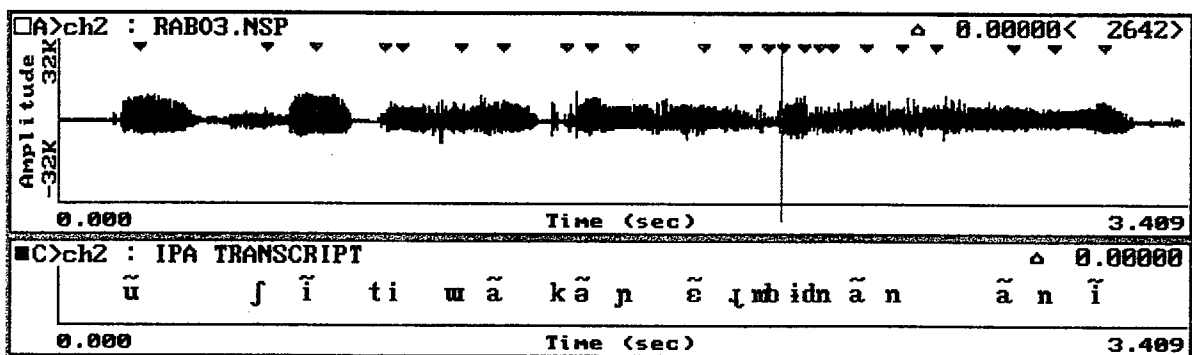


Figura 4

No arquivo rabo 3 (Figura 4), quadro superior (A) vemos o enunciado em forma de onda e no C a transcrição fonética do mesmo, que traduzida seria ‘o menino está puxando o rabo do macaco’.

Abaixo, temos a realização da nasal no contexto acima especificado, em forma de onda (quadro A), a transcrição fonética parcial (quadro C) e a demonstração espectral da nasal (quadro B) (Figura 5):

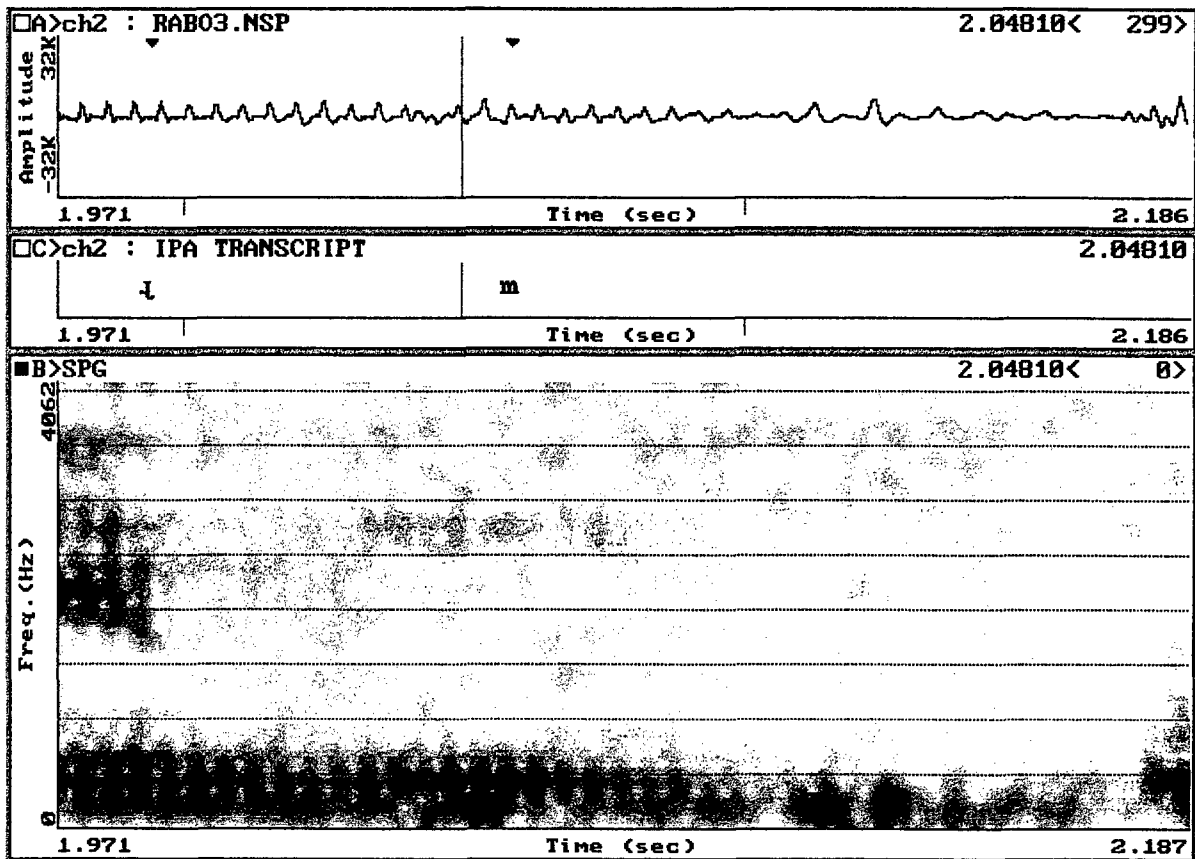


Figura 5

Neste contexto, consideramos para a análise da nasal, o tempo inicial de 1.9952 e o tempo final de 2.1020, sendo a diferença entre eles de 0.107 seg., conforme quadro a seguir (Figura 6).

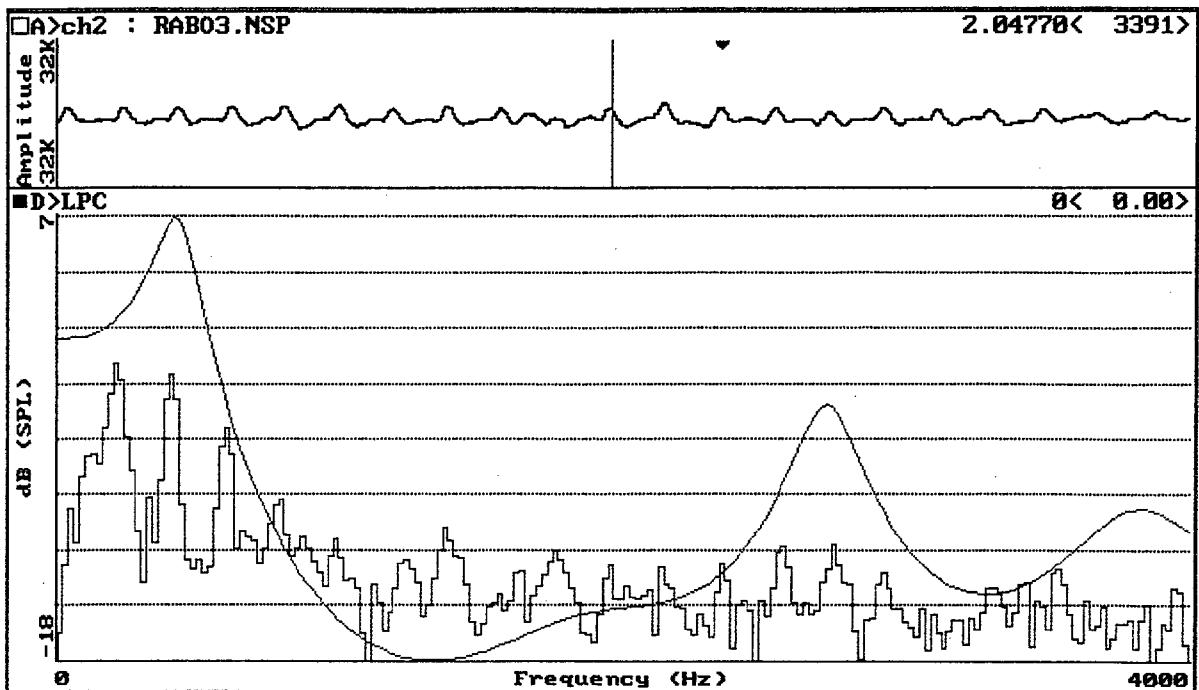


Figura 6

Comparando a Figura 2 e a Figura 5, podemos visualizar o segmento nasal na região de maior concentração de energia e conseqüente vibração mais intensa, vista na cor mais densa de cada figura espectral. A oclusiva bilabial que a segue, no entanto, pode ser visualizada por uma pequena marca que seria o seu breve momento de relaxamento antes da realização da nasal que a segue.

Comparando, ainda, as ocorrências do segmento nasal [m] (Figura 3, Figura 6) em início de palavra, sendo o primeiro em palavra isolada e o segundo em meio de enunciado, parece não apresentar grande diferença em relação ao tempo.

Nos resultados numéricos, obtivemos os seguintes formantes:

Primeiro formante: 418.62 seg

Segundo formante: 1833.02 seg

Terceiro formante: 2717.84 seg

Quarto formante: 3842.54 seg

C) No arquivo “machado1”, a palavra [mbəŋ] ‘machado’ também pode ser vista isoladamente em forma de onda (quadro A) e em transcrição fonética (quadro C), segundo (Figura 7).

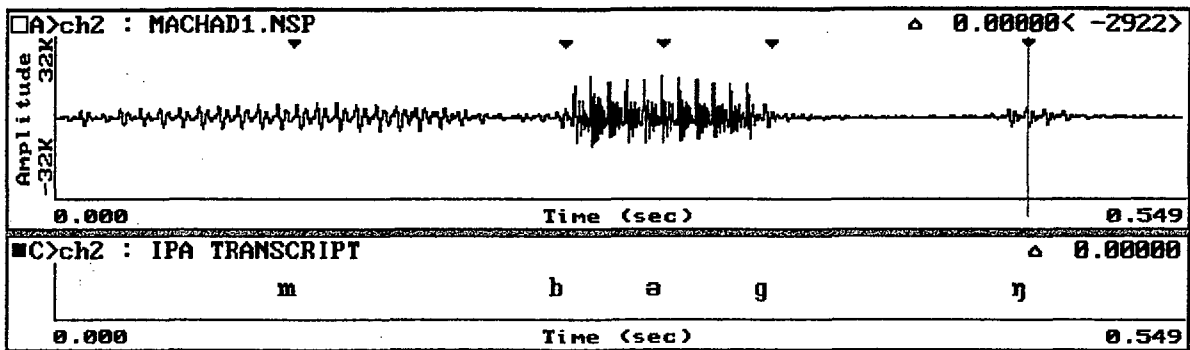


Figura 7

Para obtermos a demonstração de LPC e FFT delimitamos o tempo inicial da nasal “m” em 0.0049 seg. e o tempo final em 0.2129 seg., (Figura 8).

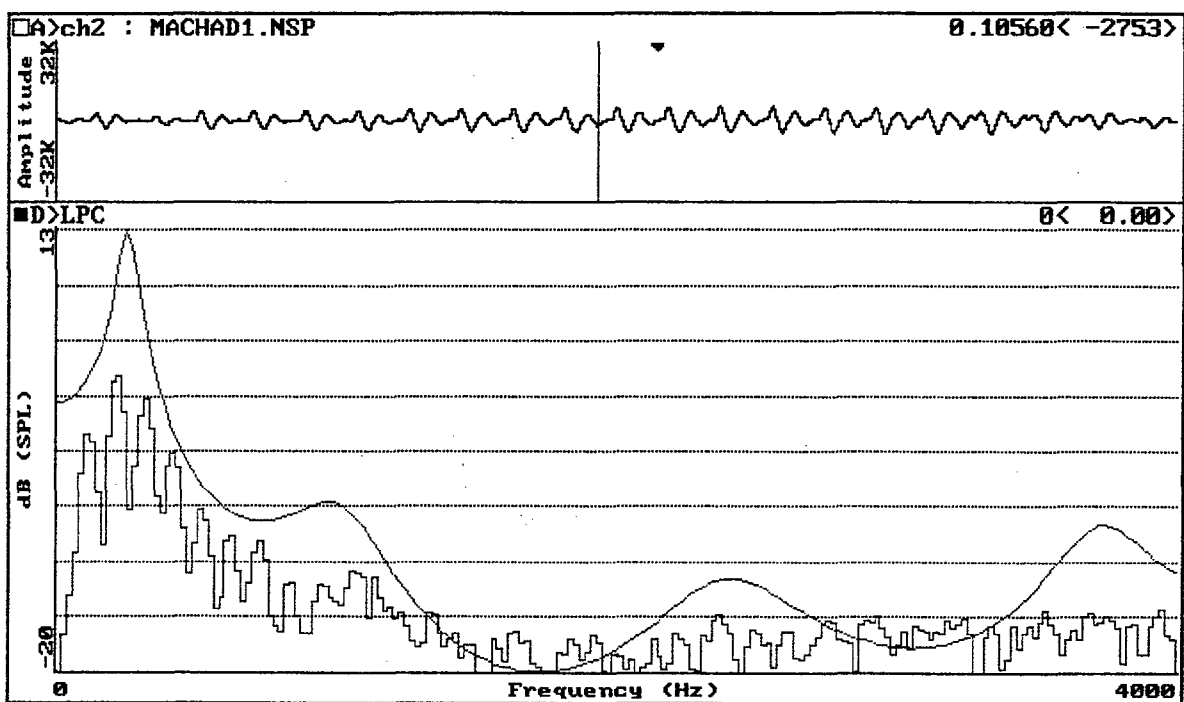


Figura 8

Os resultados numéricos obtidos em formantes foram os seguintes:

Primeiro formante: 256.60 seg.

Segundo formante: 1005.01 seg.

Terceiro formante: 2386.51 seg.

Quarto formante: 2762.22 seg.

D) Em “mach4”, a pré-nasal [mb] pode ser vista em início de sílaba na palavra

'machado' [mbəgɲ] e no início do enunciado "o machado está aí", conforme Figura 9.

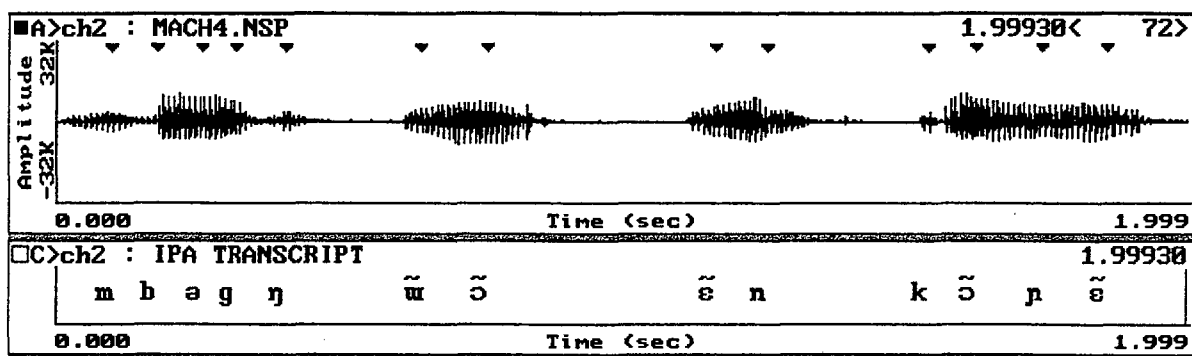


Figura 9

O enunciado está demonstrado, primeiramente, em forma de onda (quadro A), e posteriormente, em transcrição fonética (quadro B).

Na Figura 10, no entanto, podemos visualizar a forma de onda (quadro A) e a representação de FFT e LPC (quadro D) do segmento nasal, a partir dos tempos 0.00700 seg e 0.16650 seg, inicial e final, respectivamente que apresentou uma diferença de 0.160 seg.

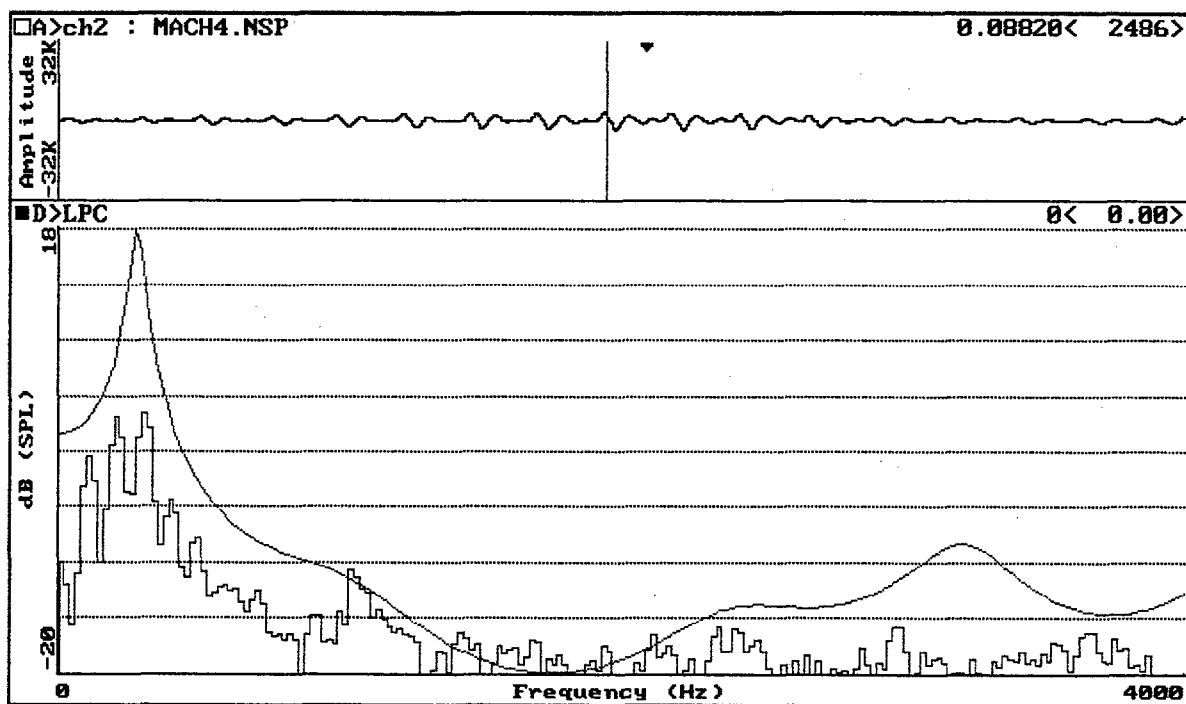


Figura 10

Os resultados numéricos obtidos a partir da delimitação de tempo foram os seguintes:

Primeiro formante: 278.75 seg.

Segundo formante: 968.32 seg.

Terceiro formante: 2397.03 seg

Quarto formante: 3.218.49 seg.

E) No arquivo “com01A”, temos a pré-nasal na palavra ‘como’ [mbre], formando grupo consonantal com o tap alveolar ‘r’, primeiramente em forma de onda no quadro A e, imediatamente abaixo, no quadro C em transcrição fonética (Figura 11).

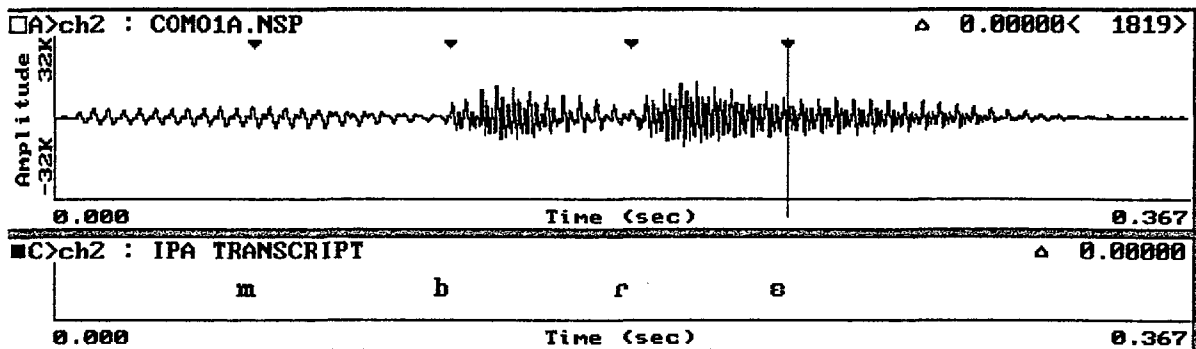


Figura 11

Abaixo, no quadro A, novamente uma demonstração do segmento nasal “m” em forma de onda e uma demonstração espectral deste segmento no quadro B, conforme (Figura 12).

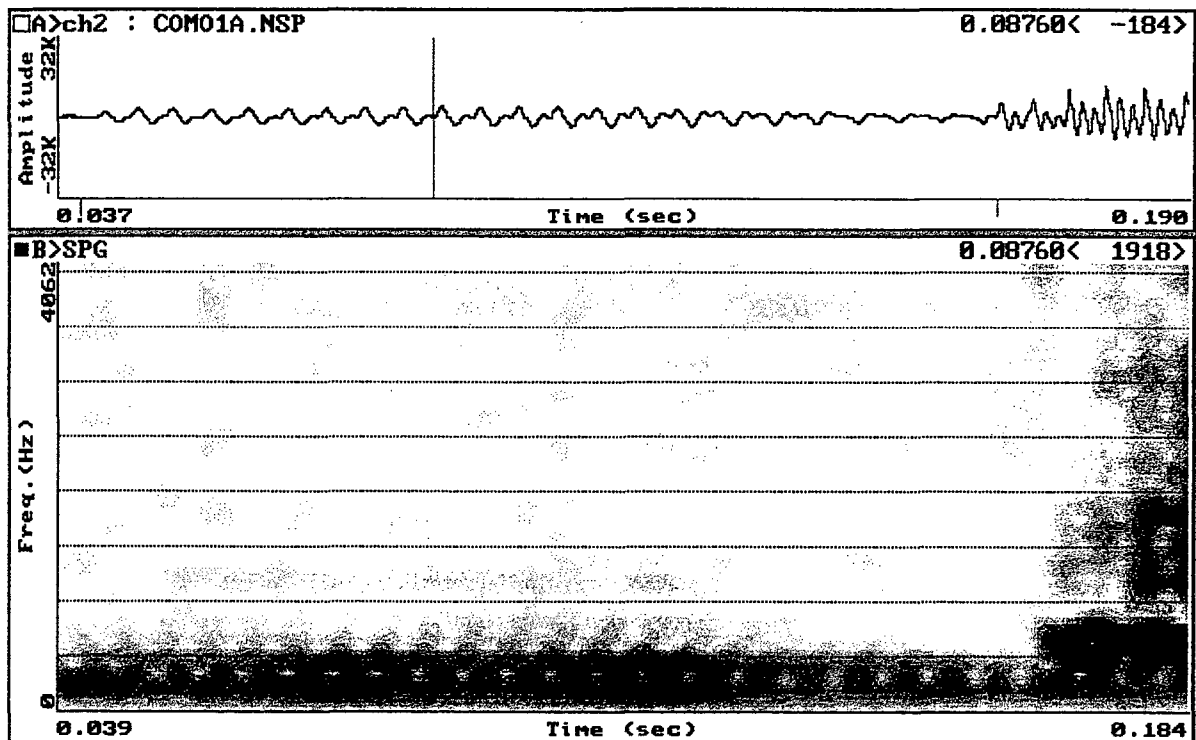


Figura 12

Para a análise de LPC e FFT demonstrada no quadro D da Figura 13, partimos de 0.0040 seg e 0.12530 seg inicial e final da nasal, respectivamente, cuja diferença foi de 0.121 seg.

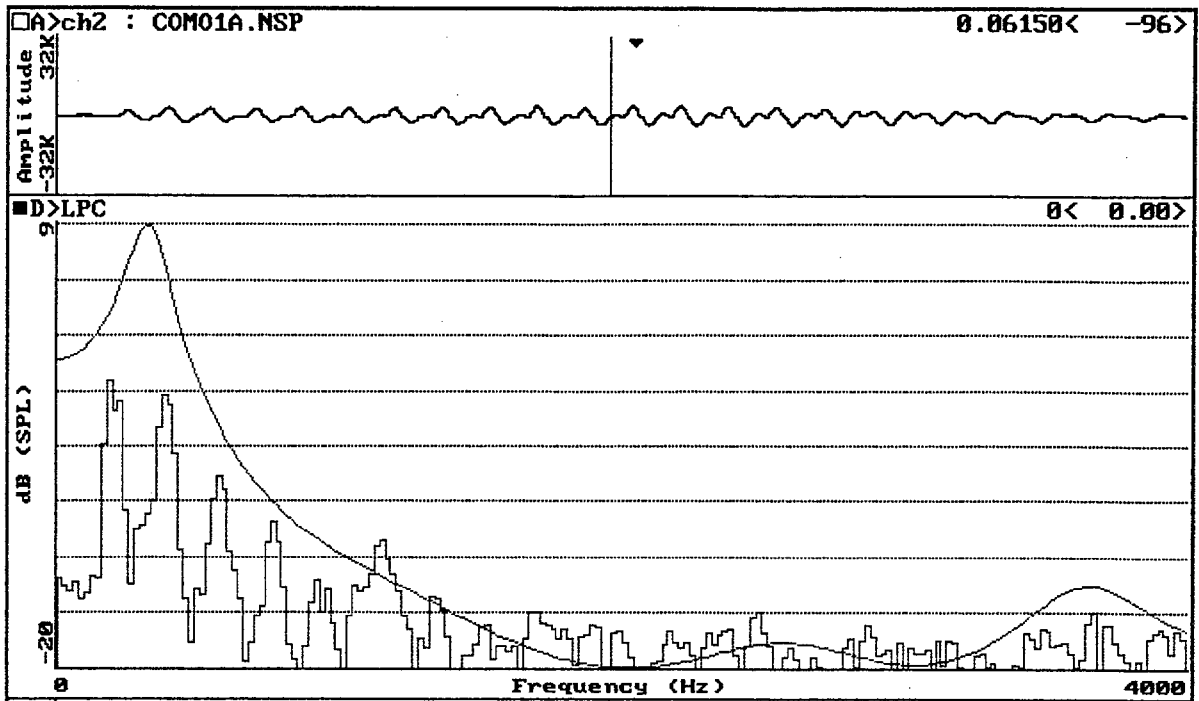


Figura 13

Os resultados numéricos nos conduziram aos seguintes formantes:

Primeiro formante: 321.03 seg.

Segundo formante: 413.93 seg.

Terceiro formante: 1091.96 seg.

Quarto formante: 2590.84 seg.

Encerramos a análise acústica da nasal bilabial [m] anteposta ao segmento oclusivo bilabial [b], demonstrando em quadro os dados numéricos obtidos, bem como o resultado a partir destes dados:

QUADRO

ARQUIVOS MB	Formante 1	Formante 2	Formante 3	Formante 4
rabo1	457,420	1.538,660	2.665,540	3.666,660
rabo3	418,620	1.833,020	2.717,840	3.842,540
Machado1	256,600	1.005,010	2.386,510	2.762,220
Machado4	278,750	968,320	2.397,030	3.218,490
como1a	321,030	413,930	1091.960	2590.840
Média	346,484	1151,788	220425,4	520866
Desv. Padrão	87,78572	550,7689	487202,7	1157151
Int. Confiança 95%	26,4798	166,1346	146960,4	349044,4

4.7 Oclusivo Alveolar sonoro pré-nasalizado [nd]:

No início deste capítulo, comentamos sobre a realização do segmento pré-nasalizado [nd], e portanto, é sabido que pode ocorrer em início e meio de sílaba ou início e meio de enunciado, seguido de vogal oral, ou ainda pode palatalizar-se quando seguido de vogal oral alta [i] e/ou da vogal média [ɔ].

Passaremos, na seqüência, a análise do segmento oclusivo alveolar pré-nasalizado [nd] e para tanto demonstraremos a ocorrência da nasal alveolar [n] em seus diferentes contextos:

A) No arquivo “pescoço 1” temos a palavra “pescoço” [nduy], isoladamente (cf. Figura 14). Primeiramente é apresentada em forma de onda (quadro A), com transcrição fonética justaposta (quadro C), seguida pela figura espectral (quadro B):

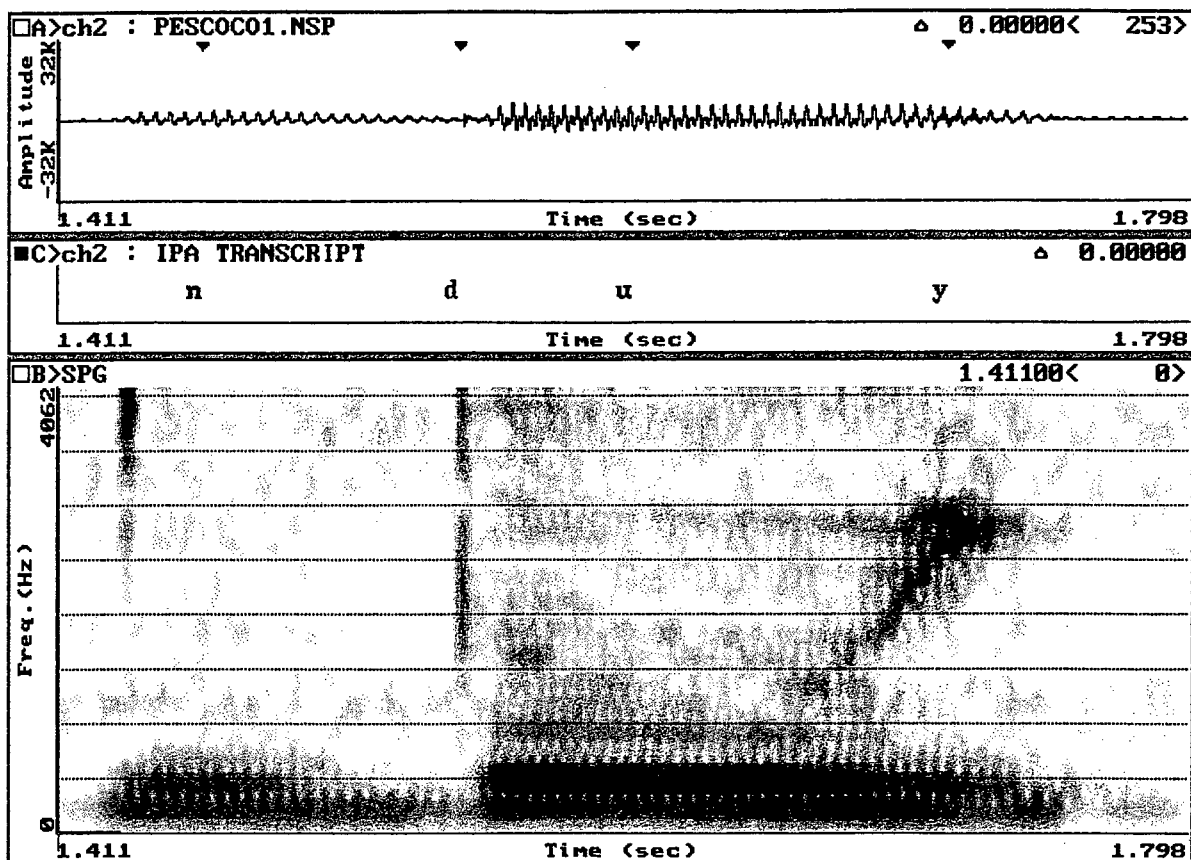


Figura 14

Segmentando a nasal alveolar [n] (Figura 15), conforme marcações nos quadros A e C, obtivemos a figura espectral do quadro B no tempo inicial de 1.4313 e no tempo final de 1.5376, obtendo um intervalo de tempo entre 0.1063 seg.

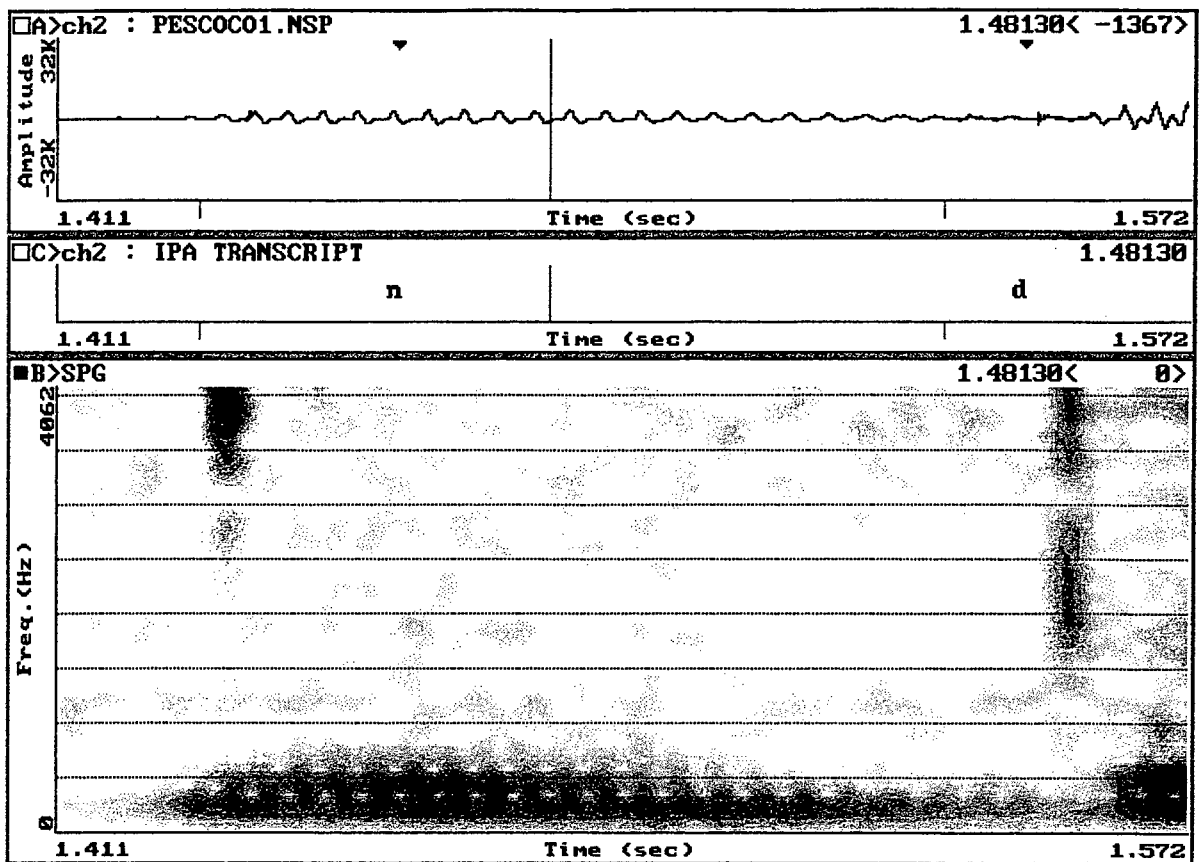


Figura 15

Os resultados numéricos obtidos a partir da análise de FFT e LPC, demonstrados no quadro D, abaixo da forma de onda (quadro A) da Figura 16 é o seguinte:

Primeiro formante: 306.34 seg

Segundo formante: 1293.07 seg

Terceiro formante: 2700.28 seg

Quarto formante: 3752.92 seg

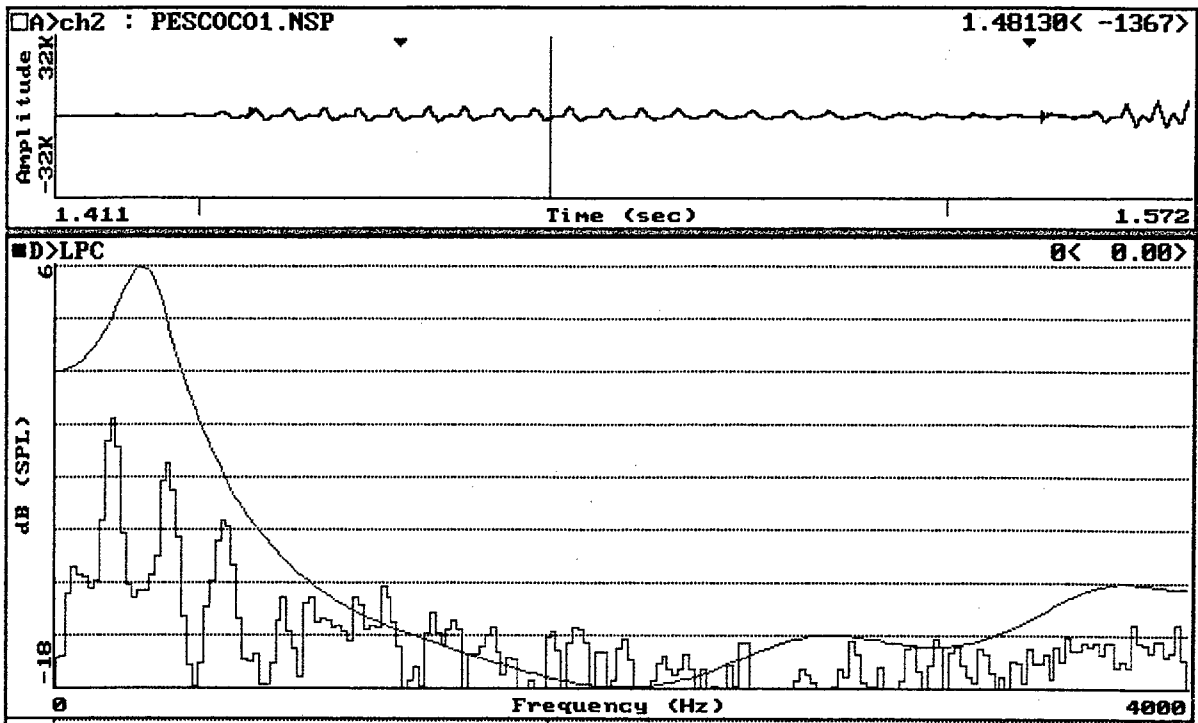


Figura 16

B) Outra ocorrência de [nd] encontra-se na palavra “barriga” [ndugn] (arquivo BARR1A/Figura 17) que é demonstrada na forma de onda (quadro A) com transcrição fonética justaposta (quadro C) e ainda em figura espectral (quadro B):

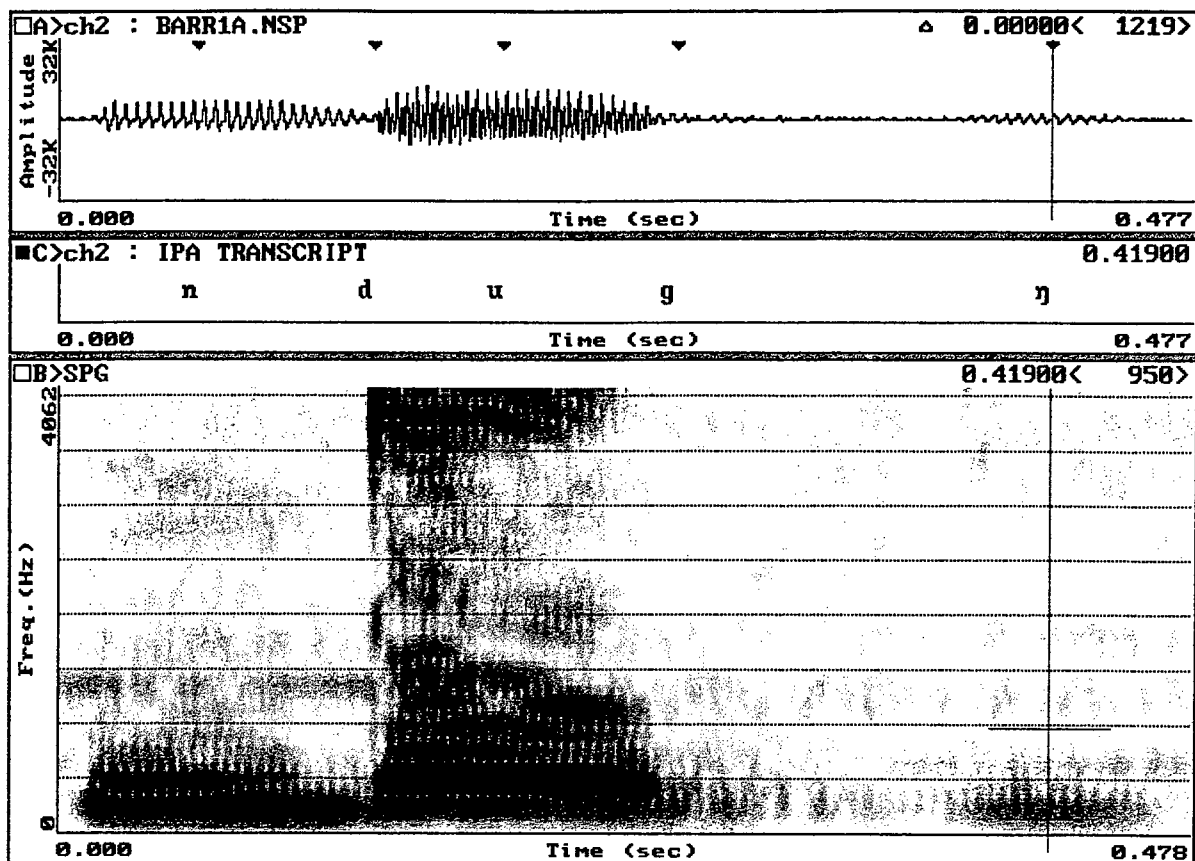


Figura 17

A nasal alveolar uma vez segmentada pode ser vista na figura imediatamente abaixo (Figura 18). As marcas nos quadros A e C mostram as delimitações de tempo da nasal, a saber: tempo inicial de 0.0129 seg. e tempo final de 0.1078 seg., e intervalo entre 0.0949 seg.

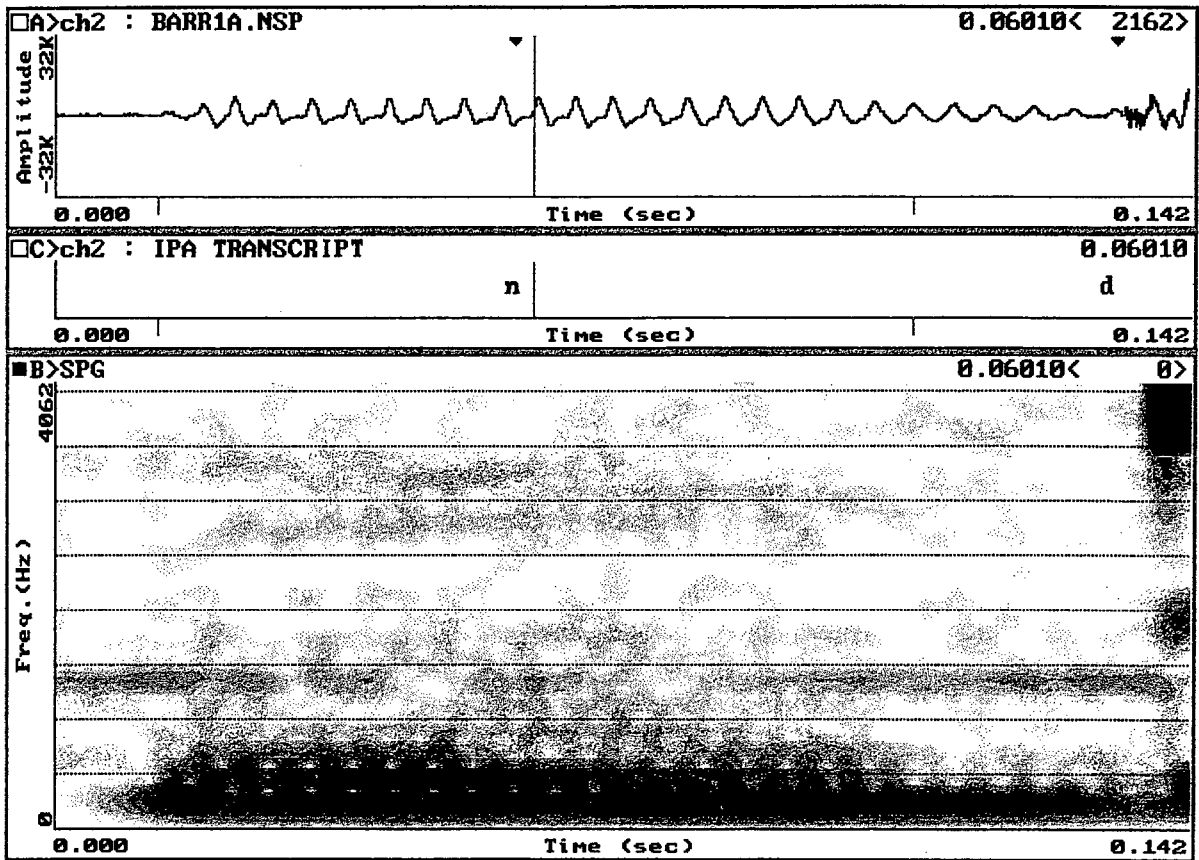


Figura 18

Uma vez delimitado o tempo, chegamos aos seguintes resultados numéricos, conforme quadro D (Figura 19):

- Primeiro formante: 303.78 seg.
- Segundo formante: 868.62 seg.
- Terceiro formante: 1701.29 seg.
- Quarto formante: 2948.39 seg.

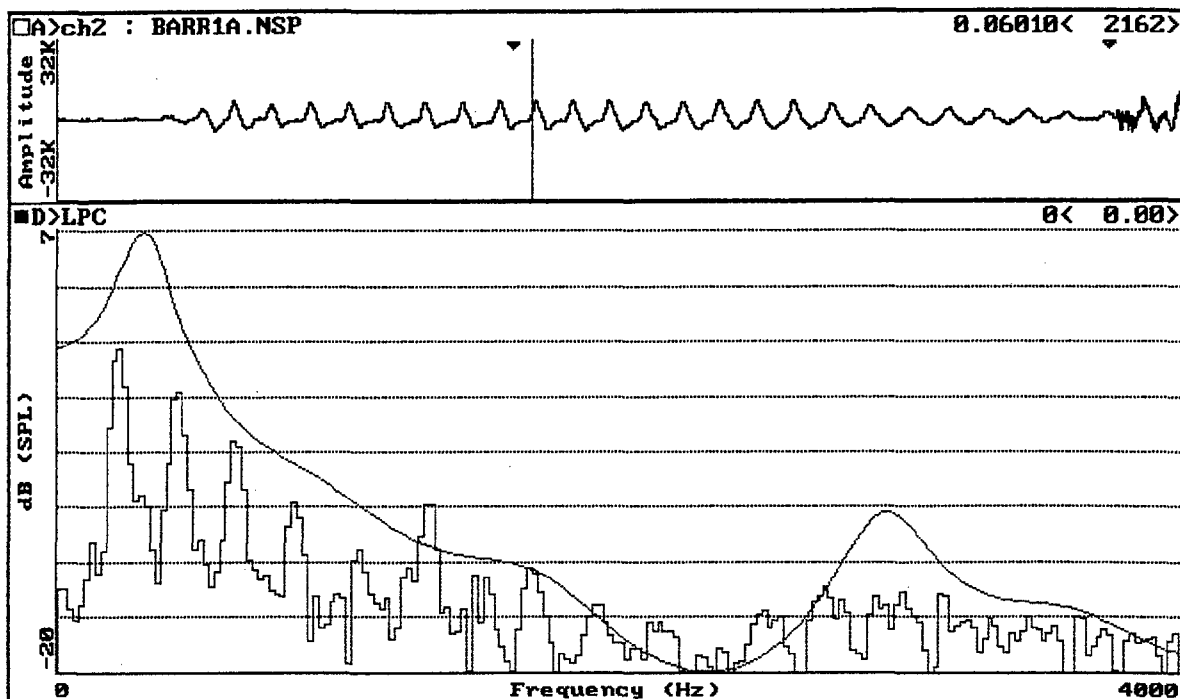


Figura 19

C) Já no dado seguinte (arquivo costas1), temos a ocorrência da pré-nasal palatalizada na palavra “costas” [ndiʒd] (Figura 20). No quadro A temos o dado em forma de onda e transcrito foneticamente no quadro C.

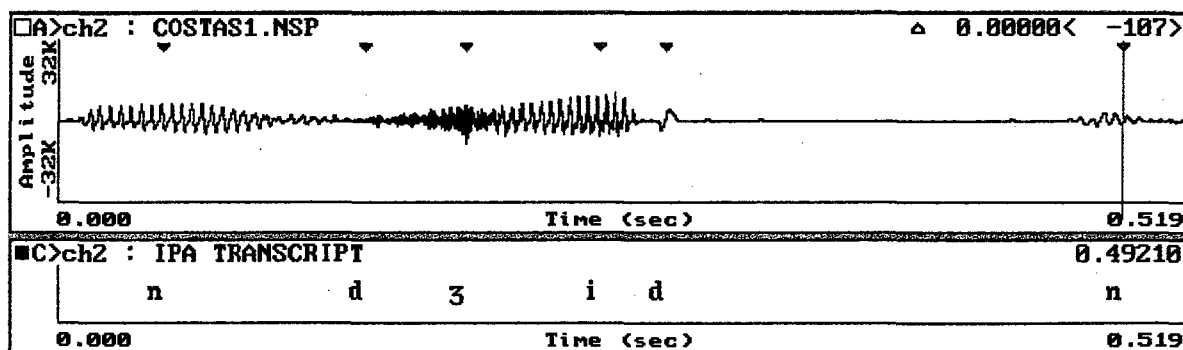


Figura 20

Nos quadros a seguir (Figura 21), podemos ver a nasal segmentada a partir do tempo inicial de 0.0084 e do tempo final de 0.0983 seg. com um intervalo entre 0.0899 seg.:

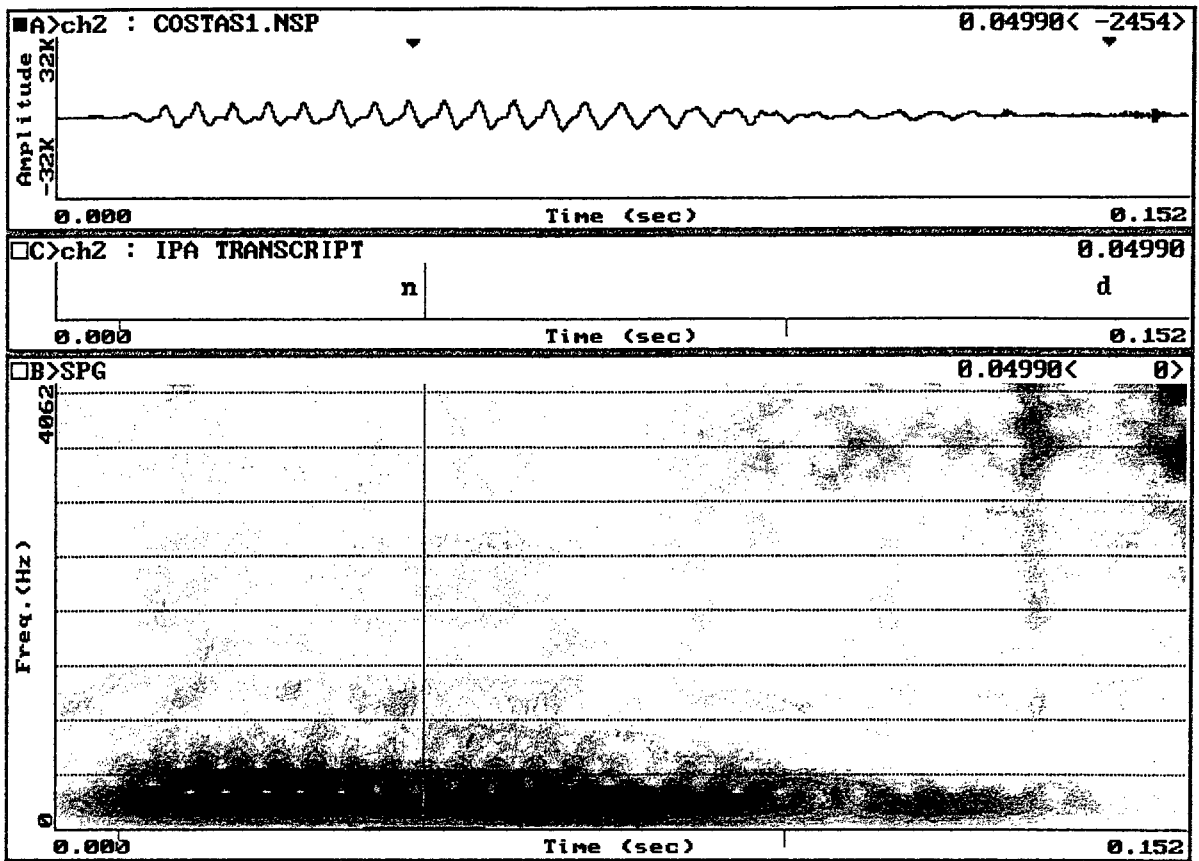


Figura 21

A Figura 22 demonstra a análise de LPC e FFT feita a partir da duração da nasal.

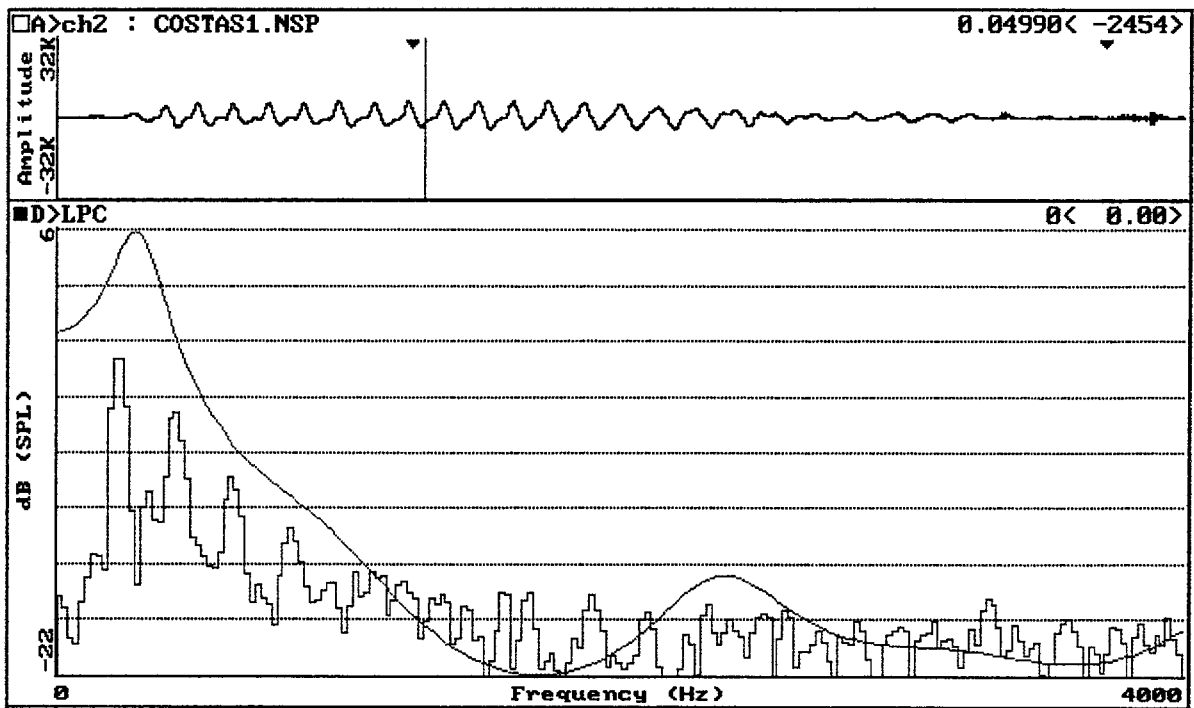


Figura 22

Os resultados numéricos obtidos a partir da figura anterior foram os seguintes:

Primeiro formante: 271.91 seg.

Segundo formante: 865.64 seg.

Terceiro formante: 2354.57 seg.

Quarto formante: 3244.99 seg.

D) No arquivo “rir-fra” encontramos o segmento pré-nasal na palavra “rir” [ndi], em meio de enunciado (Figura 23), conforme transcrição fonética (quadro C) que traduzida seria ‘ele ri’:

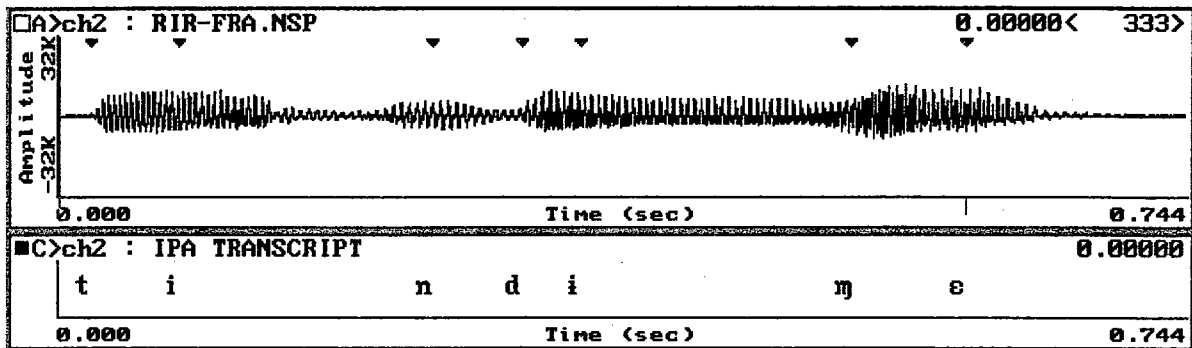


Figura 23

Abaixo, na Figura 24, temos a nasal alveolar segmentada (quadro A) num intervalo de tempo [0.2175, 0.2870] com duração de 0.0695 seg.

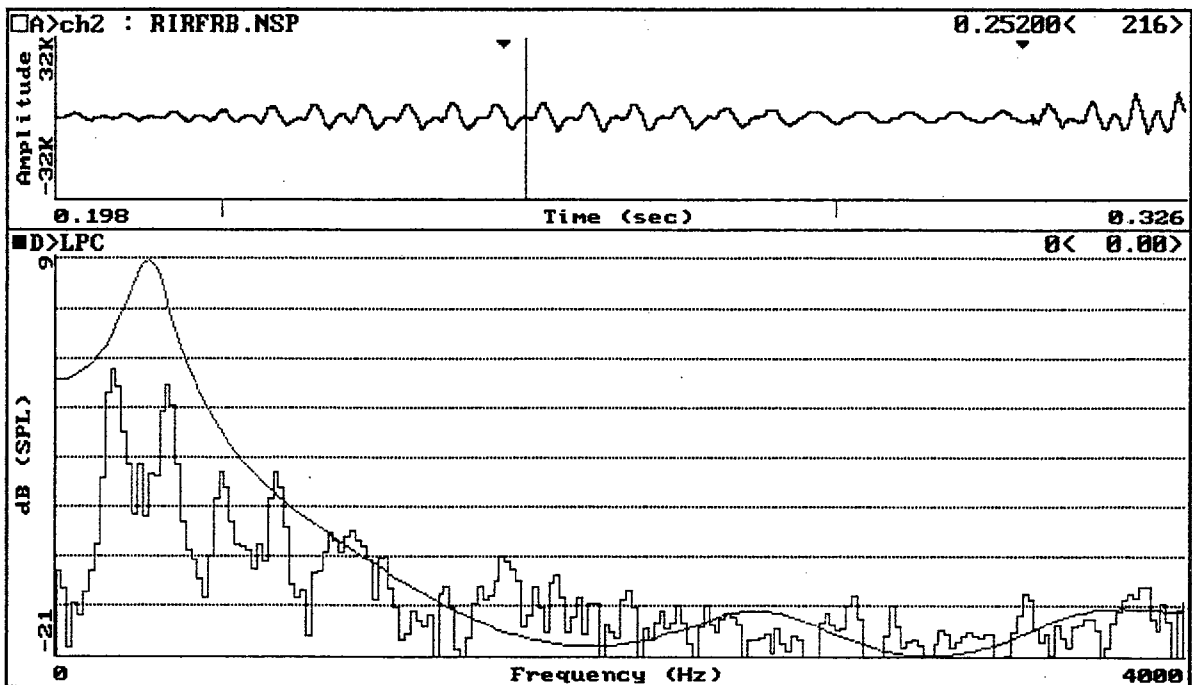


Figura 24

Poderíamos, então, expôr os seguintes resultados numéricos:

Primeiro formante: 331.70 seg.

Segundo formante: 854.01 seg.

Terceiro formante: 1042.08 seg.

Quarto formante: 2511.15 seg.

E) Em “flechal” a palavra “flecha”[ndo] é demonstrada na Figura 25.

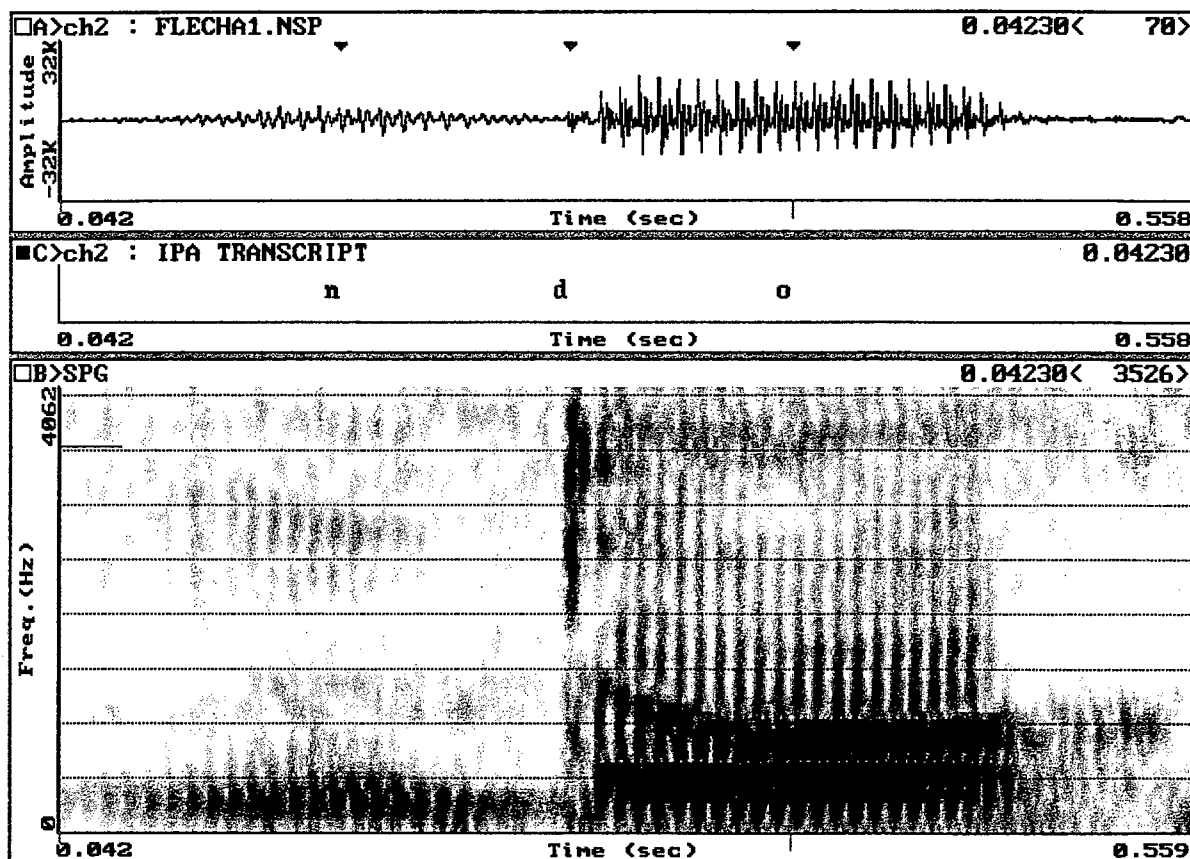


Figura 25

Na segmentação da nasal, neste contexto, foi considerado o intervalo entre [0.0834, 0.1998] com duração de 0.1164 seg. (Figura 26):

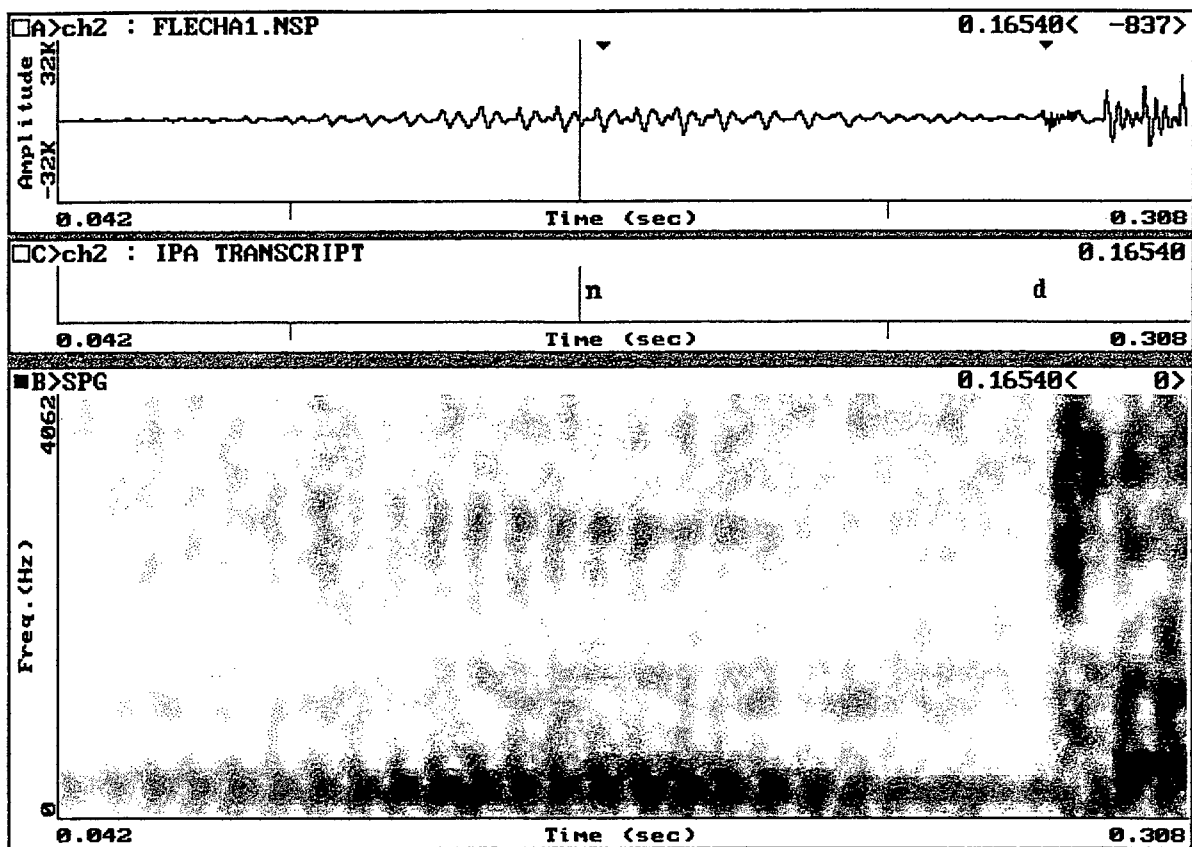


Figura 26

O quadro D (Figura 27) mostra, na seqüência, a representação de LPC e FFT:

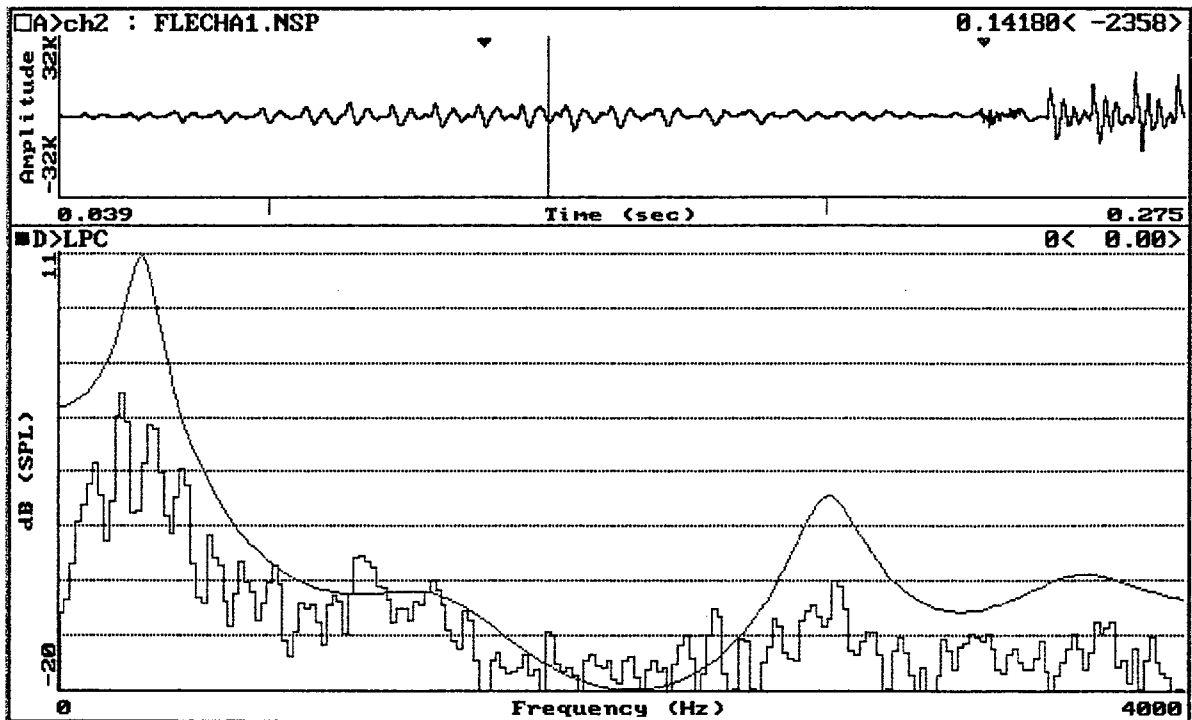


Figura 27

Obtivemos, assim, os seguintes resultados numéricos

Primeiro formante: 292.04 seg.

Segundo formante: 1346.60 seg.

Terceiro formante: 2735.30 seg.

Quarto formante: 3668.38 seg.

A partir da análise acústica da nasal alveolar [n] anteposta ao segmento oclusivo alveolar sonoro [d], demonstraremos em quadro os dados numéricos obtidos, bem como o resultado a partir destes dados:

QUADRO ND

ARQUIVOS ND	Formante 1	Formante 2	Formante 3	Formante 4
Pescoço	306,340	1.293,070	2.700,280	3.752,920
Barriga	303,780	868,620	1.701,290	2.948,390
Costas	271,910	865,640	2.354,570	3.244,990
Rir	331,700	854,010	1.042,080	2.511,150
Flecha	292,040	1.346,600	2.735,300	3.668,380
Média	301,154	1.045,588	2.106,704	3.225,166
Desv. Padrão	21,82387	251,1258	725,7217	515,2135
Int. Confiança 95%	6,58298	75,7499	218,9076	155,4096

4.8 Oclusiva velar pré-nasalizada [ŋg]:

Passaremos, agora, à análise acústica do segmento pré-nasalizado [ŋg], considerando a sua ocorrência seguindo uma vogal oral e/ou formando grupo consonantal com [r], conforme mencionado no início deste capítulo.

Convém mencionar, ainda, que os segmentos oclusivos velares pré-nasalizados são, de um modo geral, mais produtivos que os demais no Kaingáng, contudo, manteremos o mesmo número de dados para a análise deste segmento, a fim de permanecermos coerentes ao nosso critério de análise (cf. item 4, p. 53).

Inicialmente, tomaremos o arquivo “rio1” a partir da palavra ‘rio’ [ŋgoy], que parece ser um dos vocábulos mais produtivos da língua Kaingáng, sendo um dos motivos pelo qual o selecionamos. No quadro A (Figura 28) visualizamos a palavra em forma de onda, sobreposta à sua transcrição fonética - quadro C. E, também, nesta figura, temos o espectro da palavra no quadro D, a partir do qual podemos atentar para a realização acústica da nasal velar:

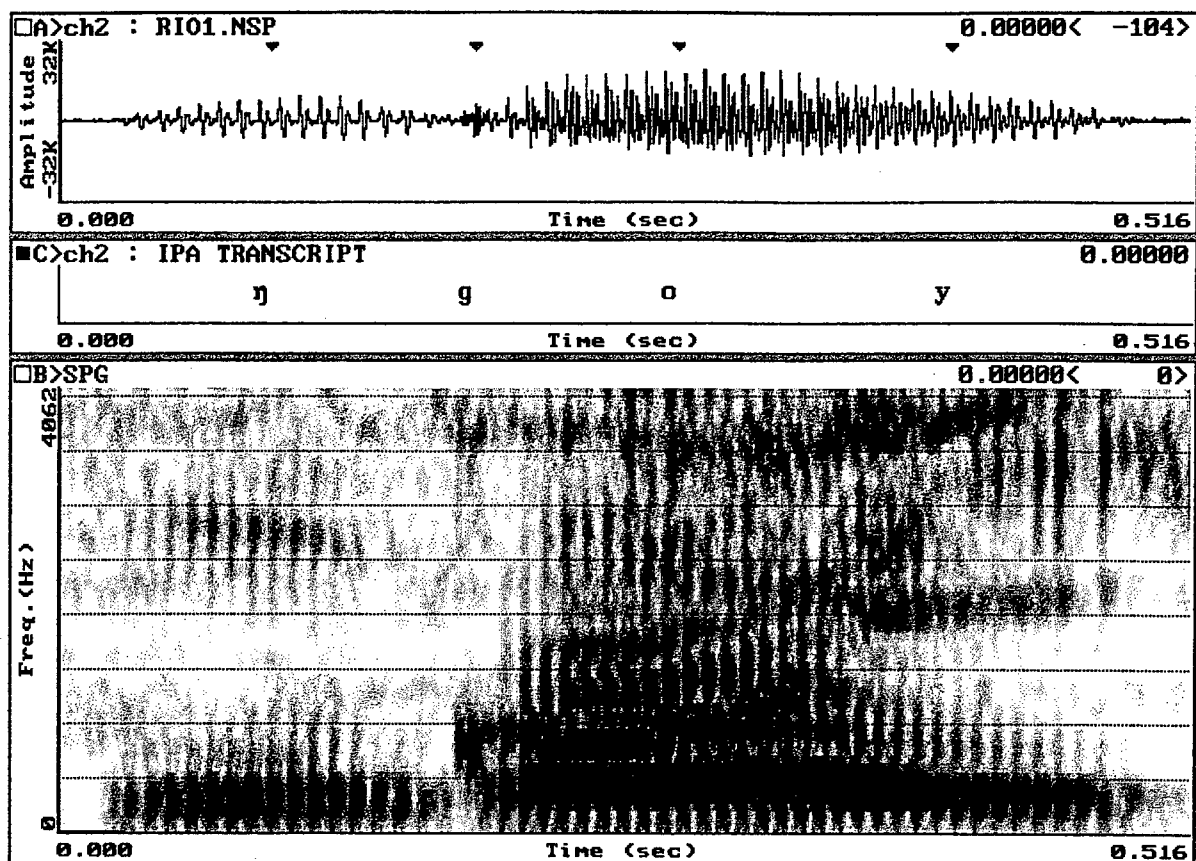


Figura 28

Em seguida, demonstrada parcialmente, também em forma de onda (quadro A) (Figura 29), em transcrição fonética (quadro C) e em forma espectral (quadro B), encontramos a nasal velar segmentada num intervalo de [0.2940, 0.16770] com duração de 0.1263 seg.

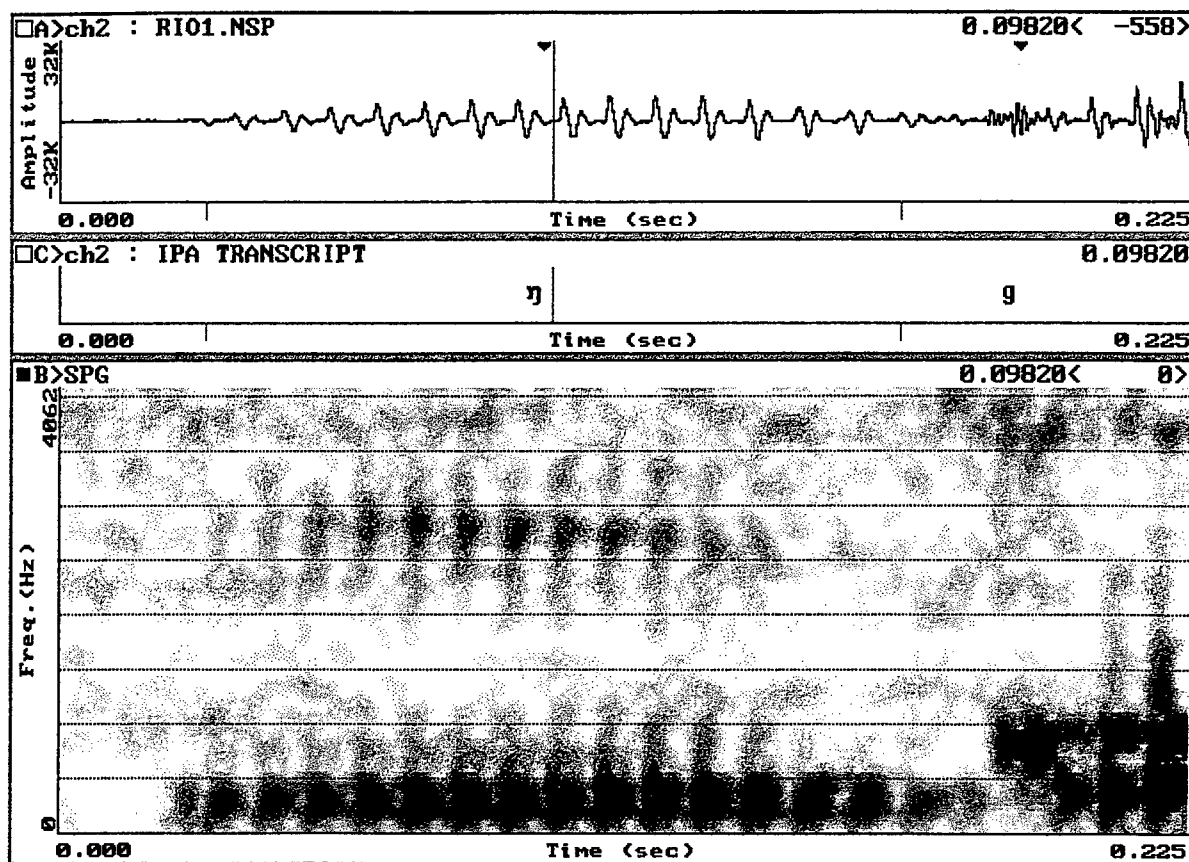


Figura 29

A partir da segmentação, obtivemos a representação de LPC e FFT, conforme quadro D (fig.30):

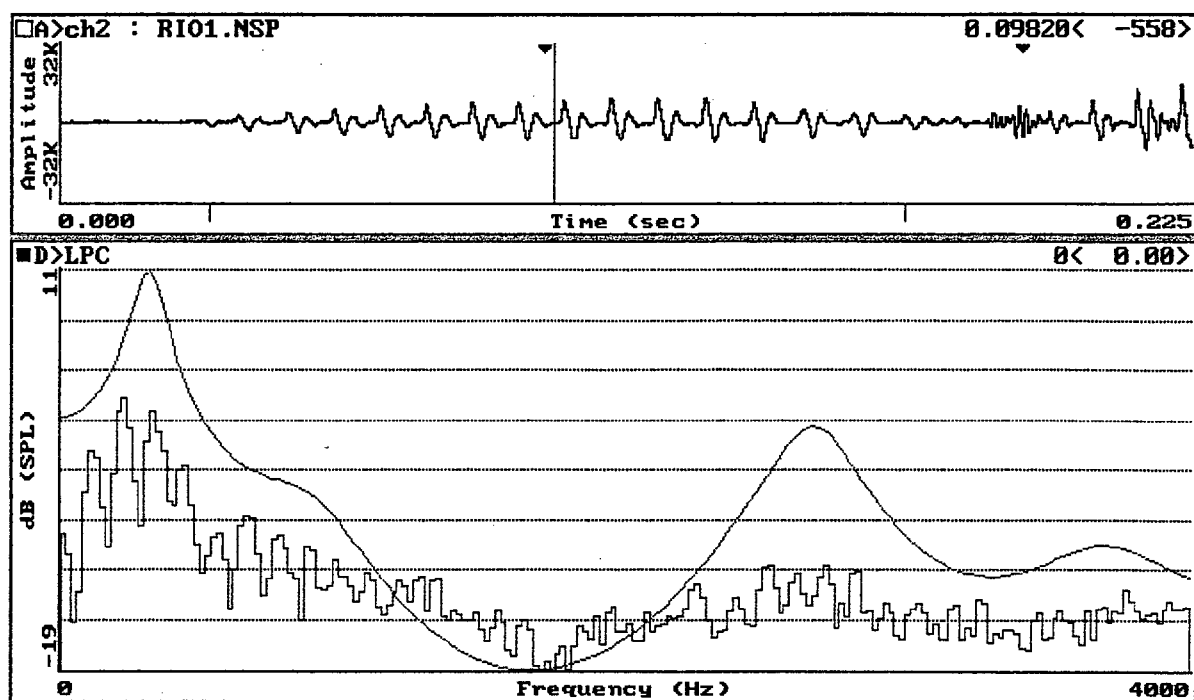


Figura 30

Os resultados numéricos alcançados, portanto, foram:

Primeiro formante: 307.63 seg.

Segundo formante: 867.21 seg.

Terceiro formante: 2519.53 seg.

Quarto formante: 2667.16 seg.

b) Neste caso (arquivo agua2/ Figura 31) encontramos a palavra 'água' [ɲgoy] em início de enunciado ("a água está aqui"). Novamente, o enunciado é trazido em forma de onda (quadro A) sobreposto à transcrição fonética (quadro C):

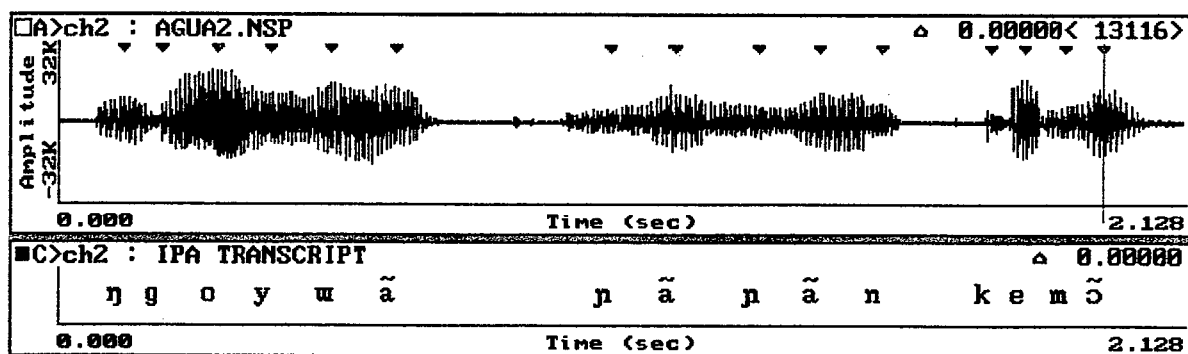


Figura 31

No contexto anterior (fig. 31), a nasal velar foi segmentada num intervalo de [0.0700 0.1696] com duração de 0.0996 seg., conforme marcações nos quadros A e C e demonstração espectral no quadro B(Figura 32):

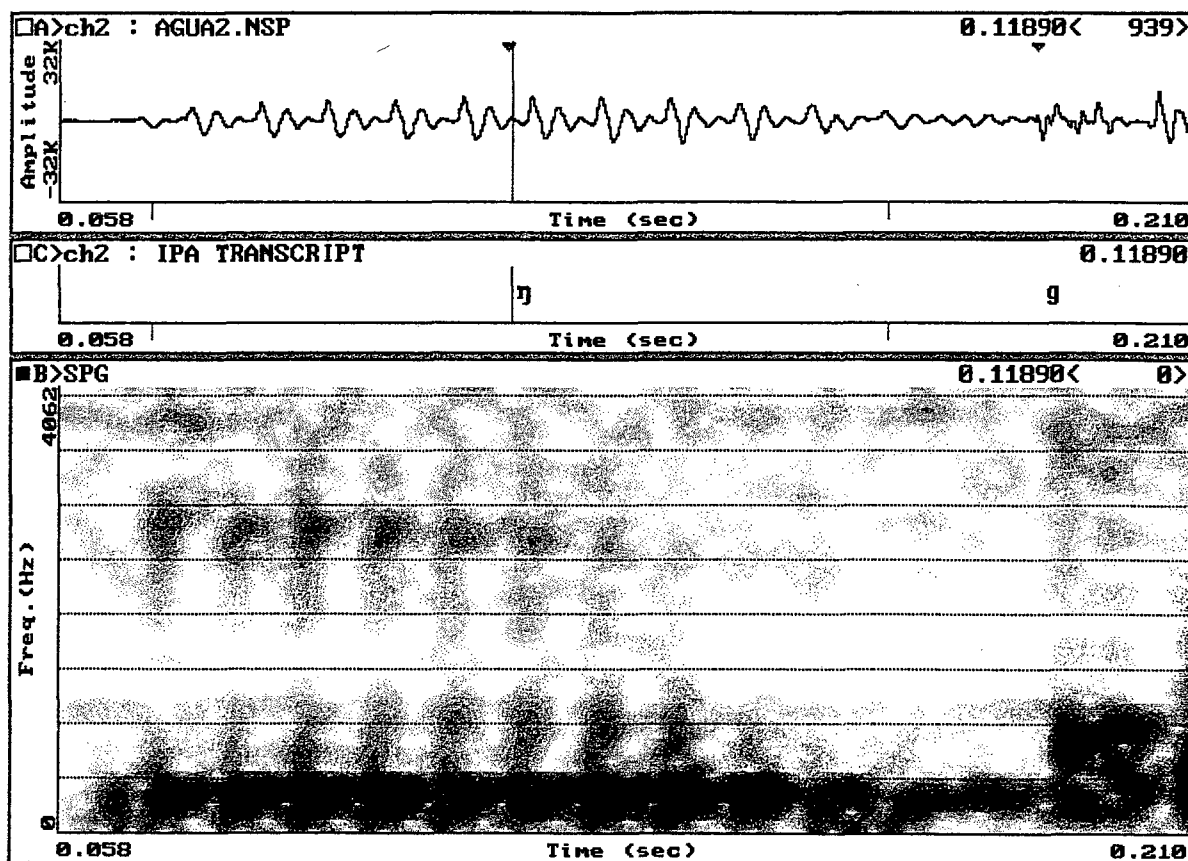


Figura 32

Na seqüência, uma vez concluída a segmentação, obtivemos a representação gráfica de LPC e FFT no quadro D (Figura 33):

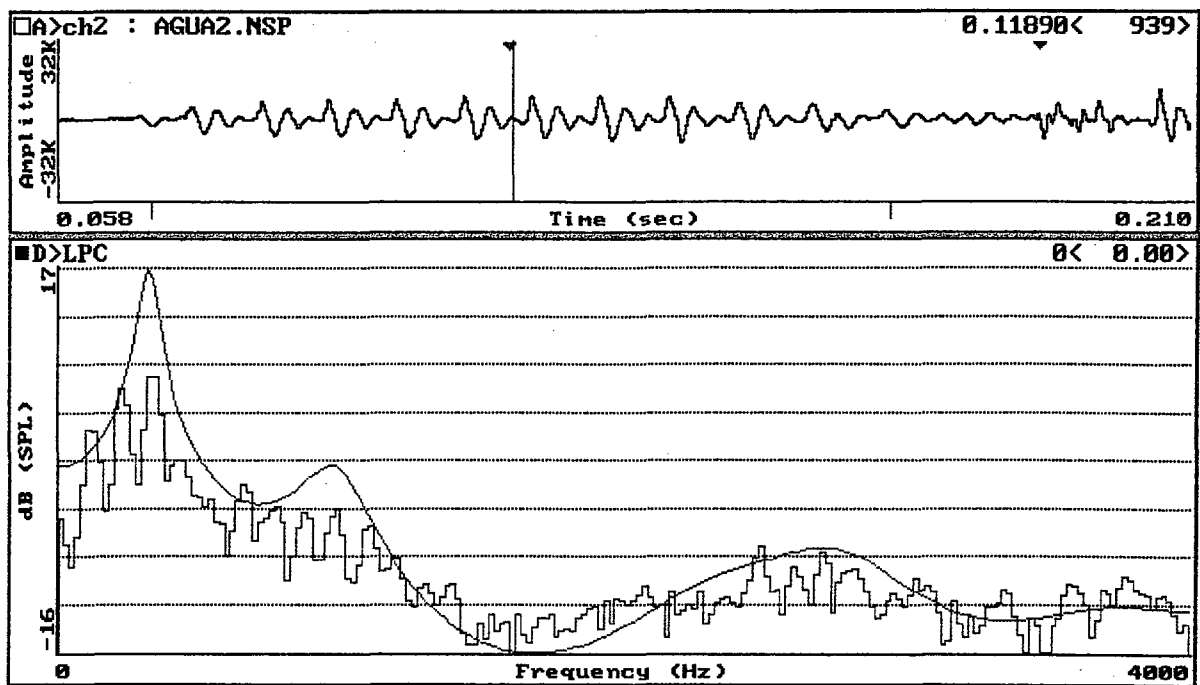


Figura 33

Os resultados numéricos foram os seguintes:

Primeiro formante: 317.68 seg.

Segundo formante: 975.64 seg.

Terceiro formante: 2295.34 seg.

Quarto formante: 2776.47 seg.

c) Já, neste contexto, o segmento pré-nasal [ŋg] realizou-se em meio de enunciado (“a folha está boiando na água”), conforme demonstrado no quadro A e C (arquivo agua3/ Figura 34) , em forma de onda e foneticamente transcrito, respectivamente:

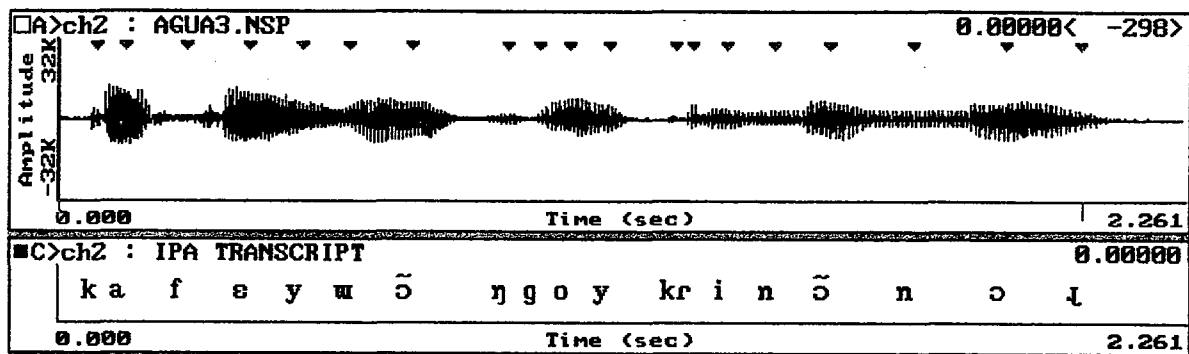


Figura 34

A segmentação da nasal, neste contexto, deu-se num intervalo de [0.8781, 0.9418] com duração de 0.0637 seg. ,conforme Figura 35.

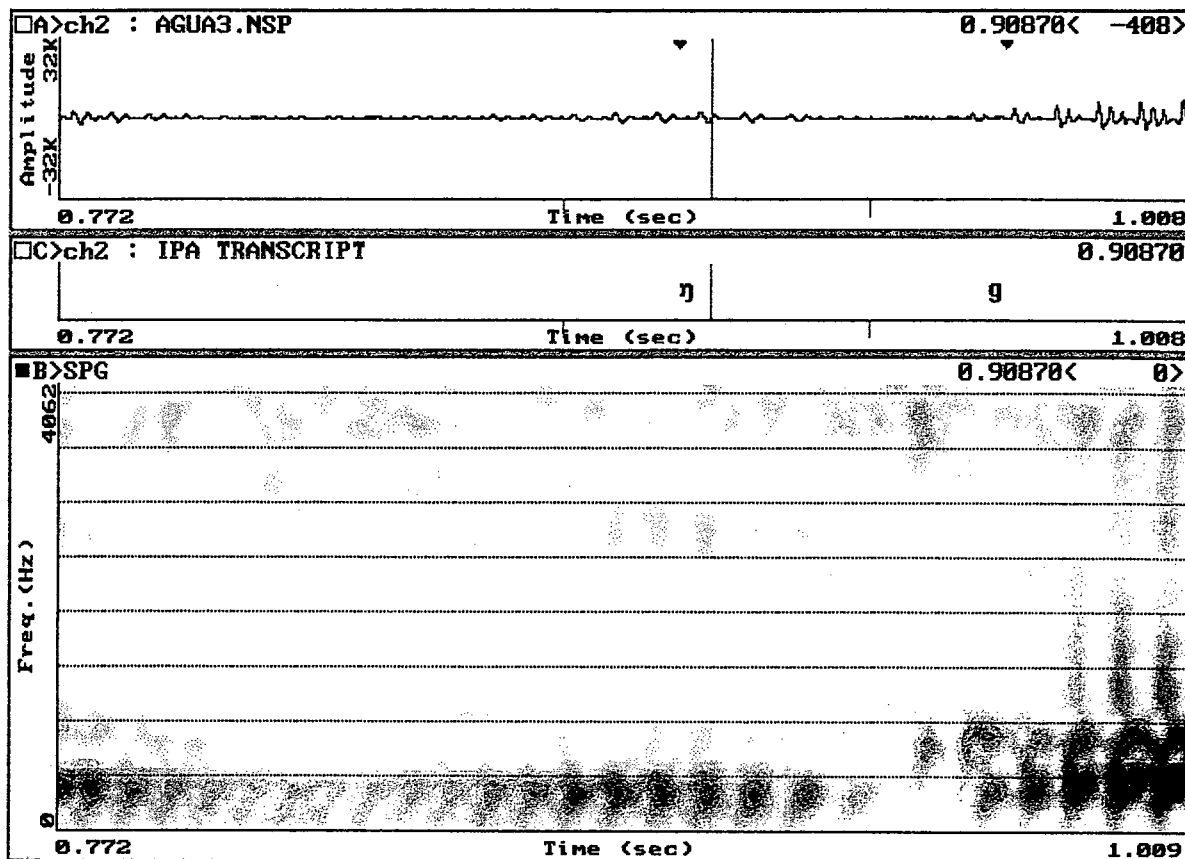


Figura 35

Obtendo a representação gráfica de LPC e FFT (quadro D – Figura 36), chegamos aos resultados numéricos trazidos na seqüência:

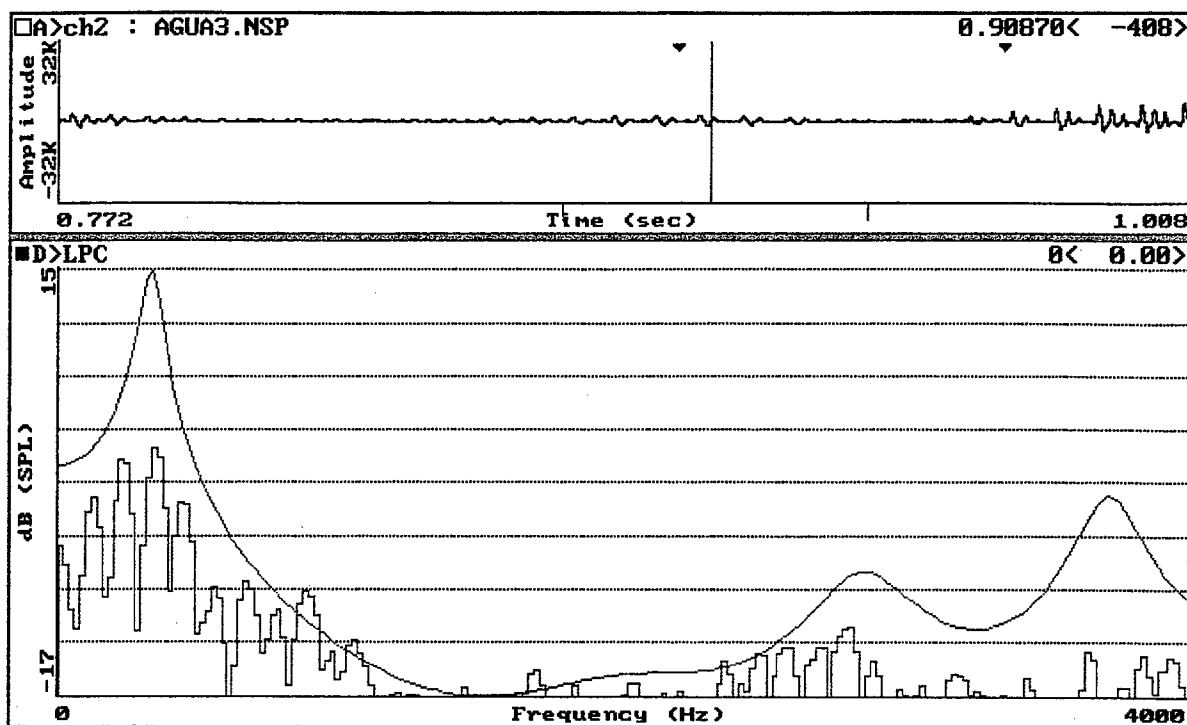


Figura 36

Os resultados numéricos foram os seguintes:

Primeiro formante: 329.51 seg.

Segundo formante: 557.24 seg.

Terceiro formante: 1977.56 seg.

Quarto formante: 2863.43 seg.

d) No arquivo “piolho2”, no enunciado “poucos piolhos” encontramos a palavra ‘piolho’[ŋga] também em início de enunciado, segundo Figura 37, vista em forma de onda e transcrita foneticamente (quadros A e C), respectivamente:

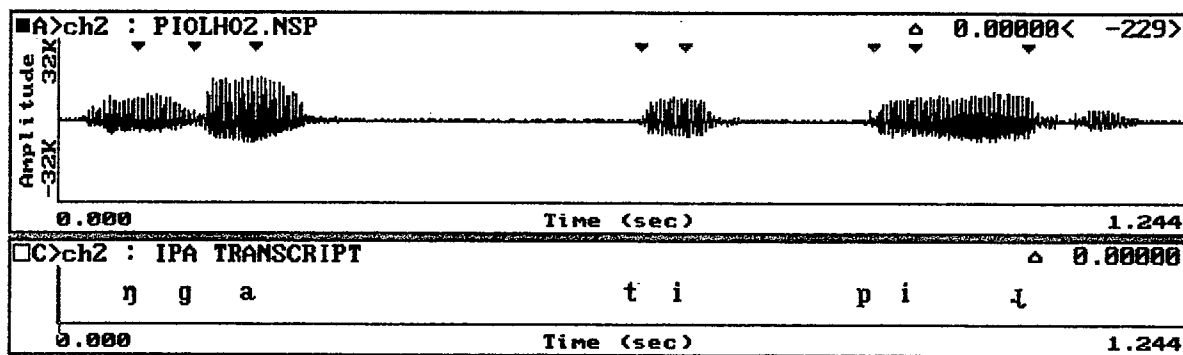


Figura 37

Na segmentação da nasal neste contexto, considerou-se o intervalo de [0.0188, 0.1338] com duração de 0.115 seg., conforme visto parcialmente em forma de onda (quadro A), transcrito foneticamente (quadro C) e em figura espectral (quadro B) (Figura 38):

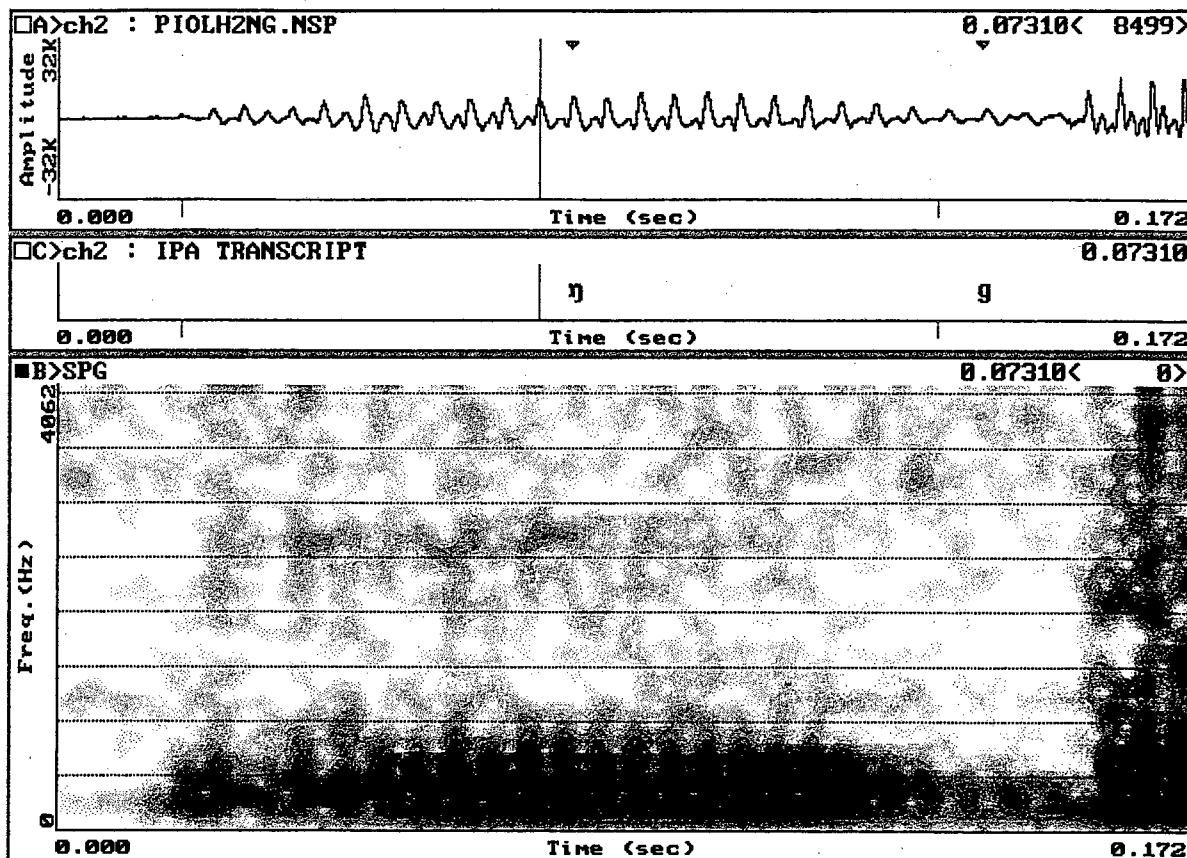


Figura 38

Chegou-se, portanto, à representação gráfica de LPC e FFT (quadro D) (Figura 39), a partir da qual obtivemos os resultados numéricos apresentados na seqüência:

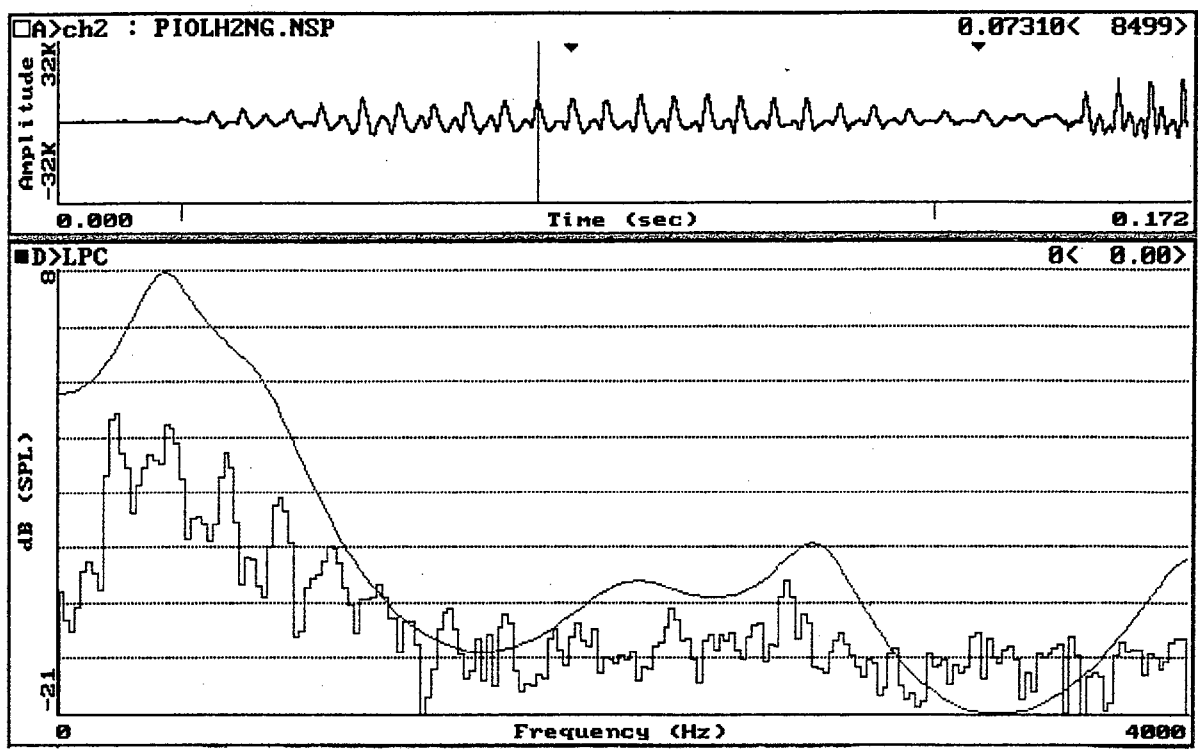


Figura 39

Resultados numéricos:

- Primeiro formante: 352.96 seg.
- Segundo formante: 695.96 seg.
- Terceiro formante: 2015.64 seg.
- Quarto formante: 2699.49 seg.

e) No arquivo “vermes1” a nasal velar ocorre em meio de palavra e meio de enunciado (“quatro vermes”), conforme visto na Figura 40, em forma de onda (quadro A) sobreposta à transcrição fonética (quadro C):

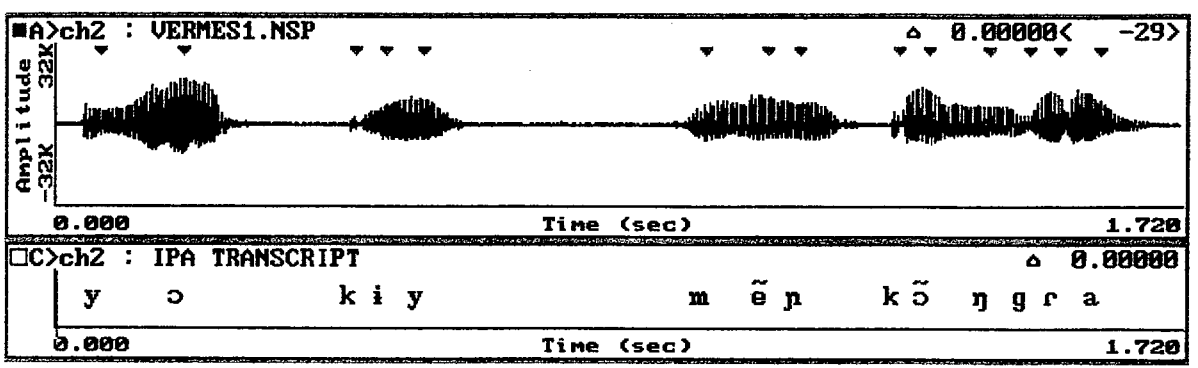


Figura 40

Abaixo, visualizamos a nasal segmentada, neste contexto, num intervalo de [1.3675, 1.4775] com duração de 0.11 seg., conforme marcações nos quadros A e B (Figura 41):

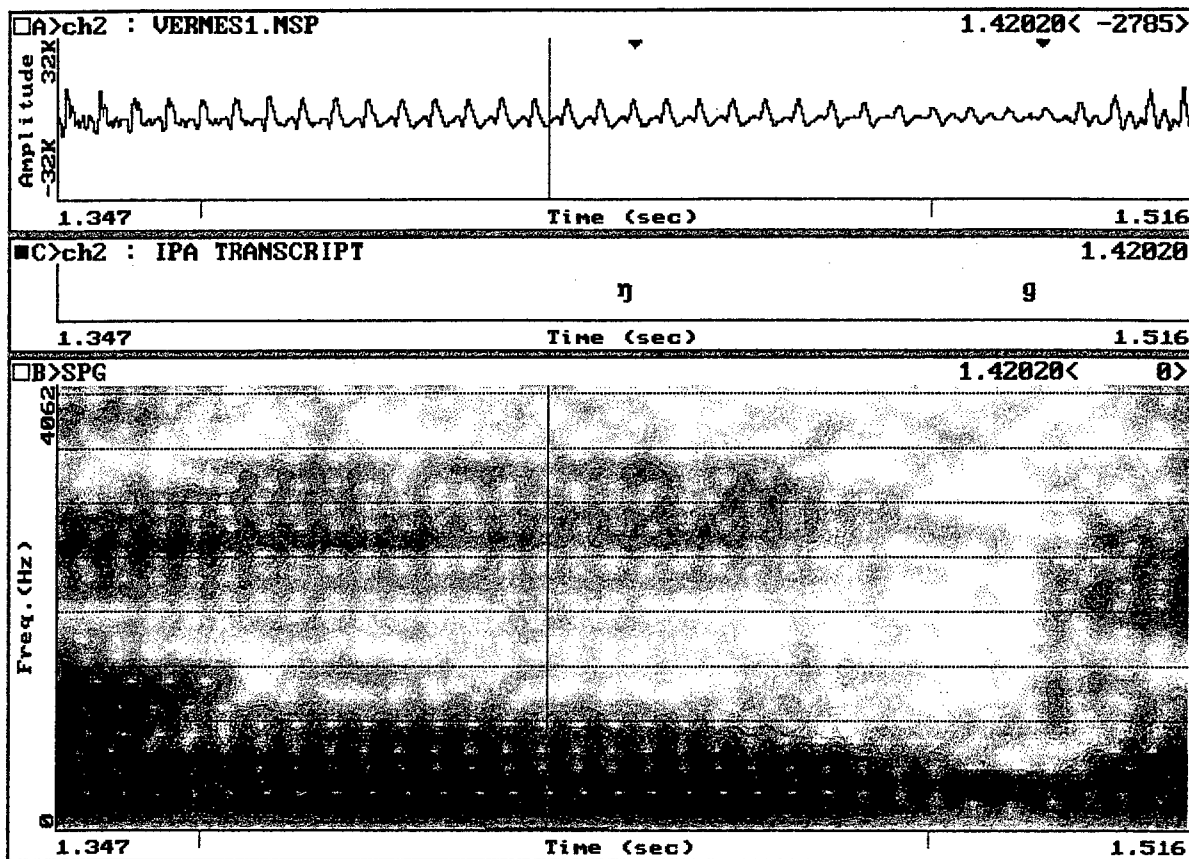


Figura 41

Obtendo a representação de LPC e FFT (quadro D – Figura 42), a partir da segmentação da nasal, chegamos aos resultados numéricos relacionados na seqüência:

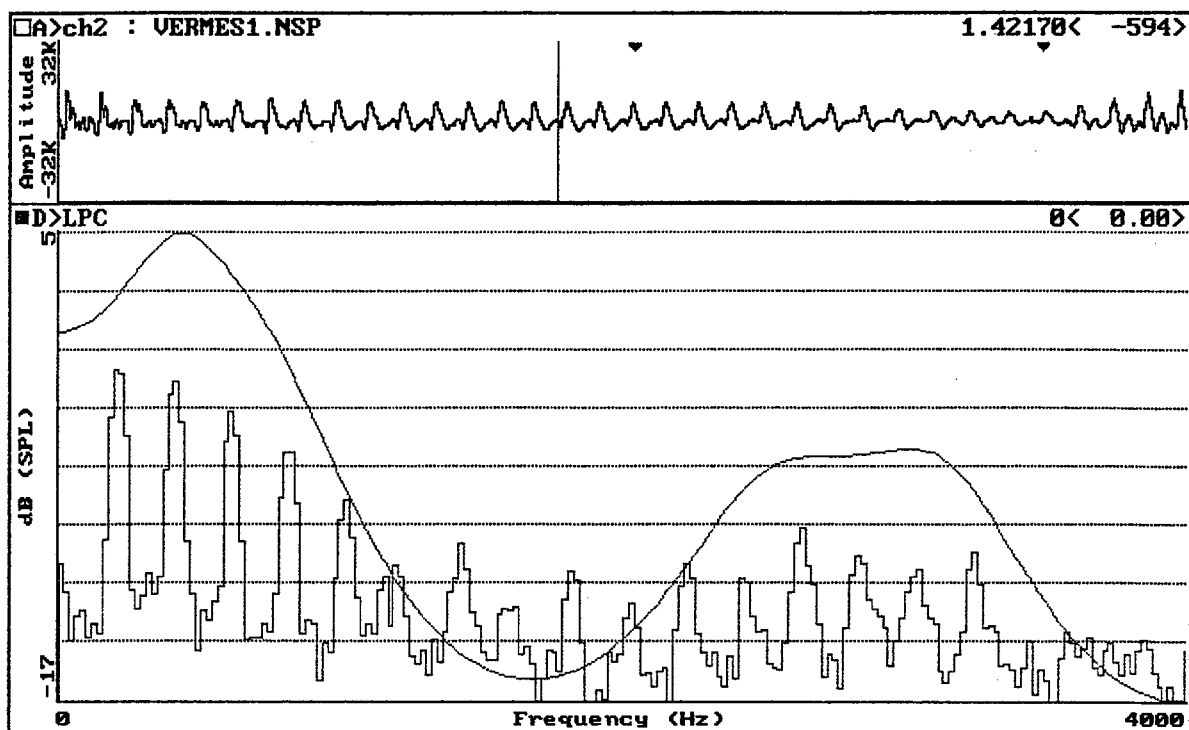


Figura 42

Os resultados numéricos foram:

Primeiro formante: 373.08 seg.

Segundo formante: 702.27 seg.

Terceiro formante: 2504.56 seg.

Quarto formante: 2965.56 seg.

A partir da análise acústica da nasal velar [ŋ] anteposta ao segmento oclusivo velar sonoro [g], apresentaremos o quadro no qual constam os dados numéricos obtidos, bem como o resultado a partir destes dados:

QUADRO

ARQUIVOS NG	Formante 1	Formante 2	Formante 3	Formante 4
Rio	307,630	867,210	2.519,530	2.667,160
água2	317,680	975,640	2.295,340	2.776,470
água3	329,510	557,240	1.977,560	2.863,430
Piolho2	352,960	695,960	2.015,640	2.699,490
Vermes1	373,080	702,270	2.504,560	2.965,560
Média	336,172	759,664	2.262,526	2.794,422
Desv. Padrão	26,66936	163,202	258,7791	122,0454
Int. Confiança 95%	8,04458	49,22845	78,05847	36,81392

Até aqui, fizemos um levantamento da duração e dos formantes de cada nasal dentro do seu grupo específico de pré-nasalização [mb], [nd], [ŋg], por meio de uma seleção de dados de segmentos pré-nasalizados.

4.9 Oclusiva alveolar pós-nasalizada [dn]:

Conforme mencionamos no início deste capítulo, o segmento pós-nasalizado [dn] pode ocorrer em finais de sílabas seguido das vogais [i], [ĩ], [e], [ɛ] e [a]. Na análise que segue, deter-nos-emos apenas em alguns casos dos contextos citados acima, devido a falta de qualidade de gravação de alguns dados, procurando, portanto, obter melhores resultados.

a) Em 'aquecer' [tɔdn], a palavra aparece isoladamente. Na Figura 43 vemos a sua ocorrência em final de palavra e a sua demonstração em forma de onda (quadro A) sobreposta à transcrição fonética (quadro C):

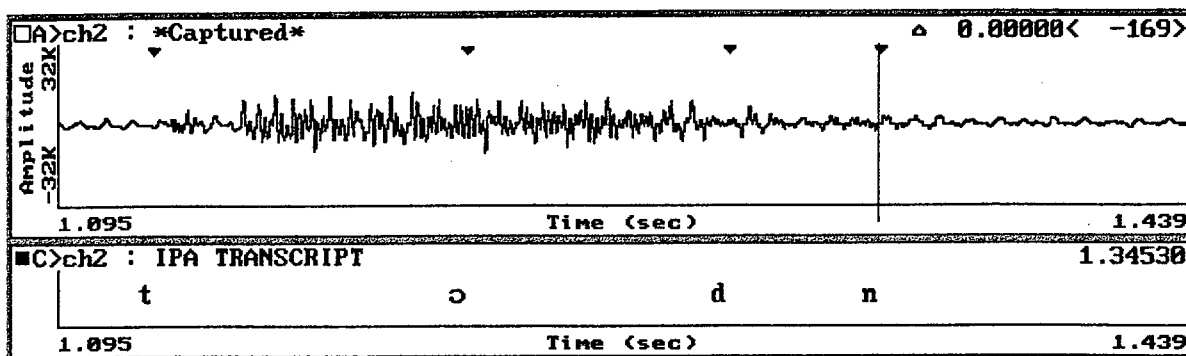


Figura 43

Segmentando a nasal, conforme marcas nos quadros A e C, num intervalo compreendido entre [1.3001, 1.3784], obtivemos uma duração de 0.0783 seg. (Figura 44):

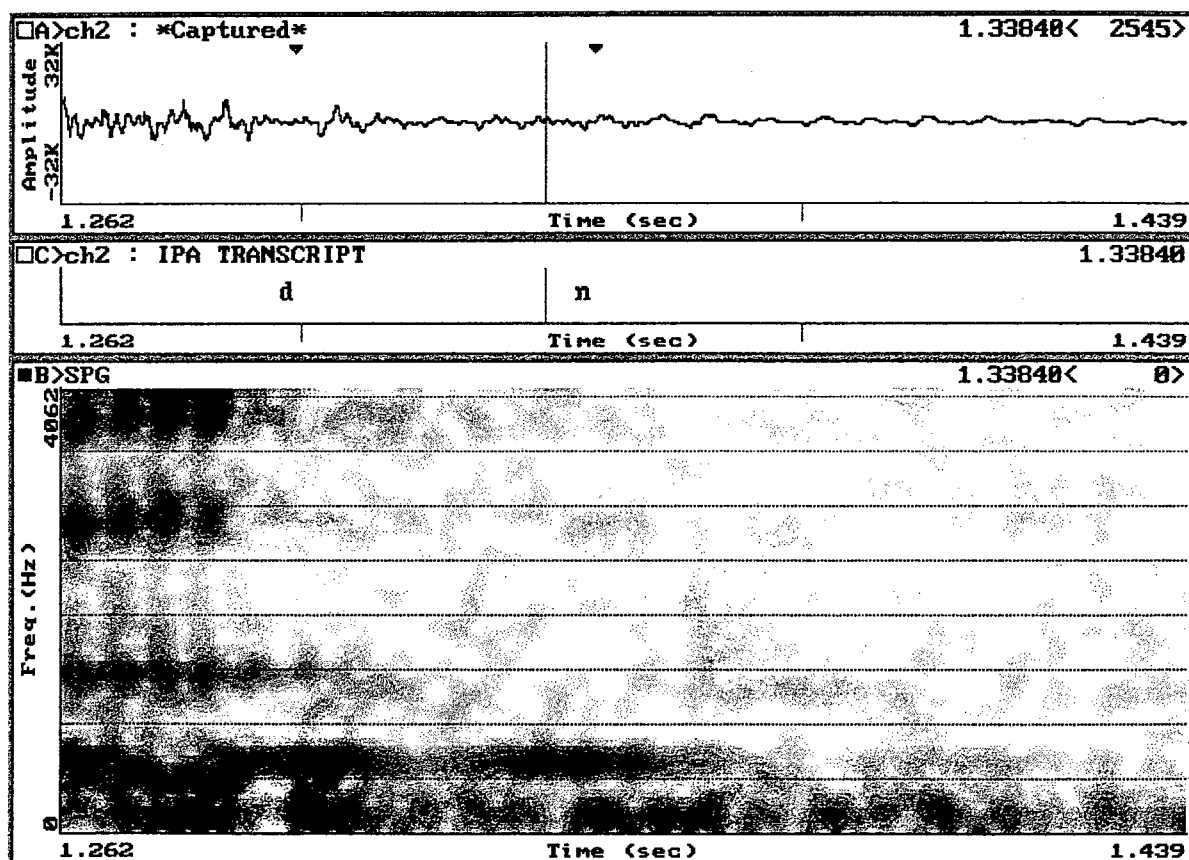


Figura 44

A partir da segmentação traçamos a representação gráfica de LPC e FFT (quadro D, Figura 45):

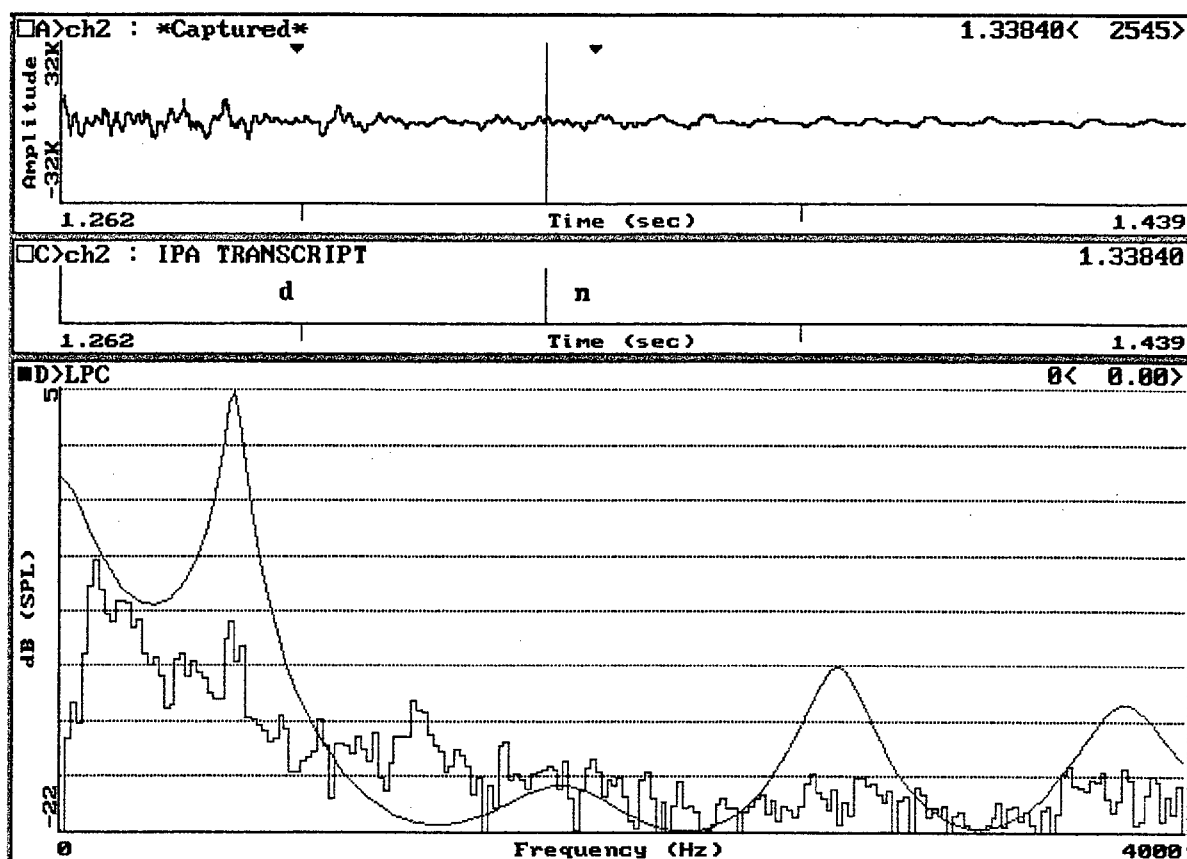


Figura 45

Chegamos, então, aos resultados numéricos seguintes:

Primeiro formante: 621.38 seg.

Segundo formante: 1784.18 seg.

Terceiro formante: 2771.17 seg.

Quarto formante: 3796.55 seg.

b) Na palavra 'mentir'[wɔdn] a nasal posposta à oclusiva pode ser melhor percebida e visualizada de acordo com a forma de onda (quadro A) (Figura 46):

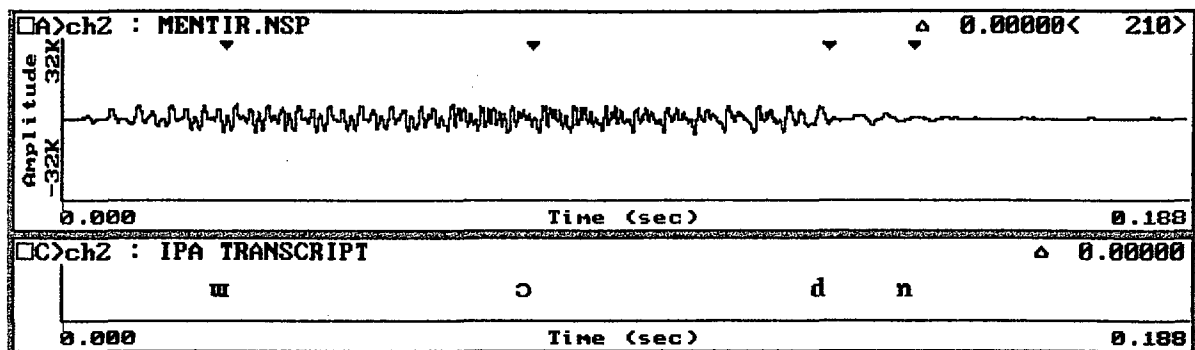


Figura 46

Abaixo, no quadro B da Figura 47, podemos observar por meio do espectro a ocorrência da nasal segmentada num intervalo entre [0.12790, 0.18260] com duração de 0.0547 seg.:

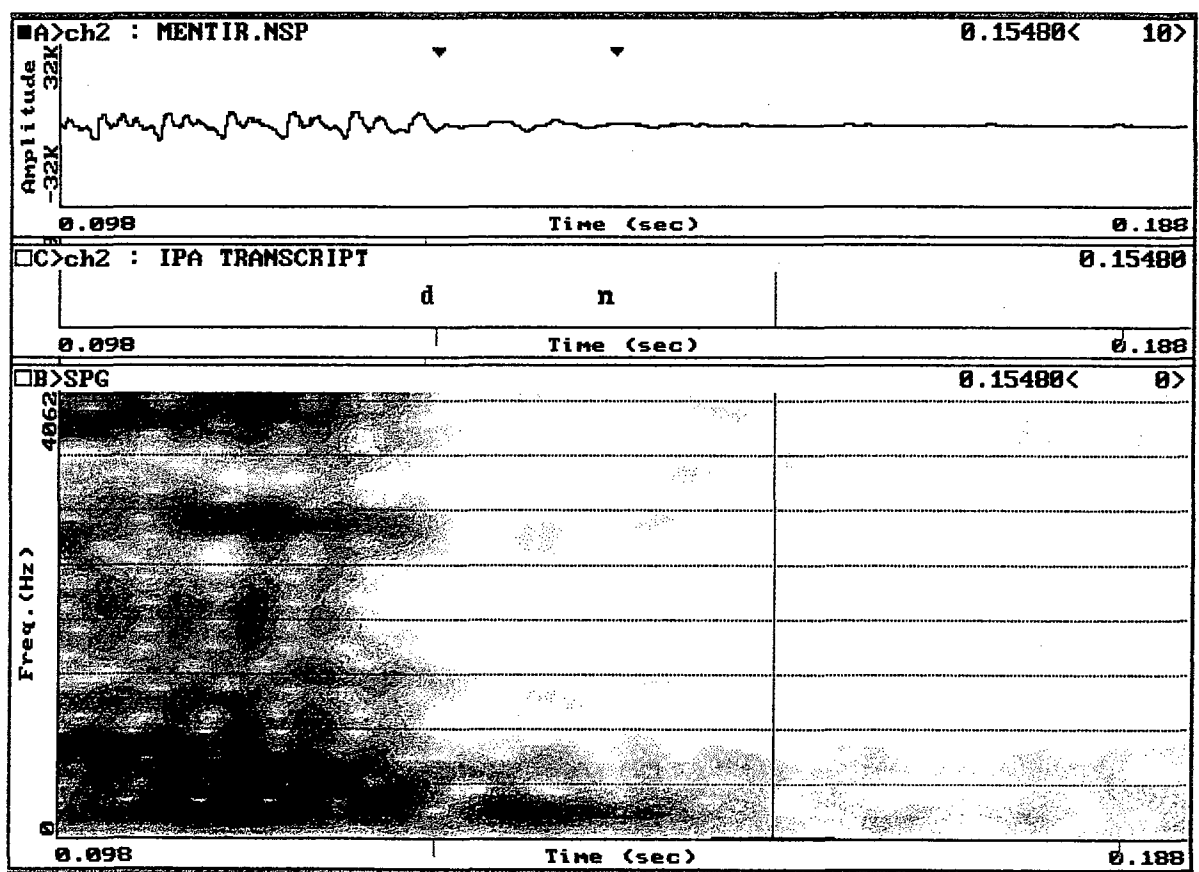


Figura 47

A partir da segmentação, portanto, chegamos à representação gráfica de LPC e FFT (quadro D, Figura 48), que nos levou aos resultados numéricos relacionados na seqüência:

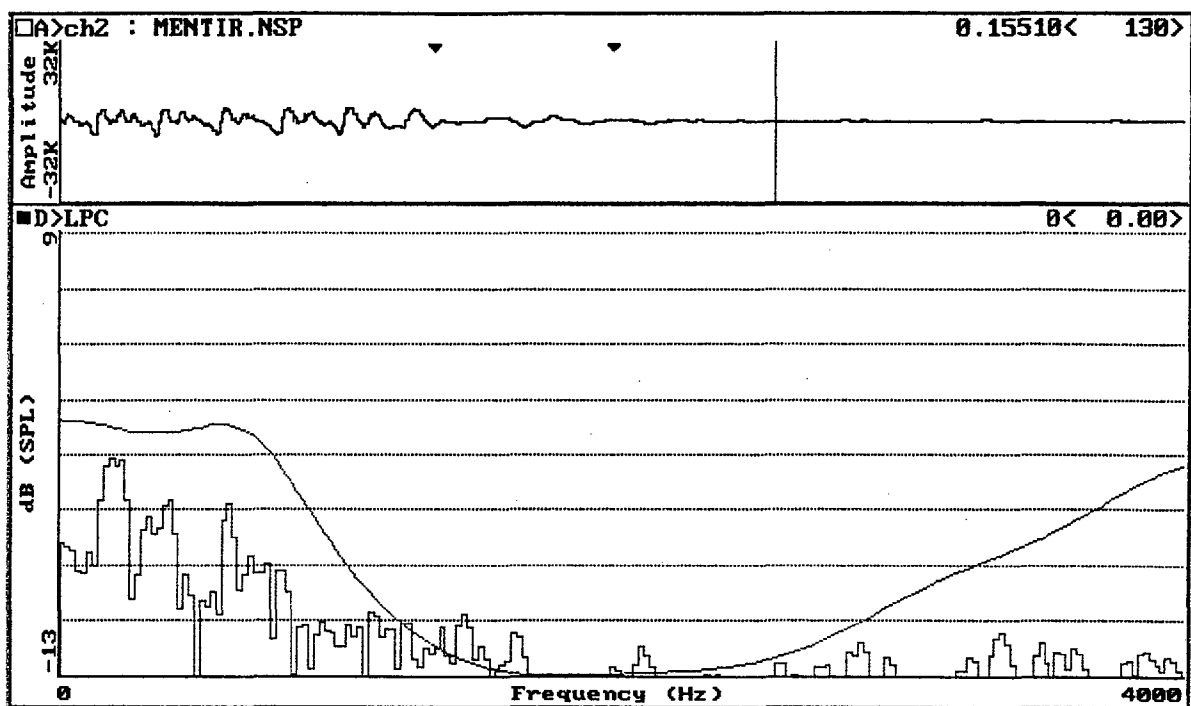


Figura 48

Resultados numéricos:

Primeiro formante: 640.01 seg.

Segundo formante: 1991.57 seg.

Terceiro formante: 3185.20 seg.

Quarto formante: 4063.40 seg.

c) Neste dado, encontramos a palavra 'amargo' em meio de enunciado, na seguinte frase: [kõmũj wã fõdni] 'o chimarrão é amargo'. Desta forma, verificamos a ocorrência da pós-nasal em meio de palavra e em meio de enunciado. Abaixo, portanto, na Figura 49, temos a demonstração parcial da palavra no contexto acima, nos quadros A e B, em forma de onda e em figura espectral, respectivamente:

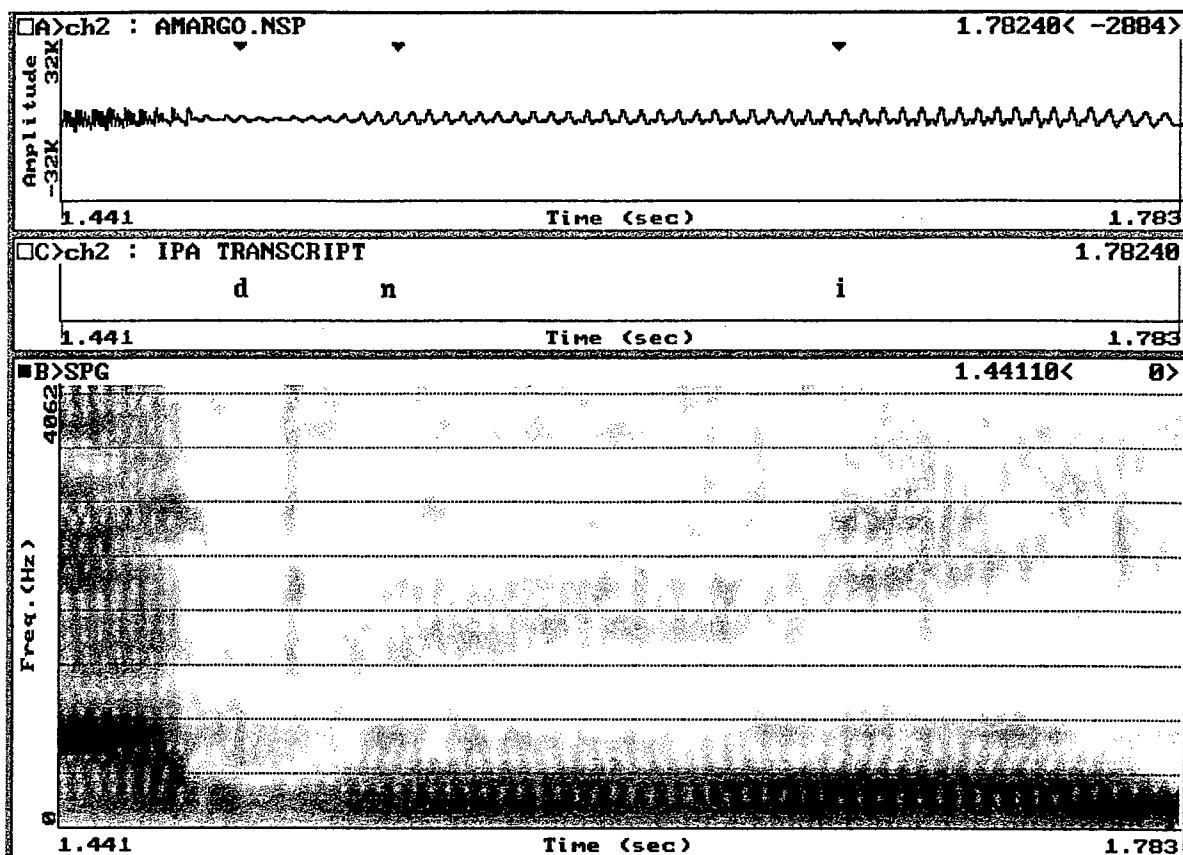


Figura 49

Na Figura 49, comparando paralelamente os quadros C e B, visualizamos na figura espectral, com pontilhados menos densos, o momento de relaxamento da oclusiva alveolar [d], conforme a transcrição fonética, assim como a realização da nasal [n] seguida de uma vogal anterior alta [i], com pontilhados mais densos. Contudo, se formos ainda comparar a demonstração espectral de [n] e [i], veremos que há maior concentração de energia no momento de realização da vogal, mesmo considerando a sonoridade de ambos os segmentos. Assim, a nasal alveolar foi segmentada, neste contexto, obedecendo ao intervalo de [1.5278, 1.6761] com duração de 0.1483 seg. a partir dos quais chegamos à representação gráfica de LPC e FFT (quadro D, Figura 50):

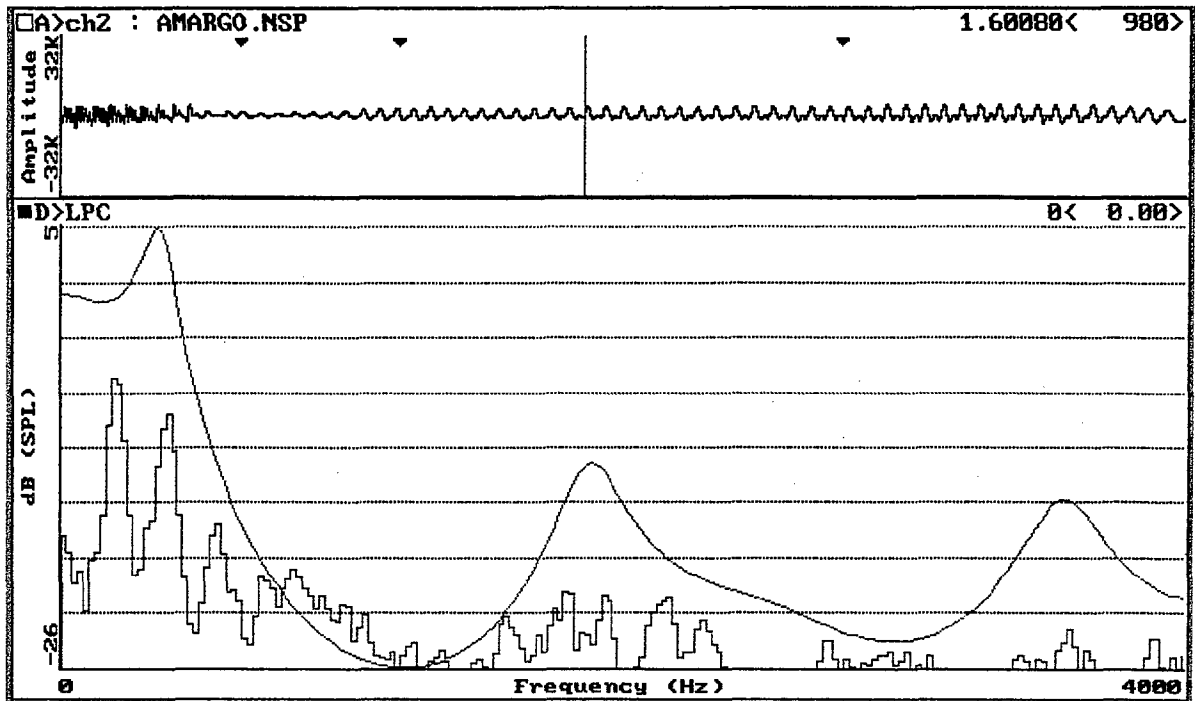


Figura 50

A representação gráfica da Figura 50, levou-nos aos seguintes resultados numéricos:

Primeiro formante: 346.13 seg.

Segundo formante: 1889.45 seg.

Terceiro formante: 2494.97 seg.

Quarto formante: 3579.92 seg.

d) Na palavra 'torrar', abaixo demonstrada na Figura 51, a nasal encontra-se em final de palavra e final de sílaba:

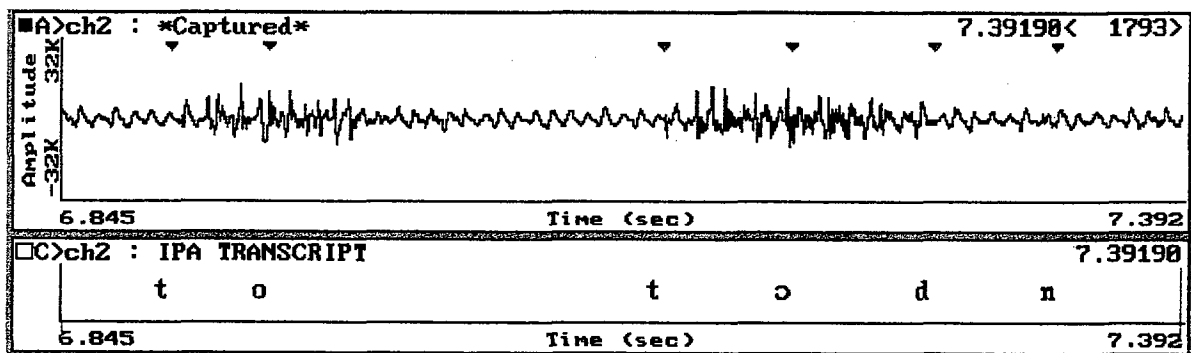


Figura 51

Consideramos um intervalo de [7.2784, 7.3436] com duração de 0.0652 seg., conforme marcações nos quadros A e B da Figura 52:

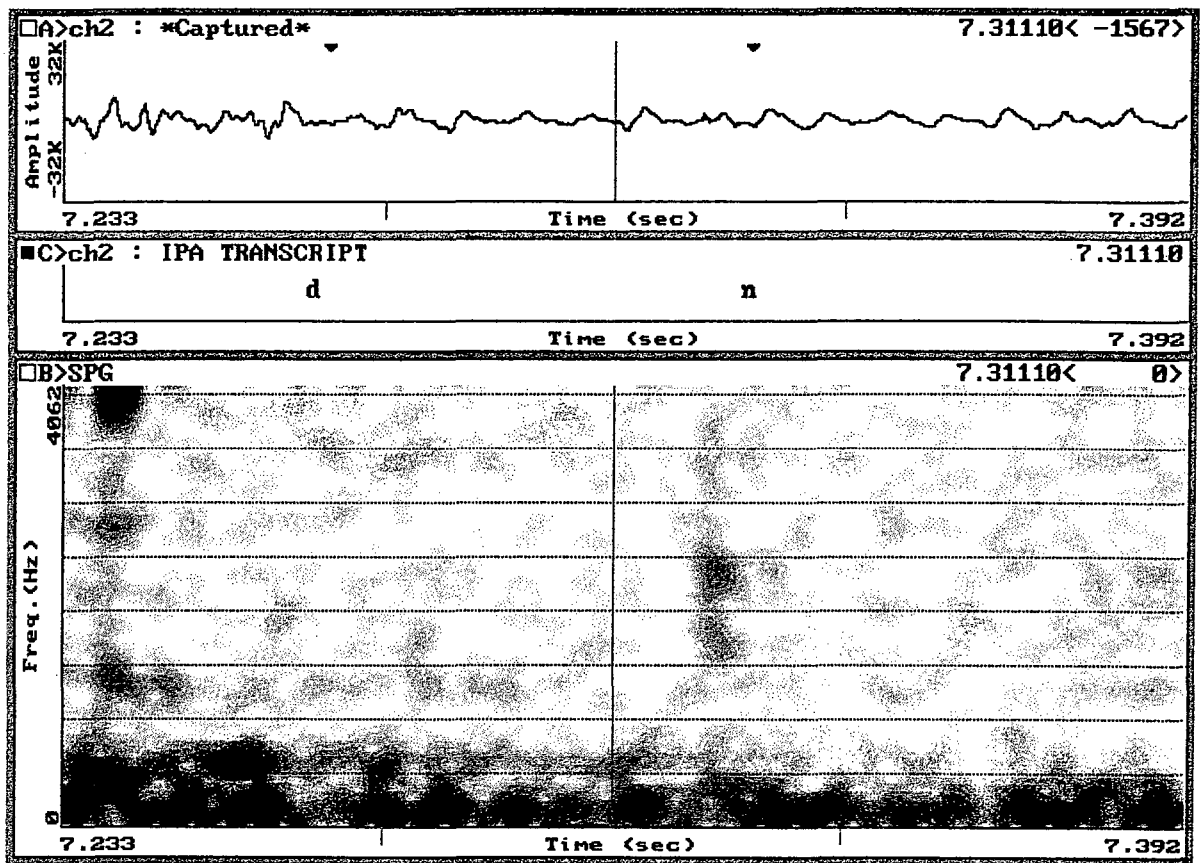


Figura 52

Abaixo demonstrado, temos a representação gráfica de LPC e FFT (quadro D) (Figura 53):

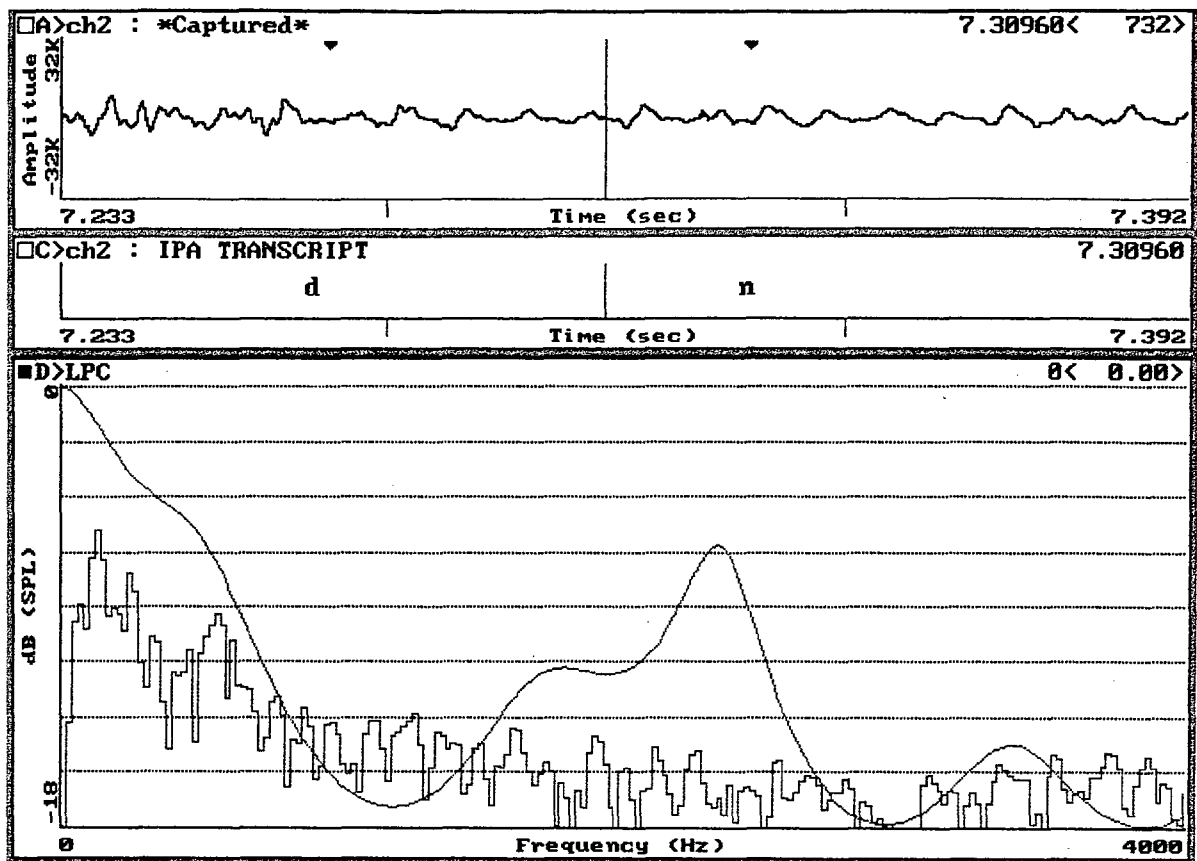


Figura 53

Os resultados numéricos obtidos foram os seguintes:

Primeiro formante: 437.71 seg.

Segundo formante: 1703.65 seg.

Terceiro formante: 2354.24 seg.

Quarto formante: 3402.11 seg.

e) Em 'gordura' temos a pós-nasal em meio de palavra, como podemos ver na Figura 54 (quadros A e C):

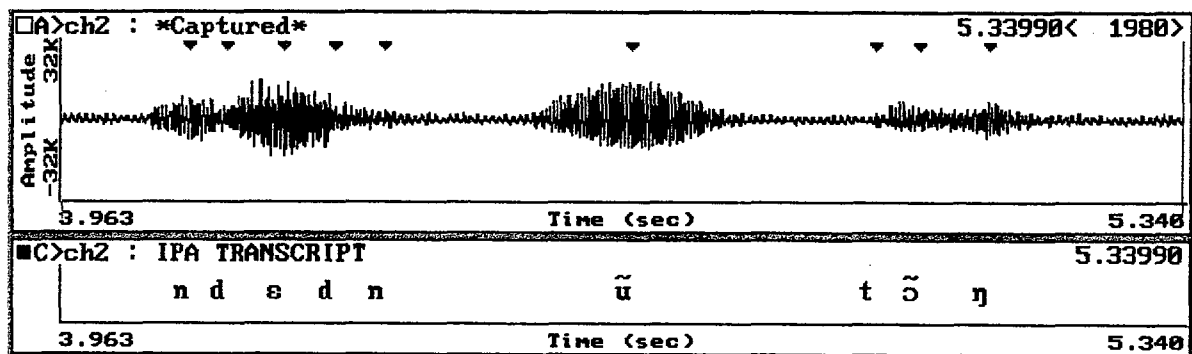


Figura 54

Uma vez segmentada num intervalo entre [4.3097, 4.3818], conforme marcações nos quadros A e B, chegamos a duração de 0.0721 seg.(Figura 55):

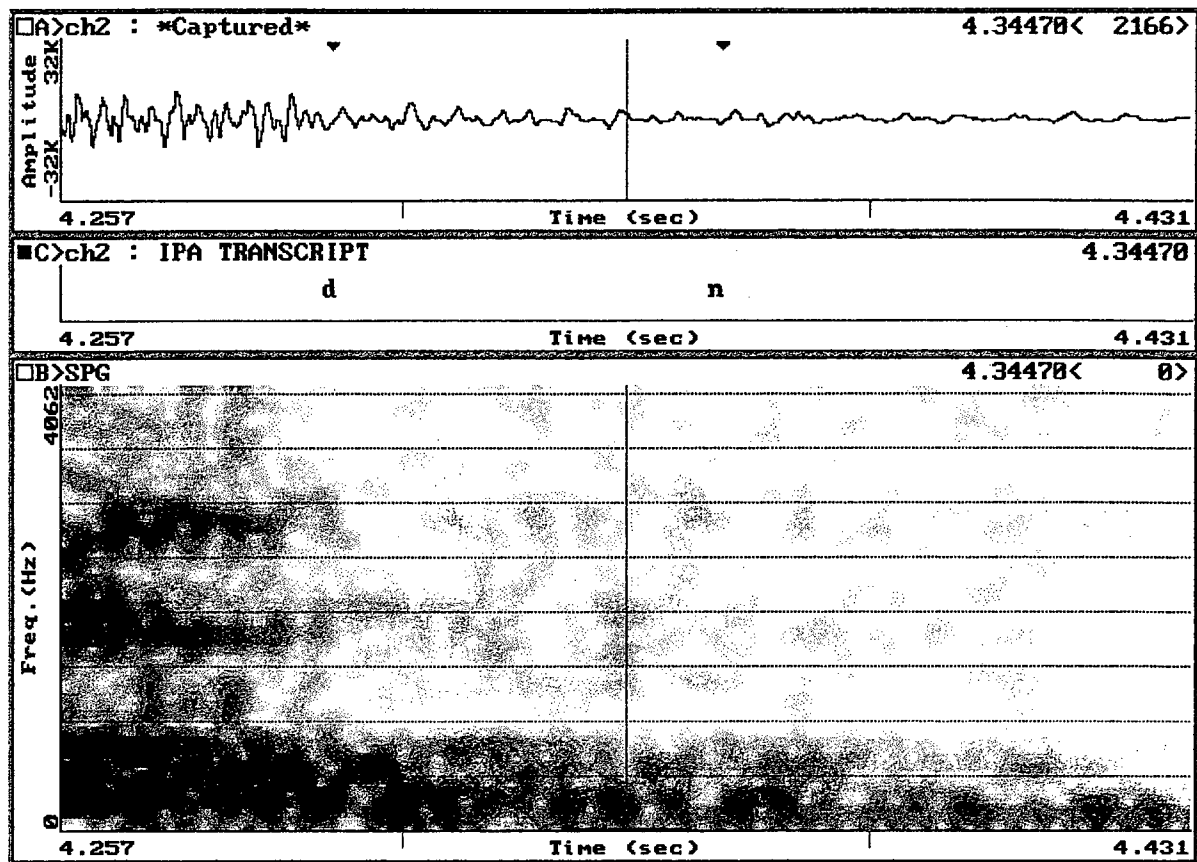


Figura 55

O quadro D (Figura 56) , abaixo, traz-nos a representação gráfica de LPC e FFT, a partir das delimitações de duração:

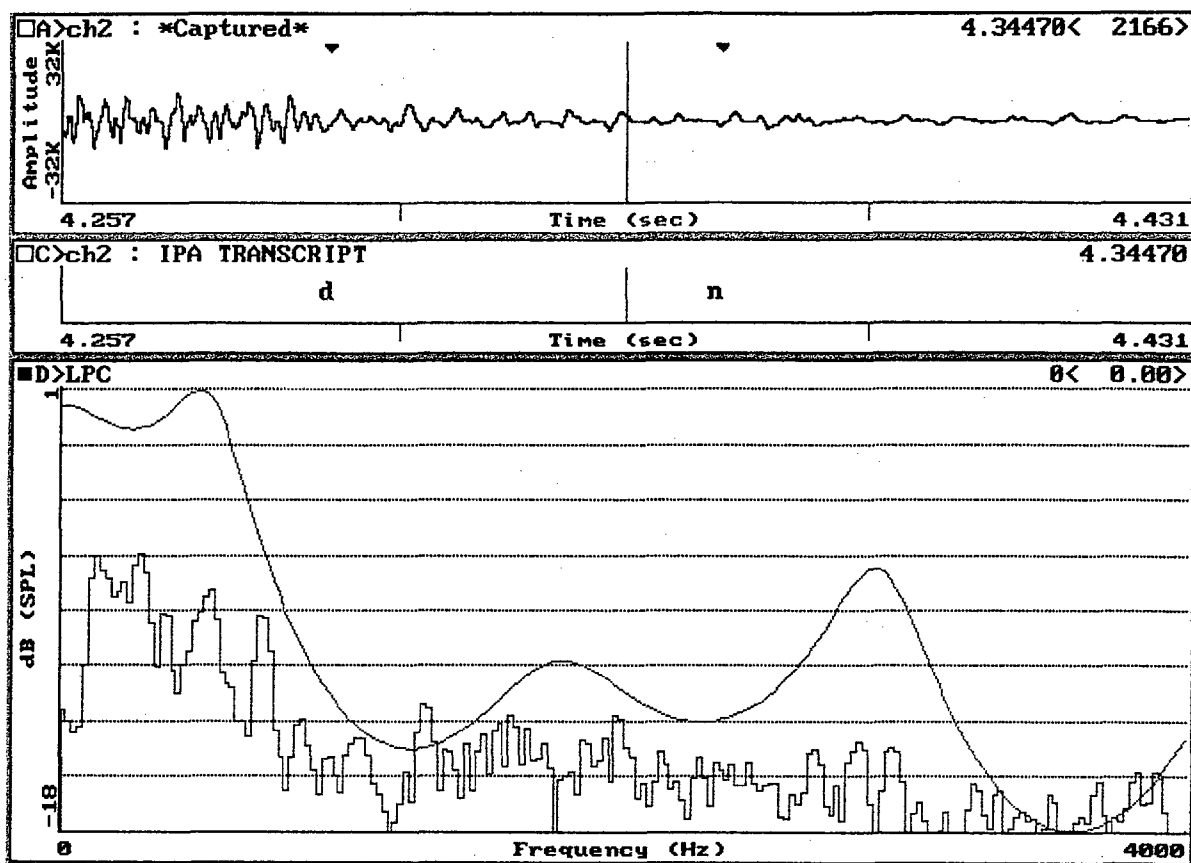


Figura 56

Os resultados numéricos obtidos foram os seguintes:

Primeiro formante: 510.41 seg.

Segundo formante: 1759 seg.

Terceiro formante: 2530.27 seg.

Quarto formante: 2912.60 seg.

Através do quadro abaixo podemos verificar a média alcançada para cada formante da nasal alveolar [n] posposta à sua oclusiva alveolar correspondente. Os valores correspondentes ao primeiro, segundo, terceiro e quarto formantes variam, porém sem alteração relevante, conforme pode ser visto nas colunas (formante 1, formante2, etc). Uma possibilidade, a respeito desta variação é hipótese de maior ou menor rapidez da fala ou ainda interferência de ruídos.

Há, porém, uma questão que merece a nossa atenção que seria a média dos formantes alveolares pós-nasalizados em relação à média alcançada para os pré-nasalizados. Optamos,

então, por compararmos os valores relativos à nasal alveolar com os valores da nasal velar que será demonstrada a seguir a fim de estabelecermos um parâmetro de análise.

Na sequência, contudo, apresentamos o quadro com os dados numéricos obtidos na análise acústica da oclusiva alveolar [d]anteposta a nasal alveolar [n]:

QUADRO

ARQUIVOS DN	Formante 1	Formante 2	Formante 3	Formante 4
Aquecer	621,380	1.784,180	2.771,170	3.796,550
Mentir	640,010	1.991,570	3.185,200	4.063,400
Amargo	346,130	1.889,450	2.494,970	3.579,920
Torrar	193,660	1.380,280	2.070,140	3.243,400
Gordura	510,410	1.759,000	2.530,270	2.912,600
Média	422,55	1.755,08	2.570,15	3.449,83
Desv. Padrão	194,28	267,38	460,27	491,47
Int.Confiança 95%	58,60	80,65	138,84	148,25

4.10 Oclusiva velar pós-nasalizada [g̃]:

a) No enunciado “a fruta é estragada” temos a palavra [kɔrɛg̃] ‘estragada’ no seguinte contexto:

- oclusiva velar seguida da sua nasal correspondente em final de palavra e meio de enunciado, conforme quadro A em forma de onda (Figura 57):

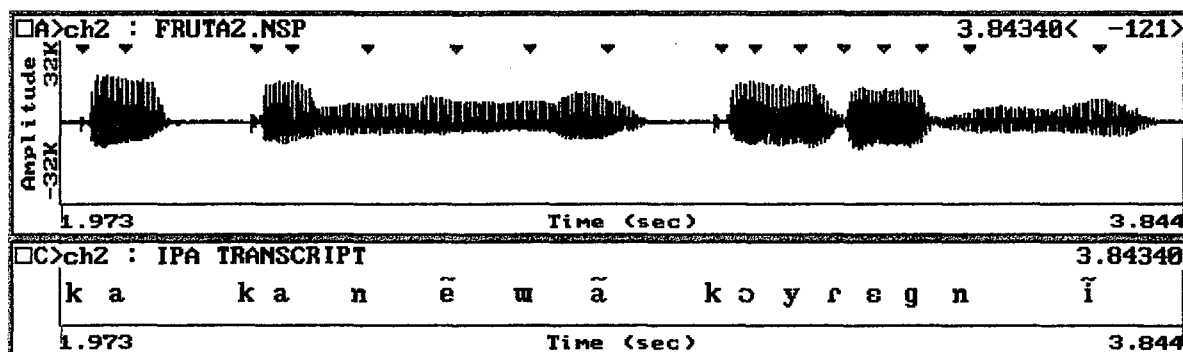


Figura 57

A figura abaixo mostra a nasal segmentada num intervalo entre [0.0875, 0.2161] com duração de 0.1286 seg.(Figura 58):

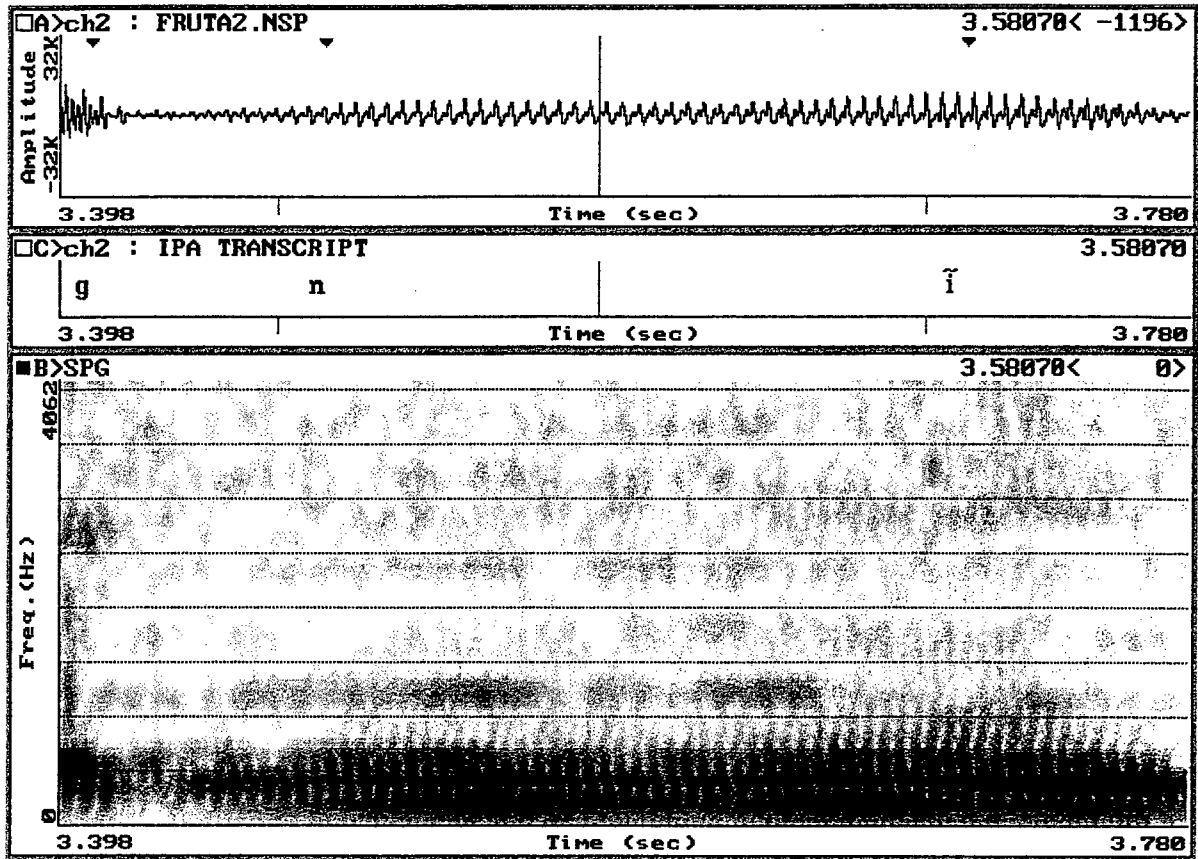


Figura 58

Chegamos, portanto, à representação gráfica de FFT e LPC (quadro D, Figura 59) a partir da qual obtivemos os resultados numéricos correspondentes:

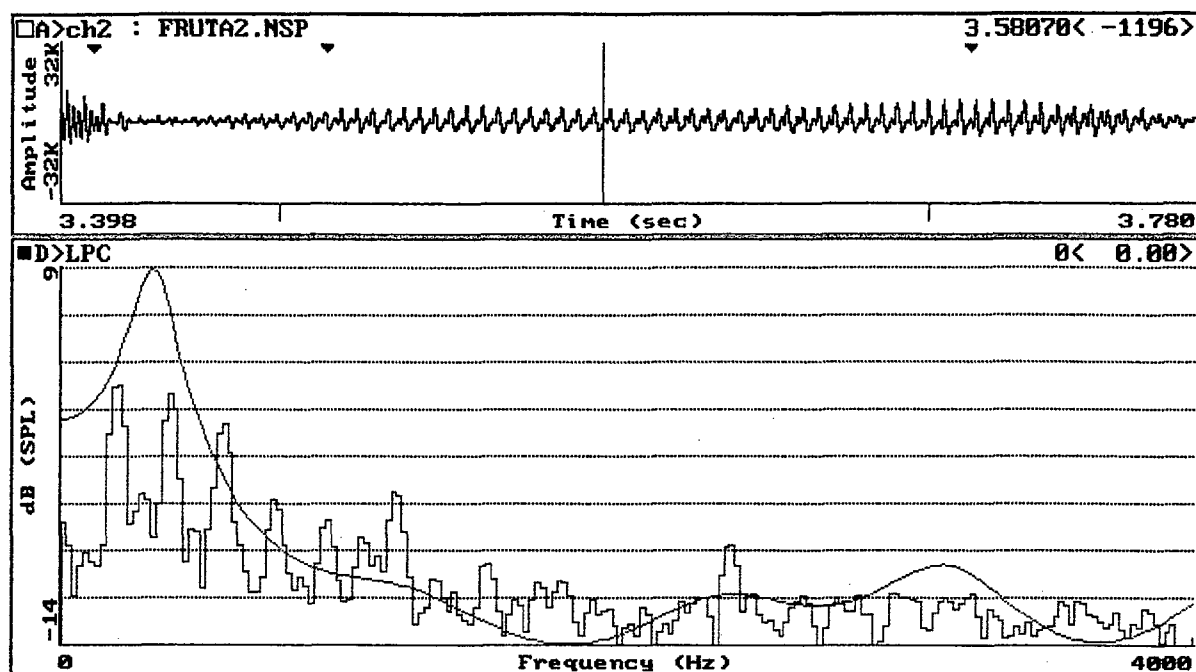


Figura 59

Resultados numéricos:

Primeiro formante: 370.64 seg.

Segundo formante: 1185.90 seg.

Terceiro formante: 2394.94 seg.

Quarto formante: 3142.23 seg.

b) Aqui temos a palavra 'papagaio' [yɔŋ yɔŋ] isoladamente, como demonstrada na Figura 60, quadros A e C:

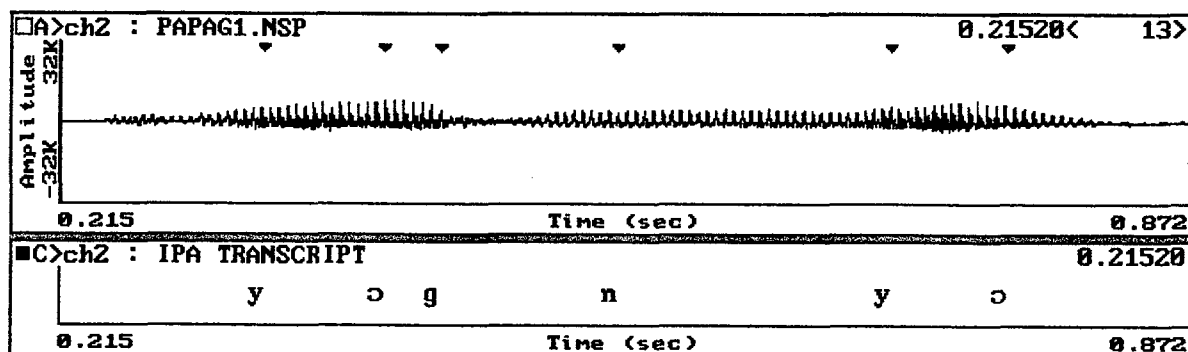


Figura 60

A nasal foi segmentada num intervalo entre [0.500, 0.602] com uma duração de 0.1018 seg., conforme quadro B, Figura 61, abaixo:

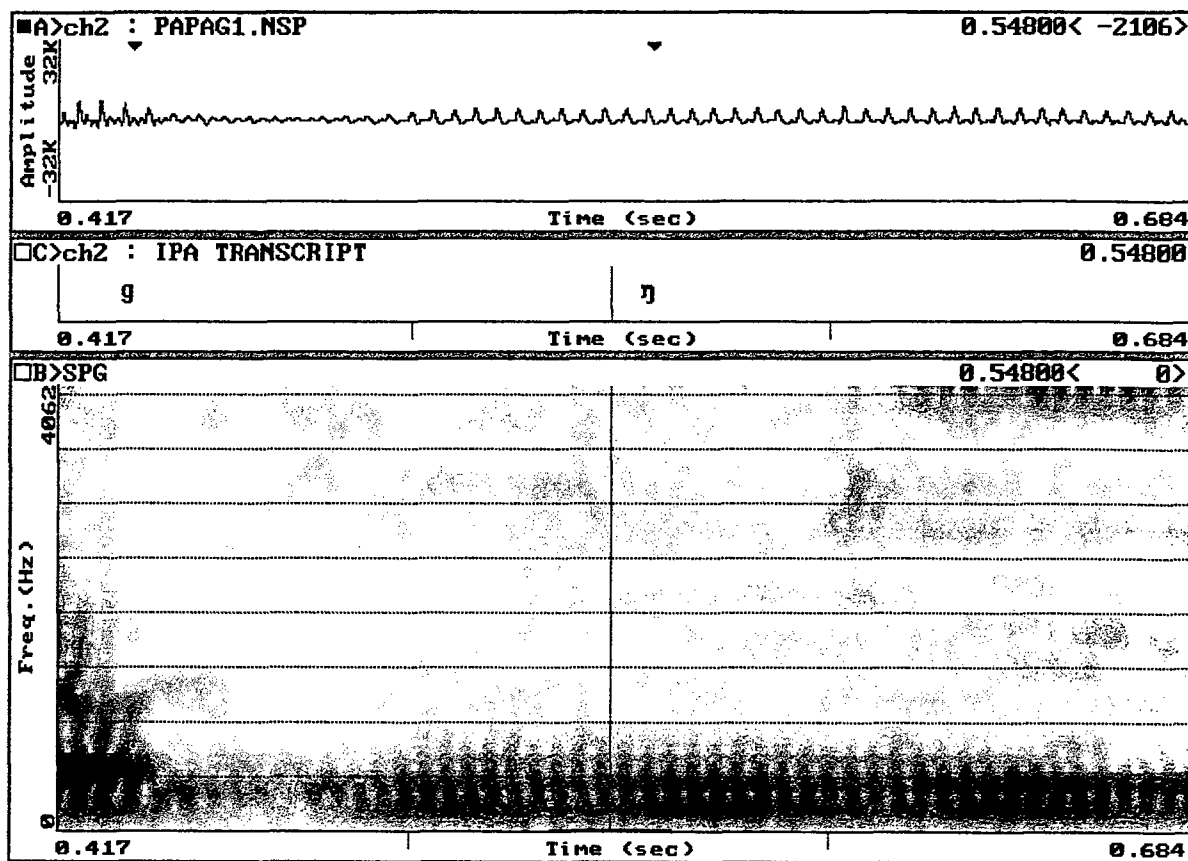


Figura 61

A partir da segmentação, por conseguinte, chegamos a FFT e LPC (quadro D, Figura 62):

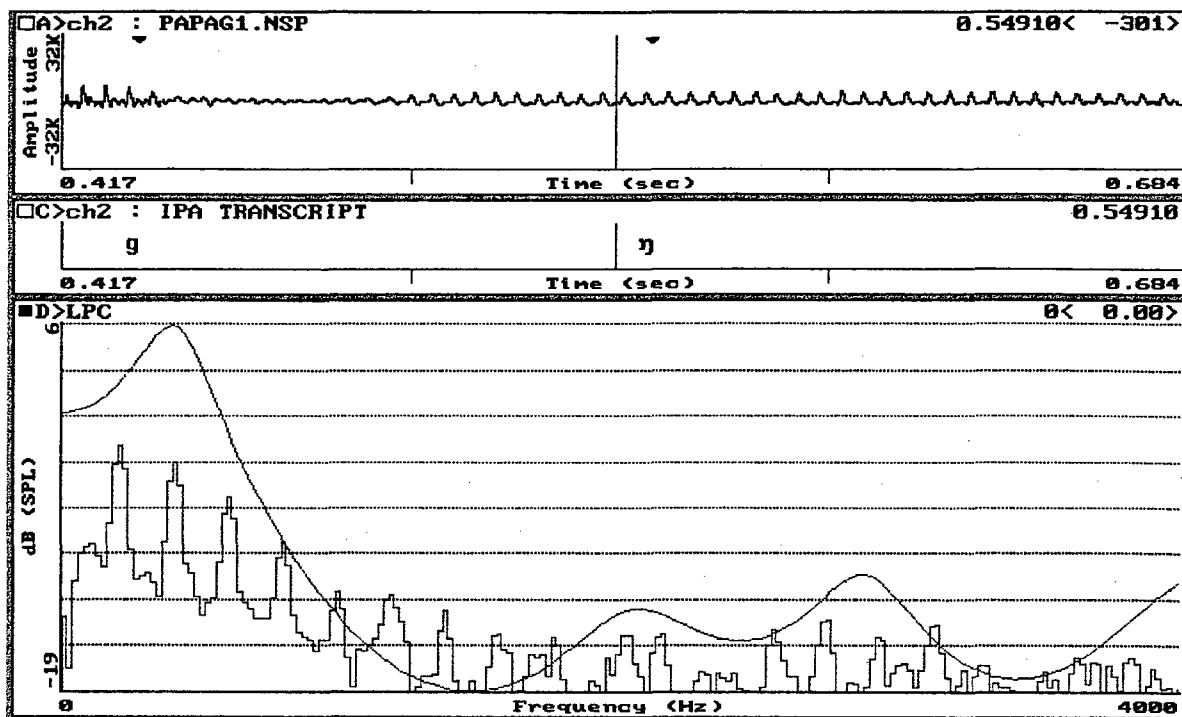


Figura 62

A representação gráfica de LPC levou-nos aos seguintes resultados numéricos:

Primeiro formante: 212.98 seg.

Segundo formante: 386.40 seg.

Terceiro formante: 2043.47 seg.

Quarto formante: 2873.68 seg.

c) No arquivo abaixo temos [yɔgŋ yɔgŋ] ‘papagaio’ no enunciado “as unhas do papagaio”, conforme transcrição fonética quadro c, Figura 63:

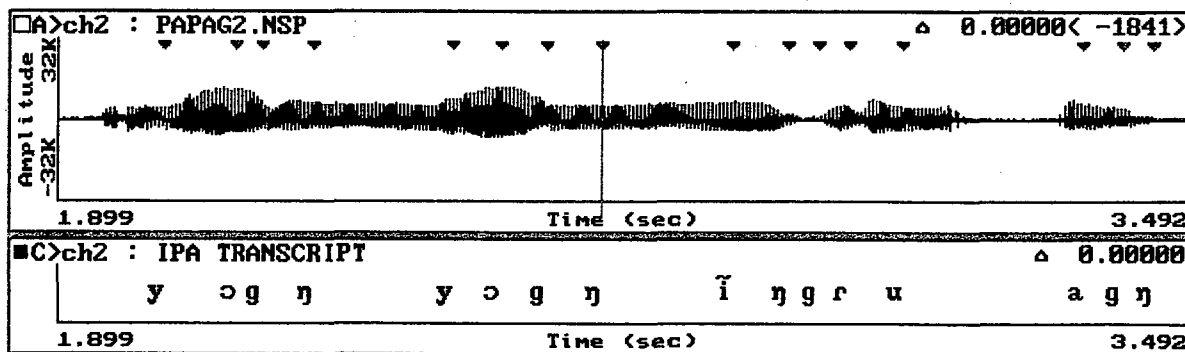


Figura 63

Em seguida, a partir da segmentação da nasal num intervalo entre [0.3133, 0.4313] com duração de 0.118 seg., chegamos à representação gráfica demonstrada no quadro D – Figura 64:

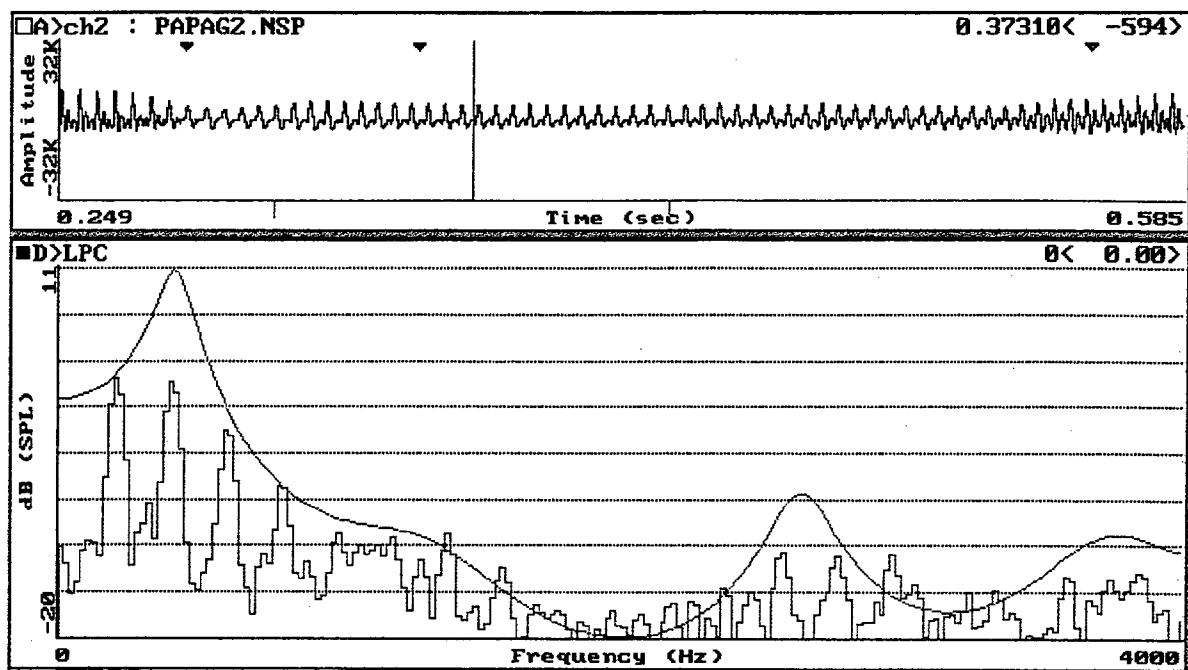


Figura 64

Os resultados numéricos obtidos foram:

Primeiro formante: 412.57 seg.

Segundo formante: 1296.30 seg.

Terceiro formante: 2645.87 seg.

Quarto formante: 3761.87 seg.

d) Encontramos a palavra ‘nuvem’ isoladamente’ (Figura 65):

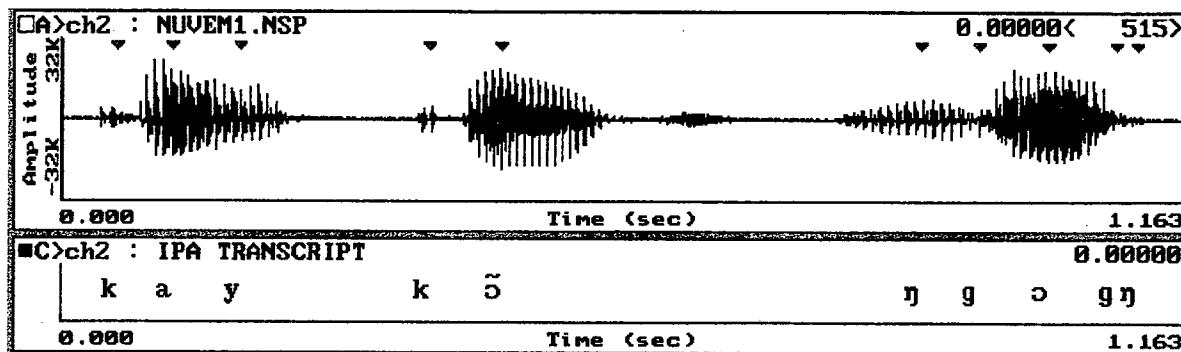


Figura 65

A nasal velar neste contexto foi segmentada num intervalo entre [0.3111, 0.3799] com duração de 0.0688 seg. atingindo os resultados numéricos a partir da representação gráfica (quadro D – Figura 66) trazidos na seqüência:

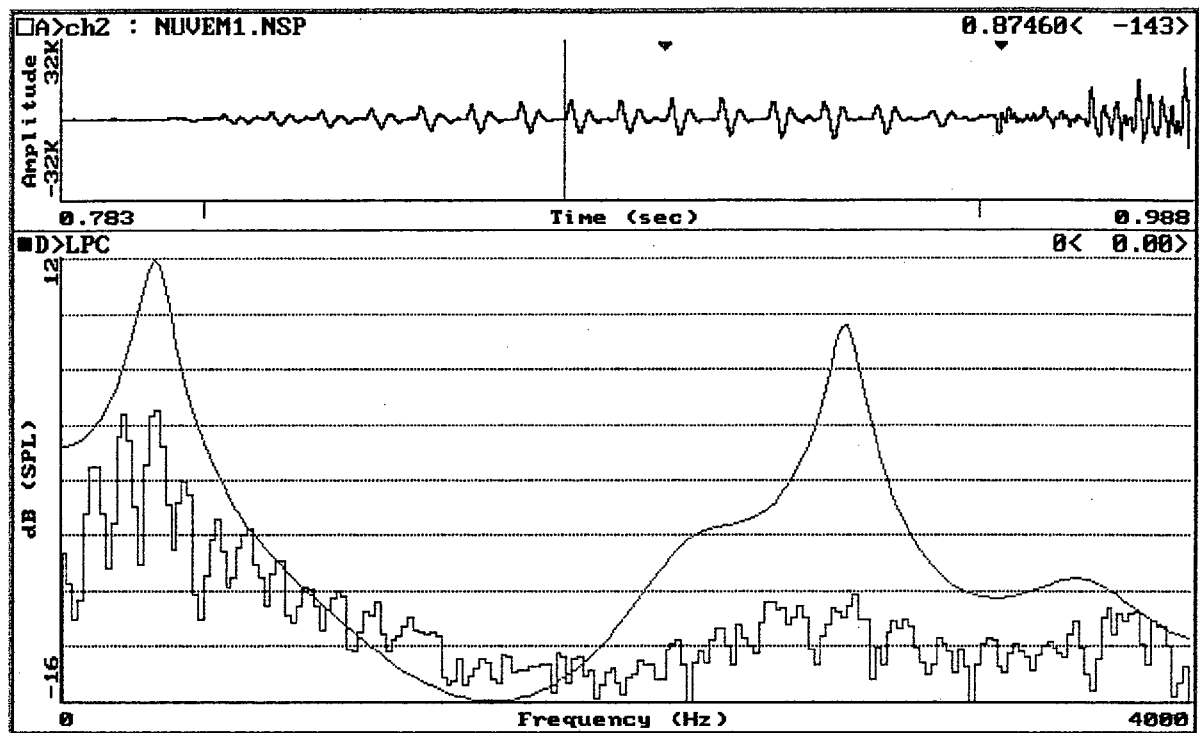


Figura 66

Resultados numéricos:

Primeiro formante: 989.41 seg.

Segundo formante: 2384.14 seg.

Terceiro formante: 3780.69 seg.

Quarto formante: 3921.01 seg.

e) Já no arquivo *eu2* a suposta nasal abaixo demonstrada (Figura 67), foi segmentada num intervalo entre [0.20300, 0.27540] com duração de 0.0724 seg.:

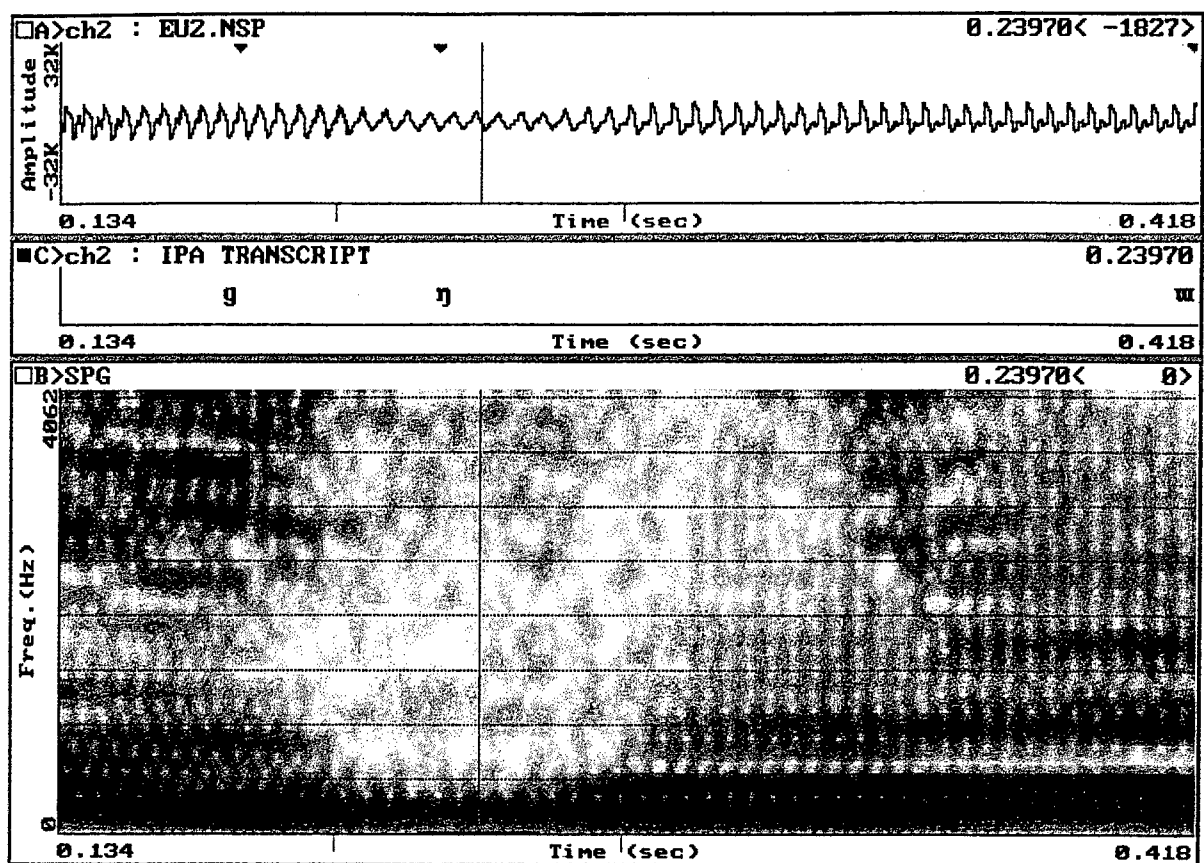


Figura 67

Desta segmentação, obtivemos a representação gráfica do quadro D – Figura 68:

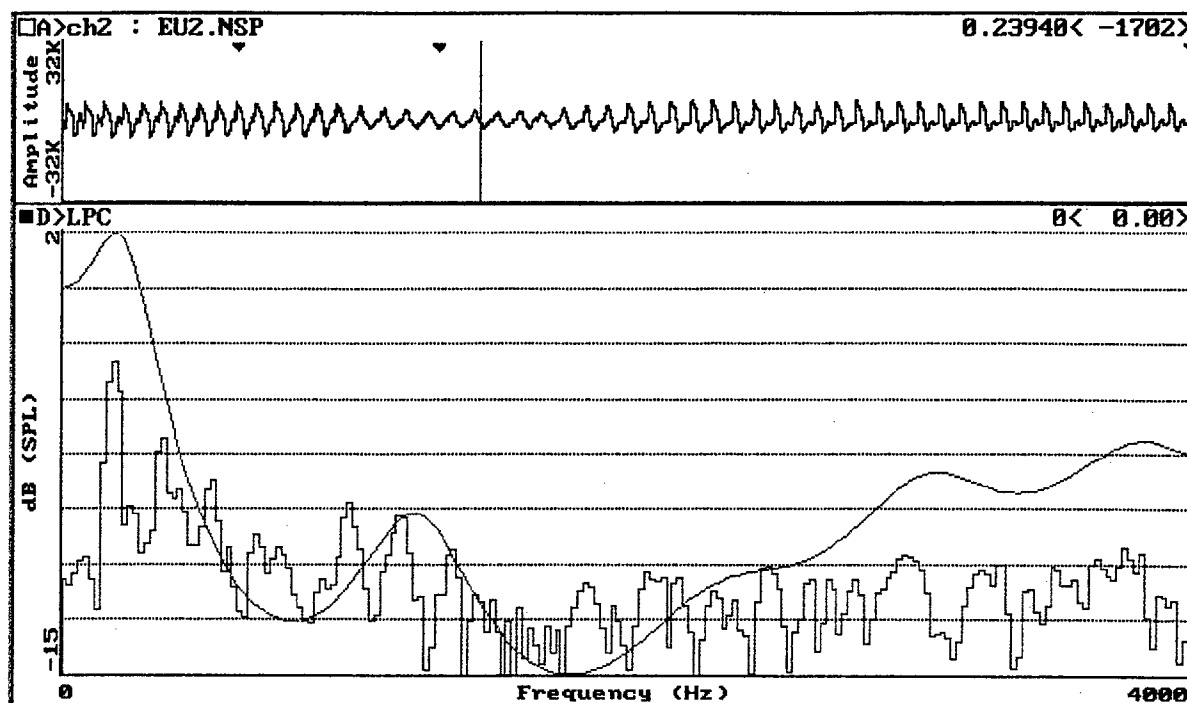


Figura 68

Os resultados numéricos alcançados, portanto, foram:

Primeiro formante: 184.92 seg.

Segundo formante: 1249.69 seg.

Terceiro formante: 2309.48 seg.

Quarto formante: 3076.31 seg.

Assim, observando os resultados numéricos alcançados nestes dois últimos dados e considerando os valores disparezes que apresentam em relação às demais realizações da nasal velar, concluímos que se trata de outro tipo de nasal, provavelmente a nasal palatal sobre a qual não nos detivemos neste capítulo.

O critério para a constatação da existência de nasal anteposta e/ou posposta às suas oclusivas correspondentes, foi portanto, a análise numérica, mais precisamente a média aritmética encontrada para o formante de cada caso em específico.

Desta forma, apresentamos a seguir o quadro com os dados numéricos obtidos após a análise do segmento oclusivo velar [g] anteposto a nasal velar [ŋ], encerrando a análise acústica dos segmentos pós-nasalizados encontrados no dialeto Central:

QUADRO

ARQUIVOS GN	Formante 1	Formante 2	Formante 3	Formante 4
fruta2	307,640	1.185,900	2.394,940	3.142,230
Papagaio1	212,980	386,400	2.043,470	2.873,680
Papagaio2	412,570	1.296,300	2.645,870	3.761,870
Núvem	989,410	2.384,140	3.780,690	3.921,010
eu2	184,920	1.249,690	2.309,480	3.076,310
Média	421,50	1300,49	2634,89	3355,02
Desv. Padrão	329,78	711,62	675,69	458,40
Int. Confiança 95%	99,47	214,65	203,82	138,27

Consideramos que os resultados formânticos obtidos para a análise da nasal labial [m], comprovam a ocorrência deste segmento, mesmo constatando algumas eventuais variações que podem ser decorrentes da velocidade da fala ou de ruídos. Assim, atestamos a presença de um segmento oclusivo pré-nasalizado [mb] no dialeto Central da língua Kaingáng. Do mesmo modo, consideramos mínimas as variações formânticas nos casos da nasal alveolar [n] anteposta à sua oclusiva [d] correspondente, comprovando desta forma a ocorrência do segmento [nd], embora tenhamos encontrado maiores variações formânticas entre as nasais alveolares anteposta [nd] e posposta à oclusiva alveolar [dn]. Observamos que as médias alcançadas possuem maior diferença o que poderia nos levar a questionar a presença de uma oclusiva alveolar pós-nasalizada [dn]. Todavia, comparando os resultados tanto de [dn] quanto de [gŋ] observamos que, a média alcançada para a nasal velar, neste caso, aproxima-se mais à média da alveolar também posposta. Desta forma, consideramos perfeitamente possíveis as realizações de oclusivas alveolar e velar pós-nasalizada, [dn] e [ŋg], respectivamente, no Kaingáng Central. Todavia, sobre a nasal velar anteposta à oclusiva velar sonora [ŋg], que parece ser uma das realizações mais frequentes em Kaingáng, parece não haver tanta variação formântica, mantendo uma média estável em relação ao seu correspondente oclusivo velar pós-nasalizado [gŋ].

CAPÍTULO V

5 ANÁLISE FONÊMICA

A partir do levantamento dos segmentos consonantais e vocálicos (cf. cap. III) encontrados no dialeto Central do Kaingáng, analisaremos neste capítulo a função de cada um deles no referido dialeto, bem como o seu status determinado. Inicialmente, trataremos dos segmentos oclusivos, incluindo os pré e pós-nasalizados. Com posterior análise dos fricativos, tap e aproximante, finalizaremos com os comentários pertinentes sobre o oclusivo glotal. Primeiramente, será feita a análise dos fonemas vocálicos, através da abordagem das vogais altas orais e nasais, seguida das vogais médias anteriores e posteriores, orais e nasais, finalizando com a análise fonêmica dos segmentos centrais médios e baixos.

5.1 Fonemas Consonantais:

5.1.1 Oclusivos e nasais:

Em se tratando dos oclusivos, temos a ocorrência de quatro oclusivos surdos no Kaingáng Central, [p], [t], [k] e [ʔ]. Primeiramente, trataremos dos três primeiros segmentos, arrolando os exemplos clássicos de pares mínimos e análogos que comprovam o status fonêmico destes, deixando, entretanto, comentários referentes ao oclusivo glotal ao final deste capítulo. Na sequência, abordaremos as funções e status dos segmentos oclusivos pré e pós nasalizados, baseados nos dados em anexo bem como na análise do cap. III.

- Oclusivos surdos [p], [t] e [k]: encontram-se em posições idênticas e contrastam entre si, gerando mudança de significado. São eles:

- a bilabial surda [p] forma par análogo com a alveolar surda [t]:

[pɔʔe]`pedrada`	[pĩ]`fogo`	[tẽ]`voa`
[toʔɛ]`provocar`	[tĩ]`sem direção`	[pẽ]`manga da camisa`

- a alveolar surda [t] forma par mínimo com a velar surda [k]:

[ta]`chuva`

[ka] `árvore`

- a bilabial surda [p] forma par análogo com a pré-nasal bilabial sonora [mb]:

[pɔ] `pedra` [pu] `escondido`

[mbo] `espuma` [mbu] `nascer`

-a alveolar surda [t] forma par mínimo com a pré-nasal alveolar sonora [nd]:

[to] `touro` [tey] `longo`

[ndo] `buraco` [ndey] `fava`

-a alveolar surda [t] forma par mínimo com a pré-nasal velar sonora [ŋg]:

[te] `alcançar`

[ŋgɛ] `também`

Assim, se dois segmentos encontram-se em ambientes idênticos, contrastando entre si, causando mudança de significado são entidades fonêmicas distintas uma da outra. Logo, /p/, /t/ e /k/ são fonemas.

- Oclusivos e nasais bilabiais [b], [m], [mb]:

Considerando os casos dos oclusivos bilabiais, dos alveolares e dos velares (surdos/sonoros) juntamente com as respectivas nasais, verificamos as seguintes ocorrências: quanto a nasal bilabial [m] e a pré-nasalizada [mb] notamos a seguinte distribuição: [mb] ocorre sempre diante de vogais orais, seja em início ou meio de enunciado, enquanto [m] ocorre diante de vogais nasais em início de enunciado ou diante de vogais orais e/ou nasais em meio de enunciado, enquanto que o oclusivo [b] não ocorre nas posições iniciais ou mediais de palavra e/ou enunciado, senão quando seguido pela nasal [m], conforme demonstrado abaixo:

[mbu] `nascer` [i̯ mbu] `nascer do sol`

[mbiʃu] `bicho`

[ŋgoy ɔɔ mbəŋ] `lagoa`

[kũmbre] `coçar` [ti wã fa kũmbre] `ele está coçando a perna`

(ele- está-perna-coçar)

[mbɾɛ] `com` [ti nded ũni komɛ ʃa mbɾɛ] `ele come carne com sal`

(ele-carne-comer-sal-com)

Logo, os segmentos [m], [mb] e [b] estão em distribuição complementar, sendo portanto, variantes de um único fonema /m/. Cabe dizer que no caso das bilabiais não verificamos ocorrências de pós-nasalização no Kaingáng central.

- Oclusivos e nasais alveolares:

Em relação às alveolares [n], [nd], [dn] e [d] verificamos as seguintes ocorrências: a nasal [n] pode ocorrer em início de sílaba com as vogais orais [ɛ] e [i] e com as vogais nasais [ĩ], [ũ], conforme os exemplos:

[ni] `carne` [nũ nɛ] `língua` [ní ŋrẽɲ] `orelha`

Em final de sílaba com as vogais altas nasais [ĩ] e [ũ] e com a média meio-fechada nasal [e], com as médias meio-abertas nasais [õ], [ẽ], e ainda com a baixa nasal [ã] conforme:

[ĩn] `casa` (morada) [pũn] `queimar`
[igɲ pẽn] `meu pé` [põnke] `peito`
[nõn ti] `o mato` [ʒ nãn nãn] `você puxa`
[xẽ tɔ kɔnkɔn mũ] `onde vai cavar`?

Notamos nos quatro primeiros exemplos, a realização final da nasal [n] exposto acima, todavia, os dois exemplos seguintes -"mato" e "puxar"- merecem atenção especial, por conterem também a presença da nasal em início de sílaba. Esta, por sua vez, explica-se na medida em que só encontramos nos nossos dados palavras iniciadas com [n], cuja vogal seguinte fosse também nasal ou nasalizada, pois, caso contrário, teríamos a presença do segmento pré-nasalizado, sobre o qual trataremos na seqüência. Há, ainda que considerar o último exemplo ("onde vai cavar") como uma exceção à regra mencionada acima, já que se trata de um enunciado interrogativo único no qual a presença da nasal não parece exercer influência sobre as vogais que a seguem. Por se tratar de um único caso não nos deteremos nesta questão, senão apenas, consideraremos a realização dos segmentos nasais diante de vogais nasais em início de sílaba, no Kaingáng Central, como relacionados ao tipo de enunciado emitido. Esta questão específica, entretanto, não será aprofundada neste trabalho.

Conforme citado anteriormente (cf. item 2.1.1) , o caso da pré-nasalização no Kaingáng Central está condicionado à posição que o segmento ocupa na palavra e/ou enunciado como também à qualidade da vogal que o acompanha, a saber, o segmento pré-

nasalizado ocorrerá sempre em início de sílaba ou início e meio de enunciado, seguido de vogal oral. Confira nos exemplos abaixo relacionados:

[ndupj]`pescoço` [ndugj]`barriga` [pʃndɔy]`monte,morro`

[ndo]`flecha` [kandɛɹ]`liso` [kundignj]`pequeno`

[ti pi ndəgɲ ni]`ele não está rindo`

(ele-não-rir-está)

O segmento pré-nasalizado poderá ser também palatalizado quando seguido da vogal oral alta fechada anterior [i]. O caso da palatalização seguida de [i] explica-se na medida em que o órgão ativo - língua- toca no palato que é o ponto de articulação do segmento consonantal como também anterioriza-se tocando o ápice na região palatal. Poder-se-ia pensar no exemplo da palavra “raposa”, como erro de transcrição fonética ou como um processo de epêntese sofrido pela vogal alta [i] no ato da fala, que devido à proximidade com o ponto palatal, africada e vogal fundem-se passando de um possível segmento [ndio]~[ndʒio]~[ndʒjo], gerando um segmento como [dʒo]. O que não se pode afirmar é que a palatalização se trata de um processo produtivo recente da língua, ou então, que se trata de um processo da língua num estágio passado. Todavia, o nosso objetivo é registrarmos tal realização, considerando como material a ser melhor explorado em estudos posteriores. Seguem abaixo os exemplos correspondentes:

[ndʒid]`costas`

[ndʒid ʃu]`coelho`

[ʃndʒiwd]`beijar`

[ndʒokəkɾɛ]`raposa`

Uma vez efetivada a análise acústica e constatada a existência de pós-nasalização neste dialeto, concordamos com as análises anteriormente feitas por D’Angelis 1990, a partir de dados coletados em Chapecó, bem como nos demais trabalhos descritivos sobre o Kaingáng (Cavalcante (1987) e Teixeira (1988)), sobre a pós-nasal em Kaingáng, demonstrando por meio de exemplos a sua ocorrência. Conforme denotam os dados abaixo a pós-nasalização no Kaingáng Central ocorre sempre em final de sílaba precedida de vogal oral e seguida de uma nasal e/ou vogal nasalizada:

[dədn ʉtʃ]`gordura`

[ti kʃhudn mɛ]`ele chupa`

[ti ndɔdn mɛ]`ele está furando`

[ti krodn mɛ]`ele bebe`

Desta forma, por meio da análise acústica consideramos pertinente a realização do segmento pós-nasal nos casos abaixo, conforme alguns exemplos :

[ndʒidn]`costa` [yɔ kiydɪn]`minhoca` [kukɫi ɫɛdn]`geada`

[iekɛdn kãñõ]`faca afiada` [mbɛdn]`marido [kekɛdn]`sussurar`

[hadn hadn]`persistir` [ndɛdn fut fur]`cisco

[xɛ redn kãñẽɲ mü]`quando vai ficar em pé?`

(quando-ficar-futuro)

De acordo com os dados analisados, os segmentos [d], [nd], [dn] e [n] estão em distribuição complementar, logo, são alofones de um mesmo fonema. Concluimos, portanto, que existe um fonema nasal consonantal alveolar /n/ no Kaingáng-Central que se realiza como :[nd]~[ndʒ]~[n] em início de sílaba e como [d]~[dn] em final de sílaba.

- Oclusivo e nasal velar:

Os segmentos velares também podem ser distribuídos em ambientes específicos, a saber:

[ŋ] e [ŋg] podem ocorrer em início de sílaba: [ŋ] seguido de vogal nasal e/ou formando grupo consonantal com [r] e [ŋg] seguido de vogal oral e/ou formando grupo consonantal com [r].

Demonstramos abaixo alguns exemplos dessa ordem:

[niŋrẽɲ]`orelha` [ŋrõŋ]`assar` [ŋõŋ]`cabelo`

[ha ʃuryko ŋrõŋ]`asse o churrasco`

[ŋgoy]`água` [ŋga]`piolhos` [niŋgɛ]`mão`

[ŋõŋgɛ]`lagarta` [niŋgru]`unha` [ŋgre]`peneirar`

[ŋgrug]`acender` [kõŋgra]`imagem`

[g], [ŋ] e [gŋ] ou “[ŋg]” poderão ocorrer em final de sílaba: [g] precedido por vogal oral, enquanto [ŋ] precedido por vogal nasal, conforme os exemplos que seguem:

[ŋgrugŋ]`acender` [bigŋ bigŋ]`relâmpago`

[õŋ]`bocejar` [kõŋõŋ]`secar`

Esclarecemos, portanto, a questão dos segmentos [gŋ] e [ŋg] na medida em que não tínhamos, anteriormente, parâmetros para afirmarmos acerca de sua realização.

Em seu trabalho de análise fonológica da língua Kaingáng, D'Angelis (1990), considera a existência de uma pré-nasalização [ŋg] em final de sílaba precedida sempre por vogal oral. Caso fosse um segmento nasal que o acompanhasse poderíamos cogitar a possível influência da vogal nasal sobre um segmento vizinho. Esta hipótese seria de certa forma viável, se considerássemos a realização do segmento nasal imediatamente à realização da vogal. Todavia, o próprio autor reconhece não ser este o caminho, supondo inclusive uma falha de transcrição. Por outro lado, temos trabalhos de outros dialetos da língua Kaingáng (Wiesemann (1972); Teixeira (1978) e Cavalcante (1987)) nos quais os autores postulam a existência de uma pós-nasalização nos dialetos do Paraná, Nonoai e São Paulo, respectivamente. Acreditamos que os dialetos possuem algumas semelhanças que serão citadas no transcorrer deste trabalho, sendo a pós-nasalização, uma das semelhanças entre eles. Desta forma, se formos considerar uma pós-nasalização no dialeto Central, o segmento pós-nasal [gŋ] ocorreria em variação livre como o oclusivo velar [g], pois ambos podem ocorrer diante das seguintes vogais orais: [i], [u], [i],[ɛ],[ɔ],[ə] e [a], como atestam os exemplos seguintes:

[fi tug]` não quis

[nĩ kugŋ nõŋ]` carne podre`

[kayo mɛnpeyug fõ]` mosquitoeiro`

[igŋ]` eu

[mbɛg]` machado`

[kɔɾɛg]` estragada

[wɛg]` namorar`

[mɔg]` mexer`

[kɔʃɔg]` vermelho`

[kaykõ gɔg gɔg] nuvem

[tɔg] seco

[mbɔg]` grande`

[tag]` esta`

[õyag]` vocês`

[agŋ] elas`

[iag hõ] igual

Por outro lado, a possibilidade de pré-nasalização em final de sílaba parece-nos descartada, considerando que as figuras espectrais apresentadas na análise acústica (cf. cap. III) nos atestam, primeiramente, a existência de um segmento oclusivo seguido da sua nasal correspondente. Desta forma, podemos dizer que os segmentos [g],[ŋ],[ŋg] e [gŋ] estão em distribuição complementar e, que todos eles são realizações de um único fonema consonantal velar /ŋ/.

- Nasal palatal:

Conforme registramos no quadro dos segmentos consonantais, existe no Kaingáng-Central a realização da nasal palatal [ɲ] essencialmente seguida ou precedida por vogal nasal em início ou final de sílaba. Entretanto a qualidade dessas vogais, varia dependendo dos seguintes contextos: em alguns casos com as vogais altas [ĩ] e [ũ]; em diversos ocorrências com as vogais médias [ẽ], [ẽ̃] e [õ̃] e em raríssimos casos com as vogais baixas [ã]. Poderemos atestar através dos exemplos que seguem:

[kĩɲ ʝa ti]`ele sabe`	[ɲũ]`criança`	[põŋ wĩɲ]`pedra-moída (areia)`
[kriɲ]`estrela`	[kruɲ]`nevoeiro`	[ti pi keɲẽɲ ko ti]`ele não come nunca`
[m.ẽɲ]`cinza`	[ẽɲ]`nós`	[kãɲẽɲ]`ficar`
[tẽɲtũ]`três`	[ɲẽɲ kõŋgra]`quatro`	[mumẽɲ]`medo`
[ti ẽɲkreyɲ ɲẽ]`ele está caçando`		[ɲẽɲkar]`todos`
[kõɲpaɲ]`inchado`	[ti ɲõɲ ɲẽ]`ele está cantando`	
[põndõɲ]`monte`	[ɲõŋɲõɲ]`cantar`	[tõɲ]`matar`
[mãɲ]`mãe`	[ti tã ki ɲãɲ ɲẽ]`ele está empurrando`	

Analisando as realizações da nasal palatal, isto é, os ambientes onde ocorre - início e final de sílaba e seguido ou precedido por vogais nasais, podemos afirmar que este segmento ocorre em variação livre com a velar, de onde constatamos que se trata também de uma variação do fonema nasal velar [ŋ].

Os dados nos mostram que há simetria na distribuição dos segmentos, uma vez que cada um dos alofones acima especificados, em início ou final de sílaba, estará condicionado à qualidade da vogal que o precede ou sucede.

A partir da análise fonêmica dos oclusivos sonoros e nasais, obtivemos até o momento três fonemas, ou seja, uma nasal bilabial /m/; uma nasal alveolar /n/ e uma nasal velar/ŋ/, segundo os quais exemplificaremos alguns pares mínimos :

-par mínimo da nasal bilabial /m/ com a nasal alveolar /n/:

[mí]`por aqui`

[ní]`está`

5.1.2 Fricativas:

Quanto às fricativas elas somam um total de cinco (5) segmentos no Kaingáng -Central, sendo dois desses segmentos casos especiais ocorridos somente em empréstimos da língua (e por esta razão estão assinalados com um asterisco). Cada um dos segmentos será citado na medida em que tratarmos de cada caso específico.

- Fricativas lábio-dentais:

Dentre as fricativas lábio-dentais surda e sonora [f] e [v], respectivamente, sem dúvida a sonora tem ocorrências bem mais restritas que a surda e pode variar com a nasal lábio-dental [m̥] e com o glide bilabial [w] . As ocorrências são as seguintes:

[veʃí]`perceber`

[kavey]`sujo`

[pón vedn]`abandar`

[vəɫ ye ayag mú]`vocês caem`

[kivēɲ]`sangue`

[ti kəɲ ke v̥ɛ]`ele vai comer agora mesmo`

[m̥j̥ɲgiy]`cortar`

[ke hə m̥ɛ]`é certo (não errado)`

[ti m̥ɛ m̥ɛ]`ele vê`

[m̥j̥ɲkōŋgra]`quatro`

[ŋga fut fur e? tawí]`tem muita poeira`

[m̥j̥ɲyu yaf̥ó]`fumo(tabaco)`

- [v] ocorrerá sempre diante de vogal oral anterior [e], vogal oral anteriorizada meio-aberta [ɛ] e/ou diante de vogal oral central média [ə], conforme visto na palavra “sujo” e em “você caem”;

- [v] pode variar livremente com [m] e com [w] diante de vogal nasal meio-aberta anterior [ɛ̃] ou diante de vogal nasal alta [i] (casos esses bem mais raros), conforme atestam os exemplos acima expostos.

Entendemos, portanto, que estes segmentos [v], [m] e [w] estão em variação livre. A questão é, porém, a escolha do fone para a representação fonêmica. Pelo critério da ocorrência, o [w] teria uma distribuição mais ampla que os demais. Outro critério seria o da estrutura silábica na qual notamos não ser possível considerar [w] alofone da vogal posterior fechada [u] pelo fato de que em Kaingáng não se aceita a presença de um encontro vocálico. Mesmo porque, notamos a presença do [w] sempre em início de sílaba seguido de vogal, posição esta típica de consoantes nas sílabas do tipo CV. Por outro lado, podemos considerar arbitrário o critério da “ocorrência freqüente”, e ainda, admitimos que [w] esteja em distribuição complementar com [v], isto é, que este último ocorre diante de vogais orais. Por estas razões elegemos /v/ como fonema do dialeto Central com as realizações [v] quando for seguido de vogais orais e como [m] e [w] quando seguido por vogais nasais.

O fonema /v/, por sua vez pode ser contrastado com as surdas [f] e com a palatal [ʃ] já que podem se encontrar em ambientes idênticos acarretando mudança de significado. Visualizamos abaixo alguns exemplos de pares mínimos desses segmentos :

[fɛ̃]`dar`	[fe]`coração`	[fa]`perna`
[vɛ̃]`ser`	[ve]`ver`	[ʃa]`sal`
	[ʃe]`quati`	

Logo, /f/, /v/ e /ʃ/ são fonemas distintos.

Os segmentos [*s], [*ʒ] e [*tʃ] conforme assinalados no quadro fonético são segmentos muito pouco empregados no Kaingáng-Central, ou seja, somente nos casos de empréstimos do português. Podemos conferir as ocorrências abaixo:

[gaɪʃa]`garsa`	[paseaɪ]`passoar`
[ʒɛ̃ntɛ nɔ̃ra]`baba de gente`	[aritʃikũ]`urucum`

- Fricativo velar:

Temos, ainda, a ocorrência dos segmentos fricativo velar surdo [x] e fricativo glotal surdo [h], cuja proximidade fonética dificulta a sua distinção. Contudo, faremos um levantamento das suas ocorrências para uma melhor explanação:

[ʃihə]`adulto`	[hə]`bom`	[hom hom ke]`respirar`
[[hum]`pular`	[had had]`persistir`	[had nuɿ]`durma!`
[hũ hũ]`assoprar`	[ti kũhud ɲɛ̃]`ele chupa`	
[ɛxɛ]`grande`	[xɛɾɛd]`quando`	[xɛtə]`onde`

Como dissemos, a proximidade fonética de ambos gera problema de ordem perceptual. Notamos até mesmo na língua portuguesa esta dificuldade, quando da realização do segmento velarizado diante das vogais anteriores [i] e [e], como em [xiw] `rio` (substantivo) e [xede] `rede`, e do segmento mais glotalizado diante das vogais posteriores [u] e [o] e da central baixa [a], esta provavelmente, pelo grau de abertura que apresenta, como em [hudi] `rude`; [hosna] `rosna` e [hapidu] `rápido`. Assim, consideramos [h] e [x] alofones em distribuição complementar, no Kaingáng-Central, sendo ambos variações de um só fonema /h/.

5.1.3 Tap alveolar e aproximante retroflexo:

Os segmentos tap alveolar [r] e aproximante retroflexo [ɻ] ocorrem em variação livre, podendo ser encontrados no mesmo ambiente, a saber, em início, meio e final de sílaba, precedido ou posposto a vogais orais ou nasais. Parece-nos que a realização do segmento retroflexado [ɻ] está relacionado à velocidade da fala, sobretudo em finais de sílaba, isto é, quando de uma pronúncia mais enfática, bem como à pronúncia utilizada na região. O tap [r] porém, parece fazer parte da forma usual da língua. Compare os exemplos abaixo:

[re] [ɻe]`grama, capim`	[rarad] [ɻaɻad]`arrastar`
[kɾiɻ] [kɻiɻ]`estrela`	[kukɾu] [kukɻu]`panela`
[kay rũ] [kayɻũ]`aprender`	[ɲgoy rã] [ɲgoy ɻã]`água quente`
[ter] [teɻ]`morrer`	[ɲgɔ or] [ɲgɔ oɻ]`lama`
[ɻũ] [rũ]`sol`	[ɻum ɻum] [rum rum]`onda`
[ɻã] [rã]`febre`	[ɻa] [ra]`maxilar`
[ni ɲgrɛ] [ni ɻgrɛ]`orelha`	[kaɻ]`cal`
[ɻɔɻɔɻ] [rɔɻɔɻ]`cinza`	[fəɻ] [fər]`pele`

Concluimos, assim, que [r] e [ɾ] são alofones de um mesmo fonema /r/.

Há que se considerar, também, um problema de ordem fonológica a relação entre a fricativa glotal [h] e a aproximante alveolar [r], pois ambas ocorrem em ambientes semelhantes. Como tal relação não pode ser melhor esclarecida pelos dados que obtivemos, passamos a considerar ambos os segmentos como fonemas distintos.

Semelhante ao glide bilabial [w], utilizamos o critério do padrão silábico para nortear a ocorrência do glide palatal [y]. A seu modo, o glide [y] não forma encontro consonantal com qualquer contóide, encontrando-se nas posições de início, meio e final de sílaba.

[yɔŋg yɔ] 'papagaio'

[ya kri] 'joelho'

[ŋgoy] 'água'

[tey] 'comprido'

[prey prey] 'diarréia'

[ɛkrey] 'caçar'

[ɔyor] 'anta'

5.1.4 Oclusivo Glotal

Finalizamos, desta forma, o comentário sobre os fonemas consonantais mencionando a existência do oclusivo glotal [ʔ]. Embora, neste trabalho, não tenhamos a intenção de nos aprofundarmos nesta questão específica, parece tratar-se de um segmento com valor prosódico. Ocorre em vários casos sucedendo uma vogal em final de sílaba em palavras do tipo onomatopaicas, como:

[iʔ iʔ] 'solução' [aʔ] 'arrotar'

Pode, também, ser encontrado em palavras do tipo derivadas como:

[pɔ] 'pedra' [pɔʔe] 'pedrada'

[bafu] 'pinta' [bafuʔe] 'pintado'

Em palavras do tipo:

[təʔ] 'parar' [eʔ] 'muito'

[piəʔ] 'ninguém' [təʔɛ] 'provocar'

Ou ainda, em enunciados interrogativos:

[ɔm̃ pĩ ngrugŋ mũʔ]

[ɔm̃ hur kɔʔ]

[hɛ.ʃke ti kayka tiʔ]

‘você quer acender o fogo?’

‘você já comeu?’

‘quanto custa o milho?’

A ocorrência do segmento glotal [ʔ] não revela nos dados que dispomos contextos correspondentes, todavia, podemos até pensar em certa correspondência semântica, como por exemplo a noção de ‘pedrada’ [pɔʔe] como ‘*muita pedra*’, assim como ‘pintado’ [bafuʔe] ‘*muita pinta*’ (*mancha*). Considerando a noção de ênfase, poderíamos, quem sabe, relacioná-la às demais palavras e enunciados acima exemplificados. Porém, conforme dissemos anteriormente, acreditamos ser este mais um aspecto da língua Kaingáng aprofundado em estudos posteriores.

Portanto, podemos considerar a existência de dezessete (17) fonemas consonantais, sendo três (3) empréstimos do português, marcados com asterisco (*).

Relacionamos, abaixo os fonemas consonantais do dialeto central:

	Bilabial	Lábio-Dental	Alveolar	Pós-Alveolar	Retrofléxo	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p		t				k	
Pré-nasalizadas								
Pós-nasalizadas								
Nasais	m		n			ɲ	ŋ	
Fricativas		f v	*s			ʃ *ʒ		h
Africadas						*tʃ		
Tap			r					
Aproximantes	w					y		

5.2 Fonemas vocálicos

Inicialmente, queremos chamar a atenção para as vogais altas anteriores, [i] e [ĩ]. Segundo D’Angellis 1990 há uma certa complexidade nos segmentos [i], [ĩ] e [iñ]. Por exemplo, na palavra estrela [krĩ], a dúvida está em considerar a vogal como nasal [ĩ] ou como seqüência de [iñ], até mesmo porque encontramos em nossos dados a palavra cabeça [krĩ] que seria idêntica a anterior, o que aliás, é comum ocorrer com outras vogais no dialeto Central.

Contudo, também, pudemos registrar em nosso material de pesquisa, exemplos de pares que comprovam a diferença de status fonêmico entre os segmentos [i] e [ĩ]:

[nĩ] `sentar` contrapondo-se a [ni] `carne`

[ʃi] `velha` e [ʃĩ] `pequena`

ou ainda, entre

[ti] terceira pessoa do singular masculino e [tĩ] verbo ir

Acreditamos que o [tĩ] sofre mudanças dentro do enunciado por ser sufixo, podendo ocorrer também como [tĩ̃], conforme o exemplo:

[igŋ ʃã êñ ɾa tĩ̃ mỄ] `eu vou para lá`

Concluimos, pois, que /i/ e /ĩ/ são fonemas distintos.

Comparando [i] com [ĩ] veremos que eles se realizam em ambientes comuns a ambos, conforme podemos atestar por meio dos exemplos abaixo:

[kitud] `berne`

[kife] `faca`

[ioki] `cílio`

[kaʃaki] `sobrancelha`

[tĩ] `carrapato`

[hêtĩ] `onde`

[kupri] `branco;leite`

[tõpri] `subir`

[põŋ wɨŋ] `pedra -moída (areia)`

[wiy] `arco`

[kundig] `pequeno`

[tãdir] `areia fina`

[kri kri] `semear`

[krid] `picar`

[fi] `ela`

[fĩ] `trançar`

[mbiʃu] `bicho`

[mbi] `rabo`

Assim, encontramos em nossos dados os seguintes ambientes para [i] e [ĩ]:

-ambos encontram-se diante dos contóides [mb], [k], [t], [d], [f], [w], e ainda diante dos grupos consonantais [pr] e [kr]. Além desta ocorrência em ambientes comuns, ambos os segmentos, em alguns casos, podem ocorrer em variação livre, como podemos ver em:

[kiki] ou [kiki] `pelo, pena`

[kikip mia mbru] ou [kikip mia mbru] `serragem`

Entretanto, o período de contato com a língua não nos permitiu conferir os dados de modo a comprovar possíveis alterações na realização de [i] e [ĩ], conforme sugere D'Angellis, 1990. A

partir disso, primeiramente poderíamos arriscar a possibilidade de uma vogal alta central [i̠] como alofone de [i], contudo, nos exemplos anteriormente arrolados temos um caso de par contrastivo entre [i] e [i̠], a saber:

[fi]`terceira pessoa do plural, feminino`

[fi̠]`trançar`

De modo que, podemos considerar /i/ e /i̠/ fonemas distintos.

E, finalmente, vejamos as ocorrências da vogal oral alta posterior e arredondada [u] e a vogal nasal alta posterior e arredondada [ũ̃]:

[u] ocorre diante dos segmentos [mb], [t], [nd], [k], [f], [ʃ], [h], [r] e ainda, diante do grupo consonantal [gr], conforme abaixo relacionados:

[mbũ]`broto`

[tug tug]`bater`

[ndug]`pescoço`

[kuka]`osso`

[kr̃ekuf̃ɔr]`peixe`

[fut fũ]`poeira`

[ʃukrĩ]`aranha`

[hũ]`soprando`

[re rur]`capim baixo`

[ñgrũ]`garra, unha`

Enquanto que o [u] ocorre em início de sílaba, diante dos segmentos [p], [t], [k], [m], [n], [ɲ], [ʃ], e diante do grupo consonantal [kr], [mr] :

[ũ̃n]`marca de terceira pessoa (ele/ela desconhecidos)`

[pũ̃n]`queimar`

[t̃ɔtũ̃]`três`

[kũ̃mbre]`coçar`

[ti mũ̃m̃ɛ̃ɲ m̃ɛ̃]`ele tem medo`

[nũ̃ne]`língua`

[kũfũ̃]`vermelho`

[kukrũ]`panela`

[mrũr]`cipó`

Verificamos através dos exemplos que ambos os segmentos podem ocorrer em sílaba tônica e não-tônica; que ambos podem ocorrer diante de [t], [k], [ʃ], [h]. Porém há restrições quanto à ocorrência da vogal oral [u] que só ocorre diante de [mb], [nd], [f], [r] e [gr] enquanto que a nasal [ũ] nunca ocorre nestes ambientes. E, por outro lado, [ũ] só ocorre diante de [p], [m], [n], [ɲ], [kr] e [mr], enquanto que [u] nunca ocorre. Embora pudéssemos até cogitar que os segmentos fossem alofones de um mesmo fonema, concordamos, entretanto, com a notificação de D'Angellis 1990 acerca de um par contrastivo entre [u] e [ũ]:

[tũ]`morfema de negação em frases imperativas`

[tu]`morfema marcador de lugar`

Exemplos:

[wɔ nũ tũ ʒa]`não durma, não!`

[ko tũ ʒa]`não coma, não!`

A partir do exemplo acima podemos demonstrar um par contrastivo entre [i] e [ĩ]:

[tũ]`morfema de negação`

[tĩ]`verbo ir, andar`

O último pode ser visto em enunciados do tipo:

[ɔ tĩ wẽ]`você anda`

[ti tĩ wẽ]`ele anda`

[in ʒa tĩ]`vai a casa`

Concluimos, então, que /u/ /ũ/ são fonemas distintos.

Quanto aos vocóides médios podemos arrolar as suas ocorrências na seguinte ordem:

-vogal oral média meio-fechada anterior [e] pode ocorrer em início de sílaba, diante dos segmentos [p], [mb], [k],[f],[ɲ], [r] e ainda diante dos grupos consonantais [mbr] e [ɲgr], conforme abaixo representados:

[eʔ]`bastante`

[ti wã ti pen kupe nĩ]`ele está lavando os pés`

[põnke]`peito`

[fe]`coração`

[ɲemujɛ fe]`jacaré`

[re]`grama`

[ti kumbre]`ele coça`

[ɲẽgɲ re]`dois`

-vogal oral média meio-aberta [ɛ] pode ocorrer em início de sílaba, diante dos segmentos [p], [mb], [t], [nd], [k], [m], [ɲ], [v], [h], [r] e ainda diante dos grupos consonantais [mbr], [ɲgr] e [kr], em:

[ɛhe]`amplo`

[ɲõ pet kar]`cinco dentes`

[mbɛg]`machado`

[tey]`comprido`

[tĩ ndɛd ãni komɛ ʃa mbɛ]`ele come carne com sal`

(ele-carne-comer-sal-com)

[kõkey]`canao`

[tame]`figado`

[kõɛg]`mau, ruim`

[ẽkrɛy]`caçar`

[ɲgrɛ]`homem`

Ainda temos o seguinte par contrastivo que atesta o *status fonêmico* de /e/ e de /ɛ/:

[kafey]`folha`

[kafɛy]`flor`

E, finalmente, as ocorrências da vogal nasal média meio-aberta anterior [ẽ] e média fechada anterior que ocorre em início de sílaba, diante dos segmentos [m], [ɲ], [n], [ɲ], [f], [ʃ], [w] e ainda, diante dos grupos consonantais [kr], [mr] e [ɲr], variando com a nasal média fechada anterior [ẽ], principalmente, em início de sílaba, posposta à nasal palatal e/ou aos grupos consonantais:

[ẽprɔ]`caminho`

[ẽprɔ]

[ti wõ pan kamɛɲ]`ele tem medo da cobra`

[ɲẽɲkõɲgra]`quatro`

[kakanẽ]`fruta`

[ti niŋẽ]`seu nariz (dele)`

[ti niŋẽ]

[fẽɹ]`asa`

[ʃẽfi]`pássaro`

[iŋ ti wẽ]`eu ando`

[krẽkufər]`peixe`

[mɥẽɲ]`cinza`

[mɥẽɲ]

[ni ŋrẽɲ]`orelha`

[ni ŋrẽɲ]

Concluimos, portanto, serem [ẽ] e [ẽ̃] alofones de um só fonema.

Os segmentos abaixo relacionados, todavia, podem ser avaliados a partir da demonstração de pares contrastivos entre si:

[fẽ]`dar`

[kafey]`flor`

[tẽ]`voa`

[fe]`coração`

[kafey]`folha`

[tũ]`marca de negação`

[pẽ]`manga da camisa`

[fẽɹ]`asa`

[pi]`fogo`

[fiɹ]`margem`

[pẽɹ]`lesma`

[ʃe]`preso`

[puɹ]`escondido`

[ʃi]`pequeno`

A partir do levantamento dos pares acima, concluimos, então, serem /e/, /ɛ/ e /ẽ̃/ fonemas distintos no Kaingáng-Central.

Em se tratando das vogais médias posteriores oral fechada e arredondada [o], oral meio-aberta [ɔ] e nasal meio-aberta [õ̃], encontramos algumas ocorrências em que os segmentos [o] e [ɔ] encontram-se em variação livre, provavelmente, devido à velocidade da fala dos informantes. Eis alguns exemplos:

[ɔyɔr] ou [oyɔr]`anta`

[nũẽ̃ wõ̃ ɲãŋki kɔni] ou [nũẽ̃ wõ̃ ɲãŋki kɔni]`a língua está na boca`

[yakrĩ wõ̃ kɔreg ni] ou [yakrĩ wõ̃ kɔreg ni]`o joelho está mau`

Notamos, porém, que esta variação se dá, sobretudo, quando o segmento médio meio-aberto ocorre em sílaba não tônica, permitindo assim, a mudança de [ɔ] ~ [o]. Ou então, a

mudança de [ɔ]~[o] ocorre devido à posição do segmento no enunciado, isto é, o verbo comer 'ko' em início de enunciado realiza-se como [ko] sendo que nas demais posições pode variar para [ɔ] como vemos nas frases abaixo:

[ko ra]`coma!` [ko tũ ra]`não coma, não!`
[kiɹ kɔ ha]`não coma,não!`

Para melhor entender suas ocorrências faremos a distribuição por ambientes dos segmentos médios posteriores, a exemplo dos pares acima analisados:

a) A vogal oral média meio-fechada [o] pode ocorrer em início de sílaba, diante dos segmentos [k], [ŋg], [ʃ], [r] e ainda, diante do grupos consonantais [mbr] e [kr], como em:

[ow]`ovo`
[ɔy or]`anta`
[ko ra]`coma!`
[ŋgoy]`água`
[kafo.ɹ]`cachorro`
[ror]`redondo`
[ti mbro ni m̃ɛ̃]`o homem está nadando`
[ti krod m̃ɛ̃]`ele bebe`

b) A vogal oral média meio-aberta [ɔ] pode ocorrer em início e final de sílaba e, ainda, diante dos segmentos [p], [t], [nd], [k], [f], [ʃ] e [y], conforme:

[ɔyor]`anta`
[wɔ]`não`
[pɔ]`pedra`
[tɔg]`seco`
[tĩ ndɔd m̃ɛ̃]`ele está furando`
[kɔfa]`velho (coisa)`
[ti ta fɔr]`intestinos`
[kɔʃɔg]`vermelho`
[yɔ kiyd]`minhoca`

c) A vogal média meio-aberta nasal [ɔ̃], por sua vez, pode ocorrer em início de sílaba e diante dos segmentos [t], [k], [m], [n], [ɲ], [ŋ], [f], [ʃ], [h] e [r], conforme abaixo relacionados:

[ɔ̃]`tu (você)` [ɔ̃ in]`sua casa`

[tɔ̃ŋ]`novo (coisa)`

[in kɔ̃ ni]`está em casa`

[yamɔ̃ ni]`casa (morada)`

[nɔ̃n ti]`o mato`

[ɲɔ̃ re]`raiz`

[ɲɔ̃ɲ]`cabelo`

[kagɲ ye yafɔ̃]`corda`

[kiʃɔ̃]`lua`

[ti hɔm hɔm ke]`ele respira`

[kurɔ̃]`dia`

Além das restrições de ocorrências parciais, estes segmentos encontram-se, também, formando pares contrastivos entre si e com demais segmentos, segundo verificamos na seqüência:

[og]`tomar` [og]`tomar` [ɔ̃]`tu (você)`

[ɔ̃gɲ]`bocejar` [ag]`eles` [ũ]`quem`

[*wo]`avô` [kɔ̃]`em/na` [tɔg]`seco`

[wɔ]`avó [ka]`madeira` [tag]`marca para sujeito`

[*faũ tag iɲ ʃu ni tag]`eu quero ou farinha ou

fubá`

[ɲɔ̃]`dente`

[ɲũ]`bravo`

De onde podemos concluir serem /o/, /ɔ/ e /ɔ̃/ fonemas distintos.

Queremos, ainda, nos deter nos segmentos centrais médios e baixos: [ə], [a] e [ã] e o faremos arrolando também alguns exemplos de acordo com as suas ocorrências:

- Vogal oral média baixa [a]:

pode se fazer um paralelo entre este segmento e o segmento nasal médio baixo [ã].

Assim:

[a]: pode ocorrer em início e diante dos segmentos [p], [t], [k], [ŋg], [*m], [f], [ʃ], [h], [r], [w], [y] e ainda, diante dos grupos consonantais [pr] e [ŋgr].

Confira em:

[ag] `eles`

[nĩṅẽ wo kɔŋ par nĩ] `o nariz está inchado`

[tamɛ] `figado`

[kuka] `osso`

[ŋga] `piolho`

[*maɣɛɽu] `amarelo`

[fa] `perna`

[ŋgoy kufa ɔ.ɽ] `gelo`

[mbəg ha] `espesso, grosso`

[nõra] `saliva`

[kuwar] `longe`

[yapri] `caminho`

[ti pra] `ele morde`

[mɛṅkõŋgra] `quatro`

Como podemos perceber a vogal oral [a] ocorre com bastante frequência em Kaingáng, o que não ocorre com a nasal [ã], ou seja, seguida normalmente de um segmento nasal. Ocorre, portanto diante dos segmentos [p], [*m] e diante dos grupos consonantais [pr] e [kr]:

Exemplos:

[pã] `cobra`

[*mãniɔka] `mandioca`

[prãŋ] `ano`

[ŋgoy krãŋ ya tú] `mar`

Portanto, devido às restrições dos casos e aos contextos nos quais o segmento nasal ocorre, podemos concluir que a vogal central nasal [ã] é alofone da vogal oral central [a]. Logo, o segmento oral [a] realiza-se nos ambientes acima relacionados, ou seja, em sílabas que não contenham segmentos nasais, caso contrário será realizado como [ã]. Consideramos, portanto, [ã] alofone de /a/.

- Vogal central média [ə]:

pode ocorrer diante de [mb], [t], [ŋg], [ɲ], [f], [ʃ], [h], [r], [w], como nos exemplos:

[mbəg] `grande`

[tə tə] `mulher`

[mĩ kõŋgər] `onça`

[ɲəɫ tĩ wõ ɲjẽɲ wõ] `o menino está correndo`

[krẽkufər] `peixe`

[ʃə] `preto`

[had nũɫ] `durma`

[ag wõ ɾəɾə] `eles brigaram`

[war ye ayag mũ] `vocês caem`

Na seqüência, exporemos os pares contrastivos entre o segmento [ə] e demais segmentos:

[ʃə] `preto`

[mbə] `sogra`

[ʃa] `sal`

[mbõ] `sabão`

Desta forma, na análise das vogais pudemos obter quatorze (14) fonemas vocálicos.

Sintetizando, temos o seguinte quadro para os fonemas vocálicos no dialeto Central:

			Anterior	Central	Posterior
			não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred
ORAL	ALTO	Fechado	i	i	U
		Aberto			
	MÉDIO	Fechado	e	ə	O
		Aberto	ɛ		ɔ
	BAIXO	Fechado			
		Aberto		a	
NASAL	ALTO	Fechado	ĩ		ũ
		Aberto			
	MÉDIO	Fechado			
		Aberto	ẽ		õ
	BAIXO	Fechado			
		Aberto		ã	

Conforme o quadro dos fonemas consonantais (p.133) e o quadro dos fonemas vocálicos acima, chegamos a alguns resultados conclusivos:

- a) O dialeto Central compõe-se de 17 fonemas consonantais, sendo 3 empréstimos do português;
- b) A ocorrência da oclusiva glotal se dá sucedendo uma vogal em final de sílaba em palavras do tipo onomatopaicas, em palavras derivadas e em enunciados interrogativos;
- c) O dialeto Central compõe-se de 14 fonemas vocálicos, sendo 9 orais e 5 nasais.

CAPÍTULO VI

6. CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve por objetivo fazer uma descrição em nível fonológico da língua Kaingáng falada na reserva indígena de Pinhalzinho, município de Ipuacu, localizada no oeste do estado de Santa Catarina. Paralelamente à análise do dialeto Central procurou-se tecer considerações às análises dos demais dialetos, a fim de que se pudesse obter uma visão global da língua Kaingáng.

Neste panorama lingüístico geral do Kaingáng, deve ser mencionada a distribuição dos padrões silábicos encontrados na língua, conforme visto no primeiro capítulo. Parece ser de consenso em todos os dialetos Kaingáng a distinção entre sílaba fonética e sílaba fonológica, entretanto os padrões silábicos nem sempre coincidem entre os dialetos, como demonstrado ao longo desse capítulo. A diferença maior fica por conta dos padrões CVC e CCVC, que segundo Cavalcante 1987, ocorreria antes da pausa, podendo ter como último elemento o r, y ou w, ou então, poderá ocorrer em meio de palavra quando se tratar de consoantes como m, n, ɲ, ɳ. Contrariamente, Kindell 1981 propõe a ocorrência do padrão CVC com todas as consoantes em início de sílaba, concordando quanto aos padrões CVC e CCVC que podem ocorrer em final de sílaba quando tiver uma nasal em posição final.

Já no segundo capítulo, encontramos o segmento oclusivo glotal [ʔ] com valor fonêmico no dialeto do Paraná e possível valor prosódico no dialeto Central, além da presença do segmento contínuo bilabial surdo [p], Kindell 1961, contrariamente à análise do dialeto Central. Pois, considera-se oportuno demonstrar o quadro de fonemas dos diferentes dialetos estabelecendo uma relação entre eles e o dialeto Central.

Em relação a análise do dialeto do Paraná feita por Kindell, o Central difere-se na medida em que não considera a oclusiva glotal [ʔ] como fonêmico, além do segmento contínuo bilabial surdo [p] que não fora encontrado neste dialeto. Já, segundo a análise de Cavalcante 1987, o dialeto central diverge em vários pontos como: o Central inclui no quadro de fonemas consonatais o fonema tap alveolar /r/, bem como a fricativa glotal /h/ e os semivocóides /w/ e

/y/ aproximantes, enquanto que, segundo a autora estes segmentos estariam entre os segmentos não consonantais. Observamos, ainda, a ausência dos segmentos fricativos lábio-dentais surdo e sonoro /f/ e /v/ no dialeto do Paraná que considera a fricativa bilabial surda /ϕ/. Nenhum dos segmentos assinalados como empréstimo são citados no quadro fonológico do dialeto do Paraná.

QUADRO FONOLÓGICO DOS CONTÓIDES

	DIALETO CENTRAL						DIALETO DO PARANÁ							
	Bilab	Lábio-Dental	Alveolar	Pós-Alveolar	Palatal	Velar	Glotal	Bilab	Lábio-Dental	Alveolar	Pós-Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p		t			k		p		t			k	
Nasais	M		n		ɲ	ŋ		m		n		ɲ	ŋ	
Fricativas		f v	*s		ʃ *ʒ		h	ϕ				s		
Africadas					*tʃ									
Tap			r											
Aproximantes	W				Y									

O dialeto de São Paulo também considera a fricativa bilabial /ϕ/ diferente do Central. Os segmentos fricativo glotal /h/, aproximante bilabial /w/ e palatal /y/ igualmente ao do Paraná não são considerados consonantais. Difere, entretanto, do Paraná pela ausência do fonema fricativo palatal /s/ e assemelha-se ao Central quando inclui a africada palatal /c/.

	DIALETO CENTRAL						DIALETO DE SÃO PAULO							
	Bilab	Lábio-Dental	Alveolar	Pós-Alveolar	Palatal	Velar	Glotal	Bilab	Lábio-Dental	Alveolar	Pós-Alveol	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p		t			k		P		t			k	
Nasais	M		n		ɲ	ŋ		m		n		ɲ	ŋ	
Fricativas		f v	*s		ʃ *ʒ		h	ϕ						
Africadas					*tʃ							c		
Tap			r											
Aproximantes	W				Y									

Relacionando os fonemas consonantais do dialeto do Sudoeste com o Central, observamos a ausência das fricativas lábio-dentais surda e sonora /f/ e /v/ no dialeto falado em Nonoai, em contraposição à presença da fricativa bilabial neste mesmo dialeto.

	DIALETO CENTRAL						DIALETO DO SUDOESTE							
	Bilab	Lábio-Dental	Alveolar	Pós-Alveolar	Palatal	Velar	Glotal	Bilab	Lábio-Dental	Alveolar	Pós-Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p		t			k		p		t			K	
Nasais	M		n		ɲ	ŋ		m		n		ɲ	ŋ	
Fricativas		f v	*s		ʃ *ʒ		h	ɸ				ʃ		h
Africadas					*tʃ									
Tap			r							r				
Aproximantes	W				Y			w				y		

Enquanto que, com o Kaingáng falado no Chimbangue obteve-se a seguinte relação:

	DIALETO CENTRAL						DIALETO DO CHIMBANGUE							
	Bilab	Lábio-Dental	Alveolar	Pós-Alveolar	Palatal	Velar	Glotal	Bilab	Lábio-Dental	Alveolar	Pós-Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p		t			k		p		t			k g	ʔ
Nasais	M		n		ɲ	ŋ		m		n				
Fricativas		f v	*s		ʃ *ʒ		h		f	s				h
Africadas					*tʃ									
Tap			r							r				
Aproximantes	W				Y			w				y		

Nota-se que há bastante diferença entre o Kaingáng do Chimbangue e os demais. E embora, haja divergências com o Central, observa-se a ocorrência de fonemas semelhantes a ambos: o fricativo lábio-dental surdo /f/, fonema este que não havia sido encontrado nos demais dialetos e o fricativo alveolar surdo que foi apresentado no Central como empréstimo. Observa-se, contudo, o surgimento do fonema oclusivo velar sonoro /g/ em lugar da nasal velar como ocorrera nos demais, além da ausência da nasal palatal /ɲ/.

Quanto aos fonemas vocálicos, poderíamos relacioná-los entre os dialetos do seguinte modo:

QUADRO FONOLÓGICO DOS VOCÓIDES

			DIALETO CENTRAL			DIALETO DO PARANÁ		
			Anterior	Central	Posterior	Anterior	Central	Posterior
			não arred - arred	Não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred
ORAL	Alto	Fechado	i	ĩ	u	ĩ	ĩ	u
		Aberto						
	Médio	Fechado	e	ə	o	e	ə	o
		Aberto	ɛ		ɔ	ɛ		ɔ
	Baixo	Fechado						
		Aberto		a			a	
NASAL	Alto	Fechado	ĩ		ũ	ĩ		
		Aberto						
	Médio	Fechado					ẽ	õ
		Aberto	ẽ		õ	ã		
	Baixo	Fechado						
		Aberto		ã			ã	

Quanto aos fonemas vocálicos orais do dialeto Central e do Paraná, vê-se uma uniformidade entre eles, contudo entre os fonemas vocálicos nasais observa-se uma distinção entre os fonemas vocálicos posteriores, considerados fechados no dialeto do Paraná e abertos no Central. Em relação aos nasais, por exemplo, há no dialeto Central o fonema nasal alto posterior arredondado /ũ/, enquanto que no dialeto do Paraná há o fonema médio, central não arredondado /ẽ/. Considera-se ainda, segundo Cavalcante 1987, os fonemas /h/, /r/, /y/ e /w/ como segmentos não consonantais, no dialeto do Paraná.

Semelhante ao dialeto do Paraná o quadro das vogais nasais no dialeto de São Paulo parece ser pouco simétrico:

			DIALETO CENTRAL			DIALETO DE SÃO PAULO		
			Anterior	Central	Posterior	Anterior	Central	Posterior
			não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred	Não arred - arred
ORAL	Alto	Fechado	i	ɨ	u	ɨ	ɨ	u
		Aberto						
	Médio	Fechado	e	ə	o	e	ə	o
		Aberto	ɛ		ɔ	ɛ		ɔ
	Baixo	Fechado						
		Aberto		a			a	
NASAL	Alto	Fechado	ĩ		ũ	ĩ		
		Aberto						
	Médio	Fechado					ẽ	õ
		Aberto	ẽ		õ	ẽ		
	Baixo	Fechado						
		Aberto		ã				

Percebe-se a ausência da vogal nasal alta posterior /ũ/ e da média baixa também posterior /õ/ no dialeto de São Paulo. Contudo, o quadro parece equilibrar-se com o do dialeto Central quando é observada a presença da nasal baixa anterior no Central, paralelamente à nasal média central no dialeto de São Paulo.

O dialeto do Sudoeste parece trazer mais elementos fonêmicos comuns no quadro das vogais nasais em relação aos demais:

			DIALETO CENTRAL			DIALETO DO SUDOESTE		
			Anterior	Central	Posterior	Anterior	Central	Posterior
			não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred	Não arred - arred
ORAL	alto	Fechado	i	i	u	i	i	u
		Aberto						
	médio	Fechado	e	ə	o	e	ə	o
		Aberto	ɛ		ɔ	ɛ		ɔ
	baixo	Fechado						
		Aberto		a			a	
NASAL	alto	Fechado	ĩ		ũ	ĩ		ũ
		Aberto						
	médio	Fechado					ẽ	
		Aberto	ẽ		õ	ẽ		õ
	baixo	Fechado						
		Aberto		ã				

Conforme o quadro acima, há a ausência da nasal baixa anterior /ã/ no Kaingáng do Sudoeste, contrapondo-se à presença da nasal média central /ẽ/.

Até a presente análise, cabe salientar a semelhança do quadro de fonemas vocálicos orais do dialeto Central em relação aos demais dialetos.

Na sequência, apresentaremos os fonemas vocálicos do dialeto Central em relação ao dialeto do Chimbangue:

			DIALETO CENTRAL			DIALETO DO CHIMBANGUE		
			Anterior	Central	Posterior	Anterior	Central	Posterior
			não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred	não arred - arred
ORAL	alto	Fechado	i	i	u	i	i(y)	u
		Aberto						
	médio	Fechado	e	ə	o	e	ə	o
		Aberto	ɛ		ɔ	ɛ		ɔ
	baixo	Fechado						
		Aberto		a				
NASAL	alto	Fechado	ĩ		ũ	ĩ		ũ
		Aberto						
	médio	Fechado					ẽ	
		Aberto	ẽ		õ	ẽ		ɔ̃
	baixo	Fechado						
		Aberto		ã			ã	

Entre ambos os dialetos percebe-se nos fonemas vocálicos orais do Chibangue a ausência da vogal anterior baixa não-arredondada /a/ contrariamente ao dialeto Central. Este fato se mostra curioso, considerando a proximidade de ambos, e ainda, considerando o grande índice de ocorrência deste segmento no Kaingáng Central. Em contrapartida, observa-se a coincidência entre os fonemas nasais, divergindo apenas no segmento central médio não-arredondado /ẽ/ que não é encontrado no dialeto Central.

Portanto, o quadro fonológico do dialeto Central apresentado ao longo deste paralelo, consta dos resultados obtidos a partir da *análise dos segmentos* realizada no capítulo III e posteriormente confirmada no capítulo V com a *análise fonêmica* daqueles segmentos.

Na formulação de regras fonológicas observamos que algumas delas se adequam ao Kaingáng Central:

- queda de segmento assilábico (consoante) em final de sílaba, quando seguido por consoante homorgânica;
- fonemas consonatais nasais são também vozeados;

- fonemas consonatais nasais são também vozeados;
- no caso do dialeto central a consoante torna-se opcionalmente desvozeada, diante de aproximante ou de pausa;
- desnasalização de consoante nasal diante de segmento assilábico ou pausa;
- desnasalização de consoante nasal depois de r;
- aproximante vozeadas tornam-se nasais em contigüidade com segmentos nasais;
- inserção de oclusiva glotal entre fronteira silábica e vogal;
- assimilação de m \Rightarrow w e de ɲ \Rightarrow y;
- inserção de consoante nasal homorgânica opcionalmente entre uma vogal e uma consoante não nasal;
- inserção de y entre vogal e consoante nasal palatal.

Quanto aos padrões silábicos parece ser de consenso que há distinção entre sílaba fonética e sílaba fonológica no Kaingáng. Entretanto, os padrões silábicos nem sempre coincidem entre os dialetos. Os padrões a que se chegou no dialeto Central são: V, CV, CVC, CCVC, CVCC, contrapondo aos demais dialetos sobretudo, pela presença do padrão V que não é mencionada no dialeto do Sudoeste nem no dialeto do Paraná.

Em se tratando dos problemas relativos à pré e pós-nasalização levantados no capítulo IV, convém tecermos alguns comentários esclarecedores:

- 1) A existência dos casos de pré e pós-nasalização pode ser respaldada foneticamente e traz implicações fonológicas como restringir-se foneticamente, seguida ou antecedida por determinados segmentos com valor fonológico;
- 2) Constatou-se a ocorrência de nasais pospostas aos segmentos oclusivos a partir da média formântica obtida em cada caso de pós-nasalização;
- 3) Da mesma forma que foi comprovada por meio dos espectros a presença das nasais diante ou posposta às suas oclusivas correspondentes.

Foi possível, desta forma, constatar algumas diferenças entre o Kaingáng Central e os demais dialetos mencionados neste trabalho, as quais considera-se relevantes na diferenciação deles seja em âmbito regional seja em nível de reservas indígenas.

Considera-se fundamental, portanto, que novas pesquisas sejam feitas, gerando assim, trabalhos que possam ir diretamente ao encontro das necessidades do povo Kaingáng, necessidade esta de manter a língua Kaingáng não somente viva na memória, mas como um importante veículo de comunicação do seu povo.

BIBLIOGRAFIA

Aconteceu Especial, 18. São Paulo, CEDI, p.557 a 559, 1991.

ADELAAR, W. F. H. Endangered Languages Problem. South America. Endangered Languages.

ANDERSON, S. R. The Organization of Phonology. Department of Linguistics, Harvard University, Cambridge, Massachusetts. Academic Press, 1974.

BAKEN, R.J. and DANILOFF, R. G. Readings in Clinical Spectrography of Speech. Singular Publishing Group, Inc. and Kay Elemetrics Corp. San Diego, 1991.

CAVALCANTE, M.P. Fonologia e Morfologia da Língua Kaingáng: Dialeto de São Paulo Comparado com o do Paraná. Tese para obtenção de grau de Doutor em Ciências. Campinas, 1987.

Cartilha Kaingáng. Ministério do Interior - Fundação Nacional do Índio - Brasília DF, 1977.

CLARK, J. & Colin Y An Introduction to Phonetics and Phonology. Cambridge, Massachusetts: Basil Blackwell Ltd, 1991.

COELHO, S. S. Educação e Sociedades Tribais. Editora Movimento. Porto Alegre-Rs, 1975.

DICIONÁRIO : Kaingáng-Português / Português-Português. SIL, Brasília DF, 1981.

- GLEASON, H.A. An Introduction to Descriptive Linguistics. Holt, Rinehart and winston: London, 1969.
- GRIMES, Barbara Ethnologue. Dallas: SIL. Edição 11, 1988.
- HYMANN, L.M. Phonology Theory and Analysis. Holt Rinehart and winston: USA, 1975.
- KENT, R. & READ, C. The Acoustic Analysis of Speech San Diego, California, SPG, 1992.
- KIBRIK, A.E. The Methodology of Field Investigations in Linguistics (Setting up the Problem). Mouton: the Hague, Paris, 1977.
- KINDELL, G.E. Fonêmica Kaingáng. Arquivo Lingüístico n.º 039. Summer Institute of Linguistics: Brasília, 1961.
- KINDELL, G.E. Guia de Análise Fonológica. Summer Institute of Linguistics: Brasília, 1981.
- MALCHER, J.M.G. INDIOS - Grau de integração na comunidade nacional. Grupo Lingüístico, Nova Série: Rio de Janeiro, 1962.
- MULLEN, P. Matrix of Clauses in Kaingáng. Arquivo Lingüístico N-160. SIL. Brasília, D. F, 1965.
- MULLEN, P. Kaingáng Verbs. Arquivo Lingüístico N-161. SIL. Brasília, D. F, 1965.
- MULLEN, P. Verb Pluralization in Kaingáng. Arquivo Lingüístico N.º 59. SIL. Brasília, D. F, 1966.
- PIKE, K. L. Phonemics. A Technique for Reducing Languages to Writing. 13- edição. The University of Mechigan Press Ann Arbor, 1947.

- ROSETTI, A. Introdução à Fonética. 3.^a edição, ed.lisboa:Publicações Europa América. Coleção Saber, 1974.
- RODRIGUES, A. D. Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das Línguas Indígenas. São Paulo. Ed. Loyola, 1986.
- RODRIGUES, A. D. Diversidade Lingüística na Amazônia. m.s. Inédito, 1992.
- RODRIGUES, A. D. No Brasil, 85% das línguas indígenas estão extintas. Ciência Hoje. Rio de Janeiro, SBPC vol.14 N.º 87, agosto, 1992.
- SCHANE, S. A. Fonologia Gerativa. Rio de Janeiro, Zahar Editores. Universidade da Califórnia, San Diego, 1975.
- SCOLARI, J. A.e FERNANDES, S.A Administração Regional de Chapecó-ARCA. Documento, 1991.
- TEIXEIRA, J. B. Contribuição para a Fonologia do Dialeto Kaingáng de Nonoi. Dissertação para a obtenção do título de Mestre em Lingüística. Campinas, 1988.
- VANDRESEN, Paulino Language Situation in Brazil - The Encyclopidya of Language in Linguistics, p. 397-401, Bergamon Press. Oxford. 1993.
- WEISS, H. Fonética Articulatória. SIL.
- WETZELS, W. L. Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- WIESEMANN, U. Die Phonologische und Grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache. SIL. Mouton.
- WIESEMANN, U. Hyperphonemes in Kaingáng. SIL, 1959.

ANEXO I

TRADUÇÃO	GRAFIA	TRANSC. FONÉTICA
1. cabeça	krĩ	c)[krĩ]
2. a cabeça é redonda	b)krĩ vỹ ror nĩ	c)[krĩ wã ror nĩ]
3. cabelo	b)gõnh	c)[ŋõŋ]
4. o cabelo é preto	b)gõnh vỹ sá nĩ	c)[ŋõŋ wã ʃə nĩ]
5. orelha	b)nĩgrẽg	c)[nĩ grẽg] [nĩ grẽg] [nĩ ŋrẽŋ]
6. ele furou a orelha	b)ti vỹ nĩ grẽg nón	c)[ti wã nĩŋrẽŋ dɔd]
7. olho	b)kanẽ	c)[ka nẽ]
'olho bom'	b)kanẽ ha	
8. o olho é bom	b)kanẽ vỹ há nĩ	c)[kanẽ wã hæ ni]
9. nariz	b)nĩjẽ	c)[nĩ jẽ]
10. o nariz está inchado	b)nĩjẽ vỹ kãnh par nĩ	c)[nĩjẽ wã kɔŋ par nĩ]
11. boca	b)jẽnky	c)[jẽnki]
12. língua	b)nũné	c)[nũnẽ]
13. a língua está na boca	b)nũnẽ vỹ jenky	c)[nũnẽ wã jãnki kɔ nĩ]
14. dente	b)jõ	c)[jõ]
15. cinco dentes	b)jõ pẽnkar	c)[jõ pet kar]
16. saliva	b)jõra	c)[jõra]
17. pescoço	b)nũnh	c)[nduŋ] [nduŋ]
18. o pescoço é comprido	b)nũnh vỹ téj nĩ	c)[nduŋ wã tey nĩ]
19. peito	b)põnke	c)[põnke]
20. costas	b)nin	c)[ndʒid] [dʒid]
21. mão	b)nĩgé	c)[nĩ gẽ] [nĩŋgẽ]
22. ele está apertando a mão	b)ti vỹ nĩgé kõgũg nĩ	c)[ti wã nĩgẽ kɔŋuŋ nĩ] (apertar)
22.1 ele aperta a mão	b)	c)[ti wã nĩgẽ kɔŋuŋmũ] (aperta)
23. perna	b)fa	c)[fa]
24. ele está coçando a perna	b)ti vỹ fa kug mre nĩ	c)[ti wã fa kũŋbre nĩ] (coçar)
24.1 ele coça a perna	b)	c)[ti wã fa kũŋbre mũ]
25. joelho	b)jagrĩ	c)[ia kɪĩ]
26. o joelho está mau	b)jagrĩ vỹ kórég nĩ	c)[yagrĩ wã kɔɹeg nĩ]
27. pé	b)pẽn	c)[pen] [pẽn]
28. ele está lavando os pés	b)ti vỹ ti pẽn kupe jẽ nĩ	c)[ti wã ti pen kupe nĩ] (lavar)
28.1 ele lava os seus pés	b)ti vỹ ti pẽn kupég mũ	c)[ti wã ti pen kupɛŋg mũ]
29. coração	b)fe	c)[fe]

30. o coração do jacaré	b)	c)[nemupe fe]
31. fígado	b)tamé	c)[ta mε] [ta mē]
32. o fígado do macaco	b)kajēr tamē	c)[kaɲer tamē]
33. barriga	b)nūg	c)[ndug]
34. tripas, intestinos	b)tā fór	c)[tita foɾ] [tā fɔr]
34.1 pulmão	b)	c)[tame kupri]
34.2 fígado	b)	c)[tame]
35. pele	b)fár	c)[fɔr]
36. ele cortou a pele	b)ti vỹ ti fár gynh	c)[ti wā ti fɔr gyn]
37.osso	b)kuka	c)[ku ka]
38. o osso é pesado	b)kuka vỹ kufy nĩ	c)[kuka wā kufi nĩ]
39.sangue	b)[kyvénh]	c)[kimɛɲ] [kivēɲ]
40. o sangue é vermelho	b)kyvenh vỹ kusũg nĩ	c)[kimɛɲ wā kusũ nĩ]
41.a. bicho	b)misu	c)[mbifu]
caçar	b)	c)[ēkreɣ]
b. bicho de caça	b)ĩn ki vēnh mēg	c)[ĩn ki mēɲ mēɲ]
c. bicho doméstico	b)vēnh mēg	c)[mēɲ mēɲ]
42. ele viu alguns bichos	b)ti vỹ misu ũ vé	c)[ti wā bifu ũ mɛ]
43. jacaré	b)jemujé fe	c)[nemupe] [nemuye fe]
44. cachorro	b)kasor	c)[kaɟor] [ĩn ki kaɟor]
45. ele bate no cachorro	b)ti vỹ kasor ki póg ke (bater)	c)[ti wā kasor ki pɔke]
46.onça	b)mĩg kōgar fi	c)[mĩ Kōɲgɔr] [mĩ fi]
47.a onça está bebendo	b)mĩg kōgar fi vỹ og jé	c)[mĩ kōɲgɔr fi wā oɲ ɲɛ]
48.macaco	b)kajēr	c)ka ɲɛɿ]
49.anta	b)ójor	c)[ɔyoɿ]
50.chifre	b)nĩka	c)[nĩ ka]
51.dois chifres	b)nĩka rég !re [ɿɛgɲ ɿɛ] (dois)	c)[nĩkaɲregre]
52.rabo	b)my	c)[mbi]
53 o menino está puxando o rabo do macaco	b)ũn ʃĩ ti vỹ. kajēr my nỹ.gnỹn nĩ. (estar)	c)[ũn ʃĩ tiwā kaɲɛɿ mbiɿ nān nān nĩ] (menino)
54.pássaro	b)jēsĩ	c)[ɲɛ ʃĩ]
	c)sēsĩ	[ʃɛ ʃĩ]
55.os pássaros estão voando	b)Jēsĩ ag vỹ tēg tēu mũ nĩ	c)[ɲɛ ʃĩ aɛ ɛã tɛɲ tɛɛ mũ nĩ] (- -eles- -voando-estão)

56.papagaio	b)jógjó	c)[iɔg ɲio]
57.garra, unha de bicho	b)nĩgru	c)[nĩ gru]
58.as unhas do papagaio	b)jógjó nĩgru ag	c)[yɔgɲio nĩgru agɲ]
59.asa	b)fěr	c)[fěɹ]
60.as asas são brancas	b)fěr ag vỹ kupri nỹ tí	c)[fěɹ aɲ wā kupri nā tí]
61.pena, pluma	b)kyki	c)[kiki]
62.esta pluma é pequena	b)Kyki tag vỹ sĩ nỹ tí.	c)[kiki tæg wā sĩ nā tí]
63.ovo	b)ov	c)[ow]
64.ele está contando os ovos	b)ɲi vỹ ov nĩkrin jě nĩ.	c)[ti wā ow nĩkredɲe nĩ]
65.peixe	b)Krěkufár	c)[křěkufər]
66.o peixe está nadando	b)Krěkufár vỹ goj krĩm nõgnõr tí.	c)[křěkufər vỹ goj krĩm nõgnõr tí]
67.cobra	b)pỹn	c)[pān] [pāyn] (roçar)
68.ele tem medo da cobra	b)ɲi vỹ pỹn kaměg.	c)[ti wā pan kaměɲ]
69.piolho	b)Ga	c)[ɲga]
70.poucos piolhos	b)Ga pipir Ga pir (um piolho)	c)[ɲga pipiɹ]
71.verme, minhoca	b)Jókynh	c)[yɔ kiyd]
72.quatro vermes	b)Jókynh vėnhkõgra	c)[yɔkiyd ɲěɲkɔngɹa]
73.Milho	b)Gõr	c)[wõɹ fi] (guarda pra semente)
74.o milho é amarelo	b)	c)[wɔɹ maɹeɹ nĩ]
75.mandioca	b)Mānjóka	c)[māniɔka]
76.Ele pega (sustenta) a mandioca	b)ɲi vỹ manjoka mõ.	c)[ti wā māniɔka mõ] (pegar)
77.fumo (tabaco)	b)Věju jafā	c)[ɲěɲyu yafõ]
78.o fumo está aqui.	b)Věju jafā vỹ tag kã nĩ	c)[ɲěɲyu yafõwā ta kõ nĩ]
79.árvore	b)ka	c)[ka]
80.a árvore está queimando	b)Ka vỹ pũn jě nĩ	c)[ka wā pũn ɲě nĩ] (- -queimando-está)
81.pauzinho	b)Kasĩ	c)[ka sĩ]
82.o pau é grosso	b)Ka vỹ éhé nĩ	c)[ka wā ehed ni]
83.capim, grama	b)Re	c)[re]
84.o capim é verde	b)Re vỹ tánh nĩ Re tánh (capim verde)	c)[ɹe ěātɔyě nĩ]
85.flor	b)Kafej	c)[ka fey]
86.esta flor	b)Kafej tag	c)[kafey tagɲ]
87.a outra flor	b)Kafej ěn	c)[kafey ěn]
88.fruta	b)Kakaně	c)[kakaně]
89.a fruta é estragada.	b)Kakaně vỹ kórég nĩ.	c)[kakaně wā kɔɹěg nĩ]
90.semente	b)fy	c)[fi]
91.muitas sementes	b)Fy e tãvĩ	c)[fi etõɲĩ]
92.folha	b)Kafěj	c)[kafey]
93.a folha é fma	b)Kafěj vỹ tãryj nĩ	c)[kafey wā tãɹij nĩ] (folha- -fmo)

94.raiz	b)Jöre Jëre	c)[ɲo re] [ɲẽ re]
95.três raízes	b)Jöre tōgtū	c)[ɲore tōtū]
96.casca	b)Fár	c)[fəɹ]
97.a casca é lisa	b)Fsr vỹ tãryj nĩ	c)[fəɹ tã ɹiy nĩ]
98.céu	b)Kanhkō	c)[kaykō]
99.sol	b)Rōrĩr Rō	c)[ɹō] [ɹōɹiɹ]
100.o sol é redondo	b)Rō vỹ ror nĩ (sol- -redondo-)	c)[ɹō wã ɹoɹ nĩ]
101.lua	b)Kysō	c)[ki ʃō]
102.a lua é grande	b)Kysō vỹ éhé nĩ	c)[kiʃō wã éhẽ nĩ]
103.estrela	b)Krĩg	c)[krĩɲ]
104.todas as estrelas	b)Krĩg kar ag.	c)[krĩɲ kaɹ agɲ]
105.dia	b)Kurō	c)[kuɹō]
106.um dia	b)Kurō pir	c)[kuɹō piɹ]
107.noite	b)Kuty	c)[kuti]
108.a noite é curta	b)Kuty vỹ sĩ nĩ	c)[kuti wã ʃĩ nĩ]
109.ano	b)Prãg	c)[prãɲ]
110.nuvem	b)Kanhkō góg	c)[kaykōɲ gow gow] [kaykoɲ kɔg]
111.a nuvem está no céu	b)Kanhkō góg vỹ kanh tá jẽ c)[kaykō ɲgɔg wã kaɲ tãɲẽ]	
112.chuva	b)Ta	c)[ta]
113.a chuva está fria.	b)Ta vỹ kusa nĩ (chuva- -frio-ser)	c)[ta wã kuʃa nĩ]
114.nevoeiro (fumaca de terra)	b)Krũj	c)[krũɲ]
115.vento	b)Kōka	c)[kōʔka]
116.o vento está soprando	b)Kōka vỹ o...ke mũ.	c)[kōka wã ow ke mũ]
117.neve	b)Kukryr re	c)[kukɹi ɹed] (geada) [kukɹi re] (neve)
118.gelo	b)Goj kusa ró	c)[goy kuʃa ɹɔ] (água- -pedra)
119.a água está gelada.	b)Goj kusa tãvĩ	c)[goy kuʃa tãɲi]
120.rio	b)Goj	c)[ɲ goy]
121.o rio é estreito(apertado)	b)Goj vỹ tugỹr nã	c)[goy wã tugɹnã]
121.1 minha roupa está apertada	b)Inh kur vỹ inh su gỹr nĩ	c)[iɲ kuɹ wã iɲ ʃuɹɹnĩ]
122.água	b)Goj	c)[ɲgoy]
123.a água está correndo	b)Goj vỹ jỹn jỹn ke na.	c)[goy wã iəɲ iəɲ ke na] (água- -correndo-)
123.1 o menino está correndo	b)Gĩr ti vỹ vẽ nhvó	c)[ɲəɹ ti wã mɛɲ wɔ]
124.a folha está boiando na água	b)Kaféj vỹ goj kri nōr nōr	c)[kafey wã goy kri nɔɹ nɔɹ]
125.lagoa	b)Goj ror mag	c)[ɲgoy roɹ mbæg]

126.a lagoa é longe	b)Goj ror mag vỹ kuvar gy nĩ c)[ŋgoy ɔɔɔ bəg wã kuvaɪ gə nĩ] (lagoa-redonda-grande- -longe- -)	
127.mar	b)Goj krāg ja tũ	c)[goy kɔ̃ŋ ya tũ]
128.terra	b)Ga	c)[ŋga]
129.a terra é seca.	b)Ga vỹ tóg nĩ.	c)[ŋga wã tɔg nĩ]
130.pó, poeira	b)Ga funfur	c)[ŋga fut fuɪ]
131.tem muita poeira.	b)Ga funfur e tãvĩ.	c)[ŋga fut fuɪ e tãwĩ]
132.areia	b)Pó gũnh	c)[pɔŋ wɪŋ] (pedra-moída)
133.o mato	b)Nẽn Nõn ti	c)[nẽn] [nõn] [nõn ti]
134.o outro está no mato	b)Nõn kãtã ũ vỹ nĩ c)[nõn kõntə ũ wã tĩ nĩ] (mato-dentro-outro- -sentado)	
135.monte, morro	b)Pãnónh	c)[põn fĩ] [põndɔy]
136.aquele monte	b)Pãnónh ěn	c)[põndõŋ ɛn] (-aquele)
136.1 monte de alguma coisa	b)Pãn fĩ	
137.pedra	b)Pó	c)[pɔ]
138.ele está jogando pedras.	b)Ti vã pó vãm nĩ.	c)[ti wã pɔ wõwõw nĩ]
139.caminho	b)Jamĩn	c)[iamĩn] [wẽmĩn] [iapri] [ẽprə]
140.ele está andando no caminho	b)Ti vỹ ěmin mi tĩ nĩ c)[ti wã ěmĩn mitĩ nĩ] (ele- -caminho-anda-está)	tĩ=anda **mitĩ=anda
141.o caminho é amplo.	b)Jamĩn vã. tõpẽr mag	c)[ěmin wã tõpɛɪ bəg] [yamin wã tõpɛɪ bəg] [ɛmin bəg] [ẽpɪ bəg]
142.casa (morada)	b)ĩn	c)[in] [yamo nĩ]
143.a casa é nova.	b)ĩn vã tãg jě.	c)[in wã tãŋ jɛ] (- -nova-de pé)
144.a casa é velha.	b)ĩn vã kofa jě.	c)[ĩn wã kofa jɛ] (- -velha-de pé)
145.canoa	b)Goj kri tĩn fã.	c)[ŋgoy kri tĩn fã] [kõkey]
146.a canoa está cheia de areia.	b) c)[goy kai tĩn fo wã piw ěĩ tofiɪ nĩ]	

	(- -areia-cheio-está)	
147.arco	b)nyj	c)[ndiy] [viē]
148.ele esfregou o arco.	b)Ti vỹ vyj rynhrānh	c)[ti wā viē ɿəydɿəŋ] (ele- - - esfregar)
149.o arco é mau.	b)syj vỹ kprēg nĩ.	c)[vəyd wā kiɿēg nĩ]
150.flecha	b)No [ndiy]	c)[ndo]
151.a flecha é reta	b)No vā kuryj nĩ.	c)[ndo wā kuɿij nĩ] (flecha- -reta-)
152.machado	b)Mēg	c)[mbēg]
153.o machado está aí.	b)Mēg vā ēn kā jē Mēg vā ēn kā nĩ.(sem cabo)	c)[mbēg wā ēnd kiŋe]
154.a faca	b)Rógro	c)[ɿiēɿo]
155.a faca está cega	b)Rógro tā nēn kym vānh.*kyvp=cega ou cego c)[ɿiēɿo tã nde kib ēoŋ]	
156.a faca está afiada	b)Rpdro vỹ jukēn kā ny nĩ c)[ɿiēɿo ēã yēkēd kãñō nĩ] [iēkēd kãñō] (faca afiada)	
156.1 a foice está afiada	b)Jāpā jukēn kā ny nĩ.	c)[ynopo yēkēd kãñō nĩ]
156.2 o machado está afiado	b)Mēg jukēn kā ny nĩ.	c)[mbēg yēkēd kãñō nĩ]
157.corda	b)Kagjie jafā	c)[kaēie iafo]
158.amarrado com corda	b)Kagje kỹ t. nỹ	c)[kagjē ja fā tỹ]
159.panela(de barro)	b)Kukrũ Gp!or tỹ kukrũ	c)[kukrũ] [ēgioɿ tã kukrũ]
160.banha	b)Tāg fā	c)[toēg fo tag] (- -esse, essa)
161.a panela cheia de banha	b)Tāg fā tỹ kukrũ fprỹ	c)[toēgfo tə kukaũ fiɿ]
162.carne	b)Nĩ	c)[nĩ] [ni]
163.sal	b)Sa	c)[sa]
164.fogo	b)Pĩ	c)[pĩ]
165.ele estás sentado perto do fogo.	b)Ti vỹ pĩ rā nĩ nĩ c)[ti wā pĩ ɿi nĩ nĩ] (ele- -fogo-perto-sentado-está)	
166.ele está soprando o fogo	.b)Ti vỹ pĩ ki hũ ke nĩ nĩ c)[ti wā pĩ ki hũ kēd ni]	*Ked=está hu=soprando
167.fumaça	b)Nĩja	c)[nĩya]
168.fumaça na casa	b)In ki nĩja c)[in ki nĩya] (casa-na-fumaça)	
169.cinza	b)Mrēj	c)[mɿēŋ] [maēŋ]
170.as cinzas são quentes	b)Mrēj vỹ rỹnhgỹ nĩ.	c)[mɿēŋ wā ɿēŋgə]

171. febre	b) Rŷnhgŷ	c)[rĕŋ ŋgə]
171.1. febre alta	b) Rŷnhgŷ mǝ	c)[rĕŋ ŋgə mǝ]
172. pessoa, gente	b)T	c)[ũ]
		(se n, conhece a pessoa)
173. homem	b)ũn grĕ	c)[ŋgrĕ]
174. mulher	b)Tə tə	c)[ũn tətə]
	Tĕ tə	
175.1) criança	b)Gĭr	c)[ŋiɹ]
		[ŋəɹ]
2) menino	b)ũn sĭ ti	c)[ũd ʃĭ ti]
		[ũd ĕgaĕ ʃĭ ti]
3) menina	b)ũn sĭ fi	c)[tətə ʃĭ fi]
		[ũd ʃĭ fi]
176.a criança está vomitando.	b)ũn sĭ fi v. tũtũg nĭ.	c)[ũn ʃĭ ti ĕã tũ tũ]
176.este menino está cantando.	b)Gĭr tag ti vā jān nĭ	c)[ŋĕɹ tag ti vā ɲin]
177.aquele menino está ouvindo.	b)Gĭr ĕn ti vā ĕmĕg nĭ	c)[ŋiɹ ĕn ti vā kiĕ mĕŋ]
178.marido	b)Mĕn	c) [mbĕd]
179.esposa, a sua mulher	b)Pr	c)[pɹũ]
180.aquela mulher é a esposa dele	b)Pn tātā ĕn fi vā t. ti prũ nĭ.	
	c)	
181.pai	b)Panh	c)[pay]
		[payĕ]
182.mãe	b)Mānh	c)[mǝy]
		[mǝĕ]
183.nome	b)Jy jy	c)[yiyi]
		[yiyi]
184.eu	b)Inh	c)[igŋ]
OBS: final do lado A - FITA 1		
185.tu (você)	b)Ā	c)[ʒ]
186.ele	b)Ti	c)[ti]
187.1 nós	b)ĕg	c)[ĕŋ]
187.2 você e eu	b)Ā kar inh	c)[ʒ kaɹ igŋ]
		(você-e-eu)*kar=e
187.3 vocês e eu	b)Ā jag kar inh	c)[ʒyaĕ kaɹ igŋ]
187.4 eu e outro	b)Inh kar ũn ag.	c)[igŋ kaɹ ũ]
187.5 eu e outros	b)Inh kar ũn ag	c)[igŋ kaɹ ũ agŋ]
		(eu - e- - outros)
188.vós(vocês)	b)Ā jag	c)[ʒŋyag]
189. quando vai ficar em pé?	b)Hĕ ré kĕnjenh mũ	c)[xĕred kǎŋĕŋ mũ]
		(quando - ficar- futuro)
190.onde estão brincando as crianças?	b)Hĕ tá gũ kanher ir mũ	c)[xĕ tǎ ŋiɹ kayŋiŋ iŋ mũ]
191. onde vai cavar?	b)Hĕ tá kǎkǎn mũ	c)xĕ tǎ kǎnkǎn mũ]
		(- cavar - futuro)

192. o que é que ele sabe? b)Ti ne kinh rá nĩ c)[tĩnde kĩŋ ra nĩ]
- 193.o que é que está cheirando? (se for cheiro de comida/cheiro bom)
b)Ne nỹ funfun ke mũ c)[nde na futfur ke mũ]
- 194.ele está morrendo porque caiu
b)Ti kutẽ kỹ ton ter ke nỹ nĩ
c)[ti kutẽ kãn teɿ ke nã nĩ]
(ele- caiu- porque-morrer-está)
- 195.ele está molhado porque nadou
b)Timro kỹntóg nrér nĩ
c)[ti mbro kãn tĩmbreɿ nĩ]
(ele-nadar- -molhado-está)
196. ele ouviria se cantassem
b)Mẽ ja ti mũ mẽ jãn jãn kã
c)[mẽya ti mũ mẽ ɲõŋõn kã]
(ouvir-ele-fut-se-cantar)
197. ele mataria(o cachorro) se o mordesse
b)Ti tẽn ja tóg mũ mẽ kasor tỹ pran ra
Kasor tỹ ti pran ra tỹ tẽn mũ mẽ
c)[ti tedniya tóg mũ mẽ kafoɿ tã ɲɿad ɿa]
(ele-mataria-se o-cachorro- -mordesse)
[kafoɿ tã ti ɲɿad ɿa tãted mũ mẽ]
- 198.não
b)Vóg c)[mɔ]
- 199.ele não está rindo
b)Ti pi nỹg nĩ c)[ti pi ndæg ni]
(ele-não-rir-está)
- 200.não é o pai dele
b)Ti panh pi jé c)[ti payŋ piye]
Ti panh tũ mẽ c)[ti payŋ tũ mẽ]
- 201.outro
b)ũ c)[ũ]
- 202 1)e b)Kar c)[kaɿ]
2)ele matou jacarés b)Jãgré tãnh ti c)[ɲõgrẽtõyn ti]
3)ele matou antas b)Ójor tãnh ti c)[ɔyoɿ tõyn ti]
4)ele matou antas e jacarés
b)Jãgré tãnh ti kar ójor c)[ɲõgrẽ tõyn ti karɔyoɿ]
- 203 1).com b)Mré c)[mbrẽ]
2)ele come carne b)Ti nẽn ũ nĩ ko mẽ vễ c)[tinded ũnĩ kõ mẽ]
3)ele come sal b)Ti sa ko vễ c)[ti ʃa komẽ]
4)ele come carne com sal
b)Ti tỹ nẽn ũnĩ kovễ tã sa mré
c)[tĩ nded ũni komɛ ʃa mbre]
204. 1)ele anda com a mãe
b)Ti tĩ vễ ti mỹnh fi mré
c)[ti tĩ mɛ ti mɿn fi mbre]
- 205 1)a b)Ra c)[ɿa]
2)em b)Kã c)[kõ]
3)está em casa b)In kõ nĩ c)[in kõ nĩ]
4)está na casa b)In kõ nhé c)[in kõ ɲɛ]
5)vai a casa b)ĩn ra tĩg c)[in ɿa tĩ]
- 206.ele está na canoa
b)Goy kri tĩnh fã kri nĩ c)goy kɿi tĩ fõn kɿid nĩ
(-canoa-em cima-estar)
b)Ti tỹ kãkéy kri nĩ vễ c)ti tã kõkey kɿi nĩ mẽ]
- 207.um b)Pír c)[pĩɿ]

208.dois	b)Rég!re	c)[ɣɛŋgɣɛ]
209.três	b)Tăgtŭ	c)[tɔtŭ]
	b)Tĕgtŭ	c)[tĕŋtŭ]
	b)Tă	c)[tɔ]
210.quatro	b)Vănh kăgra	c)[mɔɣn kɔŋgra]
	b)Vĕnh kăgra	c)[mĕŋkɔŋgra]
211.cinco	b)Pĕnkar	c)[pɛtkar]
212.nós contamos(enumerar)	b)Eg vŷ nĭkrĕn	c)[ɛɣ wă nĭkrɛd] (nós- -contar)
213.ele está em pé	b)Ti vŷ jĕ nĭ	c)[ti wă nĕ nĭ] (ele- -em pé-estar)
214.ele está sentado	b)Ti vŷ nĭ nĭ	c)[ti wă nĭ nĭ] (ele- sentar-estar)
215.ele está deitado	b)Ti vŷ nŷnĭ	c)[ti wă nĕnĭ] (ele- -deitado)
216.ele dorme	b)Ti nŭr	c)[ti nŭr]
217.ele deitou-se para dormir	b)Ti nŷ vĕ ti nŭr jĕ	c)[ti năw mɛ ti nŭɿ iye]
218.ele vê	b)Ti vég vĕ	c)[ti mĕ vĕ]
219.ele ouve	b)Ti mĕ vĕ	c)[ti mĕmɛ]
220.nós (eu e vocês) sopramos	b)Eg ki hŭhŭ kenh	c)[ĕɣ ki xŭxŭ keyɣ]
221.ele respira	b)Ti hăhăm ke	c)[ti xɔmxɔm ke]
222.ele cheira	b)Ti ger mĕ	c)[tĭ ŋgeɿ mĕ] (ele-cheirar)
223.ele come	b)Ti ko vĕ	c)[ti kow mɛ]
224.ele bebe	b)Ti kran vĕ	c)[ti krod mɛ]
225.ele chupa	b)Ti kă hŭm vĕ	c)[ti kɔhud mɛ]
226.ele está vomitando	b)Ti tŭgtŭ nĭ vĕ	c)[ti tɔ tŭ ni mɛ]
227.ele morde	b)Ti pra	c)[ti pra]
228.ele está inchado	b)Ti vŷ kanh par ti nĭ	c)[ti wă kɔŋpaɿ ti nĭ]
	b)Kanh par ti jĕ	c)[kɔɣ paɿ tĭɣ]
229.ele sabe	b)Kinhra ti	c)[kĭŋɿa ti]
230.ele está pensando	b)Jy krég nĭ ti nĭ	c)[yăŋkɣɛd nĭ ti nĭ] (pensando-estar- ele-)
231.ele pensa bem	b)Ti jukré há	c)[ti ywkɣɛd xə]
232.ele tem medo	b)Ti mŭmĕg vĕ	c)[ti mŭmĕŋ mĕ]
233.ele está falando	b)Ti vi vĕ	c)[ti mĭ mĕ]
234.ele fala certo	b)Ti vĭ há vĕ	c)[ti mĭ hə mĕ] (ele-fala-certo)
235.ele diz:”não”	b)Vó! ke ti tĭ	c)[wə ke ti tĭ]
236.ele está cantando	b)Ti jăn vĕ	c)[ti nɔn mɛ]
237.ele está rindo	b)Ti ny vĕ	c)[tĭ ndĭ mɛ]
238.ele está esfregando	b)Ti rynhranh vĕ	c)[ti ɿŋɿŋ mĕ]
239 1).ele raspa	b)Ti kykéd	c)[ti kĭkɛd]
2)ele coça	b)Ti kugmre	c)[tikŭmbre]
240.ele aperta	b)Ti kăgŭ vĕ	c)[ti kɔŋ mŭ mĕ]
241.ele está furando	b)Ti nón vĕ	c)[tĭ ndɔd mĕ]
242.ele está limpando (com pano)		

	b)Ti janh krig vē kur tŷ	c)[ti jɔn kriŋ mĕ kur tɔ]
243.ele corta	b)Ti gynh	c)[tŷiŋ]
244.ele está costurando	b)Ti kurān vē	c)[ti kuʃān mĕ]
245.ele está amarrando	b)Ti kagje vē	c)[ti kagnie mĕ] (ele-amarrar- c)[ti tɔgfɪn] (ele-amarrar)
	b)Ti tógfɪn	c)[ti kupe mĕ]
246.ele está lavando	b)Ti kupé vē	c)[ti ʃiŋ mĕ]
247.ele está rachando	b)Ti ryg ~vē	c)[ti tɔ taki kŭ mĕ]
248.ele está cavando aqui	b)Ti tŷ ta ki kŭm vē	c)[ti wāwā mĕ] [ti mǎmjā mĕ]
249.ele está jogando (coisas)	b)Ti vōvōm vē	
250.ele está batendo (alguma coisa)	b)Ti ty tag tag ke vē nén ũ to	
	c)[ti tɔ tag tag ke wĕ nded ũ to]	
251.ele dá	b)Vin ti	c)[wid ti]
252.ele está andando	b)Tŷ ti nŷ	c)[tŷ ti ni]
253.ele está dando volta	b)Ti tā vŷn ke tŷ nŷ	c)[ti tɔ wān ke tŷ] (ele- -dando volta)
254.eles estão vindo	b)Ag vŷ kōmŭ nŷ	c)[aŋ wā kōmŭ nŷ]
255.ele está puxando	b)Ti nŷgnŭn vē	c)[ti nānān mĕ]
256.ele está empurrando	b)Ti tŷ ki gŷg vē	c)[ti tɔ ki ŋǎŋ mĕ]
257.ele cai	b)Kutĕ ti	c)[kutĕ ti]
258.ele está brigando	b)Ti rá rá vē	c)[ti ʃ ʃ mĕ]
259.ele está brincando	b)Ti kan nhir vē	c)[ti kadpeʃ mĕ]
260.ele está caçando	b)Ti ĕkréh vē	c)[ti ĕŋkreŋ mĕ]
261.ele mata	b)Tén ti	c)[ted ti]
262.ele está voando	b)Ti vŷ tĕw nŷ	c)[ti wā tĕw nŷ]
263.o homem está nadando	b)Timro nŷ vē	c)[timbro nŷ mĕ]
264.ele está vivo	b)Rŷr ti nŷ	c)[nŷr ti nŷ]
265.ele está morrendo	b)Ter nŷ ti nŷ	c)[teʃ nŷ ti nŷ]
266.bom	b)Há	c)[hə]
267.mau	b)Kórég	c)[kə ʃeg]
268.novo (coisa)	b)Tāg	c)[tɔŋ]
269.velho(coisa)	b)Si	c)[ʃi]
	b)Kófa	c)[kɔfa]
270.estragada	b)Kórég	c)[kɔʃeg]
271.redondo	b)Ror	c)[ʃoʃ]
272.reto	b)Kuryj	c)[kuʃij]
273.frio	b)Kusa	c)[kuʃa]
274.quente	b)Rŷ	c)[ʃə]
275.amarelo	b)Mārér	c)[maʃeʃu]
276.verde	b)Tánh	c)[təŋ]
277.vermelho	b)Kusŭg	c)[kuʃŭ]
	b)Kósóg	c)[kɔsɔg]
278.preto	b)Sá	c)[ʃə]
279.branco	b)Kupri	c)[kupri]

280	1) sujo	b) Kavéj	c) [kamɛy] c) [kaβɛy] c) [kavɛy]
	2) a água está suja	b) Goy v̄y kavéj n̄i b) Goy kavéy	c) [ɲgoy wã kaβɛy n̄i] c) [ɲgoy kaβɛy]
	3) a panela está suja	b) Kukrũ v̄y kavéj n̄i	c) [kukrũ wã kaβɛy n̄i]
281.	molhado	b) Mrér	c) [mbɤɛɹ]
282	1).seco	b) Tóg	c) [tɔg]
	2) enxuto	b) Kōgōg	c) [kōɲōɲ]
283	1) liso	b) Kanér	c) [kandɛɹ]
	2) raso	b) Pōrér	c) [pãɹɛɹ]
284.	pesado	b) Kufy	c) [kufi]
285.	é certo(não errado)	b) Ke há v̄e	c) [ke hæ ɲɛ̃]
286.	todos	b) Vēnhkar	c) [ɲɛ̃ɲkaɹ]
287.	muito	b) E	c) [eʔ]
288.	poucos	b) pipir	c) [pipiɹ]
289	1) alguns	b) ũ	c) [ũ]
	2) alguns (de pessoa)	b) ũ aɲ	c) [ũ ag]
290.	espesso, grosso	b) Māg ha	c) [mbəg xa]
291.	fmo	b) s̄i	c) [ʃi]
292.1.	cabelo fmo	b) Gēnah jógo	c) [ɲōyɲ yōgo] (cabelo-fino)
293.	comprido	b) Téj	c) [tey]
294.	cabelo comprido	b) Gēnah téj	c) [ɲōyɲ tey]
295.	curto	b) Ror	c) [ɹɔɹ]
296.	largo	b) Jér	c) [yɛɹ]
297.1.	amplo	b) Éhé	c) [ɛxɛ]
298.	estreito	b) Ḡyr	c) [ɲōɹ]
299.1.	caminho estreito	b) Emin ḡyr	c) [emin ɲɔɹ]
300.	grande	b) Éhé	c) [ɛxɛ]
		b) Məg	c) [mbəg]
301.	pequeno	b) S̄i	c) [ʃi]
		b) Kunig	c) [kundig]
302.	aqui	b) Taki	c) [taki]
303.	a!(admiração)	b) E...	c) [eʔ]
304.	mão direita	b) N̄igé p̄gja	c) [n̄igɛp̄ɲya]
305.	mão esquerda	b) N̄igé jakānh	c) [n̄igɛyakɔɲ]
306.	longe	b) Kuvar	c) [kuwaɹ]
307.	perto	b) Kakó	c) [kakɔ]
308	1) meu nariz	b) Inh n̄ijē	c) [iɲɲ niyɛ̃]
	2) seu nariz	b) Ā n̄ijē	c) [ã n̄ijɛ̃]
	3) seu nariz(dele)	b) Ti n̄ijē	c) [ti n̄ijɛ̃]
	4) nossos narizes(mim e você)	b) ěg n̄ijē	c) [ɛɲ niɲɛ̃]
	5) nossos narizes(mim e outros)	b) ěg n̄ijē	c) [ɛɲ niɲɛ̃]
	6) seus narizes	b) Ājag n̄ijē	c) [ɔyad niɲɛ̃]

	7)seus narizes(deles)	b)Ājag nījē	c)[ag nījē]
309	1)meu pé	b)Inh pēn	c)[igŋ pen]
	2)seu pé	b)Ā pēn	c)[ō pen]
	3)nossos pés	b)ēg pēn	c)[ēŋ pen]
	4)seus pés(vocês)	b)Ājag pēn	c)[ōyag pen]
	5)pés deles	b)Ag pēn	c)[ag pen]
310	1)minha boca	b)Inh jēnky	c)[iŋ jenkɪ]
	2)sua boca	b)Ā jēnky	c)[ō jenkɪ]
	3)boca dele	b)Ti jēnky	c)[ti jendki]
	4)nossas bocas	b)ēg jēnky	c)[eŋen ki]
	5)bocas de vocês	b)Ājag jēnky	c)[ōyag ienkɪ]
	6)bocas deles	b)Ag jēnky	c)[agŋ ienkɪ]
311	1)minha mãe	b)Inh mýnh fi	c)[iŋ mōyŋ fi]
	2)sua mãe	b)Ā mýnh fi	c)[ō mōyŋ fi]
	3)nossas mães	b)ēg mýnh fag	c)[ēŋ mōyŋ fag]
	4)mãe de vocês	b)Ājag mýnh fag	c)[ōyad mōyŋ fag]
	5)mãe deles	b)Ag mýnh fag	c)[ag mōyŋ fag]
312	1)meu pai	b)Inh panh	c)[iŋ payŋ]
	2)seu pai	b)Ā panh	c)[ō payŋ]
	3)nossos pais	b)ēg panh ag	c)[ēŋ payŋ ag]
	4)pai de vocês	b)Ājag panh ag	c)[ōyad payŋ ag]
	5)pai deles	b)Ag panh ag	c)[aŋ paŋ ag]
313	1)meu peixe	b)Inh krēkufár	c)[iŋ krēŋkufəɹ]
	2)seu peixe	b)Ā krēkufár	c)[ōkrēŋkufəɹ]
	3)nosso peixe	b)ēg krēkufár	c)[ēŋkrēŋkufəɹ]
	4)peixe de vocês	b)Ājag krēkufár	c)[ōyad krēkufəɹ]
	5)peixe deles	b)Ag krēkufár	c)[ag krēŋkufəɹ]
314	1)minha casa	b)Inh in	c)[iŋ in]
	2)sua casa	b)Ā in	c)[ō in]
	3)casa dele	b)Ti in	c)[ti in]
	4)nossa casa	b)ēg in	c)[ēŋ in]
	5)casa de vocês	b)Ājag in	c)[ōyad in]
	6)casa deles	b)Ag in	c)[ag in]
315	1)minha canoa	b)Inh kākéj	c)[iŋ kōkey]
	2)sua canoa	b)Ā kākéj	c)[ō kōkey]
	3)canoa dele	b)Ti kākéj	c)[ti kōkey]
	4)nossas canoas	b)ēg kākéj	c)[ēŋ kōkey]
	5)canoas de vocês	b)Ājag kākéj	c)[ōyag kōkey]
	6)canoas deles	b)Ag kākéj	c)[ag kōkey]
316	1)meu arco	b)Inh vyj	c)[iŋ mjyd]
	2)teu arco	b)Ā vyj	c)[ō mjyd]
	3)seu arco	b)Ti vyj	c)[ti mjyd]
	4)nossos arcos	b)ēg vyj	c)[ēŋ mjyd]
	5)seus arcos	b)Ājag vyj	c)[ōyag mjyd]
	6)arcos deles	b)Ag vyj	c)[ag mjyd]
317	1)eu sou grande	b)Mág sóg nī	c)[mbəg ɔg nī]
	2)você é grande	b)Mág ā nī	c)[mbəg ō nī]

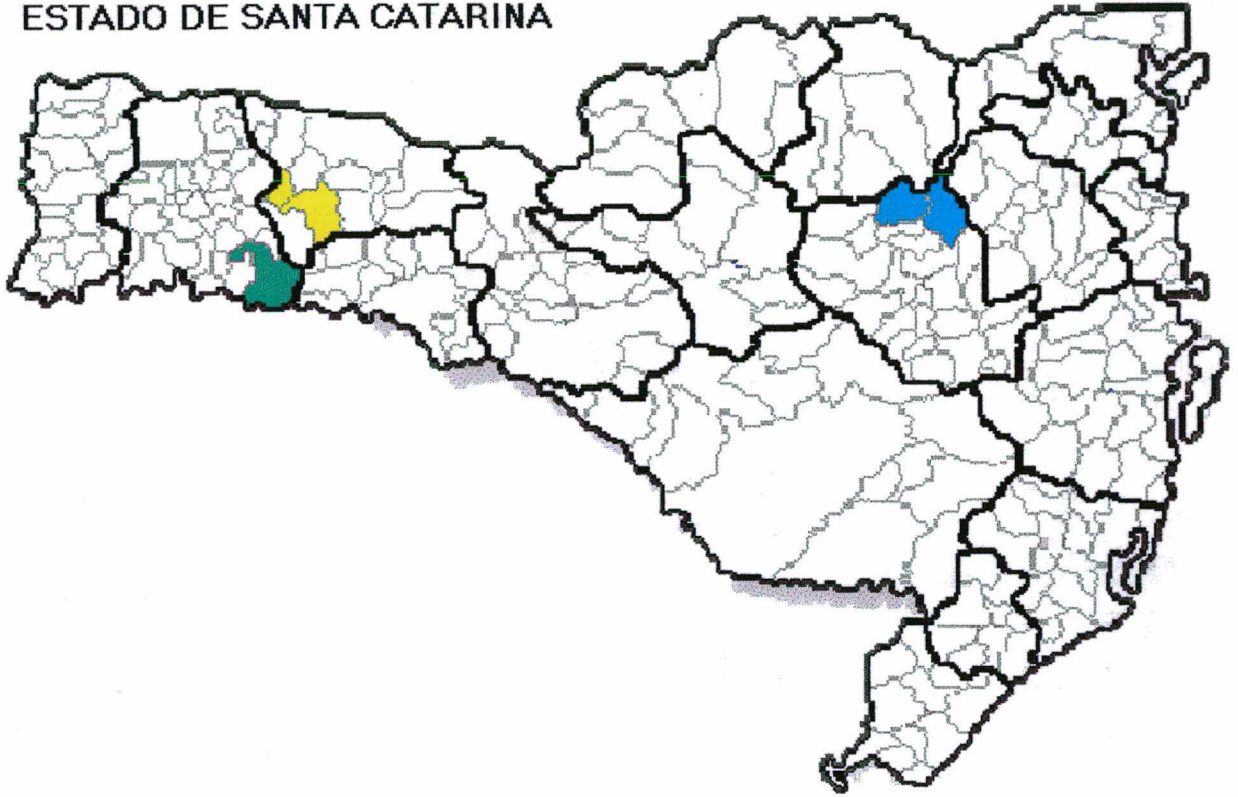
	3)ele é grande	b)Mág ti nĩ	c)[mbəg ti nĩ]
	4)nós (eu e você) somos grandes		
		b)Mág ěg nỹ ti	c)[mbəg ěɲ nōtĩ]
	5)vocês são grandes	b)Mág ajag nỹ ti	c)[mbəg ayag nōtĩ]
	6)eles são grandes	b)Mág ag nỹ ti	c)[mbəg aɲ nōtĩ]
318	1)eu estou sujo	b)Kavej inh nĩ	c)[kavmɛy iɲ nĩ]
	2)você está sujo	b)Kavej ā nĩ	c)[kamɛy ɔ nĩ]
	3)ele está sujo	b)Kavej ti nĩ	c)[kamɛy ti nĩ]
	4)nós estamos sujos	b)Kavej ěg nỹtĩ	c)[kamɛy ěɲ nōtĩ]
	5)vocês estão sujos	b)Kavej ājag nỹtĩ	c)[kamɛy ayag nōtĩ]
	6)eles estão sujos	b)Kavej ag nỹtĩ	c)[kamɛy ag nōtĩ]
319	1)eu sou bom	b)Kay há inh nĩ	c)[kay hə iɲ nĩ]
	2)você é bom	b)Kay há ā nĩ	c)[kay hə ɔ nĩ]
	3) ele é bom	b)Kay há ti nĩ	c)[kay hə ti nĩ]
	4)nós somos bons	b)Kay há ěg nỹ tĩ	c)[kay hə ěɲ nō tĩ]
	5)vocês são bons	b)Kay há ~yag nỹtĩ	c)[kay hə ayag nōtĩ]
	6)eles são bons	b)Kay há ag nỹtĩ	c)[kay hə ag nōtĩ]
320	1)eu sou velho	b)Kófa inh nĩ	c)[kɔfa iɲ nĩ]
	2)você é velho	b)Kófa ā nĩ	c)[[kɔfa ɔ nĩ]
	3)ele é velho	b)Kófa ti nĩ	c)[kɔfa tid nĩ]
	4)nós somos velhos	b)Kófa ěg nytĩ	c)[kɔfa ɛɲ nō tĩ]
	5)vocês são velhos	b)Kófa āyag nỹtĩ	c)[kɔfa ayag nō tĩ]
	6)eles são velhos	b)Kófa ag nỹtĩ	c)[kɔfa ag nōtĩ]
321	1)eu estou vermelho (com urucum)		
		b)Kusug inh nĩ	c)[kufu iɲ nĩ]
	2)você está vermelho	b)Kusug āg nĩ	c)[kufũ ɔɲie]
	3)ele está vermelho	b)Kusug ti nĩ	c)[kufũ tid nĩ]
	4)nós estamos vermelhos	b)Kusug ěg nỹ tĩ	c)[kufũ ěɲ nōtĩ]
	5)vocês estão vermelhos	b)Kusug ājag nỹtĩ	c)[kufũ ayag nō tĩ]
	6)eles estão vermelhos	b)Kusug ag nỹ tĩ	c)[kufũ ag nōtĩ]
322	1)eu lavo	b)Inh sỹ kur faj ke vē	c)[iɲ fɔ kuɹ faj ke mɛ]
		b)Inh sỹ pén ky vē...	c)[iɲ fɔ pet kupe mɛ]
			(iɲ fɔ=eu)
	2)você lava	b)Ā kupenh jé	c)[ɔ kupeye]
	3)ele lava	b)Ti kupenh jé	c)[ti kupeye]
		b)Kupenh ti	c)[kupey ti]
	4)nós lavamos	b)ěg kug pe jé	c)[ěɲ kugɲ pe? ɛɲ]
	5)nós e outros lavamos	b)ěg kar ũ ag kupe jé	c)[ɛɲ kaɹ ũ ag kupeye]
	6)vocês lavam	b)Ājag jé kupé	c)[ɔyag ye kupe]
	7)eles lavam	b)Ag kupe jé	c)[aɲ kupeye]
323	1)eu caço	b)Inh ěkrénh	c)[iɲ ěɲkɾey]
		b)Inh sỹ ěkrénh	c)[iɲ fɔ ěɲkɾey]
	2)você caça	b)Ā ěkrénh	c)[ɔ ɛɲkɾeyd]
	3)ele caça	b)Ti ěkrénh	c)[ti ɛɲkɾeyd]
	4)nós caçamos	b)Ě krénh ěg	c)[ěɲkɾeyd ɛɲ]
	5)nós e outros caçamos	b)ěg kar ũ ag ěkrénh mũnh ke vē	
		c)[ɛɲ kaɹ ũ ag ɛɲkɾeyd mũɲ ke mɛ]	

	6)vocês caçam	b)Ājag ēkréh	c)[ayag ēŋkreɣd]
	7)eles caçam	b)Ag ēkréh	c)[ag ēŋkreɣd]
324	1)eu caio	b)Kutē jé sóg	c)[kutēŋ ye ʃɔg]
	2)você cai	b)Kutē jé ā mū	c)[kutē ye amū]
	3)ele cai	b)Kutē jé tóg	c)[kutēŋyē tɔg]
	4)nós caímos	b)Vár jé ēg ke mū	c)[wəɫ yē ɛŋ ke mū]
	5)nós e outros caímos	b)ēg kar ũ ag vár ke mū	c)[ɛŋ kaɫ ũ ag vəɫ ke mū]
325	1)vocês caem	b)Vár jé ājag mū	c)[vəɫ ye ayag mū]
	2)eles caem (ainda não cairam)	b)Vár jé ag mū	c)[wəɫ ye ag mū]
		b)Vár ag tóg	c)[wəɫ ag tɔg]
326	1)eu tenho medo	b)Sā mūmū tí	c)[ʃə mɔ mē tí] (eu-medo-tenho)
	2)você tem medo	b)Ā mū mēg vē	c)[aŋ mū mē mē]
	3)ele tem medo	b)Ti mūmēg tí	c)[ti mū mē tí] (ele-medo-tem)
	4)nós temos medo	b)ēg mūmē tí	c)[ɛŋ mūmē tí]
	5)nós e outros temos medo	b)ēg kar ũ ag vỹ mūmēg mū	c)[ɛŋkaɫ ũ ag wā mūmēŋ mū]
	6)vocês têm medo	b)Ājag mūmē ti!	c)[ayag mūmē ti]
	7)eles têm medo	b)Ag mūmē ti	c)[ag mūmē ti]
327	1)eu puxo	b)Sā nỹgnỹg	c)[ʃə nān nān]
	2)você puxa	b)Ā nỹgnỹg	c)[ʃə nān nān]
	3)ele puxa	b)Ti nỹgnỹg	c)[ti nān nān]
	4)nós puxamos	b)ēg nỹgnỹg tí	c)[ɛŋ nān nān tí]
	5)nós e outros puxamos	b)ēg kar ũ ag nỹgnỹg mū	c)[ɛŋ kaɫ ũ ag nān nān mū]
	6)vocês puxam	b)Ājag nỹgnỹg mū	c)[ɔyag nān nān mū]
	7)eles puxam	b)Ag nỹgnỹg jé	c)[ag nān nān ye]
328	1)eu estou em pé	b)Jē inh nĩ	c)[ŋɛ iŋ nĩ]
	2)você está em pé	b)Jē ā nĩ	c)[ŋɛ ɔ nĩ]
	3)ele está em pé	b)Jē ti nĩ	c)[ŋɛ tid nĩ]
	4)nós estamos em pé	b)Jēgjēg kỹ ēg nỹ tí	c)[ŋɛŋɛŋ kɔ ɛŋ nə tí]
	5)nós e outros estamos em pé	b)ēg kar ũ ag jēgjēg mū	c)[ɛŋ kaɫ ũ agŋ ŋɛŋ mū]
	6)vocês estão em pé	b)Jēgjēg kỹ ājag nỹ tí	c)[ŋɛŋɛŋ kɔ ayag nōtí]
	7)eles estão em pé	b)Jēgjēg kỹ ag nỹ tí vē	c)[ŋɛŋɛŋ kɔ ag nɔ tí]
329	1)eu ando	b)Inh tí vē	c)[iŋ tí wē]
	2)você anda	b)Ā tí...vē	c)[ʃə tí wē]
	3)ele anda	b)Ti tí vē	c)[ti tí wē]
	4)nós andamos	b)ēg mū vē	c)[ɛŋ mū mē]
	5)nós e outros andamos	b)ēg kar ũ ag mu nĩ	c)[ɛŋ kaɫ ũ ag mū nĩ]
	6)vocês andam	b)Ajag mū vē	c)[ayag mū mē]
	7)eles andam	b)Ag mū vē	c)[ag mū mē]
330	1) o cachorro mordeu a mim	b)Kasor vỹ inh pra	c)[kaʃɔɫ wā iŋ pra]




- 2) o cachorro mordeu a você
b) Kasor vỹ ã pra c) [kafoɿ wã õ pra]
- 3) o cachorro mordeu a ele
b) Kasor vỹ ti pra c) [kafoɿ wã ti pra]
- 4) o cachorro mordeu a cobra
b) Kasor vỹ pỹn pra c) [kafoɿ wã pan pra]
- 5) o cachorro mordeu a nós
b) Kasor vỹ ěg ky pra c) [kafoɿ wã ɛŋ ki pra]
- 6) o cachorro mordeu a vocês
b) Kasor vỹ ājag ky pra c) [kafoɿ wã ayaŋ ki pra]
- 7) o cachorro mordeu a eles
b) Kasor vỹ ag ky pra c) [kafoɿ wã aŋ ki pra]
- 331 1) ele dá flechas a mim b) Ti vỹ inh mỹ no fěr fi c) [ti wã iŋ mǝ dor fěɿ fi]
2) ele dá flechas a você b) Ti vỹ ã mỹ no fěr fi! c) [ti wã õ mǝ doɿ fěɿ fi]
3) ele dá flechas ao outro b) Ti vỹ ũ mũ no fěr fi c) [ti wã ũ mǝ doɿ fěɿ fi]
4) ele dá flechas a nós b) Ti vỹ ěg mỹ no fěr vin c) [ti wã ɛŋ mǝ ndoɿ fěɿ mǐd]
5) ele dá flechas a vocês b) Ti vỹ ājag mỹ no fěr vin c) [ti wã ayag mǝ ndoɿ fěɿ mǐd]
6) ele dá flechas a eles b) Ti vỹ ag mỹ no fěr vin c) [ti wã ag mǝ ndoɿ fěɿ mǐd]
- 332 1) eu queimei o pau b) Ka pũn inh c) [ka pun iŋ]
2) você queimou o pau b) Ka pũn ã c) [ka pun õ]
3) ele queimou o pau b) Ka pũn ti c) [ka pun ti]
4) nós queimamos o pau b) Kapũn ěg c) [kapun ɛŋ]
5) vocês queimaram o pau b) Kapũn ājag c) [kapun ayag]
6) eles queimaram o pau b) Kapũn ag c) [kapun agŋ]
- 333 1) eu bato em você b) Ā rěn jénh c) [õ ɿɛdn iɛyŋ]
2) eu bato nele b) Ti rěn jénh mũ c) ti ɿrnyɛg mũ]
3) eu bato em você b) Ā jag kygrěn jénh mũ c) [õyag kæg ɿén yǝ mũ]
4) eu bato neles b) Ag kygrěn jénh mũ c) [akægŋɿɛn yɛŋ mũ]
5) você bate em mim b) Inh rěn ra c) [iŋɿɛŋ ɿa]
6) você bate nele b) Ti rěn ra c) [ti ɿɛŋ ɿa]
7) você bate em nós b) ěg rěn ra c) [ɛŋ ɿɛŋ ɿa]
8) você bate neles b) Ag rěn ra c) [agŋ ɿɛŋ ɿa]
9) ele bate em mim b) Ti vỹ inh rěn mũ c) [ti wã iŋ ɿɛŋ mũ]
10) ele bate em você b) Ā rěn jé ti mũ c) [õɿɛn yɛ ti mũ]
11) ele bate no outro b) ũ rěn jé ti mũ c) [ũ ɿɛn ye ti mũ]
12) ele bate em nós b) ěg rěn jé ti mũ c) [ɛŋɿɛŋya ti mũ]
13) ele bate em vocês b) Ājag rěn je ti mũ c) [ayag ɿɛn ye ti mũ]
14) ele bate nos outros b) Ti vỹ ũ ag rěn mũ c) [ti wã ũŋ agɿɛn mũ]
15) nós batemos nele b) Ti rěn jé ěg mũ c) ti ɿɛnye ɛŋ mũ]
16) nós batemos neles b) Ājag rěn jé ěg mũ c) [õŋ ag ɿɛn yɛ ɛŋ mũ]
17) nós batemos em você b) Ā rěn jé ěg mũ c) [õɿɛn ye ɛŋ mũ]
18) nós batemos em vocês b) ěg kar ũ ag vỹ ājag rěn mũ c) [ɛŋ kaɿ ũ ag wã õyag ɿɛn mũ]
19) vocês batem em mim b) Inh rěn jé ājag mũ c) [iŋ ɿɛn yeõyag mũ]

ANEXO II

ESTADO DE SANTA CATARINA



LEGENDA

	Reserva Indígena	Município
	TOLDO CHIMBANGUE	Chapecó
	XAPECÓ	Marema e Xanxerê
	IBIRAMA	V. Meireles e José Boeteux

ANEXO III

Ref. Mapa	Área Indígena	Município	UF
1	Icaçu	Braúna	SP
2	Vanuire	Tupã	SP
3	Araribá	Avaí	SP
4	Laranjinha	Santa Amélia	PR
5	Apucarana	Londrina	PR
6	Barão de Antonina II	São Jerônimo da Serra	PR
7	Barão de Antonina I	São Jerônimo da Serra	PR
8	Tibagy	Ortigueira	PR
9	Queimadas	Ortigueira	PR
10	Ivaí	Manuel Ribas	PR
11	Faxinal	Cândido de Abreu	PR
12	Marracas	Guarapuava, Prudentópolis, Turvo	PR
13	Rio das Cobras	Laranjeiras do Sul	PR
14	Mangueirinha	Mangueirinha	PR
15	Palmas	Abelardo Luz, Palmas	SC, PR
16	Ibirama	José Boiteux	SC
17	Xapacó	Abelardo Luz, Xanxerê, Xaxim	SC
18	Pinhal	Seara	SC
19	Toldo Chimbangue	Chapecô	SC
20	Vicente Dutra	Vicente Dutra	RS
21	Kaingáng de Traí	Iraí	RS
22	Nonoai	Nonoai, Planalto	RS
23	Votouro	São Valentim	RS
24	Inhacorá	São Valério	RS
25	Guarítá	Miraguaí, Redentora, Tenente Portela, Erval Seco	RS
26	Kaingáng do Rio da Várzea	Liberato Salzano, Rodeio Bonito	RS
27	Serrinha	Constantina, Três Palmeiras, Engenho Velho, Ronda Alta	RS
28	Ventarra	Erebango	RS
29	Cacique Double	Cacique Double	RS
30	Ligeira	Charrua	RS
31	Toldo de Caseros	Ibiraiaras, Moliterno	RS
32	Carreteiro	Água Santa	RS
33	Borboleta	Espumoso	RS

